

CARINA MARIA NIEDERAUER GRANZOTTO

**SEMÂNTICA COGNITIVA APLICADA:
A RADIALIDADE DA CATEGORIA *RELIGIÃO*
NOS DISCURSOS DOS IMIGRANTES ITALIANOS
(DE 1875 À DÉCADA DE 1950)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras e Cultura Regional, com concentração na área de Lingüística e Cultura Regional, pela Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora
Profª. Dra. Heloísa Pedroso de Moraes Feltes

Caxias do Sul – RS
2007

Para Fábio, Guilherme e Martina

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao **Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional – Mestrado** pela oportunidade que me foi dada, bem como ao **PROSUP/CAPES** pela bolsa a mim concedida.

Agradeço, de forma especial, ao **Prof. Dr. Flávio Loureiro Chaves** pelo sorriso amigo e carinhoso com que sempre me recebeu. Sou grata aos seus ensinamentos, que me fizeram apreciar ainda mais o campo da Literatura.

Agradeço a minha orientadora **Profa. Dra. Heloísa Pedroso de Moraes Feltes**, que foi muito mais do que uma orientadora, foi conselheira, ouvinte e, acima de tudo, revelou-se uma grande amiga. Ao longo de minha formação acadêmica, tive a felicidade de tê-la como professora desde minha primeira graduação em 1986. Ao retornar aos bancos universitários em 2001 novamente a tive como professora e, para culminar essa trajetória, tive a honra de tê-la como orientadora de mestrado. Ao mesmo tempo em que a agradeço, dedico a ela esta dissertação, pois esse é o produto de um trabalho em conjunto. Agradeço pelo seu rigor e disciplina na condução dessa dissertação. Levo, dessa parceria de dois anos, modelos que me acompanharão por toda a vida, pois saio desse trabalho intelectual e pessoalmente modificada e enriquecida.

Agradeço a meus pais, **João Carlos e Therezinha**, por terem sempre acreditado em mim e me estimulado a enfrentar as dificuldades.

Agradeço a meu marido, **Fábio**, pelo apoio incontestado durante esse percurso, agindo sempre como um facilitador.

Agradeço aos meus filhos, **Guilherme e Martina**, que são meu maior tesouro, pela compreensão que tiveram com minha indisponibilidade em alguns momentos, pelos seus sorrisos e carinhos que são sempre fonte de estímulo para mim.

Agradeço aos **professores** do programa que, de uma forma ou de outra, colaboraram para minha formação acadêmica.

Agradeço aos professores **José Clemente Pozenato e Vânia Beatriz Merlotti Herédia** por terem composto minha banca de qualificação e, principalmente, pelas contribuições pontuais que fizeram para esta dissertação.

Agradeço às amigas **Patrícia Fracasso e Lisete Toresan** pelas constantes palavras de estímulo.

Agradeço a todos os colegas da **Turma IV** pela agradável convivência nesta caminhada que é de todos nós.

Agradeço à **Ariela Siqueira**, secretária do programa, pela presteza com que sempre me atendeu.

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo reconstruir os modelos cognitivo-culturais que estruturam a categoria conceitual RELIGIÃO, com base nos discursos dos/sobre os imigrantes das antigas colônias italianas na região Nordeste do estado do Rio Grande do Sul, relativamente ao modo como esses experienciavam a religiosidade. Isso se dá a partir de uma análise semântica dos enunciados presentes, por exemplo, em textos de natureza antropológica, historiográfica; relatos de memórias, cartas e diários. As fontes desses discursos são documental-bibliográficas e cobrem o período de 1875 à década de 1950. O *corpus* é constituído de 138 segmentos discursivos, organizados de acordo com cinco categorias diferentes de fontes. A investigação situa-se no campo da Semântica Cognitiva, orientada pela Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCI), proposta por Lakoff e seus colaboradores. Esse trabalho se justifica uma vez ainda não existirem estudos empíricos sobre a religião em uma cultura ou subcultura sob o viés da Semântica Cognitiva, garantindo seu caráter inédito. Essa teoria permite avaliar como uma categoria conceitual se estrutura e evolui em uma cultura. A análise empreendida dá-se dentro da esfera da Religião Católica, uma vez ser esta a religião predominante na cultura em questão. O método utilizado é o hipotético-dedutivo, a partir do qual se constrói a estrutura radial preliminar da categoria, com base numa análise inspeccional do *corpus* inicial. Tem-se por hipóteses que: (1) a categoria tem uma estrutura proposicional radial, cujo submodelo prototípico é RITUAIS; (2) a categoria RELIGIÃO estrutura-se basicamente por radialidade, tendo como eixo-de-raio DEUS, com centro prototípico em PAI; (3) estruturas metafóricas e metonímicas organizam extensões ou projeções a partir desses raios; (4) tipos de estruturas proposicionais, como o modelo proposicional *script*, organizam elementos constitutivos da estrutura radial. O *Sistema da Metáfora Moral* é aplicado como um modelo organizador dessa estrutura. A análise do *corpus* selecionado confirma as hipóteses inicialmente levantadas. O submodelo RITUAIS é confirmado como o que prototipicamente representa a categoria. Outra hipótese confirmada é a da influência do modelo proposicional *script*, como parte integrante do modelo RITUAIS. A estrutura radial hipotética preliminar, ao final das análises, é ajustada aos achados da pesquisa. Esta investigação não visa levantar “concepções” de religião, mas investigar a estrutura semântico-conceitual de RELIGIÃO por meio da codificação explícita revelada em expressões lingüísticas ou em inferências a partir delas, por meio de modelos metafóricos, metonímicos e proposicionais.

Palavras-chave: Semântica Cognitiva, modelos cognitivo-culturais, Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, categoria RELIGIÃO, modelo proposicional radial

ABSTRACT

This dissertation has the goal of reconstructing the cognitive cultural models that made up the conceptual category RELIGION, with a basis on the discourse of/about immigrants from the Old Italian colonies from the northern region of Rio Grande do Sul, in relation to how they experienced religiosity. This is done through a semantic analysis of the expressions used, for instance, in the texts of anthropologic and historiographic nature; reports of memories, letters, and diaries. The sources of this discourse are documented bibliographies that cover the period from 1875 to the decade of 1950. The *corpus* of this work is made up of 138 segments, organized accordingly into five categories with different sources. The investigation centers on the field of Cognitive Semantic, oriented by the Theory of Idealized Cognitive Models (TICM), proposed by Lakoff and his colleagues. This study justifies itself and guarantees its unprecedented nature since there has not yet been empirical studies done about religion in a culture or sub culture. The theory presented allows the evaluation of how a conceptual category structures itself and evolves in a culture. The analysis takes place inside the sphere of Catholic Religion, since this is the religion that predominates the culture in question. The method utilized is the hypothetic-deductive, from which the preliminary radial structure of the category is built, with a basis on the inspectional analysis of the initial *corpus*. The hypotheses is that: (1) the category has a structure that is propositional radial, in which the prototypical sub-models are RITUALS; (2) the category RELIGION has a radial structure having GOD as a radial axis and FATHER as the prototypical center; (3) metaphoric and metonymic structures organize extensions or projections from these rays; (4) the types of propositional structures, like the propositional model *script*, organize elements that make up the radial structure. The Moral Metaphor System is applied as a model that organizes this structure. The analyses of the selected *corpus* confirm the initial hypotheses suggested. The sub model RITUALS is confirmed as the one which prototypically represents the category. The other hypotheses confirmed concerns the influence of the propositional model *script* as the integral part of the RITUALS model. The preliminary hypothetic radial structure, at the end of the analyses, is adjusted to the findings of the research. This investigation does not aim to bring up conceptions of religion but rather to investigate the semantic-conceptual structure of RELIGION through the explicit codification revealed in linguistic expressions or in inferences from them, as well as through metaphoric, metonymic, and propositional models.

Keywords: Cognitive Semantic, cognitive cultural models, Theory of Idealized Cognitive Models, RELIGION category, propositional radial model

SUMÁRIO

Introdução/ 7

1 O homem e suas relações com a religião/ 14

2 Semântica Cognitiva: a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados/ 60

2.1 Modelos Cognitivos de Esquemas de Imagens/ 65

2.2 Modelos Cognitivos Proposicionais/ 68

2.3 Modelos Cognitivos Metonímicos/ 72

2.4 Modelos Cognitivos Metafóricos/ 75

2.5 Teoria Prototípica/ 81

2.6 Sistema da Metáfora Moral/ 83

2.7 Polissemia/ 92

2.8 Modelos Culturais/ 98

3 A radialidade da categoria RELIGIÃO pela Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados/ 102

3.1 Metodologia/ 103

3.1.1 Pesquisa qualitativa/ 103

3.2 Formação do *corpus*/ 110

3.2.1 Tratamento dado às categorias de fontes/ 111

3.2.1.1 Sistema de notações/ 113

3.2.2 Contextualização das fontes documentais/ 113

3.2.2.1 Fontes pertencentes à categoria 1/ 114

3.2.2.2 Fontes pertencentes à categoria 2/ 118

3.2.2.3 Fontes pertencentes à categoria 3/ 120

3.2.2.4 Fontes pertencentes à categoria 4/ 121

3.2.2.5 Entrevistas pertencentes à categoria 5/ 123

3.3 Tratamento dado aos segmentos discursivos/ 124

3.4 A hipótese da estrutura radial/ 126

3.4.1 Estrutura radial hipotética da categoria RELIGIÃO/ 127

3.4.2 Leitura analítica da estrutura radial hipotética da categoria conceitual RELIGIÃO/ 128

3.4.3 Análise dos segmentos discursivos: TMCI e conexões teóricas relevantes/ 132

3.5 Considerações gerais/ 244

Conclusão/ 254

Referências/ 264

Anexos/ 269

INTRODUÇÃO

No princípio criou Deus o céu e a terra. A terra, porém estava vazia e nua; e as trevas cobriam a face do abismo; e o espírito de Deus era levado por cima das águas. Disse Deus: Faça-se a luz. E fez-se a luz. E viu Deus que a luz era boa; e dividiu a luz das trevas. E chamou à luz dia, e às trevas noite e da tarde e da manhã se fez o dia primeiro (Gênesis 1: 1-5).

A Semântica Cognitiva, aplicada a fenômenos de natureza sociocultural, fornece subsídios epistemológicos e teórico-metodológicos para a compreensão de como algumas culturas representam conceitos basilares de sua organização social e cultural. Essa Semântica tem sua origem vinculada ao surgimento da Linguística Cognitiva, linguística essa que é produto do confronto entre diferentes epistemologias, mais exatamente à proposta por Chomsky.

Para a Semântica Cognitiva, a questão do significado, entendido como parte do processo de categorização humana, está baseada nas experiências do homem no mundo, razão pela qual também é chamada de Semântica Cognitiva Experiencialista.

Lakoff (1988), nessa perspectiva, afirma que a cognição experiencial leva em consideração uma idéia mais ampla, ou seja, inclui experiências emocionais, sociais e sensório-motoras, resultado da interação ativa com o ambiente social e natural em que ocorrem.

Assim sendo, tentar conhecer como a mente humana opera na construção do conhecimento cultural através da linguagem, meio pelo qual expressa suas percepções, seus pensamentos, sua compreensão do mundo e emoções, implica em formular uma série de problemas, esboçar algumas respostas e, a partir delas, gerar outra série de perguntas e assim indefinidamente, pois esse é o modo como a pesquisa científica opera e aquilo que a caracteriza em essência.

Em função disso, esta investigação busca entender, por intermédio da linguagem, o sistema cultural do imigrante italiano e de sua descendência especificamente através da relação que estabeleceram com a religião – este que foi um de seus mais importantes pilares de sustentação na organização das comunidades desde os seus primórdios – a partir de uma análise semântica dos enunciados relativos às suas experiências, presentes, por exemplo, em textos de natureza antropológica, historiográfica; relatos de memórias, cartas e diários.

Nesse sentido diz Bastide (apud MANFROI, 1975):

De um modo geral, a religião é sempre o centro de resistência mais importante nas mudanças culturais. Muda-se mais facilmente de língua, de maneiras de viver, de concepções amorosas. A religião forma o último baluarte, e em torno dela cristalizam-se todos os valores que não querem morrer. O sagrado constitui, nas batalhas das civilizações, a última trincheira que recusa entregar-se. (p. 7-8)

Visa-se investigar quais são os modelos cognitivo-culturais que organizam a estrutura polissêmica da categoria conceitual RELIGIÃO na região das antigas colônias italianas¹ por meio de um modelo teórico específico. Esse é um meio através do qual se pode levantar hipóteses para interpretar os sistemas conceituais que organizaram as experiências religiosas dessa(s) população/comunidades e que determinaram todo seu sistema de relações, pois os imigrantes italianos que aqui chegaram, conforme Costa (1990), eram maciçamente católicos e, dessa forma, como diz Manfroi (1975), a Religião Católica contribuiu para que o imigrante, recém-chegado, pudesse reencontrar sua identidade cultural e forças para superar as dificuldades que encontrava na nova terra. Além disso, de acordo com Zagonel (1975), é pelo critério da catolicidade que os italianos e seus descendentes se identificavam entre si, muito mais do que pela língua ou pela nacionalidade. Nesse sentido, diz Costa (1996): “Os imigrantes italianos eram, em sua maioria absoluta, portadores de uma cosmovisão sacral concebendo a religião como a instância justificadora e legitimadora da ordem social e da vida cotidiana”. (p. 617).

¹ Assumiremos como configuração de região das antigas colônias italianas, a proposta apresentada por Vitalina Frosi e Ciro Mioranza (1975, p. 53-54). Trata-se de uma delimitação geográfica e política operacional. O conceito de ‘*região*’ será melhor desenvolvido na caracterização da metodologia desta dissertação, tendo como referência o ponto de vista de José Clemente Pozenato.

Nessa reconstrução cultural, a Religião Católica ocupou lugar de destaque, pois através da construção de capelas, realização de ritos e festas, proporcionou a formação de linhas coloniais que se tornaram comunidades de trabalho e de fé. A religião, assim, foi um elemento de integração, força e dinamismo econômico, uma vez que viabilizou ao imigrante italiano um quadro sociocultural em que podia se reconhecer e expandir seus horizontes pessoais e coletivos.

Ligada à questão da religião, vamos encontrar toda uma relação de amor e temor a Deus, bem como uma dependência direta das figuras do padre leigo, do padre ministerial e da Igreja como instituição. Ao mesmo tempo, os rituais despontam como imprescindíveis para a conservação e manutenção da religiosidade do imigrante.

A fé do imigrante italiano também estava ligada a outras questões muito importantes da sua estrutura e organização social que são: a família, o trabalho e a propriedade, conceitos que são objeto de estudo da pesquisa *Modelos culturais que estruturam as categorias RELIGIÃO, TRABALHO, FAMÍLIA E PROPRIEDADE nas comunidades das antigas colônias italianas*, da qual sou colaboradora, mais especificamente, do subprojeto I *Modelos culturais da categoria RELIGIÃO*, coordenado pela Prof^a. Dra. Heloísa Pedroso de Moraes Feltes. Esta pesquisa está integrada ao Programa de Mestrado em Letras e Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul, cujo modelo de análise empregado será adotado nesta dissertação.

O trabalho investigativo com a categoria conceitual RELIGIÃO justifica-se, basicamente pelo fato de ainda não existirem estudos empíricos sobre a religião, muito menos da religião em uma cultura ou subcultura, sob o ponto de vista da Semântica Cognitiva, o que garante a esta dissertação seu caráter inédito. A Semântica Cognitiva permite examinar como uma categoria conceitual se estrutura e evolui em uma cultura, levando, assim, a uma melhor compreensão dessa cultura historicamente. Chama-se atenção para o fato de que toda a análise

se dará dentro da esfera do catolicismo, considerando ser esta a religião predominante nas antigas colônias italianas, predominância essa que se estende até os dias de hoje.

Esta pesquisa não visa levantar “concepções” de religião, mas investigar a estrutura semântico-conceitual de ‘religião’ subjacente ao emprego de monolexemas, como ‘religião’ e ‘religiosidade’ e expressões como ‘ser religioso’ ‘ser católico’, entre outras. A investigação da categoria RELIGIÃO, de experiências nesse domínio conceitual, baseia-se na codificação explícita dessas experiências em expressões lingüísticas ou em inferências a partir delas por meio de modelos metafóricos, modelos metonímicos, modelos proposicionais, e mais topicamente modelos proposicionais radiais, através da organização mais criteriosa de fontes documentais.

Na Semântica Cognitiva proposta por Lakoff, eixo teórico desta dissertação, modelos cognitivos idealizados são estruturados a partir das experiências do homem, decorrentes de sua interação física (corpórea) e sociocultural com o meio em que está inserido, por intermédio de mecanismos imaginativos da razão, assim como de outras formas de construção de esquemas cognitivo-culturais.

A estrutura da categoria RELIGIÃO, analisada à luz dos estudos de Lakoff (e Johnson), a partir de publicações de 1977 a 2004, assim como das críticas teórico-metodológicas e resultados de pesquisa de Feltes (1992a, 1992b, 2003, 2004a, 2004b e 2007), teria sua origem nas relações e valores socioculturais, já que se trata de uma categoria abstrata, cuja construção não possui uma relação direta – observável – com a experiência física e sensorial do homem.

Todo conceito tem uma história cultural, e qualquer estudo semântico que tome modelos culturais em sua proposta descritivo-explicativa deve situar-se histórica e culturalmente. O estudo de obras e documentos selecionados, relativos ao período entre 1875 e a década de 50, traça um percurso relevante para a compreensão do conceito RELIGIÃO, em uma região delimitada. É a partir de um estudo dessa natureza que outras pesquisas podem ser

possíveis, como aquelas que visam investigar, numa dada comunidade, no momento histórico atual, as mudanças semânticas relativas a esse conceito, utilizando inclusive outros métodos de pesquisa empírica.

Sem que se trace uma história do significado cultural, o percurso analítico-interpretativo, do ponto de vista de uma Semântica Cognitiva, culturalmente orientado, nada mais seria do que um levantamento de impressões, cuja interpretação, por parte do analista, seria, no mais das vezes, meramente intuitiva e, portanto, inócua, em sua pretensão de alcançar o entendimento de uma cultura ou subcultura através, neste caso, de procedimentos lingüístico-semânticos. Somente um estudo de base histórico-cultural pode ser conseqüente com relação a essas interfaces. Em suma, é contra esse *background*, então, que seria possível avaliar a evolução, mudanças e desdobramentos conceituais na atualidade.

Em uma análise semântica e/ou antropológica é necessário um comprometimento tanto com a análise (adequação descritivo-analítica) como com a interpretação (adequação explanatória).

Todo conceito faz interfaces com outros conceitos de modo que a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCI), aporte teórico aqui adotado, permite esse tratamento.

Como um recurso à triangulação de dados, esta pesquisa serve-se de poucas entrevistas com alguns estudiosos que se ocuparam de modo mais ou menos formal, com maior ou menor rigor, à colonização – termo freqüentemente utilizado na literatura – como uma forma de resgatar a memória de estudos, os quais não foram extensiva ou formalmente documentados.

Em síntese, esse trabalho dá ênfase à análise da categoria RELIGIÃO, como uma categoria polissêmica, uma vez que nos interessa compreender como se dá a construção dessa categoria a partir de modelos cognitivo-culturais sócio-historicamente situados.

O primeiro capítulo examina o fenômeno da religião, buscando compreender, em alguma medida, sua relação com o homem, sempre tendo em mente que esta relação é mediada pelo meio social e cultural no qual o homem está inserido. Para tanto, foram pesquisados autores, tais como Eliade, Durkheim, Burkert, entre outros, os quais contribuem de forma significativa para o entendimento do que é religião, ao mesmo tempo em que colaboram, com seus estudos, para a análise que será empreendida.

O segundo capítulo tem por objetivo descrever a teoria que norteia este trabalho. O núcleo teórico desta pesquisa está centrado na Semântica Cognitiva, mais exatamente na TMCI proposta por Lakoff e seus colaboradores. São abordadas também questões que dizem respeito à Teoria Prototípica, constitutiva do modelo lakoffiano de Eleanor Rosch, à polissemia e Modelos Culturais.

No terceiro capítulo é apresentada a base metodológica que guia esse estudo. O *corpus* é constituído de recortes discursivos cujas fontes, documentais ou bibliográficas foram organizadas por categorias, tendo em conta que as fontes têm características diversas. As categorias estão organizadas da seguinte maneira: Categoria 1 – Livros de história sobre a imigração italiana que focalizam a questão da religião; Categoria 2 – Livros sobre histórias de família/memórias; Categoria 3 – Recortes de pesquisa historiográfica e sociológica com entrevistas; Categoria 4 – Pesquisa antropológica – um estudo de caso; e Categoria 5 – Entrevistas (que servem apenas para triangulação de dados). Enfatiza-se que se trata de uma análise qualitativa e é com base nessa perspectiva que os fragmentos foram selecionados.

Em síntese, pretende-se, com esta dissertação, reconstruir, mesmo que parcialmente, os modelos cognitivo-culturais subjacentes que estruturam a categoria RELIGIÃO, com base nos modelos cognitivos idealizados propostos no modelo de semântica de Lakoff (de seus colaboradores e críticos), com ênfase nos modelos cognitivos proposicionais radiais.

As hipóteses que guiam esta investigação são:

(1) A estrutura da categoria tem uma estrutura proposicional radial, cujo submodelo prototípico é RITUAIS.

(2) A categoria RELIGIÃO estrutura-se basicamente por radialidade, tendo como eixo-de-raio DEUS, com centro prototípico em PAI.

(3) Estruturas metafóricas e metonímicas organizam extensões ou projeções a partir desses raios.

(4) Tipo de estruturas proposicionais como *script* organizam elementos constitutivos dessa estrutura radial.

Metodologicamente, aplica-se o método hipotético-dedutivo, criando-se, preliminarmente, uma estrutura radial hipotética a qual será avaliada e reformulada a partir do *corpus* eleito.

Em seguida, faz-se a análise semântico-cognitiva do *corpus* ancorada em uma análise contextual, etapa em que se avaliará a corroboração ou falseamento das hipóteses acima formuladas.

Espera-se, com esse estudo, contribuir para o entendimento de aspectos socioculturais por meio dos recursos teórico-metodológicos da Semântica Cognitiva de Lakoff e colaboradores, que possam servir como ponto de partida para pesquisas futuras.

1 O HOMEM E SUAS RELAÇÕES COM A RELIGIÃO

“Os símbolos religiosos mudam incessantemente, mas o princípio subjacente, a atividade simbólica como tal, permanece a mesma: *una est religio in rituum varietate.*” (CASSIRER, [1944], 2001, p. 123).

Este capítulo tem o objetivo de tratar do fenômeno *religião*, em alguns de seus aspectos mais relevantes, sob o ponto de vista de alguns estudiosos proeminentes, sempre direcionando a questão para o que é objeto desta dissertação. Dessa forma, iniciamos com os estudos de Walter Burkert (1996)²; em seguida Émile Durkheim ([1912] 1996)³; Mircea Eliade ([1957] 1992)⁴; Battista Mondin ([1977] 2003)⁵; e, finalmente, João Batista Libânio

² Trata-se de um dos maiores especialistas em antigas religiões que investiga a possibilidade de a religião ser natural, ou seja, que tanto a prática como o sentimento religioso possam ser oriundos de uma imposição biológica. Ressaltamos que optamos por iniciar nossa revisão com Burkert, não por que possua maior representatividade na área, mas pela maneira como aborda a questão da religião, possibilitando, inclusive, que a partir de sua fala, introduzamos alguns outros importantes estudiosos da área.

³ A obra *As formas elementares da vida religiosa*, publicada em 1912, faz parte do conjunto de textos dos grandes fundadores da antropologia religiosa. Nessa obra, o autor demonstra ser um rigoroso analista das formas de religiosidade que se manifestam por meio de ritos, assim como pelo sistema de crenças arcaicas. Aqui, Durkheim rompe com a tradição da época, mostrando que o fato religioso é uma das bases essenciais da sociedade e não apenas um tecido de superstições.

⁴ Mircea Eliade é provavelmente o mais importante e influente especialista em história e filosofia das religiões. Nascido em Bucareste, cursou Filosofia. Durante a II Guerra Mundial, trabalhou nas delegações romenas em Portugal (tendo residido em Cascais) e no Reino Unido. Após a guerra, impedido de regressar à Romênia comunista, foi convidado a dar aulas na Sorbonne em Paris. A partir desse período, todas as suas obras científicas foram escritas em francês. Em 1958, foi convidado para chefiar o Departamento de Religião da Universidade de Chicago, cargo que ocupou até a sua morte em 1986. Eliade publicou, além de *O Sagrado e o Profano*, uma série de outras obras reconhecidas universalmente, mas que, por terem sido escritas em romeno, tardaram a ser divulgadas.

⁵ Mondin nasceu em Vicenza, Itália em 1926. É Doutor (Ph.D) em História e Filosofia, especializado em História e Filosofia das Religiões pela Universidade de Harvard (EUA). É Livre Docente na Universidade de Milão; Catedrático de Filosofia Medieval e de Antropologia na Universidade Católica de Milão; Decano da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Milão; Presidente da Associação de Docentes Italianos de Filosofia; e Conselheiro acadêmico da Pontifícia Academia Romana de Santo Tomás de Aquino e de Religião Católica. É autor de outras importantes obras, entre elas: *Introdução à filosofia – problemas, sistemas, autores, obras*; *Curso de filosofia* (3 vols.); *Quem é Deus: elementos de teologia filosófica*.

(2004)⁶. Nosso intuito é organizar, por meio do percurso traçado pelo ponto de vista desses autores, uma melhor compreensão sobre a relação do homem com a religião em diferentes organizações sociais e culturais. À medida que apresentamos as idéias mais centrais desses estudiosos, procuramos, em pontos que julgamos oportunos, tecer breves comentários que conectam certas passagens com o objeto de nossa pesquisa.

Esclarecemos que nosso estudo em Semântica Cognitiva, pelo próprio caráter desse campo de investigação, não pretende responder à questão “o que é religião”, ou saber como o homem representa a religião em sua “totalidade”, cercando seus múltiplos aspectos e formas de manifestação. Através da Semântica Cognitiva, busca-se compreender como uma comunidade (representada por uma amostra de *corpora*) **conceptualiza a experiência religiosa** no seu cotidiano. O homem “comum” não se pergunta costumeiramente: “o que vem a ser religião?”. Ele **expressa** sua religiosidade em modos de agir e falar sobre essa experiência.

A importância deste capítulo é tanto valorar o estudo da categoria RELIGIÃO pelo esclarecimento de diferentes facetas do fenômeno, como fornecer um pano de fundo contra o qual nossos achados em Semântica Cognitiva possam ser avaliados em sua consistência e plausibilidade.

Inicialmente, Burkert (1996) afirma que não há, na história ou na antropologia, conhecimento de sociedades em que a religião não se faça presente. Dessa forma, considera que o fator mais relevante a ser estudado é qual o caráter universal da religião. É claro, para ele, que a religião sobreviveu a toda sorte de mudanças, tanto sociais como econômicas, resultado, possivelmente, de sua onipresença.

⁶ Libânio licenciou-se em letras neolatinas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, filosofia eclesial pela Faculdade de Nova Friburgo (RJ) e em teologia pela Faculdade de Sankt Georgen (Frankfurt, Alemanha). Doutorou-se em teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Atualmente é professor da Faculdade de Teologia do Instituto Santo Inácio – Centro de Estudos Superiores (ISI-CES, Belo Horizonte). Dentre suas obras mais recentes destaca-se: *A religião no início do milênio; O impacto sobre a fé e sob o impacto da fé, Tratado da fé*.

Salienta ainda que, no decorrer da história, a religião sempre se fez presente, apesar de, sabidamente, jamais ter sido reinventada, tendo sido, dessa forma, transmitida de geração em geração. Destaca que até mesmo Maomé, Jesus e Zaratustra, criadores de novas religiões, reorganizaram padrões e elementos já existentes, guardando, assim, forte semelhança com as religiões antigas.

Em sua obra, Burkert volta seu olhar para o estudo das civilizações mesopotâmica, judia, grega e romana, uma vez que vê, entre elas, relações de contigüidade que se mantiveram por muito tempo, o que corrobora sua tese de que: “Culturas diversas revelaram-se favoráveis a muitos dos mesmos elementos religiosos.” (p. 16).

De acordo com Burkert, as escolas vanguardistas das ciências sociais contemporâneas acreditam que “cada cultura deve ser estudada na sua diversidade e relativa autonomia.” (p. 16).

Tal afirmação vem ao encontro de nossa investigação, tanto na pesquisa Modelos Culturais, como nesta dissertação, à medida que postula exatamente a valorização da diversidade cultural como caminho para a compreensão de questões de cultura regional.

O autor segue dizendo que: “O ser humano é definido pela cultura, muito para além da sua maneira de ser natural: ‘não existe nenhuma natureza humana à parte da cultura’.” (p. 16). Burkert discorda do chamado “novo dualismo” que exclui a natureza dos estudos culturais. Prova disso está no fato de que a religião tem sido inserida na cultura, a fim de que se possa analisá-la em épocas e grupos variados. A religião, dessa forma, fica em posição de contraste com a natureza, não podendo ser tratada apenas como um fenômeno da natureza humana.

Para ele, não há como restringir uma cultura a seu próprio sistema de significações, pois como é que se poderia explicar a ubiqüidade da religião, entendida como um fenômeno? Nesse sentido, Burkert levanta uma tese alternativa capaz de servir como base de sustentação para tais questões. Essa tese inclui a religião como um dos elementos pertencentes à categoria

dos *universalia* da antropologia, ou seja, trata-se de um fenômeno, como tantos outros, comum a todas as civilizações humanas. O autor acredita na interação entre as diferentes culturas e, por conseguinte, admite que existam semelhanças básicas entre todas essas formas de cultura humana.

A religião, assim como a arte, desponta como uma necessidade para o homem (desde o *Homo sapiens sapiens*), aparecendo de forma integrada nas diferentes culturas e sempre assumindo as formas ditadas por cada cultura.

As semelhanças entre os fenômenos religiosos existentes nas várias culturas podem ser detectadas, por exemplo, por meio do comportamento ritual formal e dedicado à veneração, os sacrifícios impostos, os votos e preces endereçados a seres superiores, bem como pelas canções, ensinamentos e explicações a respeito dos cultos.

Muitos desses elementos da religião, citados por Burkert, estão marcados na história do imigrante italiano, que era essencialmente católico. Havia uma necessidade premente de manutenção dos rituais sagrados (batizado, casamento, unção dos enfermos), da realização de sacrifícios (o santo sacrifício da missa) como forma de remissão dos pecados e da manutenção dos ensinamentos religiosos aos mais jovens através da catequese. Muitas vezes, de acordo com entrevista (em anexo) realizada com Frei Rovílio Costa, as mães e avós, ensinavam seus filhos a rezar durante seus afazeres domésticos. Um fragmento de nosso *corpus* revela tal situação:

Maria Andreola conta que sua mãe sabia ‘todas as orações italianas’ e o catecismo de cor. À noite, enquanto ordenhava as vacas, chamava as crianças ao seu redor e, enquanto tirava leite, ensinava o catecismo. Se as crianças acertassem as respostas, ganhavam leite quente para beber (BATTISTEL, 1981, p. 61).

Burkert destaca que o normal é que a religião não encontre resistência, contudo, caso isso ocorra, o ideal seria neutralizá-la. Nesse sentido, traz-se uma citação do Livro dos Salmos: “*Diz o insensato no seu coração: deus não existe*” (p. 18) – o que seria, para muitos,

considerado um ato de loucura, e segue dizendo que mesmo os retóricos têm conhecimento de que só se opõe ao divino aquele que já não tem sua integridade mental.

Como então definir a religião de forma transcultural e geral? – indaga o autor. Entre as diversas definições propostas, Burkert cita a de Clifford Geertz como sendo a mais prudente.

Para ele religião é:

(1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 1989, p. 104-105).

Dentre as principais características da religião, Burkert considera a primeira como sendo negativa, devido ao fato de que a religião não poder ser vista, tocada, ficando na obscuridade, o que dificulta, de certa forma, que se capte o que se pretende no comportamento religioso. Contudo, para o seguidor religioso, tal obscuridade não representa empecilho, como escreveu São Paulo em sua Epístola aos Romanos: “*Que Deus é conhecível é claro entre os homens*” (p. 20).

A segunda característica é que a religião se manifesta pela interação e pela comunicação, o que é um elemento importante nos sistemas de civilização. Dessa forma, a religião, fazendo uso da comunicação, interage com os seres sobrenaturais (espíritos, demônios, deuses ou antepassados já falecidos) e acrescenta: “Em todo o caso, é a prática da interação, juntamente com as suas conseqüências, que torna a religião ‘singularmente realística’.” (p. 21). Atrelada às duas primeiras, Burkert indica a terceira característica da religião que é “a sua pretensão de prioridade e de seriedade” (p. 21), o que a separa de outras formas de comunicação simbólica, como é o caso da arte e do jogo. Crê-se, nesse caso, que alguns pensamentos e ações são cruciais e fundamentais.

Um fator importante levantado por ele é que tanto no passado, quanto no presente, as religiões têm sua origem “em cenários culturais, sociais e históricos especiais; podem ser elaboradas como sistemas simbólicos e interpretadas de modos fascinantes.” (p. 22). Frisa que

para que se possa investigar a origem da religião é necessário que se vá além das civilizações individuais; é necessário que se busquem respostas ao longo do processo da evolução humana respeitando seus contextos. Sugere, ainda, que tais estudos devam vincular-se à antropologia geral.

A religião, segundo afirma, é uma prática antiga, resultado do processo evolutivo do homem. Tal afirmação encontra sustentação em estudos realizados com os homens das Américas em relação aos do Velho Mundo, bem como pelos vestígios de práticas religiosas encontradas desde o Paleolítico Superior.

Uma das vantagens da religião, de acordo com Burkert, residiria no fato de instituir a estabilidade e continuidade de uma cultura. Mas como explicar, sociobiologicamente, que a religião seja mantenedora da cultura se o que prega é justamente a manutenção das crenças e atitudes a ela vinculadas, quando sabidamente a sobrevivência de uma cultura depende de sua capacidade de adaptabilidade às mutações?

Outro ponto importante, destacado pelo autor, é o de que a religião possui a capacidade de oferecer condições de resistência a situações de catástrofe, viabilizando, inclusive, a procriação, mesmo diante de situações limite e, nesse sentido, diz:

Embora a obsessão religiosa pudesse ser designada como uma forma de paranóia, proporciona, de facto, uma hipótese de sobrevivência em situações extremas e desesperantes, nas quais outros, certamente, os indivíduos não religiosos, desanimariam e acabariam por desistir. A espécie humana, no seu longo passado, terá experimentado muitas situações desesperantes, com uma subsequente irrupção de *homines religiosi* (1996, p. 30).

Isso fica evidente em nossos estudos, quando nos deparamos, em alguns discursos, com diversas descrições da importância da religião para a sobrevivência do imigrante italiano quando de sua chegada ao Brasil, mais especificamente, quando de sua chegada à região hoje chamada região nordeste do estado do Rio Grande do Sul. Exemplo disso pode ser visto no seguinte excerto:

Chegado ao seu novo destino, longe do convívio humano, o primeiro colono que chegou, tinha apenas o bom Deus que paternalmente por ele velasse em meio a tantos perigos, e o defendesse do assalto do animal selvagem e do extermínio das

enfermidades. Exausto pelo trabalho do dia, reunia à noite a sua familiazinha ao redor da parca mesa, recitava as suas breves orações e se recolhia e adormecia com a consciência tranqüila, cheia de fé na Providência Divina (BAREA, 1995, p. 14-15).

Burkert tem como preocupação nessa obra, explorar a possibilidade de a religião ser natural e, por conseguinte, verificar se há relação entre a prática e sentimentos religiosos com fatores biológicos. Com base nisso, o autor afirma que, com relação a como as religiões se estabelecem, está claro que não há nenhuma relação com uma suposta seleção genética, uma vez que as religiões são aprendidas e difundidas por meio da imitação e do ensinamento verbal. Dessa forma, “A religião depende do impacto formativo da aprendizagem cultural” (p. 31), logo o que permanece em todo o mundo é uma semelhança de família⁷ intercultural dos fenômenos religiosos.

Com relação à origem da religião, Burkert sugere que esta pode ser mais antiga do que a forma de linguagem que conhecemos, podendo remontar a um determinado período da pré-história, possivelmente consequência de um ato competitivo. Tal consideração é levantada, devido a sua ligação com o ritual que exige padrões comportamentais fixos, normalmente repetitivos e de extrema seriedade. A isso, acrescenta que “o ritual reflecte um estado de comunicação pré-verbal, a ser aprendido por imitação e a ser compreendido pela sua função.” (p. 33). O ritual aparenta ser mais antigo do que a fala entre as civilizações, prova disso, pode ser encontrada nas práticas funerárias do homem de Neandertal; contudo, o mesmo não pode ser afirmado com relação a sua capacidade de falar.

Seguindo o processo de desenvolvimento da religião natural, Burkert nos mostra que tal processo não se dá no vazio, mas sim por meio de uma adaptação a uma paisagem específica, ligada à evolução do homem.

Afirma que na história da humanidade, a linguagem foi o fenômeno determinante da religião, isso porque é por meio dela que as informações relativas à religião puderam ser

⁷ A noção de semelhanças de família é vinculada a Wittgenstein em sua obra *Investigações Filosóficas*.

repassadas, processadas e armazenadas, em suma, transmitidas em sua totalidade para os outros. A linguagem seria, assim, a melhor maneira de compartilhar pensamentos, conceitos e valores comuns. Como a linguagem tem o poder de produzir conteúdos que vão além da evidência imediata, ela contribui para preencher campos os quais não podem ser comprovados, deixando-os em suspenso até que, em algum momento futuro, possam ser clarificados.

A religião proporcionaria, segundo seus estudos, orientação num cosmos significativo decorrente de um processo de redução de complexidades. Isso se daria, por exemplo, através de hierarquias e laços de causalidade, bem como pela redução da realidade a conceitos mais genéricos e simples, como o Uno, o Único Ser.

Burkert, entretanto, levanta um novo questionamento com relação à religião. “Como comprovar as pretensões, postulados e ameaças da religião?” (p. 41). Esta resposta, de acordo com ele, possivelmente possa ser encontrada na mensagem que é transmitida, nas circunstâncias de sua transmissão, bem como na organização especial do receptor. No que diz respeito à transmissão de mensagens, o autor fala em ressonâncias, no sentido metafórico da palavra, aplicado ao ritual, esse que é um importante meio de comunicação religiosa. Logo, a transmissão religiosa se dá através do ritual e da linguagem por meio de repetições acrescidas, algumas vezes, de intimidações. Diz Burkert: “A transmissão da religião não ocorre sem ritual.” (p. 43). É por meio dos rituais, tendo como principais elementos a música e a dança, que as chamadas “representações coletivas”, termo cunhado por Durkheim ([1912] 1996), são repassadas.

Uma questão interessante para nosso estudo, levantada por Burkert, diz respeito ao papel do Pai nas religiões, esse que se revela com uma força maior, pois na sociedade humana o Pai vê seu papel ampliado. Na verdade, através da figura do Pai institui-se a autoridade que estabiliza a religião.

Nesse sentido, em nossa análise, no capítulo 3, PAI aparece como modelo proposicional prototípico a partir do qual derivam as diferentes extensões que estruturam a categoria RELIGIÃO.

Por outro lado, levando em consideração que experiências dolorosas e humilhantes deixam marcas inesquecíveis no indivíduo, Burkert propõe uma abordagem da religião a partir da experiência do medo, pois, como diz, “é inegável que a ansiedade é frequentemente invocada para validar mensagens religiosas e que tem as suas repercussões na substância da religião. Transmitir a religião é transmitir o medo.” (p. 44). O medo é fundamental para a existência do sagrado, e o sagrado tem como prerrogativa o temor a Deus.

Uma das questões mais sérias da religião, contudo, é a questão da morte, pois, apesar de o homem ter conhecimento da morte, a morte pessoal é uma realidade difícil de imaginar, mas é por meio da experiência da morte dos outros que são estabelecidas relações imaginárias com o desconhecido. Isso prova que o medo não é apenas um fenômeno da fantasia psicológica, mas também uma questão biológica a ser considerada. Dessa forma, pode-se entender que, para que se possa proteger a vida mental dessa realidade, devam existir forças capazes de fazer um enfrentamento, e a fé seria uma dessas forças. Um exemplo disso pode ser visto em Hebreus 2:14-15⁸:

Uma vez que os filhos têm todos em comum a carne e o sangue, Jesus também assumiu uma carne como a deles. Assim pôde, por sua própria morte, tirar o poder do diabo, que reina por meio da morte. Desse modo, Jesus libertou os homens que ficavam paralisados a vida inteira por medo da morte.

Tudo isso, de acordo com Burkert, revela o que realmente está em questão, que é a vida, o desejo pela vida. O instinto pela sobrevivência biológica está presente nos códigos religiosos, o que justificaria o permanente postulado da vida eterna, da imortalidade por parte

⁸ Burkert, em sua obra, menciona apenas em nota Hebreus 2:14-15, sem citar a passagem bíblica respectiva. A citação foi retirada por esta autora da Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. Doravante, todas as citações bíblicas terão a mesma fonte de referência. Quando a citação das passagens bíblicas é feita pelo próprio autor, como nos trechos anteriores, sua citação é reproduzida, indicando-se a página em que se encontra na obra.

da maioria das religiões. Assim, parece que a religião busca, quando necessário, restaurar o equilíbrio em situações em que as condições de vida estejam sob ameaça.

Retomando a questão dos rituais, Burkert chama atenção para o fato de que os padrões ritualísticos do homem têm sua origem no que chama de paisagem biológica, ocasião em que o homem tem que lidar com situações, recorrentes no tempo e no espaço, de ansiedade e fuga.

Para o homem, segundo ele, a religião é tudo, é o reconhecimento de uma condição de inferioridade diante do poder superior. Ao aceitar a religião, é aceita também toda uma condição de hierarquias que envolvem submissão, subordinação e dependência de entidades superiores invisíveis. Isso ocorre em praticamente todas as religiões antigas, e acrescenta: “Deus significa poder, autoridade e honras devidas.” (p. 114). Em significando poder e autoridade, é possível verificar a relação que é feita, em diferentes culturas, com a figura de um monarca. Nesse sentido, complementa Burkert: “Um deus poderá, igualmente, ser designado como Senhor dos Senhores e Rei dos Reis, tal como o próprio monarca.” (p. 114). Podemos, ainda, encontrar referências a isso na Bíblia como nas seguintes passagens: “*Porque Javé Altíssimo é terrível, é o grande rei sobre toda a terra.*” (SALMOS, 47, 3); “*Javé é Rei, vestido de majestade, Javé está vestido e envolto em poder: o mundo está firme e jamais tremerá. Teu trono está firme desde a origem, e desde sempre tu existes.*” (SALMOS, 93, 1-2).

Antecipamos aqui que na estrutura radial que propomos, REI aparece como uma projeção metafórica de PAI AUTORIDADE e, por um acarretamento metafórico, PAI AUTORIDADE projeta DEUS como REI. Em nosso *corpus* de análise é possível encontrar passagens que revelam isso, como no excerto a seguir:

Agora as capelas de madeira estão sendo gradativamente substituídas por outras de alvenaria. Deus tanto os protegeu e abençoou que eles desejam mostrar-se reconhecidos erguendo templos mais dignos à Majestade infinita (BAREA, 1995, p. 15).

Essa relação com a figura do PAI é destacada por Burkert quando este diz que “O Senhor venerado por submissão, concede protecção e garante segurança. Isto está naturalmente implícito, se a divindade é invocada como um pai.” (p. 115). Destaca, ainda, que outra forma de referir metaforicamente a um ente superior é guia ou pastor.

Novamente vemos fortalecida nossa tese, que defende a existência de uma estrutura radial, na qual encontramos, no modelo prototípico PAI, a extensão metafórica DEUS COMO PASTOR, em correspondência com PAI PROTETOR. Nesse modelo está representada a figura do pai que cuida e mantém unido seu rebanho, não permitindo que se desgarem, da mesma forma como um pai protege seus filhos. Essa projeção metafórica, da existência de um ser superior como sendo um PAI, possibilita ao homem entender a dependência que sente como sendo um sentimento de gratidão.

Voltando a Burkert, este levanta também outra questão com relação à figura paterna. Diz respeito a uma determinada escola que vê na aceitação de um deus todo-poderoso a interiorização de uma experiência infantil de dependência relativa ao poder representado pelo pai. A dependência aceita pelo *homines religiosi*, segundo ele, é uma forma de fazer sentido, uma vez que torna secundárias toda uma variedade de circunstâncias conhecidas e desconhecidas a que ele está exposto, concentrando toda a atenção numa autoridade superior, criando, dessa forma, um sentido a partir do caos.

É pela autoridade que um mundo é estruturado e que as coisas são determinadas como superiores e inferiores. A questão da autoridade, bem como da aceitação da hierarquia é melhor desenvolvida no capítulo 3 onde se trata do *Sistema da Metáfora Moral*, especialmente na Teoria da Ordem Natural e das Autoridades Absoluta e Legitimada.

Essa questão de classificação entre aquilo que é inferior ou superior remonta há tempos sumérios e, de acordo com Burkert, um escritor bizantino já havia apresentado essa questão dizendo que no universo existem seres que governam, o divino, e os que são

governados, os seres humanos, que, por sua vez, exercem seu poder sobre os animais desprovidos de razão.

Essa relação de dependência e submissão surge, antes de mais nada, no ritual. É necessário, portanto, que o homem seja, ao mesmo tempo, pequeno e humilde, assumindo, para tanto, posturas indicativas dessa condição, tais como ajoelhar-se, dobrar-se, entre outras. Ajoelhar-se, prostrar-se representa o maior ato de veneração no contexto religioso, e tal gesto é adotado ainda mais pelo cristianismo. Isso pode ser confirmado nas seguintes passagens da Bíblia: *“Por isso, aqui estou, Javé, com os primeiros frutos da terra que tu me deste. E você colocará os primeiros frutos diante de Javé seu Deus e diante de Javé seu Deus se prostrará.”* (Deuteronômio 26:10); *“Por fim, Davi disse para a assembléia: ‘Bendigam todos a Javé, o Deus de vocês!’ E toda a assembléia bendisse a Javé, Deus dos seus antepassados. E, prostrando-se, prestaram homenagem a Javé e ao rei.”* (Crônicas, 29:20).

Burkert destaca, ainda, outras formas do que chama de humilhação, entre elas as lágrimas utilizadas nas manifestações cristãs de reza e contrição. Outro fator interessante destacado por ele é que o cristão, no momento de suas preces, tem por costume inclinar a cabeça evitando, dessa forma, o olhar fixo, como se pode ver em Lucas 18:13, no Novo Testamento: *“O cobrador de impostos ficou à distância, e nem se atrevia a levantar os olhos para o céu, mas batia no peito, dizendo: ‘Meu Deus, tem piedade de mim, que sou pecador’!”* A humildade perante os deuses, contudo, é algo ensinado ainda antes do Cristianismo.

Há, porém, dúvidas com relação à existência de algum traço diferencial entre veneração e submissão, mas apesar dessa discussão uma coisa é clara: a maioria das religiões procurou postular o medo dos deuses. Isso pode ser visto, por exemplo, no Livro dos Salmos 111:10: *“O princípio da sabedoria é o temor de Javé. Todos quantos o praticam têm bom senso. O louvor a Javé permanece para sempre”*.

Tudo isso revela o espírito de adoração, pois “‘Adorar’ significa exaltar os superiores, a quem nos curvamos numa atitude de veneração, e quanto mais alto eles forem elevados, menos somos constrangidos a diminuirmo-nos.” (p. 124). Logo, através de um jogo de palavras, é possível ao homem exaltar, sem ter que despende o mesmo esforço que empregaria numa ação ritualística, é o que Burkert chama de invenção do louvor. Por meio do louvor, cria-se uma inversão na estrutura de atenção, cabendo, nesse caso, ao ente superior prestar atenção ao canto ou louvor de quem está abaixo. Os louvores seriam, então, uma forma de aplacar o ente superior, detentor do poder de matar ou conceder a vida, levando-o ao desencorajamento de praticar atitudes hostis. Há também, de acordo com Burkert, as cantigas de louvor empregadas por muitas religiões como forma de propagar-se.

Mas a religião tem um outro lado a ser considerado: é o exercício do poder imposto em seu nome, muito utilizado na Antigüidade. Um exemplo disso, conforme Burkert, pode ser constatado no mundo romano cristão, que entendendo que suas vitórias advinham do deus cristão, passaram a dar posse a seus soberanos mediante a expressão *dei gratia*. O poder duplamente dimensionado pela religião atinge igualmente a estrutura familiar, assim, enquanto os pais honram a Deus, educam seus filhos.

Quando Burkert refere que os fundadores das religiões em geral se apresentam como enviados de seus deuses, podemos aproximar isso da religião católica em que Jesus se apresenta como o enviado de Deus que, por sua vez, envia os Apóstolos em seu nome, “‘A paz esteja com vocês. Assim como o Pai me enviou, eu também envio vocês.’” (JOÃO, 20:21).

Com relação à culpa, diz Burkert que os sofrimentos do homem podem ser explicados como punições divinas, os castigos divinos. No âmbito da linguagem, o homem expõe sua submissão mediante a confissão dos pecados, ou seja, há um pacto estabelecido entre o punidor e o punido. A confissão dos pecados, entretanto, não está restrita, como pode parecer, à religião católica, mas faz-se presente em muitas outras.

No que diz respeito ao uso de sinais, ou validação dos signos, o autor afirma que “os signos servem para ultrapassar a distância que separa o mundo do indivíduo, mesmo que permaneçam como intermediários e possam mesmo obstruir um acesso mais directo.” (p. 208). Adquirem sentido a partir da psique do ser vivo, quando do estabelecimento de relação entre o que representa e seu receptor. A psique humana diferencia-se exatamente pela sua capacidade de dar sentido aos sinais, processo esse que requer que se mantenha contato com a realidade exterior e que, ao mesmo tempo, se tenha consciência dessa conexão. Um exemplo disso, na Religião Católica, pode ser visto na seguinte passagem da Bíblia: “*Jesus porém respondeu: ‘Ao pôr-do-sol vocês dizem: ‘Vai fazer tempo bom, porque o céu está vermelho’. E de manhã: ‘Hoje vai chover, porque o céu está vermelho-escuro’. Olhando o céu, vocês são capazes de interpretar os sinais dos tempos.*” (MATEUS, 16:2-3). Tanto para a religião católica, quanto para as demais religiões a interpretação dos sinais é fundamental.

Mas as representações nas religiões vão mais além, e Burkert chega então à produção de imagens, como uma nova categoria de signos, um ícone. Diferente do que se possa supor, não foram as imagens que geraram a veneração, mas sim os rituais religiosos, rituais de veneração. Os rituais têm por fim maior controlar o comportamento do corpo, este que se apresenta como elo de ligação entre o mundo mental e o ambiente natural. É a mente processando sua vontade no corpo.

Com base nessa afirmação de Burkert, somos levados a pensar no valor que as imagens de santos tinham para os imigrantes italianos, quando de sua vinda para o Brasil e de sua instalação nas novas terras. Não é incomum encontrarmos referências a isso como pode ser demonstrado no seguinte excerto de nosso *corpus*:

Se à noite a família se reunia para rezar; no fim de semana, as famílias se reuniam, ora na casa de um, ora na casa de outro e lá improvisavam um culto público diante de **uma imagem da Virgem ou de santo**, colocada sobre um toco de árvore derrubada ou sobre caixote armados sob uma árvore improvisada em templo. (ZAGONEL, 1975, p. 51) [grifo nosso].

Dentre os rituais da tradição cristã, o autor enfoca o batismo, ocasião em que afirma que “O acto de tocar com o corpo na água continua a ser indispensável no ritual cristão.” (p. 220).

O juramento surge, então, em sua obra, como forma de validação da linguagem: “Encontram-se juramentos em todos os povos e em todas as culturas. Eles são um símbolo fundamental da religião.” (p. 220). Jurar representa a impossibilidade de mentir sob qualquer aspecto ou para assumir uma obrigação. Dessa forma, reduz-se a complexidade, criando um mundo confiável, marcado por divisões claras entre o verdadeiro e o falso, o certo e o errado, entre outros.

Burkert conclui dizendo que a religião atua como elemento apaziguador nas várias situações da vida, isso por meio de comportamentos ritualísticos e de interpretações culturais. Propõe ainda a existência de padrões biológicos ativados através da prática de rituais e de ensinamentos verbalizados.

Os estudos de Durkheim ([1912] 1996), por sua vez, buscam, por meio da investigação de formas extintas de civilização, mais precisamente, através da religião dessas civilizações, explicar a realidade atual do homem, ou seja, como essas ocorrências do passado influenciam as idéias e atos do homem no presente.

Nesse sentido, seus estudos e sua preocupação sustentam nossa idéia sobre a importância de se investigar a natureza religiosa do homem, embora limitados a um de seus aspectos – como essa experiência se estrutura cognitivamente e produz sentido – para que se possa compreender sua cultura de uma forma evolutiva, uma vez que esse, segundo ele, é “um aspecto essencial e permanente da humanidade.” (p. VI).

De acordo com Durkheim, “não podemos chegar a compreender as religiões mais recentes a não ser acompanhando na história a maneira como elas progressivamente se

compuseram.” (p. VIII). Assim para ele, a história é o único método de análise explicativa que se pode aplicar nesse campo.

Para o autor, todas as religiões são passíveis de comparação, pois, em se considerando que todas pertençam a um mesmo gênero, é de se esperar que haja entre elas elementos em comum, possibilitando assim, que se intente examinar o que é a religião em linhas gerais. Sendo assim, diz Durkheim:

Mas as semelhanças exteriores supõem outras, que são profundas. Na base de todos os sistemas de crenças e de todos os cultos, deve necessariamente haver um certo número de **rituais** que, apesar da diversidade de formas que tanto umas como outras puderam revestir, têm sempre a mesma significação objetiva e desempenham por toda parte as mesmas funções. São esses elementos permanentes que constituem o que há de eterno e de humano na religião; eles são o conteúdo objetivo da idéia que se exprime quando se fala da religião em geral (1996, p. X) [grifo nosso].

Contudo, as crenças e os ritos, diz ele, não são experimentados da mesma forma. Esses são suscetíveis a diferenças, tais como: do meio, das circunstâncias e dos homens, dificultando, dessa forma, que se estabeleça o que seria comum a todos.

Com relação ao pensamento religioso, esse sociólogo acredita que quanto mais ele avança na história, tanto mais difícil fica avaliá-lo, uma vez que no decorrer do tempo uma série de diferentes interpretações já o interceptaram e o deformaram. Além disso, sendo a religião uma instituição humana, torna-se igualmente inviável demarcar com precisão onde ela começa.

Os primeiros sistemas de representação produzidos pelo homem do mundo e de si mesmo, foram, segundo o autor, de origem religiosa. Toda religião, afirma, é uma cosmologia e, simultaneamente, uma especulação a respeito do divino.

Durkheim defende que a religião é algo social e que as representações religiosas são representações coletivas que revelam realidades coletivas, e acrescenta: “os ritos são maneiras de agir que só surgem no interior de grupos coordenados e se destinam a suscitar, manter ou refazer alguns estados mentais desses grupos.” (p. XVI).

Ao pensar nas categorias⁹, Durkheim afirma que elas revelam estados da coletividade e dependem da maneira como essa coletividade está organizada, bem como de suas instituições morais, econômicas, religiosas, etc. A sociedade, de acordo com ele, “é uma realidade *sui generis*” (p. XXIII), pois possui características que não são encontradas em nenhuma outra forma do universo; logo, as representações coletivas guardam conteúdos distintos das representações individuais. Suas diferenças residem no fato de que as representações coletivas não são apenas produtos da cooperação entre espaço e tempo, mas sim de uma série de contribuições de espíritos diversos, associadas a uma série de gerações que acumularam suas experiências e seus saberes. Assim, as categorias surgiriam como uma necessidade de caráter social.

Mas, quando se pensa em religião, qual é o primeiro aspecto que vem à mente? De acordo com Durkheim, é o sobrenatural; isso porque o sobrenatural é o mundo do mistério, ou seja, porque é capaz de responder a tudo o que foge ao alcance do entendimento. Tal aspecto prevaleceu para algumas religiões, principalmente no cristianismo, adquirindo, contudo, diferentes graus de importância, conforme o período da história cristã.

Segundo o autor, por mais que o homem tenha tentado representar a religião, nada serviu para caracterizá-la verdadeiramente, pois a religião tem por objeto maior explicar o que há de normal e constante entre as coisas, e não o contrário.

Ao prosseguir na busca pelos principais aspectos da religião, que é o que Durkheim persegue em suas reflexões, surge a questão da divindade. Tem-se aí um vínculo entre o espírito humano e o espírito divino, a quem se credita o poder sobre o mundo, bem como o poder sobre o homem. No entanto, não são apenas os espíritos divinos mercedores de ritos e, em alguns casos, de cultos regulares, muitas vezes enquadram-se nessa questão, as almas dos mortos, assim como de espíritos de toda ordem.

⁹ Ao referir-se a categorias, Durkheim refere àquelas que os filósofos chamam de categorias do entendimento que são: noções de espaço e tempo, de gênero, de número, de causa, de personalidade, entre outras.

Ao contrário de outras religiões como, por exemplo, o budismo e o jainismo¹⁰, Durkheim destaca que o cristianismo necessita manter sempre presente a idéia e o culto a Cristo, pois seus fiéis dependem da comunicação contínua com a fonte suprema da vida espiritual.

A religião, para o autor, representa um todo indivisível e, nesse sentido, diz: “é um sistema mais ou menos complexo de mitos, de dogmas, de ritos, de cerimônias.” (p. 18). Com relação à classificação dos fenômenos religiosos, destaca duas das principais categorias que são: as crenças e os ritos. Com suas palavras: “As primeiras são estados de opinião, consistem em representações; os segundos são modos de ação determinados.” (p. 19).

O que diferencia os ritos das demais práticas humanas é o seu objeto, pois, nos dois casos, a maneira prescrita de agir dependerá do gênero do objeto a que se dirige, assim torna-se necessário que se caracterize o objeto para que se possa caracterizar o rito. Definido o rito ter-se-á definida a crença.

Evidencia-se novamente a relação entre todas as reflexões que neste capítulo se articulam com o que se tem constatado em nossos estudos semânticos. De fato, a categoria RITUAIS, como já antecipamos aqui, metonimicamente representa experiencialmente a categoria RELIGIÃO no próprio discurso do imigrante italiano, revelando assim seu sistema de crenças.

Todas as crenças religiosas concebidas pelo homem, diz Durkheim, da mais simples a mais complexa, supõe uma classificação das coisas, tanto as reais, quanto as ideais. Tal classificação é, em geral, distinguida por dois termos: o sagrado e o profano.

Nesse sentido, encontramos em Eliade um estudo que foca essa questão da necessidade do homem de instituir a heterogeneidade do mundo através do estabelecimento do espaço e do tempo sagrado e profano, questão essa que será mais adiante melhor detalhada.

¹⁰ O jainismo é uma religião hindu, sem espírito missionário, tendo, portanto, permanecido na Índia. Compartilha com o budismo que não há necessidade de um deus como criador ou figura central.

Assim, as crenças, os mitos, os gnomos, as lendas atuam como representações da natureza das coisas sagradas. Há, também, dentro da classificação das coisas sagradas árvores, pedras, ou qualquer outro objeto. Nesse âmbito, incluem-se os ritos, uma vez que só podem acontecer por intermédio de alguém consagrado, ou seja, as palavras e gestos que os compõem não podem ser executados por qualquer pessoa, é necessário que este alguém esteja imbuído desses poderes.

O homem, por sua vez, é representado em condição de inferioridade quando posto em relação ao mundo das coisas sagradas. Isso, contudo, não significa que se possa definir por meio da subordinação o que é sagrado. Dessa forma, têm-se dois mundos distintos que abarcam tudo o que existe no mundo, mas que, ao mesmo tempo, são excludentes. Complementando, diz Durkheim: “As coisas sagradas são aquelas que as proibições protegem e isolam; as coisas profanas, aquelas a que se aplicam essas proibições e que devem permanecer à distância das primeiras.” (p. 24). Em suma, os ritos aparecem como sendo a forma apropriada do homem comportar-se frente às coisas sagradas.

Assim sendo, o autor apresenta uma possível definição de religião que é:

Quando um certo número de coisas sagradas mantém entre si relações de coordenação e de subordinação, de maneira a formar um sistema dotado de uma certa unidade, mas que não participa ele próprio de nenhum outro sistema do mesmo gênero, o conjunto das crenças e dos ritos correspondentes constitui uma religião. (p. 24).

Com base nisso, fica claro que a religião não está limitada a uma única idéia, ou seja, que não está restrita a um único princípio, pois cada grupo homogêneo de coisas sagradas constitui um centro organizador que atrairá todo um conjunto correspondente de crenças e de ritos. Fica claro que, para todas as religiões, inclusive para o cristianismo, a aceitação da pluralidade de coisas sagradas é inevitável, uma vez que no próprio cristianismo há a aceitação de outros seres divinos que não apenas Deus, este que na verdade representa uma tripla divindade. Há também os anjos, os santos, a Virgem Maria, as almas dos mortos, etc.

Voltando à questão dos rituais, Durkheim faz referência aos ritos de iniciação praticados por vários povos. Seria algo como a passagem do mundo puramente profano, mundo em que o homem viveu sua infância, para o mundo das coisas sagradas.

Na religião católica, foco de nossa análise, isso pode ser representado pela catequese, que foi e é um dos principais rituais praticados pelo imigrante italiano e seus descendentes, um exemplo disso pode ser visto no seguinte texto que compõe nosso *corpus*:

O catecismo era ensinado por José Dall’Agnol, Strapazzon, a velha Nalin, eram diversos. Havia também o Antônio, chamado Antonião, o pai do Desidério. Ensinavam um ano cada um. Todos aprendemos bem o catecismo. Examinaram-nos para a primeira comunhão, faziam-nos a pergunta e nós respondíamos. Eu sei de cor. Diziam: “Sois vós cristãos?” – Sim, eu sou cristão pela graça de Deus. “E que significa ser cristão? – Ser cristão significa, ser batizado, crer e professar a doutrina de Jesus Cristo...” (disse quase todo o catecismo de cor e está gravado) (BATTISTEL, 1982, p. 426).

Outra questão importante para nosso estudo, que é levantada por Durkheim, diz respeito à igreja. Ele afirma que uma igreja é uma comunidade moral formada pelos sacerdotes e seus fiéis. Contudo, o autor destaca que é importante ter sempre o cuidado de quando introduzir a noção de igreja à definição de religião não esquecer das religiões individuais, instituídas pelos próprios indivíduos. Um exemplo disso, no cristianismo, poderia ser o santo padroeiro, ou o anjo da guarda, muitas vezes invocados nos cultos e preces individuais. Esses cultos, apesar de individuais, não são sistemas autônomos da igreja, são apenas um aspecto da religião comum a toda igreja. Um exemplo dessa situação poderia ser o da escolha do santo padroeiro pelos cristãos, escolha essa sempre regida pelas regras canônicas da Igreja e que deve ser feita a partir de uma lista de santos reconhecidos pela Igreja católica. Mais uma vez nos vemos diante de um aspecto da religião influenciando a cultura dos imigrantes italianos. A fim de exemplificarmos, fazemos uso do seguinte recorte:

Deus, a Virgem Maria e os Santos foram o sustentáculo e o refúgio dos imigrantes italianos, durante a viagem e nos primeiros anos de seu estabelecimento no RS. A oração individual nos momentos difíceis, a prece familiar nas frentes de trabalho da floresta, a liturgia dominical da sociedade na linha colonial foram uma constante característica dos colonos italianos (MANFROI, 1975, p. 157).

Assim, Durkheim chega à seguinte definição de religião: “uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem.” (p. 32). Baseado em que a religião não pode ser separada da idéia de igreja, surge esse, que para ele, é o segundo elemento participante de sua definição. Tudo isso resultaria do fato de a religião ser essencialmente coletiva.

No sistema religioso existente em todos os tempos, diz Durkheim, naturismo e animismo sempre andaram lado a lado. O primeiro ligado às coisas da natureza, tais como os ventos, os astros, as plantas e os animais. O segundo ligado aos seres espirituais, como as divindades e as almas dos mortos. Logo, em função dos poderes atribuídos às almas, elas deixam de representar apenas um princípio da vida do homem, para tornarem-se um espírito e algumas vezes até mesmo uma divindade. Isso se deveria, então, à passagem da vida para a morte e, em sendo assim, o primeiro culto da humanidade teria sido dirigido aos mortos. Dessa forma, os primeiros ritos teriam sido endereçados aos mortos, e os primeiros altares teriam sido seus túmulos.

Durkheim acrescenta que o fiel, em sua experiência de adoração às coisas, tem sempre presente um sentimento de temor, na verdade, um temor muito mais de respeito do que de pavor, prevalecendo essa emoção de majestade que lhe inspira tanto. Complementa o autor: “A idéia de majestade é essencialmente religiosa.” (p. 50). Um exemplo dessa questão do temor e a relação com a figura da majestade já foi citada em nossa revisão das idéias de Burkert.

Com relação aos cultos, diz Durkheim, não serem eles apenas um conjunto de rituais aos quais o homem deve seguir; na verdade, são ritos de cerimônias e festas que têm por característica serem periódicas. É a forma encontrada pelo fiel para, de tempos em tempos, fortalecer seus vínculos com os seres sagrados os quais reverencia. Esses cultos, entretanto,

são endereçados a uma divindade, ou seja, a um mito que é quem fixa a fisionomia dessa divindade.

Em síntese, para o animismo, a construção do divino está ligada ao sonho; já para o naturismo, o ponto de partida da evolução religiosa está nas manifestações cósmicas. Suas opiniões, contudo, convergem para a natureza, seja ela do homem ou do universo como sendo a semente opositiva entre o sagrado e o profano.

Concluindo, Durkheim afirma que para o homem a verdadeira função da religião é fazê-lo agir ao mesmo tempo em que o ajuda a viver. O fiel que está em contato com seu deus se sente mais forte e apto a enfrentar e vencer as dificuldades da vida, sente-se, dessa forma, protegido de todo mal e diz também: “O primeiro artigo de toda fé é a crença na salvação pela fé.” (p. 459).

Para o homem não basta que existam objetos a serem amados e buscados, é necessário que esses objetos emitam forças energéticas superiores às do próprio homem. Mas, para que ele possa sentir sua influência, é importante que sejam repetidos os atos capazes de renovar tais forças. A esse movimento de renovação periódica de forças Durkheim chama de culto, pois é a partir dele que o praticante de qualquer religião terá a sensação de paz interior e até mesmo de entusiasmo. Assim, para o autor, “O culto não é simplesmente um sistema de signos pelos quais a fé se traduz exteriormente, é o conjunto dos meios pelos quais ela se cria e se recria periodicamente. Quer consista em manobras materiais ou em operações mentais, é sempre ele que é eficaz.” (p. 460).

Destaca também que a sociedade é a grande responsável pela experiência da religiosidade, uma vez que desenvolve as forças morais e desperta o sentimento de proteção que liga o fiel a seu culto. Tudo isso, de acordo com ele, se dá pelo fato de o homem ser um conjunto de bens intelectuais que constitui a civilização, e pela civilização ser obra da sociedade. Assim, afirma ser a sociedade a fonte da vida religiosa, ao mesmo tempo em que

diz que da religião nasceram as grandes instituições sociais. Complementado a questão da sociedade, diz Durkheim que esta é constituída, principalmente, pela idéia que faz de si mesma.

Afirma que para a propagação da fé é necessário que haja uma teoria própria, mas para que tal teoria exista é essencial que esta se apóie em diferentes ciências, entre elas: as ciências sociais, uma vez que a religião tem suas bases na sociedade; psicologia, pois que a sociedade é uma síntese de consciências humanas; ciências da natureza, visto que homem e sociedade são funções do universo. Não significa, apesar disso, que tais empréstimos sejam o bastante, uma vez que a fé é produto de um agir, e a ciência mantém uma posição distante da ação.

Dentro do percurso proposto introduzimos, a partir deste ponto, o pensamento de Eliade ([1912] 1992), que trata a questão do sagrado em sua totalidade, este que surge para fazer oposição ao profano. O homem reconhece o sagrado como algo distinto do profano. Para trabalhar com o sagrado, o autor propõe a utilização do termo ‘hierofania’ que significa “algo sagrado se nos revela” (p. 17). Segundo ele, a história das religiões é marcada por hierofanias desde as mais simples, como a manifestação do sagrado em uma pedra, até a considerada mais suprema para um cristão, que é a encarnação de Deus em Jesus Cristo. De fato, se está diante da manifestação de algo diferente, misterioso, em objetos de nosso mundo natural.

Na verdade, diz Eliade, quando se faz referência à veneração de uma pedra, por exemplo, não é a pedra, em si mesma, que está sendo adorada, o que há é uma hierofania, uma revelação, ou seja, trata-se da adoração de algo que já ascendeu à condição de pedra e representa algo sagrado, e segue dizendo: “[...] para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O Cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania.” (p. 18).

O autor chama atenção para o abismo existente entre os espaços do sagrado e do profano, bem como aos modos de ser sagrado e profano. Tudo isso, de acordo com Eliade, é produto das diferentes posturas assumidas pelo homem no Cosmos.

Levando a questão para o homem nas sociedades tradicionais, Eliade destaca que esse se apresenta como *homo religiosus*, sendo que seu comportamento permanece dentro dos padrões do homem em geral.

A história das religiões tem provado – assim como na etnografia cultural – “que as ‘reações do homem diante da Natureza’ são condicionadas muitas vezes pela cultura – portanto, em última instância, pela história.” (p. 21). Há, segundo o autor, diferentes experiências religiosas, produto de diferenças culturais, econômicas, sociais, etc. Todavia, tanto povos nômades como sedentários vivem em um Cosmos sacralizado, tendo como ponto de convergência o fato de que, em ambos os casos, este comportamento ter relação com o do *homo religiosus*.

Destaca Eliade que a questão do espaço, para o homem religioso, é de suma importância, uma vez que esse homem não entende o espaço como algo homogêneo, mas sim como um espaço que apresenta rupturas, ou seja, heterogêneo. Isso pode ser visto quando o Senhor diz a Moisés: “[...]’Não se aproxime. Tire as sandálias dos pés, porque o lugar onde você está pisando é um lugar sagrado’.” (Êxodo, 3:5). A partir disso, pode-se inferir a existência de dois espaços, um sagrado e outro profano.

Eliade destaca que a experiência da não-homogeneidade, defendida pelo homem religioso, é o que determina a fundação do mundo. Trata-se de uma experiência que antecede a reflexão a respeito do mundo, e diz ainda: “A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo.” (p. 26).

A questão nodal para o homem religioso reside na importância da aquisição de um ponto fixo, de um Centro do mundo. Ou seja: “Para viver no Mundo é preciso fundá-lo – e

nenhum mundo pode nascer no ‘caos’ da homogeneidade e da relatividade do espaço profano. A descoberta ou a projeção de um ponto fixo – o Centro – equivale à Criação do Mundo [...].” (p. 26).

Na verdade, é condição primeira para o homem religioso estabelecer o espaço sagrado, evidenciando a não-homogeneidade do espaço, que, para ele, representa o profano. A delimitação desse espaço se dá, algumas vezes, pelo limiar imposto pela porta, que figura como símbolo e veículo de passagem. É ela que permite, em um dado momento, a transposição entre o mundo profano e o sagrado. Nesse mesmo sentido, chega-se à igreja que é o lugar onde o mundo profano é transcendido. É através desses símbolos, por exemplo, que o homem pode, simbolicamente, subir ao Céu, da mesma forma que os deuses podem descer à Terra. O templo, para muitas religiões, equivale a uma abertura para o alto, que propicia o contato com o mundo dos deuses. Assim sendo, todo espaço sagrado acarreta uma hierofania. Um exemplo disso pode ser visto na Bíblia:

Teve então um sonho: uma escada se erguia da terra e chegava até o céu, e anjos de Deus subiam e desciam por ela. Javé estava de pé, no alto da escada, e disse a Jacó: ‘Eu sou Javé, o Deus de seu pai Abraão e o Deus de Isaac. A terra sobre a qual você dormiu, eu a entrego a você e à sua descendência. Sua descendência se tornará numerosa como a poeira do chão, e você ocupará o oriente e o ocidente, o norte e o sul. E todas as nações da terra serão abençoadas por meio de você e da sua descendência. Eu estou com você e o protegerei em qualquer lugar aonde você for. Depois eu o farei voltar a esta terra, pois nunca o abandonarei, até cumprir o que prometi.’ Ao despertar, Jacó disse: ‘De fato, Javé está neste lugar e eu não sabia disso.’ Ficou com medo, e disse: ‘Este lugar é terrível. Não é nada menos que a Casa de Deus e a Porta do Céu.’ Levantou-se de madrugada, pegou a pedra que lhe havia servido de travesseiro, ergueu-a como estela e derramou óleo por cima. E chamou esse lugar de Betel. Mas antes a cidade chamava Luza (Gênesis, 28: 12-19).

Pode-se inferir, de acordo com o que diz Eliade, que basta um sinal que introduza significação religiosa para que seja posto um ponto final na relatividade, na confusão e, caso esse sinal não ocorra espontaneamente, o homem o provocará, a fim de que se possa escolher, entre outras coisas, o lugar para a construção de um santuário. É dessa forma que o homem religioso recebe a revelação de um lugar sagrado. Isso tudo prova que “o homem religioso só consegue viver numa atmosfera impregnada do sagrado, [...].” (p. 31). Este, em função de sua necessidade de viver em um espaço sagrado, cria técnicas de orientação, ou seja, técnicas de

construção de um espaço sagrado. Na verdade, quando o homem busca recriar tal espaço, o faz por meio de um **ritual**, na tentativa de reproduzir a obra dos deuses. Assim, torna-se imperioso, para o homem religioso, a **construção de espaços sagrados por meio de rituais**.

Por essa afirmação, constata-se que nossa hipótese de pesquisa, ou seja, a de que o modelo metonímico RITUAIS, na análise semântico-cognitiva, organize prototipicamente a categoria RELIGIÃO, pode ser corroborada através da análise do *corpus* constituído. Nessa direção, a Semântica Cognitiva, fundamento desta dissertação, revela-se como campo de investigações com múltiplas interfaces disciplinares.

Para as sociedades tradicionais, há uma clara distinção entre o território habitado pelo homem, o Cosmos, e o espaço desconhecido, o Caos. Nesse sentido: “É fácil compreender por que o momento religioso implica o ‘momento cosmogônico’: o sagrado revela a realidade absoluta e, ao mesmo tempo, torna possível a orientação – portanto, *funda o mundo*, no sentido de que fixa os limites e, assim, estabelece a ordem cósmica” (p. 33).

Essa tomada de **posse ritualística** de uma terra não se dá apenas em terras incultas. Isso ocorre, também, com terras já habitadas por outras pessoas, pois, de acordo com as sociedades arcaicas, “tudo o que não é ‘o nosso mundo’ não é ainda um ‘mundo’. Não se faz ‘nosso’ um território senão ‘criando-o’ de novo, quer dizer, consagrando-o.” (p. 34). Ressalta Eliade que tanto conquistadores espanhóis, como portugueses tomavam posse de novas terras alegando estar a serviço de Jesus Cristo, fazendo uso da Cruz para consagrar as terras conquistadas e, dessa maneira, recriando essas terras.

Ao se instalar em um território, este passa a ser consagrado, principalmente quando se trata da instalação de povos sedentários, pois tal decisão trará implicações existenciais para essa nova comunidade, ou seja, “‘Situair-se’ num lugar, organizá-lo, habitá-lo – são ações que pressupõem uma escolha existencial: a escolha do Universo que se está pronto a assumir ao ‘criá-lo’” (p. 36). Trata-se, em suma, de uma recriação do Universo habitado pelos deuses.

Essa observação feita pelo autor é corroborada, em nossa análise, pela necessidade imediata demonstrada pelos imigrantes italianos em consagrar o território em que se instalavam como forma de recriação do Universo pertencente a Deus. Isso se evidencia, do nosso ponto de vista, pela urgência em construírem capelas e igrejas e, na ausência dessas, pela manutenção de rituais religiosos que pudessem fundar, mesmo que de maneira simbólica, esse novo espaço sagrado.

Nas mais diversas civilizações, diz Eliade, se pode encontrar o simbolismo do Centro do Mundo, questão essa que leva à compreensão do comportamento religioso do homem com relação ao espaço em que vive. Um exemplo revelador disso está na Montanha Cósmica. A figura da montanha, mítica ou real, se faz presente nas mais variadas culturas, mas sempre revelando, em todas elas, uma ligação entre o Céu e a Terra; exemplo disso é a do Monte dos Países, na Mesopotâmia; a de Gerizim, na Palestina, entre muitas outras. Em todas essas culturas há um único significado envolvido que é de cunho religioso, ou seja, “‘nosso mundo’ é uma terra santa porque é o lugar mais próximo do Céu, porque daqui, dentre nós, pode-se atingir o Céu; nosso mundo é, pois, um ‘lugar alto’.” (p. 40).

Esse simbolismo do Centro, de acordo com Eliade, justificaria a existência de cidades santas e santuários, sendo os templos reproduções da Montanha cósmica, que fariam, dessa forma, o papel de ligação entre o Céu e a Terra. Prova dessa idéia de ligação pode ser vista nos nomes dados, por exemplo, às torres e santuários babilônicos: “Monte da Casa”, “Monte das Tempestades” e “Ligação entre o Céu e a Terra”.

Eliade conclui que o maior desejo do homem religioso está em poder viver o mais próximo possível do Centro do Mundo. Para isso, contudo, não bastava a ele ter o Templo como verdadeiro Centro do Mundo, desejava também que sua casa estivesse situada no Centro e, nesse sentido, diz: “[...] sejam quais forem as dimensões do espaço que lhe é familiar e no qual ele se sente situado – seu país, sua cidade, sua aldeia, sua casa –, o homem

religioso experimenta a necessidade de existir sempre num mundo total e organizado, num Cosmos.” (p. 43).

O homem religioso entende sua instalação em um novo território como uma reafirmação da cosmogonia, logo, “[...] a instalação num território equivale à fundação de um mundo.” (p. 46). Eliade destaca, ainda, a importância de compreender que o nosso mundo nada mais é do que a imitação do mundo criado pelos deuses.

Dessa forma, a instalação da morada humana adquire um papel crucial para sua existência, necessidade essa surgida e mantida desde o homem arcaico. A partir desse panorama, diz o autor: “Instalar-se num território, construir uma morada pede, conforme vimos, uma decisão vital, tanto para a comunidade como para o indivíduo. Trata-se de assumir a criação do ‘mundo’ que se escolheu habitar. É preciso, pois, imitar a obra dos deuses, a cosmogonia.” (p. 49).

Uma das questões mais relevantes em seu estudo, destaca Eliade, é a de que, para todas as culturas tradicionais, a habitação representa um espaço sagrado, uma vez que reflete o Mundo. A existência do homem religioso está condicionada a sua vivência em uma realidade absoluta. A construção e inauguração de uma nova morada representam uma nova vida, um novo começo, é um Universo construído pelo homem que imita a criação dos deuses.

O que está em jogo nessa criação de novos Centros do Mundo não é a questão geográfica propriamente dita, o que importa é que se trata de um espaço sagrado passível de sofrer inúmeras rupturas.

De acordo com Eliade, desde a Mesopotâmia passando pelo Egito, China e Índia, a concepção de templo adquiriu novos valores – tornando-se um modelo transcendente reproduzido na Terra. Dessa forma, o Templo constituiria uma *imago mundi*, pois, sendo o

Mundo uma obra dos deuses, é sagrado. O Templo, assim, resantifica permanentemente o Mundo, uma vez que o representa e constitui ao mesmo tempo.

Para o povo de Israel, por exemplo, todos os modelos para a edificação do Templo, criados e enviados por Jeová, revelaram-se aos homens para que fossem reproduzidos na terra. Isso por ser visto no seguinte excerto da Bíblia em que o Senhor fala a Moisés: *“Faça um santuário para mim, e eu habitarei entre eles. Faça tudo conforme o modelo do santuário e dos utensílios que vou mostrar a você.”* (Êxodo, 25: 8-9).

Todos esses simbolismos são retomados por meio da basílica cristã reproduzindo a Jerusalém celeste, assim como o Paraíso celeste. É importante, diz Eliade, que não se perca de vista que são as variedades históricas e culturais que determinam a vida religiosa da humanidade.

Em suma, o Mundo passa a existir a partir da fundação do espaço sagrado ou do surgimento do Centro no Caos, estabelecendo, ao mesmo tempo, uma via de comunicação cósmica, e a isso acrescenta: “o Mundo deixa-se perceber como Mundo, como cosmos, à medida que se revela como mundo sagrado.” (p. 59).

O homem religioso, enfim, sente necessidade do espaço sagrado para viver, para se reconhecer como ser, opondo-se, assim, ao espaço profano, lugar do não-ser. Longe do espaço sagrado o homem perde sua essência ôntica, extinguindo-se no Caos.

Assim, naquilo que é foco nesta dissertação, a forte ligação do imigrante italiano com a fé e, ao mesmo tempo, sua necessidade imediata de erguer uma capela, uma igreja pode ser explicada pelo fato de que, como diz Eliade,

“[...] para o homem religioso toda decisão existencial de se ‘situar’ no espaço constitui, de fato, uma decisão religiosa. Assumindo a responsabilidade de ‘criar’ o mundo que decidiu habitar, não somente cosmiza o Caos, mas também santifica seu pequeno Cosmos, tornando-o semelhante ao mundo dos deuses” (p. 61).

Com relação ao tempo sagrado e aos mitos, Eliade deixa claro que, para o homem religioso, assim como o espaço, o tempo também não é homogêneo, nem tão pouco contínuo.

A diferença entre o Tempo sagrado e o profano reside em que, no primeiro, há a existência de um tempo de festas, em geral, festas periódicas; já, no segundo, estão registrados os atos isentos de qualquer significado religioso.

Mas como o homem religioso faz a transição entre o tempo profano e o sagrado? Segundo Eliade, é por meio dos **ritos**. O tempo sagrado é um tempo mítico que se torna presente e é através das festas religiosas, o chamado Tempo litúrgico, que eventos sagrados do passado são atualizados no presente. Nesse momento, o homem religioso atravessa o Tempo profano atingindo o Tempo mítico. Sendo assim, o tempo sagrado torna-se ilimitadamente repetível, ou seja, a cada ano em que se repete uma festa, “reencontra-se na festa *a primeira aparição do Tempo sagrado*, tal qual ela se efetuou *ab origine, in illo tempore*.” (p. 64). O homem religioso busca, através da **linguagem dos ritos**, retornar a um Tempo sagrado, podendo fugir, assim, daquilo a que Eliade chama de presente histórico. Como exemplo desse tempo litúrgico, destacamos o seguinte fragmento que compõe o *corpus* análise:

“[...] os imigrantes procuravam organizar o culto dominical recordando, o quanto possível, o culto celebrado na longínqua igreja natal. A missa, as bênçãos, as devoções, as cerimônias... tudo de acordo com o tempo litúrgico [...]” (ZAGONEL 1975, p. 54).

A existência do Tempo sagrado e do Tempo profano difere entre as religiões. Exemplificando isso, diz o autor: “o cristianismo inovou a experiência e o conceito do Tempo litúrgico ao afirmar a historicidade da pessoa do Cristo. A liturgia cristã desenvolve-se num *tempo histórico santificado pela encarnação do Filho de Deus*” (p. 66).

Para Eliade, Cosmos e Tempo têm sua origem na religião, uma vez concebidos como realidades sagradas. Tal relação pode ser vista, por exemplo, nas edificações sagradas, os Templos religiosos que são uma forma de representação do Mundo. A cosmogonia que, segundo ele, é responsável por toda a criação é responsável também pelo Tempo cósmico,

pois, para o homem religioso, toda criação tem início no Tempo, ou seja, “*antes que uma coisa exista, seu tempo próprio não pode existir*” (p. 69).

Cada vez que o homem religioso comemora um tempo mítico, nada mais está fazendo do que reatualizando-o por meio de **rituais**. Todo esse esforço de aproximação temporal tem como fim maior mantê-lo perto dos deuses.

Através dos resultados de nossa análise semântica, por meio dos procedimentos metodológicos da Semântica Cognitiva, verificar-se-á a possibilidade da existência de outras motivações para essa aproximação.

Em suma, todo o simbolismo cosmológico existente nas casas, cidades e templos revelam a necessidade de viver próximo ao Centro do Mundo.

Com relação ao mito, sustenta Eliade que este conta uma história sagrada, “um acontecimento primordial que teve lugar no começo do Tempo, *ab initio*” (p. 84). Nesse sentido, tudo o que diz respeito ao profano não foi ontologicamente fundado pelo mito, não existindo, portanto, um modelo exemplar. Um exemplo disso seria a agricultura que poderia ser entendida como um ritual revelado pelos deuses ou pelos Heróis civilizadores. Contudo, a agricultura pode representar apenas um ato profano quando vista apenas como atividade econômica com fins de subsistência; logo, desprovida de simbolismo religioso. Para ele, os mitos revelam como a realidade passou a existir, possibilitando, dessa forma, que o homem possa explicar a existência das coisas.

Eliade Destaca que a principal função do mito é:

[...]‘fixar’ os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas: alimentação, sexualidade, trabalho, educação, etc. Comportando-se como ser humano plenamente responsável, o homem imita os gestos exemplares dos deuses, repete as ações deles, quer se trate de uma simples função fisiológica, como a alimentação, quer de uma atividade social, econômica, cultural, militar, etc. (1992, p. 87).

Para o autor, o homem religioso se reconhece como homem, quando imita os deuses, tendo seu modelo de humanidade no trans-humano. A história da condição humana, segundo

o autor, é conservada pelo mito, pois é nele que estão depositados os paradigmas e os princípios da conduta humana.

De acordo com ele, a natureza, para o homem religioso, também está carregada de sacralidade e o Céu seria um bom exemplo disso, isto porque, para a maioria das religiões, o Céu é a morada dos deuses, representando a imensidão divina. Em função da criação do Cosmos por parte de Deus, assim como do Céu, este passou a ser chamado de “Todo-Poderoso”, “Senhor”, “Criador”, “Pai”, etc.

Como se verá no capítulo 3, a estrutura conceitual organizada, através da metodologia adotada, situa o conceito PAI como centro prototípico do modelo proposicional radial que define a polissemia da categoria RELIGIÃO.

É interessante, diz o autor, como o homem religioso se afasta gradativamente do Deus supremo, criador. Na verdade, se afasta, pois entende que este Deus, cansando, se afasta e, em seu lugar, outros deuses acabam por se tornar mais acessíveis, sendo que o homem volta a recorrer a esse Deus supremo nos momentos de maior dificuldade tais como tempestades, secas, epidemias.

Partindo dessa afirmação de Eliade, supomos que seria esta a razão da devoção aos Santos como forma de chegar à Deus, e justificaria a preocupação e apego dos imigrantes italianos com a escolha do Santo Padroeiro de suas paróquias.

Eliade segue tratando do papel importante dos simbolismos nas questões religiosas e, dentre esses símbolos, destaca a Água que tanto pode representar a morte como o renascimento, podendo ser um elemento purificador e regenerador dos pecados.

A Água, para a Igreja, tem, no sacramento, a virtude de santificar, sempre que Deus for invocado sobre ela; ou seja, o Espírito Santo, quando invocado por seu intermédio, paira sobre ela santificando-a. Um exemplo da importância da água para os imigrantes católicos é o que se segue: *“Ao encerramento das procissões [...] a grande preocupação era a de ser*

atingido pela água benta que o sacerdote lançava sobre o povo nessas circunstâncias.”
(BATTISTEL, 1982, p. 56).

Com relação à Terra, Eliade define a relação mítica existente entre o homem e a Terra natal, por exemplo, como sendo “a experiência religiosa da autoctonia: as pessoas sentem-se *gente do lugar*.” (p. 118). Da mesma forma, esse homem busca, quando de sua morte, voltar à Terra-Mãe, ou seja, deseja ser enterrado em sua Terra natal.

Toda essa ligação com a Terra, de acordo com o autor, tem a ver com a importância que o mistério da Vida exerce sobre o homem religioso, uma vez que, para ele, a vida não se dá ao acaso, tem uma pré e uma pós-existência. Sendo assim, “a morte não é mais do que uma outra modalidade da existência humana.” (p. 123).

Conforme Eliade, para que se compreenda o homem religioso, não basta ao estudioso ter o conhecimento teológico e mitológico, é necessário ir além. É preciso que se leve em consideração o folclore dos povos, fonte que revela as crenças, os costumes, bem como o comportamento que assumem diante da vida e da morte. Um exemplo disso pode ser encontrado nas sociedades rurais européias que revelam, muitas vezes, um cristianismo influenciado por uma herança pré-cristã, o que não os torna menos cristãos, mas possibilita que se fale de um de um cristianismo a-histórico. É a sacralidade que desvenda as mais profundas estruturas do Mundo: “O único meio de compreender um universo mental alheio é situar-se *dentro dele*, no seu próprio centro, para alcançar, a partir daí, todos os valores que esse universo comanda.” (p. 135).

Em suma, o homem religioso acredita na eterna presença do sagrado, como realidade absoluta, independentemente do contexto histórico em que estiver inserido, e que a vida, da mesma maneira, por ter uma origem sagrada, atualiza de forma constante as potencialidades do homem, opondo-se, assim, ao homem a-religioso, que é aquele que aceita a relatividade da realidade como sendo ponto pacífico.

Reconhecendo que os estudos a respeito da religião são vastíssimos e, em função do que nos propomos a trabalhar nesta dissertação, obrigamo-nos a restringir nossas referências.

Para fornecer um panorama mais geral sobre o tratamento da questão da religião, percorre-se a obra *O homem quem é ele? Elementos da antropologia filosófica*, de Battista Mondin, que faz um percurso através de alguns dos nomes mais representativos dos estudos da religião. Encerramos pelo que poderia ser o começo, mas com uma breve – e superficial – recapitulação, amparada pela forma como Mondin revisita um conjunto de pensadores historicamente fundamentais, demonstramos nosso reconhecimento da ampla dimensão que o tema da religião representa na história da humanidade.

Para Mondin ([1977] 2003), que reitera o que os outros autores já mencionados reconhecem, a religião é uma manifestação essencialmente humana, visto que se faz presente somente no homem, ou seja, todas as civilizações do mundo, de qualquer nível cultural, experimentaram, ao longo de sua existência, alguma forma de religião. Acrescenta também que a religião marcou as melhores produções literárias e artísticas tanto nas civilizações antigas, quanto nas modernas.

O autor defende que estudos antropológicos de fenômenos religiosos podem fornecer dados relevantes para a compreensão da vida e da natureza humana. Nessa obra, Mondin tem por propósito examinar o homem sob diferentes aspectos, tais como a cultura, o trabalho, a corporeidade e a religião, entre outros. Entretanto, focaremos na questão do *Homem e a religião (Homo religiosus)*.

Nesse aspecto, o referido teólogo traça uma história das interpretações do fenômeno religioso, visto por filósofos, outros teólogos, historiadores, sociólogos e fenomenólogos. Em seguida, procura aprofundar teoricamente o problema para, finalmente, explorar as implicações da religião no que diz respeito à natureza do homem.

Ao analisar a questão da religião, pela ótica da crítica filosófica, Mondin salienta que alguns dos principais estudiosos na Antigüidade foram Platão, Aristóteles, Lucrecio e Plotino; na Idade Média, Avicenas, Maimônides, entre outros. Na época moderna, Giordano Bruno, Campanella, Spinoza, Hobbes e Locke, mas foi a partir de Hume e Kant que a questão da religião passou a interessar de forma decisiva a Filosofia.

Os filósofos modernos, a partir de então, se dividiram em duas linhas, uma que tentava provar que a religião não apresentava qualquer fundamento objetivo. Na verdade, para essa corrente, a religião nada mais era do que uma invenção do homem. Mondin destaca que, para Feuerbach, a religião era produto do medo; para Marx, resultado da prepotência; para Comte, devia-se ao medo; para Nietzsche, era produto do ressentimento; e para Freud, a sublimação dos instintos. A outra linha, ao contrário, defendia o valor objetivo da religião, baseada em uma relação do homem com a “realidade última”. Aqui, filósofos como Hegel, Croce, James, Bérghson, Scheler, entre outros, faziam uma crítica positiva e construtiva da religião como fenômeno.

De acordo com Mondin, Feuerbach afirmava o ateísmo, negando a realidade da religião. Para ele a realidade suprema é o homem e não Deus. Conforme esse autor, a religião teria sua origem em um processo hipostático, ou seja, nada mais seria do que uma projeção das qualidades positivas do homem em uma pessoa divina, fazendo disso uma realidade absoluta, suprindo, dessa maneira, suas próprias necessidades. Um exemplo disso poderia ser a figura de Deus como Pai. Dessa forma, o homem conseguiria atender sua carência de segurança, ao mesmo tempo em que teria a figura do ser perfeito que representaria aquilo que o homem gostaria de ser, mas que, na verdade, não o é. Seu objetivo, destaca Mondin, não seria falsear a religião, mas sim alertar o homem quanto a seu caráter ilusório.

Na seqüência de sua análise, Mondin acrescenta, nessa mesma linha ateísta, o pensamento de Marx. Sua crítica, segundo ele, era muito mais social do que filosófica ou

metafísica. Sua busca pela sociedade ideal, ou seja, por uma sociedade sem classes, baseava-se na ruptura com as estruturas sociais vigentes; logo, a religião era umas das estruturas a serem combatidas. A religião era, para Marx, o “ópio do povo”, fator alienante do povo. Segundo Mondin, a crítica marxista à religião só vai ecoar no século vinte, porque nesse momento o filósofo defensor do ateísmo mais aceito foi Comte, considerado o pai do positivismo.

Para Comte, o homem seria produto da evolução da matéria e teria sido com seu aparecimento que a história teria início. Essa história teria se organizado em três fases principais e serviria para explicar as coisas. Na primeira fase, religiosa, o homem buscava explicar os fenômenos naturais de forma mítica. Na segunda fase, metafísica, a explicação dos fenômenos advinha de princípios recônditos. Por fim, na terceira fase, a científica, o homem elaborava explicações racionais das coisas com base nas leis naturais que independem de Deus ou de princípios metafísicos.

Nietzsche, considerado outro expoente da crítica religiosa por Mondin, entende a religião como sendo uma criação do homem, mas, ao contrário de Marx, entende a religião como uma criação dos fracos para frear a potência dos poderosos. Tal afirmação seria confirmada por ele no cristianismo, uma vez que para essa religião os fracos é que seriam recompensados.

Outro crítico da religião citado por Mondin é Freud, para quem fora do homem e do mundo não existe nenhum outro ser. Freud, “pai da psicanálise”, atribuía o fenômeno religioso a um processo de sublimação de luta entre membros de um mesmo clã doméstico. Sendo assim, Deus seria resultado da projeção da idéia de Pai fora da psique, logo a religião derivaria do complexo de Édipo.

Mas as críticas à religião não ficaram restritas a esses estudiosos. Existencialistas e neopositivistas também a criticaram. Alguns de seus principais críticos, destaca Mondin, são Heidegger e Sartre.

Na contramão dos críticos relacionados pelo autor, havia uma corrente que via a religião como elemento positivo, entendendo-a como manifestação própria do espírito humano. Dentre os autores mais representativos dessa linha, Mondin cita Kierkegaard para quem a religião não pode ser restringida a um momento lógico do pensamento, conforme pregava a concepção hegeliana, uma vez que a religião pertence à esfera da vida, da existência. Para ele, o homem não atinge o estágio religioso pela intuição, como afirmava Hegel, mas pela fé.

Para Kierkegaard, no momento em que o homem toma consciência da imensa diferença que o separa de Deus, este se prostra diante dele em sinal de adoração. Apesar da relevância de seus estudos, outros autores, ligados ao espiritualismo do início do século vinte obtiveram maior sucesso em suas afirmações, dentre eles Bérson, Blondel, James e Scheler.

Bérson, de acordo com Mondin, dedicou-se ao estudo do misticismo grego, cristão, oriental e ao profetismo hebraico, e é a partir desses estudos que chega à existência de Deus. Para ele, espírito e matéria, corpo e alma, razão e intuição são indissociáveis, revelando-se aspectos complementares de uma mesma realidade.

Para Blondel, a verdadeira filosofia não pode prescindir da religião, ou melhor, do cristianismo, pois que considera a filosofia cristã como sendo a verdadeira filosofia. Blondel entende que somente o cristianismo pode fornecer uma solução plausível para as três maiores preocupação dos filósofos que são: o ser, o conhecer e o agir.

Seguindo seu intento de percorrer alguns dos principais estudiosos da religião, Mondin chega a James, defensor do valor e do significado da experiência religiosa. Este acredita na possibilidade de transformar a religião em um sistema de proposições científicas. Para ele, o

fundamento da religião está na fé, expressa pela oração, conversações com o invisível, visões, etc. Reconhece que para que haja uma religião é necessária a fé em um Deus cujos atributos estão relacionados à experiência humana, não que isto baste a uma teologia racional.

Mondin chega, então, a Max Scheler que faz uma crítica ao que chama de principal erro do positivismo, que é ter desconsiderado a tendência religiosa do ser humano, mas sua crítica vai além. Scheler critica também a teoria positivista que pregava ter a religião nascido de um processo evolutivo indo, por exemplo, do fetichismo ao animismo, do politeísmo ao monoteísmo. Para Scheler, não se pode fundar a verdade da religião fazendo uso de critérios extra-religiosos, mas sim na própria essência da religião. Sendo assim, a fundamentação da religião está na manifestação de Deus, manifestação essa que pode se dar por meio dos homens religiosos, que representariam a figura de um santo originário, que, por sua vez, representariam a figura de Cristo.

Mas também os teólogos se dividiram diante da religião, diz Mondin. Os teólogos católicos, defendendo o positivismo, entendiam a relação do homem com o seu criador como sendo um vínculo natural. Os protestantes, no entanto, adotaram uma posição crítica, vendo a religião como uma manifestação prejudicial à mente e ao coração do homem, revelando claramente sua soberba. Para alguns dos maiores expoentes da teologia protestante, Deus não pertence às faculdades humanas cognitivas, nem tão pouco à experiência humana, logo toda tentativa de especulação religiosa ou da religião é infundada e falsa.

Os fenômenos religiosos, de acordo com Mondin, passaram a ser considerados não apenas pelos filósofos, mas também pelos historiadores, fenomenólogos e sociólogos, todos fazendo uso de seus próprios métodos, na tentativa de compreender a natureza e origem da religião.

Entre os muitos historiadores da religião, Mondin, destaca o trabalho precursor de Tylor que acreditava poder aplicar o princípio da evolução para explicar a origem e

desenvolvimento das diferentes religiões. Tylor, segundo Mondin, acreditava que assim como nas questões biológicas, também na religião primeiro existiram as formas simples e imperfeitas para depois surgirem as mais complexas e perfeitas. Sendo assim, afirmava que a primeira forma religiosa praticada pelo homem teria sido a animista.

Dentre os muitos estudiosos apresentados por Mondin, destacamos dois com os quais trabalhamos mais detalhadamente que são Mircea Eliade e Émile Durkheim. Com referência a Eliade, Mondin ressalta ser ele “um dos mais autorizados estudiosos do fenômeno religioso em todos os seus múltiplos aspectos.” (p. 244). Com relação a Durkheim, afirma que ele fez “um importante estudo sociológico da religião.” (p. 245), tendo concluído que, como já vimos anteriormente, “a religião é projeção da experiência social.” (p. 245).

Feito seu percurso por variados autores de diferentes áreas da ciência, Mondin propõe uma definição de religião que é: “A religião é o conjunto de conhecimentos, de ações e de estruturas com que o homem exprime reconhecimento, dependência, veneração com relação ao Sagrado.” (p. 248). Sua definição contempla dois elementos: um é o sujeito, o outro é o objeto. O sujeito indicaria a posição que o homem assume quando se exprime religiosamente; no entanto, nem sempre as relações com o Sagrado indicariam uma atividade religiosa.

Para Mondin, “o aspecto subjetivo do fenômeno religioso é constituído pelo reconhecimento da realidade do Sagrado, pelo sentimento de total dependência a seu respeito e na atitude de veneração para com ele.” (p. 249).

Mondin conclui que, independentemente das divergências existentes entre os vários autores, todos concordam que o homem se apresenta todo o tempo como *Homo religiosus*. Além disso, para a maioria deles, o homem é naturalmente religioso, de fato e de direito. É considerado religioso de fato porque é carente de religião, assim como carece de linguagem, cultura, vontade, etc.; de direito, devido à sua condição de finitude, o que o leva,

naturalmente, ao encontro de um Ser superior, advindo daí a relação de oração, adoração e sacrifício que estabelece.

Complementando a questão da religião abordada até aqui, introduzimos na conclusão desse capítulo uma reflexão mais específica com relação à fé, esse sentimento que mobilizou toda uma cultura e que determinou a sobrevivência e a vitória do imigrante italiano e de seus descendentes.

A obra *Fé* de João Batista Libânio (2004) trata do tema por variados ângulos. Faz uma análise da fé humana, religiosa, teologal, cristã e eclesial.

Libânio inicia sua obra afirmando que o ser humano é um ser-fé, mas salienta que a questão da fé, antes de tudo, está ligada a questões históricas, culturais, de gênero e de idade.

O autor chama atenção para o fato de que o foco de sua obra é a fé e não a religião, apesar de ambas pertencerem ao mesmo universo semântico, por considerar que há diferenças entre esses conceitos. Vê a religião como um adjetivo da fé, ou seja, a fé religiosa é o que determinará realidades anteriores e posteriores à experiência religiosa.

Para Libânio, a fé é o “ato pelo qual nos entregamos numa atitude de confiança, a uma realidade ou a alguém” (p. 10), o que poderíamos assumir como sendo um conceito de fé.

Mas para que se possa penetrar um pouco mais na questão da fé, o autor apresenta uma análise etimológica de ‘crer’ que está, segundo ele, diretamente ligada ao ato de ter fé. “‘Crer’ vem do latim *credere*, constituído de *cor+dare* – dar o coração a alguém.” (p. 10). E neste gesto afetivo de entrega estaria o cerne da fé.

O autor lembra que há, ainda, os que vêm no termo ‘crer’ uma experiência econômica, algo como um ‘crédito’, em que existe a confiança de que o outro dará algo de valor a quem tem algum direito por venda compra ou empréstimo. Isso nos remete à *Teoria do Sistema da Metáfora Moral* de Lakoff e Johnson, questão que é abordada com maior profundidade na revisão teórica desse trabalho, objeto do capítulo 2.

O autor destaca que é sobre a fé humana, antropológica, que inicialmente discorre. O sagrado, o mistério nos seduz e atemoriza, e a ele nos entregamos em um gesto de acolhida e de resposta, o que manifesta, dessa forma, a **fé religiosa**. Mas se considerarmos que esse mistério é Deus, chegamos então à **fé teologal**, característica das religiões monoteístas: judaísmo, cristianismo e islamismo. De acordo com o autor:

O cristianismo assume a fé teologal e explicita-lhe o conteúdo, afirmando que o Deus único na sua natureza é tripessoal e que sabemos disso por causa da revelação de Jesus Cristo. Acolher tal revelação de Jesus é a característica da fé cristã (2004, p. 11).

Para os cristãos, fé **eclesial** é a fé vivida em comunidade, e acrescenta que se deve ter presente que é o uso que se faz do termo ‘fé’ o que lhe atribui significado.

Na seqüência de sua obra, analisa mais detalhadamente a **fé humana** e sustenta que a fé por si só é uma experiência humana, que se faz entre pessoas e que se prolonga para mistérios, coisas e religiões. Ou seja: “Crer é a condição de existir num convívio humano” (p. 12).

Destaca, ainda, que se adquire uma base psicológica sólida para a fé quando, em nossa primeira experiência humana, nos sentimos protegidos e acolhidos, o que nos poderia levar a pensar que quando estabelecemos uma relação de fé com Deus, estaríamos, na verdade, buscando uma relação de proteção e cuidado. Nesta dissertação, na abordagem do Sistema da Moralidade, a metáfora do PAI PROTETOR vai ao encontro dessa afirmação.

Libânio ressalta o fato de que, na **fé humana**, “os sinais de credibilidade dependem de culturas, idades, histórico-existenciais, etnias, de tal modo que ficamos entregues mais à capacidade intuitiva do que à verificação empírica.” (p. 14). Ainda de acordo com ele: “Numa relação constante com a cultura em que se vive, cada um constrói os sinais de credibilidade que opera nas relações humanas, confiando numas e não em outras. Essa fé humana nunca é definitiva.” (p. 15).

Diante desse quadro, fica claro que a verdadeira **fé humana** requer uma atitude de entrega e, em contrapartida, aquele em quem se crê deve provar a verdade de sua existência. Isso tudo revela que a fé é uma relação bilateral em que um lado se entrega e o outro aceita e, em sendo assim, a fé humana está em oposição à mentira, ao mito, à superstição.

Partindo para a questão da fé religiosa, o autor chama a atenção para o fato de que a fé religiosa se constrói sobre a base humana, pois sem a **fé humana** não haveria **fé religiosa**, visto que, para que isso ocorra, é necessário que se dê um salto do campo das relações humanas para o do mistério. Por ser mistério, não é verificável, está no mundo do mito, da fábula, da superstição, está em oposição direta ao cientificismo.

Religioso, divino, sagrado, numinoso e tabu são termos, de acordo com o autor, pertencentes ao mesmo conjunto semântico de mistério, e que nos levam à fé religiosa: “O termo ‘sagrado’, ou ‘sacro’, vem do latim: *sacrum*, *sacer*. Em geral, significa tudo aquilo – pessoa, objeto, tempo lugar, coisa – que nos permite ter a experiência do divino e vivenciar a fé religiosa.” (p. 23).

De acordo com Libânio, a fenomenologia da religião direciona-se à realidade numinosa, à fé religiosa, como uma experiência presente em todas as culturas, com exceção à cultura moderna. O termo numinoso vem do latim *numen* e exprime a vontade e poder divinos que acabam por criar nas pessoas, através do sagrado, sentimentos de inferioridade diante dessa realidade maior. Para explicar esse sentimento de inferioridade, Libânio busca a definição dada por Rudolf Otto a dois termos latinos paradoxais que exemplificam bem essa situação, são eles: *tremendum et fascinans*. *Tremendum* refere-se ao medo, pavor, temor diante do mistério, do numinoso. *Fascinans*, ao contrário, refere-se à atração, sedução fascinação que o religioso é capaz de produzir.

Segundo Libânio o termo ‘religioso’ carrega etimologicamente uma experiência dupla. Na primeira, ‘religião’, que vem de *re = ligare* – religar, relacionar, representa o lado

subjetivo do termo. Dessa forma, a mediação com o divino se dá, por exemplo, através dos ritos, cultos, lugares entre outros. Na segunda, que é atestada por Cícero, ‘religião’ teria sua origem em *re-legere*, que significa reler, considerar. Logo, ser religioso, nesse caso, é ter cuidado com as coisas relacionadas ao culto dos deuses. Este seria o lado objetivo da religião.

Assim, diz Libânio: “A fé religiosa implica, portanto, ligar-se com o mundo divino e cuidar das coisas do culto. Implica a bipolaridade de dois universos existenciais: o humano e o divino.” (p. 24).

A **fé religiosa**, segundo o autor, se evidencia entre o convívio familiar e o mundo divino por intermédio dos amigos de Deus. Interessante observar quando o autor diz que a **fé religiosa** busca “saciar a dimensão religiosa pessoal” (p. 26), e que a realidade cultural e social é que gera determinados níveis de angústia e depressão que acabam por levar à busca frenética de como responder a esta situação anímica. É aqui que a fé religiosa aparece como resposta que alivia e consola. Tal observação vem diretamente ao encontro do que se tem conhecimento por intermédio da literatura da imigração italiana.

Mais uma vez, o autor apresenta uma descrição que muito se assemelha às descrições feitas pelos autores pesquisados para a composição do *corpus* de análise quando diz que: “Os extremos da vida humana são sensíveis à fé religiosa: as crianças e os anciãos aproximam-se do mistério; no entanto a partir da adolescência e especialmente na idade adulta, facilmente as pessoas se afastam da dimensão religiosa da vida.” (p. 31). Finalizando, Libânio enfoca a **fé teologal**, fé que se dirige diretamente a um Deus pessoal e que tem na etimologia do termo teologal *théos*, que é Deus. A fé teologal, segundo ele, é a resposta a uma proposta de Deus, é um diálogo entre Deus (criador) e a criatura. Essa fé difere, por conseguinte, da fé religiosa, bem como da fé antropológica.

Outra questão abordada pelo autor é de especial interesse para nossa investigação. Trata-se da **fé cristã**. No Novo Testamento é possível verificar algumas das menções feitas à

fé trinitária. Dentre elas, cita a mais tradicionalmente utilizada nas celebrações católicas que é: “A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco” (Coríntios, 13:13).

Essa estrutura trinitária parte de uma especificidade cristã que é “a graça de Jesus Cristo” para, em seguida, citar o Pai e o Espírito Santo. Complementando, diz:

Na fórmula nicenoconstantinopolitana reza-se: *Credo in unum Deum, Patrem omnipotentem* (“Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso”). Aí a fé cristã comunga absolutamente com a fé judaica e islâmica. O credo continua afirmando: *et in unum Dominum et vivificantem* (“Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida”). Este é o cerne da fé cristã, que a distingue de toda outra crença (2004, p. 41).

O cristianismo, a partir disso, afirma a divindade de Jesus Cristo e do Espírito Santo, opondo-se ao monoteísmo unipessoal imposto pelo judaísmo. A fé cristã, que é teologal, entende Deus como Pai de Jesus e como doador do Espírito Santo, revelando-se, assim, uma fé teologal trinitária.

Cita que, a partir do Novo Testamento, o centro da questão passa a ser Jesus Cristo, pois seriam a partir de suas pregações, práticas e pessoa que melhor se compreenderia a Deus. Antes disso, a idéia que se fazia de Deus era especulativa e aplicava-se a Jesus Cristo tudo o que era dito a respeito de Deus.

Segundo Libânio, a fé cristã afirma-se como uma fé cristológica, uma vez que assume os mistérios que envolvem a figura de Jesus Cristo. Disso resultam suas maiores riquezas, o que lhe confere um caráter ético e histórico, ou seja, os traços da fé estão impregnados dos mistérios da vida de Jesus.

Jesus, quando prega o Reino de Deus, como Seu filho, revela uma experiência de filiação de Deus como seu pai e como pai de toda a humanidade. Um exemplo pode ser visto na parábola do Pai misericordioso (Lucas 15:11-32). A proximidade de Jesus com os pecadores e excluídos tinha por objetivo justamente confirmar os ensinamentos advindos de um Deus misericordioso.

Voltando um pouco à questão da **fé eclesial**, Libânio diz:

Os cristãos perceberam nos ensinamentos, na conduta e, sobretudo na ceia de despedida de Jesus e na experiência do Espírito no evento da ressurreição, a intenção e a vontade do próprio Jesus de que se constituíssem comunidades, igrejas locais em comunhão entre si (2004, p. 46-47).

É nas Igrejas que fica clara a maneira de viver a fé cristã, não que isso reverta em diferenças da fé cristã, mas, na verdade, serve como uma concretização para a compreensão da própria doutrina. Fica claro, nesse caso, a verdadeira dimensão comunitária da fé.

Os elementos que se destacam, por grau de importância são os seguintes: “a palavra, os ritos (sacramentais) e a organização” (p. 47). Por conta deles, as Igrejas serão divididas, criando suas diferentes tradições, o que produzirá conseqüências dogmáticas e práticas. A palavra corresponde à Sagrada Escritura que contém o Antigo e o Novo Testamento.

A **fé eclesial católica** considera a vivência dos sacramentos de iniciação e da Eucaristia com sendo seus elementos fundamentais. E a isso acrescenta: “O católico professa diante da comunidade sua fé ao receber os sacramentos, e estes pertencem à própria constituição da fé eclesial” (p. 49).

Levando em consideração a importância dos sacramentos, é pelo Batismo que a fé cristã é comprovada publicamente pela primeira vez. Atualmente, na adolescência, faz-se uma nova proclamação pública da fé, que é a Crisma. Este ato está associado ao fortalecimento da fé. Aliado a isso, surge o sacramento da penitência, que é aquele que reconcilia o homem pecador com a Igreja e com Deus. Contudo, o maior de todos os sacramentos é o da Eucaristia: “A Eucaristia faz a Igreja, a Igreja faz a Eucaristia” (p. 50). Esse é o momento máximo de celebração. Há também o sacramento do matrimônio e unção dos enfermos. A fé eclesial media a relação do homem com Deus, e isso se dá, entre outras coisas, através dos sacramentos, ritos, pessoas e templos. Mas nem sempre o homem acredita em tais mediações, pois tais mediações, por serem humanas, são ambíguas, o que resulta em dificuldade para a fé. Para superar essa dificuldade, o caminho teológico é indicado pelo próprio Jesus e, nesse caso, a autoridade da Igreja não deve representar o poder, mas sim o serviço.

Finalizando diz o autor: “A fé cristã implica de tal maneira o reconhecimento da revelação de Jesus Cristo, que sem aceitá-lo não se é cristão” (p. 56).

Neste capítulo, realizou-se uma revisão relevante de literatura relativa à questão da religião e da fé, tratando-se de forma, mesmo que panorâmica, dos elementos que definem, situam, e circunscrevem o fenômeno da religiosidade e da devoção, nos planos do sagrado e do profano, no universo biológico, social, cultural e histórico.

No próximo capítulo, trata-se da Semântica Cognitiva lakoffiana, campo de estudo da Linguística Cognitiva. Caracterizam-se seus fundamentos teórico-metodológicos, que servem de base para o tratamento da categoria RELIGIÃO.

2 SEMÂNTICA COGNITIVA: A TEORIA DOS MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS

Este capítulo objetiva abordar as questões teórico-metológicas que norteiam esta dissertação. As bases dessa investigação científica estão centradas na Semântica Cognitiva, que ainda é uma ciência jovem e em desenvolvimento, tendo sua origem atrelada ao surgimento da Lingüística Cognitiva.

Desde o seu surgimento, a Semântica Cognitiva defende uma semântica baseada na experiência, uma vez que entende a questão do significado como sendo algo naturalmente ligado ao processo de categorização humana.

Em nossa análise, o modelo de Semântica Cognitiva adotado é o proposto por Lakoff, o qual compreende a importância da relação do homem com o mundo e suas experiências como forma de produção de sentidos, os quais são expressos na linguagem. Para ele, a cognição experiencialista inclui experiências sociais, emocionais e sensório-motoras, ampliando seu sentido inicial.

Dessa forma, para que possamos compreender o mundo e agir nele, é necessário, segundo Lakoff e Johnson (1980), que categorizemos os objetos e as experiências, pois só dessa forma tais coisas adquirirão algum sentido para nós, e a isso acrescentam¹¹:

A categorização é uma forma natural de identificar um *tipo* de objeto ou de experiência iluminando certas propriedades, atenuando outras e até escondendo outras. Cada uma das dimensões indica as propriedades que são iluminadas. Para iluminar determinadas propriedades, desviamos nossa atenção de outras. Ao descrevermos fatos do dia-a-dia, por exemplo, usamos categorizações para pôr em

¹¹ As citações de trechos de obras em língua estrangeira serão apresentadas traduzidas e conforme o original em nota de rodapé.

evidência determinadas propriedades que correspondem às nossas intenções. Cada descrição irá iluminar, atenuar ou esconder [...] (p. 163)¹².

Dizem ainda que as dimensões naturais das categorias, tanto perceptuais, como funcionais, entre outras, são produtos da interação do homem com o mundo, uma vez que tais propriedades são baseadas, por exemplo, no aparato perceptual humano e nas concepções humanas de função. Sendo assim, afirmações tidas como verdadeiras em termos de categorias tipicamente humanas não necessariamente revelarão propriedades dos objetos em si mesmos, mas ao contrário, revelarão propriedades interacionais que farão sentido apenas ao agir do homem.

Ainda com relação às categorias, destacam que as categorias não são algo fixo e uniforme. São estruturas definidas por protótipos e semelhanças de família ligadas a protótipos que se modificam de acordo com o contexto e com os objetivos.

Lakoff (1987) sustenta que a capacidade de categorização humana só é possível via modelos cognitivos idealizados. Sendo assim, a concepção semântico-conceitual por ele proposta é oriunda de uma epistemologia experiencialista e nesse sentido afirma:

[...] os modelos cognitivos, em nosso sentido, não são representações internas da realidade externa. Não são por duas razões: primeiro, porque eles são entendidos em termos de corporalidade, não em termos de uma conexão direta com o mundo externo; e segundo, porque eles incluem aspectos imaginativos da cognição como a metáfora e a metonímia (p. 341)¹³.

Para Lakoff e Johnson (1999), o experiencialismo propicia que categorias mais complexas possam ser acessadas, independentemente do fato de não possuírem visibilidade dentro de um domínio físico. Sendo assim, o experiencialismo cognitivo teria suas bases

¹² “A categorization is a natural way of identifying a *kind* of object or experience by highlighting certain properties, downplaying others, and hiding still others, each of the dimensions gives the properties that are highlighted. To highlight certain properties is necessarily to downplay or hide others, which is what happens whenever we categorize something. Focusing on one set of properties shifts our attention away from others, When we given everyday descriptions, for example, we are using categorizations to focus on certain properties that fit our purposes [...]” (p. 163).

¹³ “[...] cognitive models in our sense are not *internal representations of external* reality. They are not for two reasons: first, because they are understood in terms of embodiment, not in terms of direct connection to the external world; and second, because they include imaginative aspects of cognition such as metaphor and metonymy.” (p. 341).

calcadas em duas fontes: (a) a experiência corporal e social do homem na natureza e (b) a capacidade inata do homem de projetar, por meio da razão, suas experiências.

Lakoff (1987) toma a experiência em um sentido amplo, algo que inclui não apenas as experiências reais ou potenciais dos indivíduos ou das comunidades, ou seja, a experiência é algo geneticamente adquirido, produzida através das experiências do próprio corpo no mundo, assim como de sua interação social com o meio em que está inserido.

Para essa teoria, existem alguns níveis de percepção constituídos por propriedades gestálticas, logo, conhecer o todo como sendo a realidade torna-se psicologicamente mais simples que conhecer suas partes.

É oportuno, neste momento, focar a questão da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCI) proposta por Lakoff.

Modelos cognitivos, segundo o autor, são construtos idealizados, uma vez que não necessitam se ajustar necessariamente ao mundo, sendo produtos da experiência do homem no mundo, determinados pelas suas necessidades, podendo, inclusive, serem construídos e entendidos de diferentes formas. São produtos da interação entre o aparato cognitivo humano e a realidade, essa que é mediada pela experiência. Um modelo cognitivo surge, por exemplo, das necessidades, valores, propósitos ou crenças. Por outro lado, acrescenta Lakoff, para uma mesma situação podem ser construídos diferentes modelos, podendo ser, inclusive, divergentes entre si. Assim, pode-se dizer que tais modelos são produtos exclusivos da atividade humana, das suas percepções tanto corpórea como sensoriais. Ainda com relação aos MCIs diz Feltes (2007):

Temos em mente que um modelo cognitivo é um construto que nos permite entender o modo como as experiências bio-psico-socioculturais são categorizadas e organizadas pelo aparato cognitivo humano, tornando-as, dessa forma, significativas para nós, e não são apenas modelos metafóricos e metonímicos que realizam essa tarefa (p. 11).

Com relação aos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), diz McCauley (1987) que esses nada mais são do que construções simplificadas das experiências do homem nos mais

variados domínios. Destaca ainda que se tratam de construções idealizadas, ou seja, dentre todos os traços que os compõem os mais representativos são selecionados. Acrescenta também que a superestrutura do conhecimento humano seria justamente a soma dos MCIs.

Para Feltes (2007), modelos cognitivos devem ser entendidos como modelos culturais, uma vez que as categorias geradas pelo sistema conceptual humano são, simultaneamente, culturais e cognitivas. Isso tudo visto que modelos culturais são esquematizações coletivas e não apenas estruturas internas ligadas apenas ao indivíduo. Apesar disso, não se deve desconsiderar que os esquemas individuais são elaborados a partir do que é percebido como normas ou formas culturais pelo indivíduo. Logo, tais esquemas são produtos de seus diferentes propósitos. Afirma, ainda, que “[...] a TMCI propicia uma certa recursividade operacional, na medida em que certos mecanismos estão constantemente atuando em algum nível da estrutura conceptual de um conceito ou entre conceitos.” (p. 40).

Por ocorrerem em uma situação concreta, os modelos culturais adaptam-se às situações em que se originam normalmente ligados a modelos de comunicação e interação social. Tal constatação reitera o potencial da investigação que ora se realiza, uma vez corroborar a relevância do material lingüístico em pesquisa qualitativa¹⁴ como forma de apreensão de modelos culturais específicos.

De acordo com Feltes (2007), a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCIs) é o núcleo teórico da Semântica Cognitiva experiencialista de Lakoff. Destaca também que para que se inicie o tratamento dos MCIs, deve-se partir da concepção de significado. Segundo Lakoff (1987): “O significado não é uma coisa; ele envolve o que é significativo para nós. Nada é significativo em si mesmo. A significatividade deriva da experiência da atuação como um ser de um certo tipo em uma ambiente de um certo tipo.” (p. 292)¹⁵.

¹⁴ A questão da pesquisa qualitativa é abordada no capítulo 3.

¹⁵ “Meaning is not a thing; it involves what is meaningful to us. Nothing is meaningful in itself. Meaningfulness derives from the experience of functioning as a being of a certain sort in an environment of a certain sort.” (p. 292).

Assim, de acordo com Feltes (2007), sintetizando o ponto de vista de Lakoff e Johnson:

A significatividade estrutura-se onde a experiência começa, e, assim, a significação lingüístico-conceitual só pode ser tratada em termos de MCIs. Essas estruturas cognitivas constituiriam domínios dentro dos quais os conceitos adquirem significação. Em outras palavras, os MCIs são utilizados para organizar diferentes domínios de experiências, para entender o mundo, para dele extrair sentido. (p. 127).

A Semântica Cognitiva de Lakoff é influenciada pela filosofia de Wittgenstein ([1945] 1987) para quem o significado das palavras reside na maneira como elas são usadas, ou seja, não há como determinar o que as palavras designam a não ser pelo modo como são usadas. Dessa forma, o significado é o processo, a construção e o produto da atividade lingüística humana efetivada nas práticas sociais de uma cultura. Lakoff, concordando com Wittgenstein, afirma que não é possível abordar adequadamente a linguagem humana quando desvinculada das práticas lingüísticas e do modo de funcionamento do homem no mundo, logo¹⁶:

A língua é entre as atividades cognitivas humanas a mais característica. Para compreender como os seres humanos em geral a caracterizam, deve-se compreender a categorização humana no caso especial da língua materna. (1987, p. 113)¹⁷.

Importa para essa análise quando Lakoff (1987) afirma que: “Cada modelo cognitivo (ou MCI) é uma estrutura complexa constituída de símbolos (p. 284)”¹⁸. Tais MCIs utilizariam, assim, quatro tipos de princípios estruturadores que são: estruturas de imagem-esquemática; estruturas proposicionais; mapeamentos metafóricos e mapeamentos metonímicos. Esses mapeamentos, segundo o autor, darão origem a cinco tipos de modelos cognitivos: de esquema de imagens; proposicionais; metonímicos, metafóricos e simbólicos.

2.1 MODELOS COGNITIVOS DE ESQUEMAS DE IMAGENS

¹⁶ As citações de trechos de obras em língua estrangeira serão apresentadas conforme o original e traduzidas em nota de rodapé.

¹⁷ “Language is among the most characteristic of human cognitive activities. To understand how human beings categorize in general, one must at least understand human categorization in the special case of natural language.” (p. 113).

¹⁸ “Each cognitive model (or ICM) is a structure consisting of symbols.” (p. 284).

Alguns dos esquemas de imagem propostos por Lakoff (1987) estão presentes na estrutura de RELIGIÃO, tais como **CONTAINER**, **PARTE-TODO**, **CENTRO-PERIFERIA**, **ORIGEM-PERCURSO-META** e **LIGAÇÃO**. A hipótese principal é de que o esquema de **LIGAÇÃO** melhor represente esse conceito, uma vez que tal esquema prevê que os esquemas estruturais envolvidos (o homem e Deus) são duas entidades que, por constantes e renovadas conexões (os RITUAIS), matêm-se ligadas. Logo:

RELIGIÃO É AMOR

AMOR É LIGAÇÃO/PROXIMIDADE

ESQUEMA CONTAINER

Nesse caso, há uma fronteira que diferencia um INTERIOR de um EXTERIOR. Um exemplo desse esquema é nosso corpo, que é experienciado como um recipiente, a partir do qual outras experiências passam a ser estruturadas cognitivamente da mesma forma. Seus elementos estruturais são: INTERIOR-FRONTEIRA-EXTERIOR, contudo, assim como uma estrutura gestáltica, o conceito INTERIOR só fará sentido quando configurado pelo esquema de imagem CONTAINER como um todo. Como exemplo disso, o autor cita o conceito FAMÍLIA: *‘Foi bom que ele saísse de nossa família.’*

ESQUEMA PARTE-TODO

Esse esquema, segundo o autor, apresenta uma lógica mais complexa, pois se trata de um esquema assimétrico e irreflexivo. Além disso, o todo só existe se existirem as partes, o que não significa que as partes não possam continuar existindo mesmo que não façam parte do todo. As partes só constituirão o todo quando existirem em uma configuração. Assim, esse esquema tem como elementos estruturais TODO-PARTES-CONFIGURAÇÃO. Essa noção de PARTE-TODO advém de nossa experiência corporal em que nos reconhecemos como todos com partes, portanto, trata-se de uma percepção de nível básico. Alguns conceitos citados por

Lakoff como sendo estruturados com base nesse esquema são: FAMÍLIA, CASAMENTO e SOCIEDADE.

ESQUEMA CENTRO-PERIFERIA

Segundo Lakoff (1987), as experiências de nosso corpo se dão em termos do esquema CENTRO-PERIFERIA, dessa forma, o que está no centro é considerado como sendo mais importante, e o que está na periferia, como algo dependente desse centro, logo, o CENTRO não é dependente da PERIFERIA, no entanto, a PERIFERIA depende do CENTRO.

ESQUEMA ORIGEM-PERCURSO-META

Outro esquema tratado pelo autor, que também tem demonstrado ter ligação com a categoria RELIGIÃO, trata-se do esquema ORIGEM-PERCURSO-META, desde que se entenda RELIGIÃO como tendo um ponto de partida, a fé, o contínuo envolvimento do fiel através da prática dos rituais, até chegar a seu destino (meta/objetivo) que é o encontro com Deus, a vida eterna.

Tal esquema, de acordo com o autor, converge perfeitamente com eventos complexos, pois, segundo afirma, ter um propósito é passar de um ponto inicial para um ponto final. Assim, chegar ao destino representa alcançar tal propósito não significando que, ao longo do percurso, não possam surgir impedimentos ou até mesmo que haja desistência de se atingir determinada meta.

Com base nos esquemas de imagens propostos por Lakoff, pode-se inferir que sendo o conceito de RELIGIÃO um conceito abstrato, este seja produto de um conjunto de fatores, tais como: culturais, contextuais, bem como sociais e econômicos, ou seja, sua interpretação será resultado da maneira como for experienciado.

Dentro do esquema ORIGEM-PERCURSO-META pode-se destacar, no *corpus* de análise, o seguinte exemplo: “[...] *Quanto mais se repetiam as orações, mais santo se ficava.*”

(BATTISTEL, 1981, p. 58). A partir do recorte apresentado, é possível identificar que a FÉ, implícita no discurso, representa a ORIGEM; as orações, o PERCURSO, e ficar santo, a META.

ESQUEMA DE LIGAÇÃO

Quanto ao esquema de LIGAÇÃO, um exemplo bastante elucidador pode ser o seguinte: “[...] *Catequese e vida eram uma coisa só.*” (BATTISTEL, 1981, p. 63). Esse recorte revela CATEQUESE como elemento de ligação entre a VIDA e a VERDADE, que nesse caso está metonimicamente pela FÉ.

Deve-se ter clareza que o conceito de RELIGIÃO é constantemente atualizado ao longo do tempo, em função do desenvolvimento da cultura em que está inserido. Dependendo das condições culturais, sociais, econômicas, entre outras, tal conceito se adequará às necessidades da comunidade. Portanto, é importante ter sempre em mente o período em que se está fazendo tal análise. RELIGIÃO, nesse caso, está mediada pelas necessidades e realidade da época. A influência que sofre da cultura é projetada através de metáforas conceituais, assim como de metonímias, esse, que a nosso ver, parece ser o modelo mais produtivo, uma vez que o modelo RITUAIS tem se destacado como o modelo mais representativo da categoria.

Em sendo RELIGIÃO um conceito ligado às emoções, sua estrutura é construída em termos de metáforas literais como RELIGIÃO É AMOR, RELIGIÃO É TEMOR.

2.2 MODELOS COGNITIVOS PROPOSICIONAIS

Esses modelos têm por característica uma aparência objetivista, não dependentes da experiência humana. Não fazem uso de mecanismos imaginativos, tais como metáfora, metonímia ou imagens mentais. Possuem uma ontologia que é representada pelo todo dos

elementos utilizados no MCI sendo que esses elementos podem ser tanto conceitos de nível básico, assim como, entidades, ações, estados, propriedades, etc., podendo ser caracterizados, ainda, por outros tipos de modelos cognitivos. Além disso, têm uma estrutura definida em termos de esquemas de imagens.

Os cinco modelos cognitivos proposicionais apresentados por Lakoff são os seguintes:

Proposição simples

De acordo com Lakoff (1987), uma proposição simples consiste de uma ontologia do tipo argumento-predicado. Faz uso do esquema PARTE-TODO, sendo os argumentos e o predicado correspondentes às PARTES e a proposição, ao TODO. Nas relações semânticas utiliza o esquema LIGAÇÃO entre os argumentos, atuando sobre categorias de relações do tipo AGENTE, PACIENTE, INSTRUMENTO, LOCAL, etc. Quando adicionados, mecanismos do tipo modificação, quantificação, complementação, conjunção, negação, entre outros, formam proposições complexas.

Frame e script

A partir dos estudos de Fillmore (1982), *frames* podem ser entendidos, dentro do domínio da Lingüística, como estruturas que representam conceitos, dessa forma, emolduram vários conhecimentos relativos a um dado conceito. Assim, *frames* evidenciam uma cena ou uma situação abstrata, fazendo uso, algumas vezes, de palavras para facilitar a compreensão. Sendo assim, palavras e expressões, ao serem utilizadas, trazem à tona, a partir da memória de longo prazo, *frames* que serão conduzidos, por exemplo, à memória operacional, atuando como estruturas que, partindo da experiência, se manterão em contínuo processo de construção.

Os modelos cognitivos idealizados, propostos por Lakoff, guardam semelhanças com a noção de *frame* de Fillmore, isso porque tais modelos seriam estruturas composicionais proposicionais que agiriam na organização, culturalmente mediada, dos segmentos da realidade. Assim, poder-se-ia dizer que a maneira como determinados itens lexicais são utilizados e compreendidos adviriam exatamente de *frames*. Para Lakoff e Johnson (1999), *frames* atuam como um dispositivo de inferências.

A ontologia do modelo *script* consiste de “um estado inicial, uma seqüência de eventos e um estado final.” (p. 285).¹⁹ Utiliza o esquema de imagens ORIGEM-PERCURSO-META, quando relativo a um domínio temporal e do esquema PARTE-TODO, quando cada momento do cenário representa uma de suas partes. As relações entre pessoas, propriedades, coisas, assim como as proposições, são estabelecidas pelo esquema LIGAÇÃO.

No caso do conceito RELIGIÃO, há um cenário estruturado que possibilita que o fiel, por meio de um *script*, atinja seu objetivo que é alcançar a vida eterna ao lado de Deus. Nesse caso, tem-se uma pré-condição que possibilita que se tenha acesso à religião que são os RITUAIS. O meio pelo qual se chega a Deus é a IGREJA/CAPELA, local onde normalmente são realizados os RITUAIS cristãos. No centro de tudo está a oração, que é o veículo utilizado para chegar ao objetivo proposto. Isso significa que, para praticar as verdades da fé, há um cenário pré-estabelecido, bem como a realização de RITUAIS previamente organizados em forma de *script*. Isso ocorre no momento da missa, no batizado, na crisma, na reza do terço, enfim em todos os RITUAIS propostos pela Igreja Católica estão previstos *scripts* a serem seguidos.

Um *script* diz respeito a uma rotina específica, logo se trata de uma cadeia de inferência pré-organizada em termos sociais e culturais.

Segundo Schank e Abelson (1977), quanto mais as pessoas experienciam algo no passado, e esse algo é codificado na forma de um *script*, mais facilmente o compreenderão, uma vez que tal evento permanecerá em sua memória de longo prazo.

¹⁹ “[...] an initial state, a sequence of events, and a final state.” (p. 285).

Estrutura de feixe de traços

Segundo Lakoff, esse modelo se caracteriza por ser uma coleção de propriedades, sendo as propriedades sua ontologia. Estrutura-se pelos esquemas CONTAINER e PARTE-TODO. Categorias clássicas, segundo o autor, podem ser representadas por esse modelo. Diz ainda que um traço é um símbolo que está pela propriedade, e que um feixe de traços é um conjunto de propriedades a partir de um conjunto não estruturado de tais traços.

Taxonomia

São modelos que tem “uma estrutura hierárquica de categorias clássicas” (p. 287)²⁰, sendo cada uma dessas estruturas determinadas pelos nossos propósitos. Sua ontologia se constitui por categorias. No nível das categorias, é estruturado em termos de esquemas de imagens do tipo CONTAINER, já no nível da hierarquia estruturam-se em termos dos esquemas PARTE-TODO e PARA CIMA-PARA BAIXO não havendo, nesse caso, sobreposições entre os níveis mais altos com suas partes em níveis mais baixos.

Categoria radial

Dentro da teoria proposta por Lakoff, que é a norteadora deste trabalho, a categoria radial é o tipo de MCI proposicional, dentro os cinco por ele propostos (proposição simples, cenário ou *script*, feixe de traços, taxonomia e categoria radial), que melhor representa a complexidade estrutural da categoria RELIGIÃO. Com relação a uma categoria radial, Lakoff (1987) afirma ser aquela onde “[...] há um caso central e variações convencionalizadas que não podem ser previsíveis por regras gerais” (p. 84)²¹. Acrescenta ainda que as categorias

²⁰ “[...] a hierarchical structure of classical categories.” (p. 287).

²¹ “[...] there is a central case and conventionalizes variations on it which cannot be predicted by general rules” (p. 84).

radiais caracterizam “[...] relações entre subcategorias e permitem extensões de categorias, o que é uma importante função racional (p. 145)”²² e nesse sentido diz:

Como outras categorias, uma categoria radial é representada estruturalmente como um recipiente e suas subcategorias são recipientes dentro dela. O que as distingue é que estão estruturadas pelo esquema CENTRO-PERIFERIA. Uma subcategoria é o centro; as outras subcategorias estão ligadas ao centro por vários tipos de ligações. As categorias não-centrais podem ser subcentros, isto é, podem ter estruturas adicionais do centro-periferia impostas nelas (1987, p. 287).²³

Lakoff conclui, metodologicamente, a partir dos comportamentos dos modelos cognitivos culturais que:

(a) As categorias estruturadas radialmente podem ter diferentes representações. Nesse caso as subcategorias, bem como as categorias não centrais devem ser representadas, uma vez que não há nada que preveja os casos não centrais a partir dos centrais.

(b) Torna-se necessária uma teoria da motivação.

(c) Torna-se necessária uma teoria dos possíveis tipos de ligação entre subcategorias centrais e não centrais.

(d) Torna-se necessária uma teoria experiencialista do pensamento significativo, da razão e dos modelos cognitivos idealizados a fim de que possam tratar de forma apropriada essas ligações.

De acordo com Lakoff, para que se estruture uma categoria radial é necessário, entre outras coisas, detectar o caso mais central para que sirva como modelo cognitivo. Há, ainda, que se caracterizar as possíveis ligações entre as subcategorias mais e menos centrais por meio de modelos metafóricos, metonímicos, etc. Na presente análise, o caso mais central é DEUS, tendo como centro prototípico PAI, isso acontece uma vez PAI pertencer a um domínio mais concreto da experiência do homem.

²² “[...] relationships among subcategories and permit category extension, which is an extremely important rational function. (p. 145)”.

²³ “Like other categories, a radial category is represented structurally as a container, and its subcategories are containers inside it. What distinguishes it is that it is structured by the CENTER-PERIPHERY schema. One subcategory is the center; the other subcategories are linked to the center by various types of links. Noncentral categories may be ‘subcenters’, that is, they may have further center-periphery structures imposed on them.” (p. 287).

A investigação aqui estabelecida tem especial interesse na análise do modelo proposicional radial da categoria RELIGIÃO e, em função disso, vale destacar o que diz Feltes (2007) a esse respeito:

[...] os modelos proposicionais radiais são pouco explorados nas análises em semântica cognitiva, e tais modelos são, em nosso ponto de vista, a base estrutural para a realização de várias formas de análises semânticas, como aquelas afetas à metáfora e à metonímia, fenômenos que têm recebido grande atenção nestas últimas duas décadas (p. 87).

Dentre as características mais importantes das estruturas radiais destacadas por Lakoff está o fato de demonstrarem que algumas experiências básicas podem existir apenas nos domínios específicos de uma cultura, além disso, em uma categoria, há membros mais centrais que outros.

No que diz respeito aos modelos cognitivos propostos, são apresentados, a seguir, os dois modelos cognitivamente mais produtivos: o modelo metonímico e o metafórico.

2.3 MODELOS COGNITIVOS METONÍMICOS

Para Lakoff e Johnson (1980), as bases para a metonímia estão na experiência adquirida com objetos físicos, assim, os conceitos metonímicos surgem da correlação entre duas entidades físicas como, por exemplo, PARTE PELO TODO, OBJETO PELO USUÁRIO, ou também entre uma entidade física e algo conceptualizado metaforicamente como sendo uma entidade física, tal como LUGAR PELO EVENTO, INSTITUIÇÃO PELA PESSOA RESPONSÁVEL.

De acordo com Lakoff (1987), a metonímia é uma das características básicas da cognição. Trata-se de um modelo extremamente comum, pois as pessoas tendem a representar um aspecto de algo em termos de alguma outra coisa. No caso dessa investigação, tem-se, como exemplo, PADRE ESTÁ POR DEUS, O SINO ABRE AS PORTAS DO CEÚ.

Lakoff levanta algumas das características do modelo metonímico:

(1) Há um conceito alvo **A** a ser compreendido para alguma finalidade em algum contexto.

(2) Há uma estrutura conceptual que contém **A** e um outro conceito **B**.

(3) **B** é parte de **A** ou está associado a ele nessa estrutura conceitual. Uma escolha de **B** determinará **A** dentro dessa estrutura conceptual.

(4) Comparado a **A**, **B** é ou mais fácil de compreender, ou mais fácil de recordar, ou mais fácil de reconhecer, ou mais útil para a finalidade a que se destina em um dado contexto.

(5) Um modelo metonímico é um modelo de como **A** e **B** estão relacionados em uma estrutura conceptual; o relacionamento é especificado por uma função de **B** ou **A**.

Destaca ainda que, quando um modelo metonímico convencional existe como parte de um sistema conceptual, **B** poderá estar metonimicamente por **A** e, se **A** for uma categoria o resultado será um modelo metonímico da categoria e, nesse caso, os efeitos prototípicos emergirão.

De acordo com o que propomos em nossa estrutural radial hipotética, PAI destaca-se como modelo prototípico. Dessa forma, para PAI converge uma série de modelos proposicionais, entre eles os modelos PAI GENITOR, PAI PROTETOR e PAI AUTORIDADE. Para esses modelos de PAI há o que Lakoff chama de reconhecimento social, uma vez que cada um desses modelos pode ser tomado, em algum momento, pela categoria como um todo. Acrescenta, também, que os estereótipos sociais, geralmente utilizados, são caracterizados pelas expectativas culturais.

Além dos estereótipos sociais, Lakoff refere ainda outras seis fontes metonímicas de efeitos prototípicos que são:

Exemplos típicos

Nesse caso, o uso metonímico que se faz é, em geral, automático e inconsciente, não representando expectativas culturais, sendo, portanto, mais estável. Segundo Lakoff, a grande quantidade de conhecimentos que possuímos conduz a efeitos prototípicos, havendo, contudo, assimetria entre os casos mais e menos típicos. Assim, “o conhecimento sobre casos típicos é generalizado para casos não típicos, mas não o contrário.” (1987, p. 87)²⁴.

Ideais

De acordo com o autor, boa parte do conhecimento está estruturado em termos de ideais abstratos. Esse modelo é utilizado quando são feitos planos para o futuro e julgamentos de qualidade. Nesse caso, há, também, uma relação assimétrica, ou seja, “o caso ideal tem todas as boas qualidades que os casos não ideais têm, mas os casos não ideais não têm todas as boas qualidades dos casos ideais.”²⁵ (1987, p. 87).

Padrões

Segundo Lakoff, esses são considerados como modelos de conduta, a partir dos quais guiamos nossas ações, visto que a maioria de nossas ações é guiada por paradigmas. Constantemente, adquirimos conhecimento via paradigmas e regularmente embasamos nossas ações nesses conhecimentos.

Submodelos

De acordo com o autor, um outro caminho para que se compreenda uma categoria é via submodelos, a partir do que é tomado um ponto de referência cognitivo a fim de se

²⁴ “Knowledge about typical cases is generalized to nontypical cases, but not conversely.” (1987, p. 87).

²⁵ “Ideals are assumed to have all the good qualities that nonideal cases have, but nonideal cases are not assumed to have all the good qualities of ideal cases.” (1987, p. 87).

estabelecer aproximações, bem como estimar tamanhos. Lakoff utiliza a força do número dez como forma de compreender o tamanho relativo dos números.

Exemplares salientes

Nesse caso, um exemplo mais saliente de acontecimento, atitude, atividade, etc. serve de modelo metonímico de determinada categoria. Entretanto, modelos cognitivos podem relacionar, em nossas mentes, eventos não demonstrados no mundo externo. Como exemplo, Lakoff cita terremotos ocorridos na Califórnia que são entendidos como exemplos salientes de desastres naturais. Assim, quando as pessoas querem referir à categoria de desastres naturais, fazem uso desse exemplo como sendo o mais representativo, tomando-o pela categoria TERREMOTO.

2.4 MODELOS COGNITIVOS METAFÓRICOS

No que diz respeito à metáfora, Lakoff e Johnson (1980) afirmam que as metáforas utilizadas na linguagem cotidiana influenciam nossas vidas, logo, as metáforas não devem ser entendidas apenas como figuras de linguagem e persuasão, mas sim como figuras de pensamento. Acrescentam também que o conceito de metáfora pode ser compreendido como experienciar algo em termos de outra coisa. Acreditam que a metáfora é essencialmente conceptual fazendo parte do sistema do pensamento e da linguagem e, com base nisso, sustentam que:

[...] Sob o ponto de vista experiencialista, nosso sistema conceptual emerge de nosso agir constante e bem-sucedido em nosso ambiente físico e cultural. Nossas categorias de experiência e as dimensões a partir das quais são construídas não apenas emergem de nossa experiência, mas estão sendo constantemente testadas por meio do agir contínuo e bem-sucedido de todos os membros de nossa cultura. Isso nos oferece os elementos de uma *teoria pragmática*.” (1980, p. 180).²⁶

²⁶ “On the experientialist view, our conceptual system emerges from our constant successful functioning in our physical and cultural environment. Our categories of experience and the dimensions out of which they are constructed not only have emerged from our experience but are constantly being tested through ongoing successful functioning by all the members of our culture. This gives us elements of a *pragmatic theory*.” (p. 180).

Levando em consideração o enfoque experiencialista proposto pelos autores, a construção da metáfora se daria pela união da razão à imaginação, ao que chamaram de racionalidade imaginativa.

Portanto, por um mapeamento metafórico, ou seja, a partir de um domínio da experiência, domínio-fonte, no caso dessa investigação, FAMÍLIA, se pode chegar à compreensão de um domínio diferente, domínio-alvo, que é RELIGIÃO. Há entre esses domínios correlações ontológicas nas quais entidades do domínio FAMÍLIA encontram correspondentes no domínio RELIGIÃO, contudo, a eficiência de tais relações dependerá da cultura em que ocorrerem.

De acordo com os autores, os conceitos abstratos geralmente são metafóricos, dessa forma, as metáforas seriam, entre outras coisas, um aparato cognitivo capaz de influir na maneira de pensar, falar e agir do homem. Tais conceitos, assim como os ligados às emoções, devem ser compreendidos, primeiramente de forma indireta, via metáfora.

Dessa forma, afirmam que: “Para compreender o mundo e agir nele, temos de categorizar os objetos e as experiências de forma que passem a fazer sentido para nós.” (p. 162)²⁷.

Para Lakoff e Johnson (1980), “a maior parte do nosso sistema conceptual é metafóricamente estruturado, isto é, os conceitos, na sua maioria, são parcialmente compreendidos em termos de outros conceitos.”²⁸.

Com relação às metáforas conceituais, Lakoff (1980) estabelece três tipos distintos. O primeiro tipo são as Metáforas Orientacionais. Essas metáforas estruturam os conceitos de

²⁷ “In order to understand the world and function in it, we have to categorize, in ways that make sense to us, the things and experiences that we encounter.” (p. 162).

²⁸ “[...] that most of our normal conceptual system is metaphorically structured; that is, most concepts are partially understood in terms of other concepts.” (p. 56).

forma linear como, por exemplo, MAIS É PARA CIMA, MENOS É PARA BAIXO. Um exemplo dado pelo autor é o seguinte: “Estou me sentindo *para cima*.”²⁹. Logo:

FELIZ É PARA CIMA; TRISTE É PARA BAIXO

SAÚDE E VIDA É PARA CIMA; DOENÇA E MORTE É PARA BAIXO

BOM É PARA CIMA; MAU É PARA BAIXO

O segundo tipo são as Metáforas Ontológicas. Esse é o caso em que características de substância ou entidade são projetadas sobre algo que não apresenta tais características de forma inerente. Como exemplo, Lakoff e Johnson apresentam³⁰:

MENTE É UMA MÁQUINA

Como no caso de: ‘*A minha mente simplesmente não está **funcionando** hoje.*’³¹

O terceiro tipo apresentado pelos autores é o das Metáforas Estruturais. Nesse caso, uma experiência ou atividade é experienciada em termos de um outro tipo de atividade ou experiência. Tais metáforas, de acordo com o autor, são chamadas também de Metáforas Literais, uma vez que, na maioria das vezes, são metáforas que ocorrem no cotidiano de forma automática e convencional. Como exemplo desse caso, cita³²:

TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES

Como no caso de: ‘*Ele construiu uma teoria.*’³³

Para Lakoff (1987), a produtividade de uma metáfora conceitual é medida pelo número de acarretamentos metafóricos que é capaz de produzir a partir das correlações que estabelece com um domínio-fonte.

Para fins da análise que empreendemos é importante destacar quando Lakoff afirma que: “Suposições, valores e atitudes culturais não são conceitos que acrescentamos à experiência. Seria mais correto dizer que toda a nossa experiência é totalmente cultural e que

²⁹ “*I’m feeling up*”. (1980, p. 15)

³⁰ “MIND IS A MACHINE”

³¹ “*My mind just isn’t operating today.*” (1980, p. 27).

³² “THEORIES ARE BUILDINGS”

³³ He has constructed a theory. (1980, p. 52).

experienciamos o ‘mundo’ de tal maneira que nossa cultura já está presente na experiência em si.” (p. 57)³⁴. A isso acrescenta que grande parte do nosso sistema conceptual é metaforicamente estruturado, o que significa dizer que boa parte dos nossos conceitos são compreendidos em termos de outros conceitos.

Kövecses (2005) esboça, de forma preliminar, a teoria que propõe para operar com a questão da universalidade e variação da metáfora e que o fez entender a Linguística Cognitiva com a vê hoje. Nela, a metáfora é vista como sendo constituída por uma variedade de aspectos, componentes ou partes que interagem entre si. Esses componentes, segundo ele, são os seguintes:

(1) Domínio-fonte; (2) Domínio-alvo: A metáfora consiste de um domínio-fonte e um domínio-alvo, sendo a fonte um domínio mais físico e o alvo um tipo de domínio mais abstrato. Exemplo: “AFEIÇÃO É CALOR”³⁵ (p. 6).

(3) Bases experienciais: A escolha de uma fonte em especial para seguir um alvo específico é motivada por uma base experiencial, isto é, por alguma experiência corpórea. Exemplo: “O movimento é um tipo de evento.”³⁶ (p. 6).

(4) Estruturas neurais no cérebro correspondentes a (1) e (2): Experiências corpóreas resultam de certas conexões neurais entre áreas do cérebro, áreas essas que correspondem a fonte e alvo. Um exemplo potencial seria: “Quando a área do cérebro correspondente à afeição é ativada, a área correspondente ao calor é também ativada.”³⁷ (p. 6).

³⁴ “Cultural assumptions, values, and attitudes are not a conceptual overlay which we may or may not place upon experience as we choose. It would be more correct to say that all experience our “world” in such a way that our culture is already present in the very experience itself.” (p. 57).

³⁵ “AFFECTION IS WARMTH” (2005, p. 6).

³⁶ “[...] motion is a type of event.” (2005, p. 6).

³⁷ “When the area of the brain corresponding to affection is activated, the area corresponding to warmth is also activated.” (p. 6).

(5) Relações entre a fonte e o alvo: Nesse caso, o relacionamento da fonte e do alvo é tal que um domínio da fonte pode se aplicar a diversos alvos e um alvo pode se unir a diversas fontes. Exemplo: O domínio VIAGEM aplica-se tanto a VIDA como a AMOR.³⁸ (p. 6).

(6) Expressões lingüísticas metafóricas: A união de domínios fonte e alvo geram expressões lingüísticas metafóricas; tais expressões lingüísticas derivam da conexão entre dois domínios conceptuais. Exemplo disso: DIFICULDADES SÃO OBSTÁCULOS³⁹ (p. 6).

(7) Mapeamentos: São correspondências conceptuais básicas e essenciais ou mapeamentos, entre os domínios fonte e alvo. Exemplo: “Metáfora conceptual: O AMOR É UMA JORNADA, que tem por mapeamentos⁴⁰ (p. 6):

Viajantes→ amantes

Veículo→ relação amorosa

Destino→ o propósito do relacionamento

Distância coberta→ progresso feito no relacionamento

Obstáculos ao longo do caminho→ dificuldades encontradas no relacionamento

(8) Acarretamentos: Os domínios-fonte traçam, freqüentemente, idéias para o domínio-alvo que vão além das correspondências básicas. Estes mapeamentos adicionais são chamados de acarretamentos ou inferências. Exemplo de mapeamento: “Se amor é conceptualizado como uma jornada, bem como veículo correspondente para o relacionamento, então, nosso conhecimento sobre veículo pode ser usado para compreender relacionamentos amorosos. Se o veículo quebra, temos três escolhas: (1) saímos e tentamos alcançar nosso objetivo por outros meios; (2) tentamos consertar o veículo; ou (3) permanecemos no veículo e não fazemos nada. De modo correspondente, se um

³⁸ “The JOURNEY domain applies to both LIFE and LOVE [...]” (p. 6).

³⁹ “DIFFICULTIES ARE OBSTACLES.” (p. 6).

⁴⁰ “LOVE IS A JOURNEY” Mappings: travelers→lovers; vehicle→love relationship; destination→purpose of the relationship; distance covered→progress made in the relationship; obstacles along the way→difficulties encountered in the relationship.” (p. 6).

relacionamento falhar nós podemos: (1) deixar o relacionamento; (2) tentar consertá-lo; ou (3) permanecer na relação e sofreremos com ela.”⁴¹ (p. 7).

(9) Mesclas: A junção de um domínio-fonte a um domínio-alvo resulta, em geral, em mesclas, ou seja, materiais conceptuais novos tanto no que diz respeito ao domínio-fonte como ao domínio-alvo. Exemplo: “Estava tão furioso que saía fumaça de suas orelhas.”⁴² Nesse exemplo, tem-se por domínio-alvo *pessoa irritada* e *fumaça* como domínio-fonte. Esse exemplo integra conceptualmente os dois domínios dando origem a uma mesclagem.

(10) Realizações não-lingüísticas: As metáforas conceituais são, frequentemente, materializadas ou realizadas de maneira não-lingüística, ou seja, são materializadas não somente na língua e em pensamentos, mas também na prática e realizações físico-sociais. Exemplo: “IMPORTANTE É CENTRAL”⁴³ (p. 7). A partir dessa idéia, pode-se, por exemplo, dizer que, em reuniões e em vários outros eventos sociais importantes, pessoas com posição social superior tendem a ocupar espaços físicos mais centrais do que pessoas menos importantes.

(11) Modelos Culturais: Metáforas conceituais podem produzir e convergir para modelos culturais, modelos esses que operam no pensamento. São estruturas, simultaneamente, culturais e cognitivas, advindo daí o termo modelo cultural ou cognitivo, que são, na verdade, representações culturalmente específicas de aspectos do mundo. Exemplo: Compreendemos o tempo como uma entidade móvel, isto é, nosso modelo cultural de tempo é baseado/criado a partir da metáfora conceitual “TEMPO É UMA ENTIDADE MÓVEL”⁴⁴ (p. 8).

⁴¹ “If love is conceptualized as a journey and the vehicle corresponds to the relationship, then our knowledge about the vehicle can be used to understand love relationship. If the vehicle breaks down, we have three choices: (1) we get out and try to reach our destination by some other means; (2) we try to fix the vehicle; or (3) we stay in the vehicle and do nothing. Correspondingly, if a love relationship does not work, we can (1) leave the relationship; (2) try to make it work; or (3) stay in it (and suffer).” (p. 7).

⁴² “He was so mad, smoke was coming out of his ears.” (p. 7).

⁴³ “IMPORTANT IS CENTRAL” (p. 7).

⁴⁴ “TIME IS A MOVING ENTITY” (p. 8).

2.5 TEORIA PROTOTÍPICA

A Teoria Prototípica de Rosch é parte constitutiva da Semântica Cognitiva lakoffiana, conforme as palavras do autor:

Foi Eleanor Rosch quem primeiro forneceu uma perspectiva geral sobre todos esses problemas relativos aos fenômenos de categorização. Ela desenvolveu o que veio a ser chamado de a teoria dos protótipos e categorias de nível básico, ou teoria prototípica. Ao fazer isso, ela estabeleceu uma total oposição à teoria clássica e mais do que ninguém firmou a categorização como um subcampo da psicologia cognitiva. (1987, p. 39)⁴⁵.

Contudo, Lakoff (1987) demonstra preocupação com a possibilidade de essa teoria ser vista como voltada apenas para a identificação e descrição de membros mais prototípicos de uma categoria, analisando tão somente a proximidade ou não desses protótipos em relação ao modelo considerado mais representativo. Defende que, uma vez já ter sido reconhecido o valor teórico dos estudos empreendidos nesse sentido, é necessário que se vá além, buscando, de forma mais detalhada, identificar quais são as fontes de tais efeitos prototípicos. A seu entender, as fontes dos fenômenos prototípicos seriam os MCIs, oriundos da cognição humana.

Em suma, os efeitos prototípicos seriam subprodutos de estruturas cognitivas complexas, resultado do modo como as experiências e o conhecimento do homem estão organizados na mente.

A categoria RELIGIÃO, analisada no âmbito da Semântica Cognitiva, assume, através dos estudos de Rosch, que os membros das categorias apresentam assimetrias, e o caso mais representativo da categoria seria o protótipo ideal. Sendo assim, o significado nuclear de uma categoria estará circundado por diferentes membros similares – semelhanças de família. Logo, os melhores modelos de uma categoria poderão servir de ancoragem para os outros membros.

⁴⁵ “It was Eleanor Rosch who first provided a general perspective on all these problems. She developed what has since come to be called “the theory of prototypes and basic-level categories,” or “prototype theory”. In doing so, she provided a full-scale challenge to the classical theory and did more than anyone else to establish categorization as a subfield of cognitive psychology” (p.39).

Ainda de acordo com Rosch, o protótipo seria, então, um efeito dos modelos cognitivos culturais que orientam a categorização humana.

Para Lakoff, o conhecimento está organizado em termos de modelos cognitivos idealizados que resultam em efeitos prototípicos, ou seja, esses modelos é que seriam a fonte dos efeitos prototípicos. Assim sendo, como dissemos anteriormente, a Teoria Prototípica está na base da Semântica Cognitiva de Lakoff, mais exatamente, na Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados. Logo, para ele: “A teoria dos protótipos, como envolvimento, está mudando nossa idéia da mais fundamental das capacidades humanas – a capacidade de categorizar – e com ela, nossa idéia de como é a razão e a mente humana.” (1987, p. 7).⁴⁶

Com relação às categorias, Mervis e Rosch (1981) afirmam que uma categoria existirá sempre que dois ou mais objetos, ou eventos diferenciáveis, forem tratados como equivalentes, ao que Lakoff (1987) acrescenta:

Mudar o conceito de uma categoria é mudar não somente nosso conceito de mente, mas também nossa compreensão de mundo. As categorias são categorias de coisas. Desde que nós compreendemos o mundo não somente nos termos das coisas individuais, mas também em termos de categorias de coisas, tendemos a atribuir uma existência real a essas categorias (p. 9).⁴⁷

Rosch (1973, 1975a, 1975b) procura provar que as categorias possuem instâncias de caráter especial. Comprovou ainda, com suas pesquisas, que a maioria das categorias possui uma estrutura interna estruturada e sujeita às restrições impostas pelo ambiente. Para Rosch (1973), “as categorias são compostas de um significado nuclear que consiste dos casos mais claros (melhores exemplos) da categoria, circundados por outros membros de similaridade decrescente ao significado nuclear.” (p. 112).⁴⁸

⁴⁶ “Prototype theory, as it is involving, is changing our idea of the most fundamental of human capacities – the capacity to categorize – and with it, our idea of what the human mind and human reason are” (p. 7).

⁴⁷

“To change the very concept of a category is to change not only our concept of the mind, but also our understanding of the world. Categories are categories of things. Since we understand the world not only in terms of individual things but also in terms of categories of things, we tend to attribute a real existence to those categories” (p. 9).

⁴⁸ “[...] categories are composed of a ‘core meaning’ which consists of the ‘clearest cases’ (best examples) of the category, ‘surrounded’ by other category members of decreasing similarity to that core meaning” (p. 112).

Geeraerts (1989), assim como Rosch, nega a abordagem clássica da categorização e, nesse sentido, ressalta que as exigências comunicativas e cognitivas da comunidade lingüística é que determinam a categorização e não apenas o estado de coisas das ciências. Para ele, a Teoria Prototípica vem funcionando como uma das principais bases da Lingüística Cognitiva.

2.6 SISTEMA DA METÁFORA MORAL

Outra teoria que contribui para a corroboração de nossa hipótese da radialidade de RELIGIÃO é o *Sistema da Metáfora Moral* proposto por Lakoff e Johnson (1999, p. 290-334).

Segundo os autores, uma vez que a maioria da compreensão moral do homem advém de metáforas e que tais metáforas são aplicadas a diversos domínios da experiência dever-se-ia ter o máximo cuidado ao compartimentalizar a ética, e complementam:

Os mapeamentos metafóricos através de domínios sugerem a intrincada rede de conexões que impõe nossas idéias morais sobre outros aspectos de nossas vidas, incluindo considerações que são técnicas, científicas, políticas, estéticas, religiosas e sociais (1999, p. 333).

Destacam que é importante ter sempre em mente o papel que a moralidade metafórica desempenha em nossas decisões morais, contudo, é igualmente importante que não nos descuidemos quando o nosso sistema moral penetra de forma oculta em áreas significativas de nossa cultura, como é o caso da religião.

Os autores defendem que a Semântica Cognitiva é capaz de subsidiar de forma eficaz uma análise sobre o que são os conceitos morais e qual é a sua lógica e a isso acrescentam:

[...] virtualmente todos nossos conceitos morais abstratos – justiça, direitos, empatia, proteção, força, retidão e assim por diante – são definidos por metáforas. Isto porque não há sistema moral que não seja metafórico. Entendemos nossa experiência através dessas metáforas conceituais, raciocinamos de acordo com sua lógica metafórica e fazemos julgamentos baseados nessas metáforas. Isso é o que queremos dizer quando dizemos a moralidade é metafórica (1999, p. 325).⁴⁹

⁴⁹ “[...] virtually all of our abstract moral concepts – justice, rights, empathy, nurturance, strength, uprightness, and so forth – are defined by metaphors. That is why there is no ethical system that is nor metaphorical. We understand our experience via these conceptual metaphors, we reason according to their metaphorical logic, and we make judgments on the basis of the metaphors. This is what we mean when we say that morality is metaphoric.” (p. 325).

Quanto à universalidade dos conceitos morais, dizem que é uma questão ainda a ser investigada, mas, ao que parece, tais conceitos tendem a ter uma certa estabilidade transcultural em um dado período de tempo. Além de não serem absolutos, os conceitos morais não são impostos, nem tão pouco arbitrários. Assim sendo, “qualquer visão de moralidade que envolve princípios morais absolutos definidos por conceitos literais não pode ser realístico cognitivamente para os seres humanos, cujas categorias morais muitas vezes envolvem estrutura radial, metáfora conceptual e metonímia.” (p. 326).⁵⁰

Os domínios-fonte dessas metáforas teriam sua origem, de acordo com os autores, na maneira como as pessoas, de acordo com a história através das culturas, as entendem como possibilidade de bem-estar. Assim, as teorias populares básicas de bem-estar determinam a base do sistema das metáforas morais em todo o mundo.

Tal sistema, segundo Lakoff e Johnson não é monolítico, pois é estruturado na noção de BEM-ESTAR, o que não lhe garante consistência. Dessa forma, a opção pela metáfora BEM-ESTAR É PROSPERIDADE ou BEM-ESTAR É SAÚDE dependerá basicamente da estrutura imposta pelos sistemas morais reconhecidos na família, bem como de nossos propósitos, interesses e contexto de ocorrência.

Para os autores, o cuidado e a proteção são elementos essenciais para o desenvolvimento do ser humano, gerando, a partir disso, uma ética da empatia e do cuidado. Partindo desse pressuposto, a FORÇA nos conduz à obtenção de nossos objetivos; logo a FORÇA MORAL nos habilita a combater o mal. Como exemplo disso, destacamos, a partir de nosso *corpus* de análise, o seguinte excerto: “[...] *depois de ter feito do trabalho e da virtude o objetivo de tua vida, toda a tua aspiração, longe das farras do vício e da corrupção [...]*” (BAREA, 1995, p. 14).

⁵⁰ “[...] any view of morality that involves absolute moral principles defined by literal concepts cannot be cognitively realistic for human beings, whose moral categories often involve radial structure, conceptual metaphor, and metonymy.” (p. 326).

Nesse caso, o homem procura manter uma postura moral equilibrada, demonstrando forças para superar o mal, caminhando, dessa forma, rumo ao BEM-ESTAR almejado, logo SER BOM É ESTAR EQUILIBRADO, RETIDÃO DE CONDUTA É BEM-ESTAR.

De acordo com Lakoff e Johnson, o domínio-fonte, nesse caso, está baseado em aspectos simples do cotidiano tais como: força, equilíbrio, saúde, prosperidade, entre outros. Dentre os achados mais representativos dos autores e que sofreram alguns ajustes, citamos aqueles que colaboram mais diretamente para com nosso trabalho.

Iniciamos pela metáfora da **CONTABILIDADE MORAL**. Para essa metáfora: (a) aumentar o bem-estar de outros é, metaforicamente, aumentar nossa prosperidade e vice-versa; (b) aumentar o bem-estar de outros dá-nos um crédito moral; e (c) causar um dano a alguém cria um débito moral: deve-se a ele um aumento de bem-estar como prosperidade. Como exemplo disso, apresentamos o seguinte recorte do *corpus* de análise: “[...] os capitéis. construídos por esta ou aquela família para pagar uma promessa, agradecer alguma graça. ou para pedir proteção”. (BATTISTEL, 1981, p.26).

Levando-se em consideração o contexto da época, o maior objetivo do imigrante era obter bem-estar para ele e para toda sua família. Diante desse quadro, as orações representavam a possibilidade de pagar os débitos para com Deus, ao mesmo tempo em que asseguravam algum tipo de crédito, pois, de acordo com o esquema moral básico da reciprocidade, se você faz algo de bom para alguém, esse alguém ficará lhe devendo algo. Há, nesse caso, uma ação moral, uma vez que é dado algo positivo, as ORAÇÕES. Dessa forma:

MAIS ORAÇÃO É MAIS BEM-ESTAR [Metáfora da Contabilidade Moral]

MAIS ORAÇÕES É MAIS SANTO [Esquema moral da reciprocidade]

Para Lakoff e Johnson, a metáfora da **CONTABILIDADE MORAL** tem como domínio-fonte **TRANSAÇÃO FINANCEIRA**, ou seja, possui sua própria moralidade: é moral pagar dívidas; é imoral não pagá-las.

Além disso, BEM ESTAR É PROSPERIDADE, logo o aumento de bem-estar representa um ganho, enquanto sua diminuição representa uma perda ou custo.

Dentre os **esquemas morais básicos** apresentados pelos autores, o esquema da **reciprocidade** e o da **retribuição** serão por nós abordados, uma vez serem os que melhor se aplicam à categoria RELIGIÃO.

No que diz respeito ao esquema de **reciprocidade**, esse está baseado em ações morais em que dar algo de valor é positivo, enquanto o contrário é uma ação imoral. Logo: Se fazem algo de bom para mim, fico em **débito**, mas se faço algo igualmente bom a quem me fez o bem, **pago de volta** e ficamos **quites**.

No esquema moral da **retribuição**, a contabilidade é feita por uma autoridade legitimada. No caso específico dessa pesquisa, Deus é a autoridade legitimada que tem o poder de julgar, condenando ou absolvendo os pecadores. A título de exemplo, vejamos o seguinte fragmento: “[...] *Entregai esse negócio a Deus que é Juiz dos vivos e dos mortos e não lhe faltarão meios para humilhar o soberbo e levantar o humilde*” (BRANDALISE, 1985, p. 46).

Outra metáfora de grande produtividade na análise da categoria RELIGIÃO é a metáfora da FORÇA MORAL. Trata-se de uma metáfora complexa que exige, entre outras coisas, força para que se mantenha uma postura moral equilibrada o que acarreta, metaforicamente, SER BOM É ESTAR EQUILIBRADO; capacidade para superar as forças do mal que podem levar à perda de controle, levando à queda (perda de equilíbrio). A fraqueza moral é entendida como uma forma de imoralidade, já que a pessoa fraca realiza atos imorais, aderindo, dessa forma, às chamadas forças do mal.

Existem, de acordo com Lakoff e Johnson, duas formas de força moral, uma ligada ao mal externo e outra ligada ao mal interno. Quando o mal é externo, a força moral que surge é a **coragem**. Essa força representa a superação do medo. Para o mal interno, a força que emana

é a da **força de vontade**, que é aquela que resiste às tentações mundanas (raiva, luxúria, desejo).

Para a metáfora da **FORÇA MORAL**

SER CRISTÃO É SER BOM

SER PECADOR É SER MAU

FORÇA PARA RESISTIR É VIRTUDE MORAL

Disso, surgem os seguintes acarretamentos:

Para permanecer bom em face do mal se deve ser moralmente forte.

Alguém que é moralmente fraco não enfrenta o mal e, eventualmente, comete maldades.

A AUTORIDADE MORAL também surge como uma rica fonte metafórica para a análise de RELIGIÃO. Segundo os autores, é dos princípios morais da família que surge o paternalismo. Dentro desse tipo de metáfora surgem duas versões de autoridade. A primeira é a Autoridade Legitimada, ou seja, o respeito é merecido, produto do agir cuidadoso, responsável e moral por parte dos pais. A segunda versão diz respeito à Autoridade Absoluta. Nela, a autoridade está baseada na obrigação moral, por parte das crianças, de obedecer e respeitar seus pais, unicamente pelo fato de serem seus pais.

UMA FIGURA DE AUTORIDADE É DEUS

UM AGENTE MORAL É O FIEL

MORAL É OBEDIÊNCIA

De acordo com os autores, surge, ainda, a metáfora da ORDEM MORAL, que é baseada na TEORIA POPULAR DA ORDEM NATURAL. Na perspectiva da ORDEM MORAL, o maior e mais forte tende a dominar o mais fraco. Como base nisso:

DEUS TEM AUTORIDADE MORAL SOBRE OS HOMENS

O PADRE TEM AUTORIDADE MORAL SOBRE OS HOMENS

O HOMEM TEM AUTORIDADE MORAL SOBRE A NATUREZA

A ESSÊNCIA MORAL, afirmam os autores, é a metáfora segundo a qual os vícios e as virtudes nascem com as pessoas e a soma de ambos resulta no caráter. Sendo assim, o caráter de uma pessoa poderá ser medido pelos seus atos. Ao mesmo tempo, sabendo-se o caráter de uma pessoa pode-se prever como agirá. Surge, também, a metáfora da PUREZA MORAL. Nesse caso emerge uma relação entre “pureza” e “limpeza” do que resulta a metáfora PUREZA É LIMPEZA, assim, tem-se a metáfora derivada MORALIDADE É LIMPEZA. Segundo Lakoff e Johnson, “no domínio da moral, a pureza adquire um valor positivo – permanecer *puro* é uma coisa boa e desejável, enquanto ser *impuro* (por exemplo, ter pensamentos impuros) é visto como sendo mau” (p. 307).⁵¹

Da relação existente entre a metáfora da PUREZA MORAL e a metáfora da ESSÊNCIA MORAL surge a questão da reabilitação moral, que significa a possibilidade de limpar o ato de alguém restaurando a pureza da vontade. É oportuno, para nosso estudo, o que Lakoff e Johnson nos lembram: “A doutrina do pecado original é a visão de que a essência moral humana é inerentemente corrompida e impura e que as pessoas, portanto, agirão imoralmente quando deixadas a seu próprio controle” (p. 308)⁵².

Os autores finalizam a teoria do *Sistema da Metáfora Moral* com a metáfora do CUIDADO (PROTEÇÃO) MORAL. Tal metáfora exige empatia, ou seja, é necessário que se saibam quais são as necessidades dos outros para que se possa cuidá-los. Lakoff e Johnson tomam como parâmetro a relação das crianças com seus pais. Nesse caso, as crianças têm direito à proteção, enquanto os pais têm o dever de provê-las e cuidá-las. Em decorrência dessa noção de cuidado/proteção, a noção de moralidade, calcada na família, é transferida para a sociedade por meio do seguinte mapeamento:

CUIDADO DA FAMÍLIA É CUIDADO MORAL

⁵¹ ‘However, in the moral realm purity takes on a positive value – remaining *pure* is a good and desirable thing, while being *impure* (e.g., having impure thoughts) is seen as being bad.’ (p. 307).

⁵² ‘The doctrine of original sin is the view that the human moral essence is inherently tainted and impure, and that people will therefore act immorally when left to their own devices.’ (p. 308).

FAMÍLIA É COMUNIDADE

PAIS PROTETORES SÃO AGENTES MORAIS

CRIANÇAS SÃO PESSOAS QUE PRECISAM DE AJUDA

ATOS PROTETORES SÃO AÇÕES MORAIS

Para os autores, são várias as metáforas para moralidade, as quais se fazem presente nas mais diversas culturas, contudo, consideram como principal hipótese que se tratam de “modelos de família que ordenam as metáforas para moralidade numa perspectiva ética relativamente coerente, por meio das quais vivemos nossas vidas.” (p. 313).⁵³

No intuito de corroborar tal hipótese, passam a investigar dois modelos de família que dão origem a orientações morais variadas, são eles: A MORALIDADE DA FAMÍLIA DO PAI SEVERO e A MORALIDADE DOS PAIS PROTETORES.

Com relação à MORALIDADE DA FAMÍLIA DO PAI SEVERO, afirmam que esta está baseada no modelo nuclear de família, segundo o qual o pai é o provedor e autoridade moral máxima, a quem cabe o poder de estabelecer as regras e governar a família. Por conseguinte, os demais membros da família devem acatar e obedecer tais regras. As regras, de maneira geral, são impostas através de punições e recompensas. Já o papel da mãe, nesse modelo, é o de cuidar dos filhos e da casa, aceitando e respeitando a autoridade do pai. Assim, as metáforas mais representativas desse modelo são: AUTORIDADE MORAL, FORÇA MORAL e ORDEM MORAL ficando submetidas a elas as metáforas da EMPATIA MORAL e da PROTEÇÃO MORAL.

Na MORALIDADE DOS PAIS PROTETORES, respeito e obediência são adquiridos não pela punição e pelo medo, mas, ao contrário, são adquiridos pelo amor.

Exemplos desses dois modelos são freqüentes no discurso da época (de 1875 à década de 1950) como se pode ver a seguir:

Exemplo da MORALIDADE DOS PAIS PROTETORES:

⁵³ “[...] it is models of family that order our metaphors for morality into relatively coherent ethical perspectives by which we live our lives.” (p. 313).

“Mesmo os filhos, nascidos no Brasil, partilhavam da angústia paterna – como algo herdado com o sangue – e quando o sacerdote, o religioso, o missionário estivesse em seu meio, eles se sentiam tranqüilos e felizes. [...] Deus parecia mais próximo e bem mais benigno. [...]” (ZAGONEL, 1975, p. 66-67).

Exemplo da MORALIDADE DA FAMÍLIA DO PAI SEVERO:

“[...] O sacerdote gozava da mais alta consideração e suas palavras tinham, em geral, a persuasão da lei. [...]” (MANFROI, 1975, p. 157).

O sacerdote é, para o católico, o representante de Deus e, sendo PAI o modelo prototípico de Deus, fica evidente a questão da autoridade imposta e aceita pelos fiéis, o que confirma a teoria da MORALIDADE DA FAMÍLIA DO PAI SEVERO. A título de exemplo:

“[...] Além do mais, a fé simples e ingênua colocava o colono diante do sinal litúrgico como algo assim convencionado pelo próprio Deus e, por isso, intocável e imutável.” (ZAGONEL, 1975, p. 57).

O respeito a DEUS-PAI advém, segundo Lakoff e Johnson, das experiências do homem em família, ou seja, metaforicamente, os pais exercem AUTORIDADE MORAL sobre os filhos, significando que o PAI manda, e os FILHOS obedecem, sem que haja qualquer tipo de questionamento sobre o que é imposto.

Lakoff e Johnson (1999) trabalham ainda com a metáfora da FAMÍLIA DO HOMEM, tal metáfora teria dois modelos distintos para a moralidade humana: um que é baseado em alguma concepção de família, e outro que é baseado na moralidade da família. Ao pensar a moralidade em geral, a partir do conceito de FAMÍLIA, surge, segundo os autores, um mapeamento metafórico que leva a inferir que toda a humanidade é uma grande família, a família dos homens. Em consequência disso, o que se espera pela moral da obrigação é que todas as pessoas se tratem da mesma forma como tratariam os membros de sua família. Na relação entre as estruturas da moralidade humana e família se chega a:

FAMÍLIA É A HUMANIDADE

CADA CRIANÇA É CADA SER HUMANO

OUTRAS CRIANÇAS SÃO TODOS OS SERES HUMANOS

RELAÇÕES MORAIS DA FAMÍLIA SÃO RELAÇÕES MORAIS UNIVERSAIS

AUTORIDADE MORAL DA FAMÍLIA É AUTORIDADE MORAL UNIVERSAL

MORALIDADE DA FAMÍLIA É MORALIDADE UNIVERSAL

PROTEÇÃO DA FAMÍLIA É PROTEÇÃO MORAL UNIVERSAL

Dentre os candidatos a pai na *Família do Homem*, sugeridos pelos autores, aparece DEUS COMO PAI, que representa, na maioria das religiões, a figura de DEUS-PAI, o SER detentor do poder responsável pela ordem moral. De acordo com Lakoff e Johnson, a MORALIDADE DO PAI SEVERO fundamenta a tradição moral ocidental, pois a criação do mundo e a ordem moral que o rege advêm desse DEUS TODO PODEROSO, cabendo aos homens o dever de aprender e praticar as leis por ele impostas. Para isso, deve-se desenvolver a força moral como forma de enfrentar o MAL existente no mundo. A relevância em manter tal postura está no fato de que no dia do Juízo Final todos serão condenados ou absolvidos de acordo com seus atos morais.

Quanto a DEUS COMO PAI PROTETOR, os autores admitem ser o caso mais prototípico, intensificando a metáfora de DEUS COMO AMOR. Aqui, se revela um Deus amoroso e repleto de compaixão que não exige uma moralidade da obediência às suas leis.

Como último candidato à moral dos PAIS surge a sociedade como um todo, e esta passa a ser concebida como FAMÍLIA. Dessa forma, as normas sociais são estabelecidas a partir das NORMAS DA FAMÍLIA estando tudo isso ligado à metáfora do PAI SEVERO.

Dentre as teorias morais apresentadas por Lakoff e Johnson (1999), a teoria da ÉTICA CRISTÃ e a teoria da ÉTICA RACIONALISTA são, a nosso ver, as que melhor se ajustam ao estudo ora empreendido. Na ÉTICA CRISTÃ, Jesus é a manifestação maior do amor de Deus pelos homens, sacrificando, inclusive, sua vida em prol desse amor à humanidade. Nesse caso, fica clara a metáfora DEUS É AMOR, comprovando que o centro da moralidade está em desenvolver a *pureza de coração*, propiciando o surgimento de atos de amor mútuos. No que diz respeito à ÉTICA RACIONALISTA, esta aceita como verdadeira a moralidade do PAI SEVERO, isto porque há o entendimento de que as leis e o julgamento são produtos da

racionalidade, logo a ela cabe o poder de comando, tanto para ditar as ordens, assim como para sentenciar.

2.7 POLISSEMIA

Com relação à polissemia, que é outro aspecto importante dessa análise, Lakoff (1987) a descreve como um fenômeno passível de ser descrito também em termos de MCIs simbólicos, ou seja, o significado de cada item lexical é representado como um elemento em um modelo cognitivo ou, como ele próprio diz: “[...] um único modelo cognitivo idealizado pode ser a base sobre a qual uma coleção de sentidos formam uma categoria natural única expressa por um único item lexical.” (p. 417)⁵⁴.

Estudos com relação à polissemia remontam a Aristóteles, que, aliás, foi um grande crítico da polissemia. Entretanto, para Bréal (1992), quanto mais significados uma palavra acumula, tanto mais atividade intelectual e social representa. Já para Ullmann (1964), a polissemia surge como um fator de economia e flexibilidade da língua evitando que nossa mente seja sobrecarregada. Destaca, ainda, que quanto mais se usa uma palavra, mais significados ela adquire.

A existência de múltiplos e relacionados significados para uma forma simples sempre foi problemática para que se descrevesse a estrutura do significado. Contudo, quando isto passou a ser visto a partir da perspectiva cognitiva, a polissemia emergiu como fenômeno natural, consequência da habilidade humana de pensar flexivelmente. Em sua essência, a polissemia é um efeito de relevância da habilidade humana, na medida em que seleciona uma interpretação que maximize a informação útil, minimizando o custo de processamento.

Para Deane (1988) há muitas razões para se acreditar que a existência e as propriedades da polissemia surjam diretamente das características da cognição humana, mas

⁵⁴ “[...] single idealized cognitive model can be the basis on which a collection of senses forms a single natural category expressed by a single lexical item.” (p. 417).

ênfatiza que há três problemas para acessar adequadamente a teoria da polissemia que são: seleção de sentido, parentesco semântico e identidade da categoria.

O problema da seleção de sentido é intrínseco à ambigüidade lexical. Na interpretação usual, baseada na distinção entre conhecimento lingüístico e enciclopédico, em um conjunto fixo de significados convencionais, é considerado que a interpretação mais apropriada seja selecionada. Dessa forma, a seleção de sentido reflete claramente a flexibilidade do pensamento humano.

Com relação ao parentesco semântico, Deane (1988) afirma que a polissemia é distinta da homonímia. Homônimos não têm relação de sentidos entre si, mas com a polissemia há uma inevitável relação de sentidos que pode ser experimentalmente verificada.

Descrições puramente lingüísticas, afirma ele, encontram sérios problemas. Nesse sentido, uma abordagem comum procura: características semânticas que relacionem os sentidos; um núcleo de significado comum; traço comum a pares de sentido. Entretanto, destaca que é praticamente impossível encontrar um núcleo comum quando a metáfora está envolvida, ou seja, quando as características comuns são, freqüentemente, elas mesmas metafóricas.

Mas há ainda dois problemas adicionais a serem considerados. Sentidos não relacionados podem ter muitos traços em comum, logo não é o número de traços que interessa, mas sua saliência cognitiva. Além disso, muitos sentidos estão ligados metonimicamente e tais relações estão baseadas em conexões conceituais e não em propriedades compartilhadas.

A polissemia, conforme Deane, pode ser sensível ao conhecimento enciclopédico. Um pequeno conjunto de estruturas conceituais básicas relaciona sentidos ao conectá-los ao conhecimento compartilhado do mundo pelas pessoas, em outras palavras, parentesco semântico é uma função da estrutura da memória humana.

Chega-se, então, ao terceiro problema relacionado à teoria da polissemia que é a identidade da categoria, ou seja, a dificuldade em determinar se a polissemia envolve uma palavra ou duas. Supõe-se, geralmente, que a polissemia possa ser resolvida na homonímia (múltiplas palavras com a mesma forma) ou na identidade (múltiplas instâncias da mesma palavra).

Assim sendo, parece que a polissemia envolve, inerentemente, questões de flexibilidade cognitiva, organização da memória e categorização. Deveria, portanto, ser desnecessário estabelecer uma teoria oficial da polissemia: suas propriedades devem seguir-se da estrutura da cognição.

Na seqüência, Deane afirma que a polissemia fornece informações cruciais a respeito do processo cognitivo básico e que, conversamente, qualquer teoria cognitiva que prediga correlatamente suas propriedades terá uma forte pretensão de validade. A partir disso, destaca que os estudos de Lakoff e Johnson demonstram exatamente como o conhecimento abstrato se origina da experiência corporal.

Deane chama atenção para quatro tipos de representações do conhecimento, que são: cadeias temporais, imagens espaciais, proposições abstratas e cinestésicas. Com relação às proposições, Anderson (1983) afirma serem os tipos mais abstratos. Elas representam informação semântica – isto é, informação crucial para alcançar inferências idênticas. É nesse momento que Anderson questiona qual é a relação entre representações proposicionais e os outros três tipos. Para ele, deve haver uma conexão visto que alguns predicados originam-se de representações temporais ou por representações de imagens (UP-TURN-ROUND), ou ainda de representações cinestésicas (isto é, CAUSE, DO). Esta questão tem sido crucial em Linguística Cognitiva, pois, de acordo com essa teoria, o conhecimento proposicional é originado direta ou indiretamente de representações temporais, imagísticas ou cinestésicas.

Predicados concretos, básicos, segundo Deane, representam o que Johnson (1987) chama de ‘esquemas corporais’, representações de padrões estruturados recorrentes que emergem da experiência corporal. Conceitos mais abstratos são originados por metáforas conceituais. Com relação aos esquemas corporais, Deane mostra que estes diferem crucialmente das proposições clássicas, pois suas propriedades derivam em parte de um substrato perceptual como, por exemplo: esquemas de imagens podem ser girados, movidos, alargados ou diminuídos nos olhos da mente muito como imagens. Entretanto, eles também se comportam como representações proposicionais, preservando informações inferenciais e demonstrando estrutura predicado-argumento.

Deane lembra que metáforas conceituais formam a segunda parte da teoria da cognição. É aqui que, para Lakoff e Johnson (1980), um domínio é usado como modelo para entender outro. Tais metáforas impõem a estrutura inferencial do domínio-fonte ao domínio-alvo, de tal modo que podemos seguramente inferir, por exemplo, que a teoria será derrubada se suas fundações forem removidas. Segue dizendo que essas alterações geram representações proposicionais na percepção, enquanto preservam seu caráter essencialmente inferencial. A memória declarativa, portanto, toma a forma de uma rede complexa de esquemas corporalizados e metáforas conceituais que se combinam para caracterizar o conhecimento das pessoas sobre o mundo.

Cada tipo representacional define por que meio podem ser relacionados. Numa imagem, elementos adjacentes estão relacionados. Na representação proposicional, elementos da mesma proposição estão relacionados.

Deane chega, então, à metonímia e, para isso, destaca que para Nunberg, citado através do texto *The non uniqueness of semantic solutions – polysemy, in Linguistics and Philosophy*, publicado em 1980, a metonímia é uma estratégia referencial natural e que se um conceito é maximamente ativado, trata-se, então, de um conceito saliente. Se um conceito é

ativado o suficiente para estar presente na memória de trabalho, é um conceito ativo, caso contrário é inativo. Ordinariamente, a referência é realizada diretamente. O significado faz o referente correto saliente. Assim, a metonímia é um indicador da força de propagação da ativação, ocorrendo primeiramente onde ela se propaga facilmente.

Concluindo, o autor diz que, tradicionalmente, a polissemia foi considerada como intratável. Não restam dúvidas das dificuldades encontradas em se procurar uma descrição estritamente lingüística, mas, quando vista em termos cognitivos, a polissemia nada mais é do que uma conseqüência natural da interação da flexibilidade das estruturas conceituais.

Dentre os autores que se dedicam ao estudo da polissemia menciona-se o trabalho empreendido por Silva (2006). Para esse autor, “a polissemia é, pois uma realidade natural, conceptual e lingüisticamente necessária.” (p. 1). Destaca que, por meio da Semântica Cognitiva, a relevância da polissemia é redescoberta tanto em seus aspectos qualitativos, quanto nos quantitativos, situando-a, dessa forma, como elemento central de suas pesquisas. Para ele, a polissemia deve ser vista “como uma rede de sentidos flexíveis, adaptáveis ao contexto e abertos à mudança [...]” (p. 59), a partir do que se deve entender que a grande questão da polissemia reside na concepção que se tem de significado, uma vez que se trata de algo dinâmico e que está em permanente construção.

Segundo Silva (2006), o interesse da Lingüística Cognitiva pelo estudo da polissemia se deve, entre outras coisas, ao próprio interesse dessa lingüística pela categorização, pois, uma vez que entendem a categorização como uma função básica da linguagem, a significação seria então um fenômeno lingüístico primário. Dessa forma, a categorização encontraria sua explicação no fenômeno da prototipicidade, sendo, então, a polissemia um de seus efeitos. Acrescenta que a teoria do protótipo tem sua origem na psicolingüística, mais precisamente, com os estudos de Rosch. Silva destaca que essa teoria

vem mostrar que as categorias lingüísticas geralmente não se podem definir em termos de propriedades individualmente necessárias e conjuntamente suficientes, mas como agrupamentos por similaridades parciais ou ‘parencas de família’ de

elementos uns mais salientes ou prototípicos do que outros e de limites imprecisos. Quer isto dizer que o conteúdo semântico de uma categoria não tem que ser único ou unitário, mas antes um conjunto de sentidos e/ou referentes radialmente interrelacionados. (2006, p. 33).

A polissemia, de acordo com o autor, revela-se com um fenômeno prototípico, ou seja, estrutura-se a partir de um protótipo, mantendo diferentes relações de proximidade com o centro. Complementando, Silva afirma que sendo a polissemia um fenômeno de categorização prototípica o uso que se faz de um item estará organizado em torno de um centro prototípico, assim como por parencças de família relacionadas a esse centro. Uma estrutura polissêmica, por conseguinte, constitui uma rede (“*network*”) formada por nós (sentidos) interligados por relações de categorização sendo que essas ligações podem se dar por esquemas ou extensões (SILVA, 2006).

2.8 MODELOS CULTURAIS

Uma importante questão para essa análise diz respeito aos modelos culturais e, nesse sentido, assumiremos a concepção adotada por D’Andrade (1992).

Segundo ele, modelos culturais “consistem de um conjunto inter-relacionado de elementos que se ajustam para representar algo” (p. 151)⁵⁵; já uma teoria cultural “consiste de um conjunto inter-relacionado de proposições que descrevem a natureza de algum fenômeno

⁵⁵ “consists of an interrelated set of elements which fit together to represent something.” (p. 151).

geral”. (p. 172)⁵⁶. Mas, para que possamos compreender o que D’Andrade propõe, é necessário que os conceitos de esquemas culturais e motivos sejam esclarecidos.

Para D’Andrade (1992), a ligação entre cultura e ação é decorrente da motivação, tratando-se, assim, de uma abordagem antropológica. Contudo, o autor chama atenção para o fato de que não se deve referir a ação como sendo culturalmente constituída de forma simplificada, pois se corre o risco de incorrer em alguns equívocos como, por exemplo, estabelecer uma relação causal desprovida de mecanismos ou processos de conexão. Além disso, não se pode ignorar que nem tudo em uma cultura é internalizado em uma pessoa e que, muitas vezes, indivíduos diferentes internalizam de formas diferentes partes de uma mesma cultura. Acrescenta, ainda, que a emoção e a ação são influenciadas por outros fatores, tais como a constituição do corpo, o funcionamento do cérebro, interesses pessoais, além de variáveis sociais e econômicas.

D’Andrade (1992) destaca a importância do exame de como a cultura conecta-se com a motivação, uma vez que a motivação é experienciada como um desejo, “seguido por um sentimento de satisfação se o desejo é preenchido, ou por um sentido de frustração se ele não é.” (p. 23)⁵⁷.

Essa questão da motivação, abordada por D’Andrade, é norteada pelo conceito de esquemas que, para ele, devem ser entendidos como processos e não como objetos, ou seja, “esquema é uma interpretação que é freqüente, bem organizada, memorizável, que pode ser construída a partir de pistas mínimas, que contém uma ou mais instanciações prototípicas, é resistente a mudanças, etc.” (p. 29)⁵⁸. Para ele, saber quais são os objetivos que levam as pessoas a agir do modo como agem propicia que se possa entendê-las melhor.

⁵⁶ “[...] consists of an interrelated set of propositions which describe the nature of some general phenomena.” (p. 172).

⁵⁷ “[...] followed by a feeling of satisfaction if the desire is fulfilled or a sense of frustration if it is not.” (p. 23).

⁵⁸ “[...] schema is an interpretation which is frequent, well organized, memorable, which can be made from minimal cues, contains one or more prototypic instantiations, is resistant to change, etc.” (p. 29).

Para a Antropologia Cognitiva, a Psicologia Cognitiva, bem como para a Linguística Cognitiva o conceito de esquema é fundamental.

Por outro lado, Quinn (1997) afirma que modelos culturais são compartilhados, mas possuem graus diferentes de compartilhamento e de força motivacional. Para a autora, modelos culturais podem ser chamados de esquemas culturais aproximando-se, dessa forma, à abordagem defendida por Lakoff (e Johnson) baseada no experiencialismo, a partir de experiências compartilhadas.

Quinn, contudo, contesta que a metáfora, presente nos estudos de Lakoff e Johnson, entre outros lingüistas, seja o único recurso dos falantes empregado cotidianamente, fazendo, dessa forma, uma crítica teórico-metodológica a esses trabalhos.

Trata-se, de acordo com Feltes (2007), de uma leitura tendenciosa da teoria de Lakoff e seus colaboradores, uma vez que, na proposta desses autores, não se nega a existência de esquemas culturais subjacentes. As metáforas, então, servem como extensões a partir do que os falantes constroem domínios da experiência, como é o caso das estruturas radiais de natureza proposicional.

Cultura, em Antropologia Cognitiva, conforme Strauss & Quinn (1997), “consiste de **ocorrências regulares** no mundo humanamente criado, nos **esquemas** que as pessoas **compartilham** como decorrência dessas [ocorrências], e nas **interações entre esses esquemas e o mundo**” (p. 7).⁵⁹ Como afirma Feltes (2007) a Linguística Cognitiva não oferece uma definição explícita de cultura, mas, do modo como opera em suas linhas de investigação, essa definição de cultura ajusta-se muito bem – com relativa consistência, pertinência e adequação – aos seus empreendimentos e resultados.

Com relação ao conceito de cultura, diz Geertz (1989):

[...] o conceito de cultura ao qual me ateno não possui referentes múltiplos nem qualquer ambigüidade fora do comum, segundo me parece: ele denota um padrão de

⁵⁹ “[The cultural theory] “consists of regular occurrences in the humanly created world, in the schemas people share as a result of these, and in the interactions between these schemas and this world.” (p. 7) [grifo nosso].

significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seus conhecimentos e suas atividades em relação à vida (p. 103).

Geertz (1989), ao abordar a questão da religião como sistema cultural, afirma que os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo – representando o caráter e a qualidade de vida, além de seu estilo e disposições morais e estéticas. De acordo com ele, a religião ajusta as noções humanas a uma ordem cósmica imaginada.

Com relação aos símbolos sagrados, diz Geertz que em lugares e épocas diferentes, esses são capazes de induzir desde a exaltação até a melancolia, da autoconfiança à autopiedade, pois que não se pode falar de uma motivação apenas religiosa, da mesma forma que não pode haver um tipo de inclinação que possa ser chamada de devoção. Sendo assim, o homem demonstra ter uma dependência direta de símbolos e sistemas simbólicos.

Geertz aborda também a questão do que significa a crença em um contexto religioso, tema, segundo ele, dos mais inquietantes para uma análise antropológica da religião. O caminho mais adequado para tal compreensão passaria, por exemplo, pelo paradoxo moral e pela dor, que são algumas das coisas que impulsionam o homem para a crença, não representando a base das crenças, mas sim seu campo de aplicação mais importante.

Neste capítulo, abordou-se o quadro teórico que fundamenta esta dissertação e que é aplicado na análise do *corpus*, o qual é objeto do capítulo 3. Sabe-se que a teoria aqui apresentada não abarca todo o potencial teórico da Semântica Cognitiva. Contudo, procurou-se enfatizar os aspectos da teoria que atendessem de forma suficiente os objetivos propostos nesta dissertação.

No próximo capítulo, serão abordadas questões concernentes à pesquisa qualitativa, à metodologia, à estrutura radial hipotética elaborada, à formação e categorização do *corpus*. Após, será realizada a análise da categoria RELIGIÃO a partir da TMCI.

3 A RADIALIDADE DA CATEGORIA *RELIGIÃO* PELA TEORIA DOS MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS

A TMCI oferece o aparato teórico-metodológico que permite abordar a estrutura conceptual da categoria *RELIGIÃO*, de modo a revelar aspectos culturais da vida religiosa dos imigrantes italianos. Parte-se de fontes documentais, a partir das quais é construído o *corpus* que constitui o objeto de análise desta dissertação.

Tem-se por objetivo investigar quais são os modelos cognitivo-culturais que organizam a estrutura polissêmica da categoria conceitual *RELIGIÃO* a partir das experiências religiosas dos imigrantes italianos que se estabeleceram na região por meio de um modelo teórico específico. A investigação baseia-se em expressões lingüísticas ou inferências oriundas de modelos cognitivos metafóricos, metonímicos, modelos proposicionais e, de maneira especial, as oriundas dos modelos proposicionais radiais, pautadas pela rigorosa organização das fontes documentais. Esse trabalho enfatiza a análise da categoria *RELIGIÃO*, entendendo que essa seja uma categoria polissêmica, uma vez que nos interessa compreender como se dá a construção dessa categoria a partir de modelos cognitivo-culturais sócio-historicamente situados.

Esta investigação é norteada pelas seguintes hipóteses:

(1) A categoria tem uma estrutura proposicional radial, cujo submodelo prototípico é RITUAIS.

(2) A categoria *RELIGIÃO* estrutura-se basicamente por radialidade, tendo como eixo-de-raio *DEUS*, com centro prototípico em *PAI*.

(3) Estruturas metafóricas e metonímicas organizam extensões ou projeções a partir desses raios.

(4) Tipo de estruturas proposicionais como *script* organizam elementos constitutivos dessa estrutura radial.

3.1 METODOLOGIA

Para reconstrução dos modelos cognitivos culturais que estruturam a categoria conceitual RELIGIÃO, o método adotado é o hipotético-dedutivo, a partir do qual se constrói a estrutura radial preliminar da categoria que é apresentada na seção 3.4 com mais detalhes.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, haja vista que não se pretende quantificar dados e sim interpretar, através do modelo teórico eleito, aquilo que se revela a partir do *corpus* construído.

A partir daqui, serão abordadas questões referentes à pesquisa qualitativa; formação do *corpus*; tratamento dado às categorias de fontes, que inclui: sistema de notações, contextualização das fontes documentais; tratamento dado aos segmentos discursivos; a estrutura radial hipotética e sua respectiva leitura analítica; análise dos segmentos discursivos e considerações gerais.

3.1.1 PESQUISA QUALITATIVA

O método empregado nesta investigação é o qualitativo, logo, a construção do *corpus* de análise se dá de acordo com essa linha. A fim de clarificar um pouco mais o que venha a ser a pesquisa qualitativa, aproximamos alguns autores que tratam dessa questão.

Bauer e Gaskell (2002) têm por objetivo tornar acessível, como editores, uma série de métodos e procedimentos de pesquisa qualitativa. Para isso, fazem um percurso pelas diferentes maneiras de coletar dados, no que diz respeito a diversos tipos de dados

relacionados a texto, imagem e som. Caracterizam a análise clássica de conteúdo; a análise argumentativa, do discurso e de conversação; a análise retórica, a semiótica, entre outras, como forma de subsidiar tanto estudantes, como pesquisadores das ciências sociais.

Uma obra como essa, preocupada em iniciar uma padronização da linguagem em métodos de pesquisa qualitativa, bem como em estabelecer um diálogo com a tradição geral da pesquisa, mostra-se relevante para nossa análise, que é de caráter qualitativo, pois, como sabemos, pode incitar algumas dúvidas quanto a validade desse método na composição do *corpus* de análise proposto para esta dissertação.

Bauer, Gaskell e Allum (2002) citam quatro dimensões na investigação social, a partir da perspectiva de uma pesquisa qualitativa, que devem ser consideradas. São elas:

1ª) o delineamento da pesquisa baseado, por exemplo, em levantamento por amostragem, observação participante, experimentos e estudos de caso;

2ª) os métodos de coleta de dados (entrevistas, busca de documentos e observação);

3ª) o tratamento analítico que é dispensado aos dados, isso envolve, entre outras coisas, a análise do discurso, a análise estatística, a análise de conteúdo e a análise retórica; e

4ª) o controle, a construção de consenso e a emancipação dos sujeitos do estudo numa referência à classificação de Habermas.

Os autores destacam que, muitas vezes, são cometidos equívocos quanto à distinção entre pesquisa qualitativa e quantitativa, no que diz respeito à coleta e análise de dados, aos princípios do delineamento da pesquisa e ao interesse do conhecimento, e a isso acrescentam:

Defendemos a idéia de que todas as quatro dimensões devem ser vistas como escolhas relativamente independentes no processo de pesquisa e que a escolha qualitativa ou quantitativa é primariamente uma decisão sobre a geração de dados e os métodos de análise, e só secundariamente uma escolha sobre o delineamento da pesquisa ou de interesses do conhecimento (p. 20).

Bauer e Aarts (2002), ao tratarem da construção do *corpus* como um princípio para a coleta de dados qualitativos, afirmam:

Toda pesquisa social empírica seleciona evidência para argumentar e necessita justificar a seleção que é a base de investigação, descrição, demonstração, prova ou refutação de uma afirmação específica. [...] A competência da amostra representativa é inconteste. Em muitas áreas de pesquisa textual e qualitativa, contudo, a amostra representativa não se aplica (p. 39).

A proposta dos autores é a construção de um *corpus* partindo de um princípio alternativo de coleta de dados. Nesse sentido, entendem que “‘amostragem’ significa amostragem estatística aleatória” e “‘construção de *corpus*’ significa escolha sistemática de algum racional alternativo, que será explicado a seguir. Amostragem e construção de *corpus* são dois procedimentos de seleção diversos.” (p. 39).

Entendendo que a amostragem representativa e a construção do *corpus* sejam funcionalmente equivalentes, apesar de estruturalmente diferentes, tal linguagem possibilita, segundo os autores, uma definição positiva da seleção qualitativa. Em suma, defendem “que a construção de um *corpus* tipifica atributos desconhecidos, enquanto que a amostragem estatística aleatória descreve a distribuição de atributos já conhecidos no espaço social” (p. 40).

Bauer e Aarts (2002) chegam à questão da construção de um *corpus* em ciências sociais e iniciam destacando um dos problemas enfrentados por pesquisadores e lingüistas que é o “paradoxo do *corpus* teórico”. Para superar tais paradoxos os lingüistas, por exemplo, sugerem que se trabalhe em etapas. A primeira etapa seria de uma seleção preliminar; a segunda, de análise dessa variedade e, a terceira, de ampliação do *corpus* de dados até que novas variedades não sejam mais descobertas.

Dessa forma, os autores estabelecem, uma vez que entendem o *corpus* como um sistema em permanente crescimento, uma primeira lição para a seleção qualitativa, que é em um primeiro momento selecionar, analisar e selecionar mais uma vez.

Para eles, sugestões, como as indicadas por Barthes, no sentido de delinear o *corpus*, podem contribuir com a seleção qualitativa como, por exemplo, no que diz respeito à relevância, à homogeneidade e à sincronicidade.

Salientam que os assuntos devem ser teoricamente relevantes, assim como devem ser coletados a partir de um único ponto de vista. Além disso, os materiais do *corpus* devem ter apenas um foco temático. No nosso estudo, portanto, o foco temático é ‘Religião’, que tratamos, nos termos da Semântica Cognitiva, como uma categoria: RELIGIÃO.

Os autores chamam atenção para o fato de que “um *corpus* é uma interseção da história” (p. 56) e, em sendo assim, os materiais que o compõem possuem um ciclo natural de estabilidade e mudança, logo, segundo eles, o material coletado deve ser sincrônico. Nesse ponto, encontramos relação com o objeto de nosso estudo assim como com o *corpus* de análise constituído. Está-se, claramente, diante de uma situação de interseção da história, uma vez que nossas fontes estão circunstanciadas por um período da história pré-definido. Um exemplo disso, segundo os autores, é o de que “padrões familiares têm probabilidade de permanecerem estáveis por uma ou duas gerações” (p. 56).

Com relação ao tamanho do *corpus* Barts e Aarts (2002) afirmam que, para a pesquisa qualitativa, deve ser considerado, entre outros critérios, o esforço despendido na coleta e análise dos dados, assim como o número de representações que serão caracterizados. Dizem eles que: “A maioria das limitações provém do esforço que é exigido para se fazer um grande número de grupos focais, ou entrevistas em profundidade, ou para coletar documentos” (p. 60). Atestam que para muitos, como, por exemplo, para Miles, uma pesquisa qualitativa que envolve grande quantidade de material pode se tornar “um incômodo atrativo”. Barts e Aarts complementam essa visão dizendo:

Os pesquisadores coletam facilmente muito mais material interessante, do que aquele com que poderiam efetivamente lidar, dentro do tempo de um projeto. Isto leva à queixa comum de que o projeto termina sem que o material tenha sido analisado com alguma profundidade. Isso também resulta na criação de “porções de dados”: materiais coletados, mas nunca de fato analisados. Uma avaliação séria dos procedimentos referentes ao tempo exigido para seleção e análise irá aumentar o realismo de muitos pesquisadores (p. 60).

Para eles, a quantidade de materiais a serem explorados no *corpus* dependerá da quantidade de representações que o pesquisador esperará obter a respeito de um tema específico.

Destacam, ainda, que em um *corpus* lingüístico, nosso caso, deve-se ter claro que não será possível obter um *corpus* completamente representativo, no que diz respeito a um tópico, contudo, poderão emergir vários tópicos, *corpora*, da prática em pesquisa qualitativa. Advém daí, de acordo com os autores, o problema de como tornar acessíveis e comparáveis esses materiais em uma análise secundária. Ressaltam que, em função disso, “a pesquisa de levantamento desenvolveu e elaborou padrões de como relatar procedimentos de amostragem representativa, e padrões análogos podem ser necessários para a pesquisa qualitativa.” (p. 60-61). Encontramos aí, já, uma justificativa metodológica para quaisquer questionamentos relativos à representatividade do *corpus* variado que constitui nossa pesquisa.

Dentre os padrões apresentados pelos autores, podem-se destacar os seguintes: descrever a essência dos materiais envolvidos, tais como textos; caracterizar o tópico da pesquisa; relatório a respeito das modalidades de ampliação do *corpus* aberto; as categorias, funções e estratos sociais que foram utilizados no início e acrescentados posteriormente; evidência para a saturação; durabilidade dos ciclos na coleta de dados e locais da coleta de dados.

Bauer (2002), seguindo a questão do *corpus* em pesquisa qualitativa, afirma que a maioria das pesquisas sociais são baseadas em entrevistas. A entrevista, segundo ele, estruturada ou não, é um método estabelecido pela pesquisa social. Contudo, destaca que da mesma maneira que as pessoas se expressam falando, também escrevem motivados pelos mais diversos interesses. Sendo assim, os textos, da mesma forma que a fala, revelam sentimentos, memórias, pensamentos, etc. Acrescenta ainda Bauer: “Os pesquisadores sociais têm a tendência de subestimar materiais textuais como dados.” (p. 189). Este é, justamente,

um dos pontos em que nossa pesquisa adquire relevância: tratamos materiais textuais como fonte de dados.

Nesse sentido, destaca a análise de conteúdo⁶⁰ (AC) como sendo um dos métodos de análise do texto desenvolvido pelas ciências sociais empíricas. Esta técnica produz inferências de um texto focal para seu contexto social, contexto esse que em algum momento pode ser inacessível ao pesquisador. Bauer complementa dizendo que:

A validade da AC deve ser julgada não contra uma ‘leitura verdadeira’ do texto, mas em termos de sua fundamentação nos materiais pesquisados e sua congruência com a teoria do pesquisador, e à luz de seu objetivo de pesquisa. Um *corpus* de texto oferece diferentes leituras, dependendo dos vieses que ele contém. (2002, p. 191).

A análise de conteúdo, conforme os autores, reconstrói as representações tanto na dimensão sintática, quanto na semântica. Com relação à semântica, afirma que os procedimentos semânticos estão focados na relação entre os sentidos denotativos e conotativos em um texto. A isso acrescenta que, quando dentro de uma mesma frase ou parágrafo uma palavra aparece repetidas vezes, isso pode ser entendido como uma indicação de sentidos associativos.

De acordo com o autor são essas características sintáticas e semânticas, presentes em um *corpus* de texto, que possibilitam ao pesquisador fazer inferências a respeito de fontes incertas. Em outras palavras: “Tais conjecturas podem inferir os valores, atitudes, estereótipos, símbolos e cosmovisões de um texto sobre o qual pouco se sabe.” (p. 193).

Diz Bauer ainda: “Em primeiro lugar, alguém pode construir um *corpus* de texto como um sistema aberto, a fim de verificar tendências e padrões de mudança. Isto significa que o *corpus* de texto nunca está completo; textos adicionais são acrescentados continuamente.” (p. 193-194).

⁶⁰ Ressaltamos que a análise de conteúdo é aqui apresentada a título de revisão de literatura, não representando que, em nossos estudos, será feita uma abordagem nessa direção.

Acrescentando diz:

Finalmente, a AC pode reconstruir “mapas conceituais” à medida que eles estão corporificados em textos. As pessoas usam a linguagem para representar o mundo como conhecimento e autoconhecimento. Para reconstruir esse conhecimento, a AC pode necessitar ir além da classificação das unidades do texto, e orientar-se na direção de construção de redes de unidades de análise para representar o conhecimento não apenas por elementos, mas também em suas relações. (2002, p. 194).

O autor chega, então, à questão da organização de uma análise de conteúdo e nesse sentido diz que: “Os métodos não são substitutos de uma boa teoria e de um problema de pesquisa sólido. A teoria e o problema – que carregam em si os preconceitos do pesquisador – serão responsáveis pela seleção e categorização dos materiais de texto, tanto implícita, como explicitamente. Ser explícito é uma virtude metódica.” (p. 195).

Segundo ele, existem dois tipos de textos. Há os que são produzidos no decorrer do processo de pesquisa como, por exemplo, as transcrições de entrevistas e há, também, os textos já utilizados para outros fins e que são classicamente utilizados pela análise de conteúdo. No entanto, tanto um como outro, chama atenção Bauer, podem ser manipulados pelo pesquisador, a fim de que respondam aos seus questionamentos.

Com relação à triangulação de dados, Gaskell e Bauer (2002) destacam que o delineamento que o pesquisador dá a seu projeto de pesquisa em geral o leva a considerar que as inconsistências que surgem são parte do processo contínuo do referido projeto. Assim: “A aproximação do problema a partir de duas perspectivas ou com dois métodos irá, inevitavelmente, levar a inconsistências e contradições.” (p. 483). Tais distinções fazem com que o pesquisador examine sua origem e sua interpretação.

No intuito de fazer uma triangulação dos dados a partir do discurso revelado na seleção do *corpus*, foram realizadas entrevistas com um frei/pesquisador, um historiador e um padre, todos notoriamente reconhecidos pelos seus trabalhos relacionados às questões da imigração italiana. Tais entrevistas reforçam, na maior parte das vezes, o que é dito nas obras, acrescentado, em alguns momentos, novas informações.

Ao mesmo tempo, os autores lembram que apesar dessas inconsistências poderem revelar limitações metodológicas, revelam também que as diferenças, muitas vezes constatadas nos fenômenos sociais, assim o são, exatamente, em função dos diferentes ângulos que os enfocam. Logo, em uma pesquisa qualitativa há uma luta entre as inconsistências que surgem, favorecendo que, através da fusão desses diferentes olhares, surjam novas compreensões.

3.2 FORMAÇÃO DO *CORPUS*

A seleção das fontes para constituição do *corpus* da pesquisa ficou restrita a fontes documentais, uma vez que o período que compreende essa análise (1875 até a década de 1950) dificulta, muitas vezes, que se tenha acesso direto aos informantes. Dessa forma, buscou-se trabalhar com fontes variadas que possam fornecer diferentes pontos de vista sobre o tema.

Dentro do recorte estabelecido para esse trabalho, a região de investigação estabelecida é a das antigas colônias italianas. Para tanto, assumimos como configuração de região das antigas colônias italianas, a proposta por Vitalina Frosi e Ciro Mioranza (1975). Os autores estabelecem, em sua obra, os limites geográficos da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul, a partir do que, demarcam, levando em conta as linhas de flutuação decorrentes da migração interna, a Região Colonial Italiana. Os autores delimitam essa região da seguinte maneira:

DENOMINAÇÃO	COLÔNIA	MUNICÍPIOS ATUAIS
ANTIGA COLÔNIA I	Barracão (Nova Milano) Caxias Dona Isabel Conde D'Eu	Farroupilha Caxias do Sul Flores da Cunha São Marcos Bento Gonçalves Garibaldi Carlos Barbosa
ANTIGA COLÔNIA II	Antônio Prado Alfredo Chaves	Antônio Prado Veranópolis Nova Prata Nova Bassano

Buscando compreender um pouco melhor a questão da região, retomamos o que diz Pozenato (2003). Relendo Bourdieu, descreve região como sendo uma divisão do mundo social, produto de um ato de vontade, não sendo, como frisa, uma definição arbitrária, uma vez que respeita alguns critérios como, por exemplo, “o do alcance e da eficácia do poder de que se reveste o *auctor* da região. Enquanto esse poder é reconhecido, a região por ele regida existe.” (p. 150). Assim, afirma que a região é um espaço construído pela decisão política ou pelo resultado das representações oriundas de diversas ciências.

Para o autor, o conceito de região, bem como a definição de uma dada região, no âmbito do fazer científico, são construções, ou seja, nas palavras do autor, “são representações simbólicas e não a própria realidade, ou, como ensina a Física Quântica: só existe como fenômeno aquilo que conseguimos construir na nossa linguagem.” (p. 151).

De forma esclarecedora conclui o autor: “[...] a região será melhor entendida se vista como simplesmente um feixe de relações a partir do qual se estabelecem outras relações, tanto de proximidade como de distância.” (p. 157).

3.2.1 TRATAMENTO DADO ÀS CATEGORIAS DE FONTES

Tendo em vista a diversidade de fontes documentais consultas para compor o *corpus*, torna-se necessário que estas sejam categorizadas. Dessa forma, as obras são organizadas da seguinte forma:

Categoria 1 – Livros de história sobre a imigração italiana.

Categoria 2 – Livros sobre histórias de família/memórias.

Categoria 3 – Recortes de pesquisa historiográfica e sociológica com entrevistas.

Categoria 4 – Pesquisa antropológica – um estudo de caso.

Categoria 5 – Entrevistas [Triangulação de dados].

O quadro a seguir apresenta as fontes utilizadas em cada categoria.

CATEGORIA 1	
LIVROS DE HISTÓRIA SOBRE A IMIGRAÇÃO ITALIANA	
AUTOR	QUANTIDADE FRAGMENTOS
Arlindo Battistel	22
Dom José Barea	10
Ernesto Brandalise	4
Luis Antonio De Boni	4
Olívio Manfroi	7
Carlos Zagonel	18
Bernardin D’Apremont	4

CATEGORIA 2	
LIVROS SOBRE HISTÓRIAS DE FAMÍLIA/MEMÓRIAS	
AUTOR	QUANTIDADE FRAGMENTOS
Julio Lorenzoni	14
Luis Antonio De Boni	3

CATEGORIA 3	
RECORTES DE PESQUISA HISTORIOGRÁFICA E SOCIOLÓGICA COM ENTREVISTAS	
AUTOR	QUANTIDADE FRAGMENTOS
Thales de Azevedo	31

CATEGORIA 4	
PESQUISA ANTROPOLÓGICA – UM ESTUDO DE CASO	
AUTOR	QUANTIDADE FRAGMENTOS
Arlindo Battistel v.1	10
Arlindo Battistel v.2	9
Arlindo Battistel v.3	2

CATEGORIA 5	
ENTREVISTAS	
ENTREVISTADOS	
Padre Leomar Brustolin	
Mário Gardelin	
Frei Rovílio Costa	

Diagrama 1 - Categorias de fontes documentais

3.2.1.1 SISTEMA DE NOTAÇÕES

A fim de, no momento das análises, simplificarmos o acesso às fontes que compõem o *corpus*, foi criado um sistema de notações, conforme o modelo que segue: C1, AB, S1, sendo

C1=categoria 1; AB=Arlindo Battistel; S1=segmento 1. Dessa forma, as abreviaturas correspondentes aos autores que constituem o *corpus* serão apresentadas da seguinte maneira:

Nome do autor	Forma referida na notação
Arlindo Battistel	AB
Dom José Barea	JB
Ernesto Brandalise	EB
Olívio Manfroi	OM
Carlos Albino Zagonel	CZ
Bernardin D'Apremont	BA
Júlio Lorenzoni	JL
Luis De Boni	LB
Thales de Azevedo	TA

3.2.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS FONTES DOCUMENTAIS

Para que possamos acessar os modelos cognitivo-culturais a que nos propomos nesta investigação, torna-se necessário fazer um recorte enunciativo da documentação que compõe o *corpus* de análise, bem como categorizar as diferentes fontes, tais como entrevistas, documentação com dados de informantes, obras com resultados de pesquisa histórica, sociológica e antropológica. Tais recortes enunciativos servirão para que possamos esclarecer, em alguma medida, a heterogeneidade/polifonia, revelando assim as características dos discursos-fonte.

Outra questão relevante a ser considerada, para o êxito desta pesquisa, diz respeito ao cuidado que se deve tomar no momento da seleção e análise do *corpus*, uma vez que os discursos a que se tem acesso são, muitas vezes, indiretos ou híbridos, baseando-se em relatos de memórias de descendentes de italianos das antigas colônias.

Procurar-se-á, com isso, partir de um conjunto operacional de conceitos que sejam suficientes para demonstrar a importância de um tratamento discursivo mínimo para fontes de pesquisa histórico-cultural.

Em geral, tal documentação é oriunda de clérigos, historiadores e pesquisadores, contando também com algumas cartas e registros de memórias. Há que se considerar que, em função de tratar-se de um estudo sobre a categoria RELIGIÃO, muitos desses documentos estão calcados na ideologia católica, que era a religião predominante na época em questão. Com relação a isso diz Pêcheux:

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (...), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir essa tese dizendo: *as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam* (1988, p. 190).

A seguir far-se-á uma breve descrição de cada obra consultada a fim de que se possa fazer uma análise contextual das fontes. A ordem de apresentação das obras seguirá a estabelecida na categorização do *corpus* em anexo. A categorização se faz necessária, visto que estabelece diferentes olhares sobre a questão da religião, o que nos municia na busca da reconstrução dos modelos cognitivo-culturais que organizam a categoria conceitual RELIGIÃO.

3.2.2.1 FONTES PERTENCENTES À CATEGORIA 1

As obras que compõem essa categoria são, em sua maioria, produzidas por autores ligados ao clero, logo o ponto de vista predominante é o da Igreja Católica. Deve-se levar em consideração que a presença de religiosos na formação das colônias italianas foi marcante e, em muitos momentos, decisiva. Além disso, em função da sua presença constante e atuante, é natural que a maioria das obras mais representativas desse período tenham sido por eles escritas. Contudo, cada obra busca focalizar um aspecto da influência da religião na vida do imigrante italiano, conforme veremos a seguir.

A obra *Colônia italiana: religião e costumes* (1981) de Arlindo Battistel tenta descrever e analisar alguns aspectos sócio-religiosos de descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, com o propósito de facilitar o trabalho pastoral e de evangelização dos

mesmos. Tem como preocupação central identificar a cultura italiana como sendo autônoma e não como um resíduo cultural. Busca, ainda, identificar a situação psicológica do imigrante italiano também como forma de prever o rumo que as comunidades eclesiais deveriam tomar.

O livro traz comentários referentes a entrevistas realizadas com os italianos e seus descendentes com idade entre 60 e 100 anos. As fitas cassete com as referidas gravações encontram-se no Museu da Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes em Porto Alegre. Essa investigação está limitada aos atuais municípios de colonização italiana do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul que são: Caxias do Sul, Garibaldi, Bento Gonçalves, Veranópolis e Nova Prata.

De acordo com o autor, na impossibilidade de quantificar a intensidade da experiência religiosa dos italianos, são tomados como indicadores dessa vivência os registros de horários de oração, a construção de igrejas, capitéis, capelas, cemitérios, devoções, sem esquecer a presença marcante dos Padres Leigos.

A vida espiritual nas colônias italianas do Rio Grande do Sul (1995) é uma tradução de Mário Gardelin e Rovílio Costa da obra *La vita spirituale nelle Colonie Italiane dello Stato* publicada originalmente em *Cinquantenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sul (1875-1925)*. Trata-se de uma monografia de autoria do então Cônego Dom José Barea, publicada em 1925, o qual, posteriormente, veio a ser o primeiro bispo da Diocese de Caxias do Sul. Barea busca, com essa obra, dar destaque à vida religiosa dos imigrantes, ao mesmo tempo em que ressalta a história da imigração e colonização italiana, bem como retrata a influência da Igreja Católica (Concílio de Trento) nessa região. Objetiva, ainda, colaborar para a compreensão do valor e importância desse começo de vida religiosa para os imigrantes, seu desenvolvimento posterior, além da herança religiosa deixada, sendo que o papel dos párocos é o que tem maior destaque em sua obra.

Dom José Barea levou em torno de um ano para coletar os dados e formular conceitos, isso tudo ocorreu no ano de 1924. Seu percurso teve início nas Colônias Caxias, Conde D'Eu, Dona Isabel e Silveira Martins.

Em *Paróquia Santa Teresa: cem anos de fé e história 1884-1984* (1985), padre Brandalise relata sua pesquisa histórico-documental que descreve a história da Paróquia de Santa Teresa no período de 1884 a 1984, tendo servido de fonte para este trabalho os Livros Tombo pertencentes à Cúria Diocesana de Caxias do Sul. Inicialmente, utiliza a *Sinopse Estatística de Caxias do Sul – 195* editada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e de autoria do primeiro Bispo de Caxias do Sul, Dom José Barea. Utiliza, ainda, informações retiradas do livro *Clero Italiano no Rio Grande do Sul – Padres Imigrantes* de autoria do Pe. Arlindo Rubert e do *Il Colono Italiano*. Alguns dos fatos relatados foram por ele presenciados enquanto outros foram colhidos há mais de quarenta anos junto a pessoas idosas que foram testemunhas oculares, mas que por uma questão de preservação não têm seus nomes citados. Trata-se de um resumo histórico, bem como de um depoimento pessoal em que escreve sobre a criação da paróquia e sua evolução. Fala também sobre seus párocos e sacerdotes e refere os principais fatos dos seus 100 anos de história. Padre Brandalise atuou por vinte e quatro anos nas áreas administrativas e pastorais da Paróquia. Atuou ainda como Vigário Geral e responsável pela administração do Patrimônio da Diocese.

O artigo *O catolicismo da imigração: do triunfo à crise* de De Boni faz parte de uma coletânea de textos publicados em Lando (1980), intitulada *RS: imigração & colonização* que tem por objetivo elaborar uma síntese da história da imigração de brancos não-portugueses no Rio Grande do Sul a partir de uma coletânea de textos elaborados por estudiosos da imigração.

A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais (1975), obra de Olívio Manfroi, tem por objetivo analisar o comportamento

sociocultural dos imigrantes italianos no contexto econômico, político e cultural do Brasil. O autor buscou, para estudar essa questão, o dado sociocultural mais significativo das colônias italianas no Rio Grande do Sul que é a predominância da religião católica nas manifestações sociais e culturais dos imigrantes.

Para a realização desse trabalho, Manfroi coletou informações no Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul (Relatórios e Falas do Presidente da Província, 1829-1889; Mensagem do Presidente do Estado, 1894-1929; Relatório da Secretaria dos Negócios e das Obras Públicas, 1894-1928). Pesquisou, ainda, no Arquivo Nacional (Relatórios do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, 1860-1900), Arquivo e Museu da Colonização Italiana de Nova Palma – RS, Arquivo da Província dos Capuchinhos do RS, Arquivo da Província dos Capuchinhos de Savoie-França, Arquivo da Cúria Geral dos Carlistas em Roma e Centro Studi Emigrazione em Roma.

Itálico Marcon, prefaciador da obra, destaca a importância da Religião Católica apresentada por Manfroi:

Com efeito, particularizando, a Religião Católica foi o seguro e derradeiro sustentáculo a que os colonos peninsulares se apegaram para salvar a sua própria identidade cultural. Graças a ela conseguiram vencer todos os traumatismos da emigração, preenchendo o vazio encontrado na nova pátria adotiva e estruturando um tempo e um espaço congeniais geradores de uma singular civilização ítalo-sul-rio-grandense.

Esse o suporte subjacente e decisivo.

Partindo da exteriorização do seu culto religioso, os imigrantes criaram uma sociedade rural que lembrava, de perto, a das suas aldeias e vilas do Vêneto, da Lombardia e do Trentino-Alto Ádige (1975, p. 8).

A obra *Igreja e imigração italiana: os capuchinhos de Sabóia e seu contributo à Igreja do Rio Grande do Sul (1895-1915) (1980)*, de Carlos Albino Zagonel, foi produzida originalmente como uma monografia para obtenção de Livre Docência em História da Igreja, tendo por objetivo, segundo o autor, fazer uma contribuição à História do Rio Grande do Sul eclesiástico, a fim de colaborar para a compreensão da personalidade histórico-religiosa dessa região. O período investigado é o de 1895 a 1915 e apresenta o contexto histórico da Colonização Italiana fazendo um esboço de aspectos da História Política e Eclesiástica do Rio

Grande do Sul, bem como da política imigratória, características dos imigrantes italianos e o perfil moral do clero gaúcho. Tudo isso visando demonstrar a situação religiosa, espiritual e cultural do colono encontrado pelos missionários que aqui chegaram para seu trabalho apostólico.

Comunidades indígenas, brasileiras, polonesas e italianas no Rio Grande do Sul (1896-1915)(1976) é a obra que reproduz os escritos de Frei Bernardin d’Apremont e de Frei Bruno de Gillonay. Frei d’Apremont foi um dos primeiros missionários capuchinhos franceses a vir para o Rio Grande do Sul, permanecendo aqui até 1913 e, a pedido do Superior Geral dos Freis Capuchinhos, Frei Pacífico de Seggiano, redigiu, no ano de 1914, o relatório que compõe essa obra. Tal relatório é composto de trezentas e dezoito páginas dividido em dois momentos: a ação missionária em área não italiana e em área italiana. Encontra-se no Arquivo Geral dos Freis Capuchinhos em Roma. O povo italiano que descreve já é o do final do século, o qual já havia superado a fase mais crítica dos primeiros anos de sua chegada. Este relatório teve tradução da Irmã Maria Antonieta Baggio, da Congregação de São José.

Frei Bruno de Gillonay foi fundador da Missão Capuchinha no Rio Grande do Sul. Chegou ao estado em 1896, a pedido de Dom Cláudio J. Gonçalves Ponce de Leão instalando-se em Conde D’Eu juntamente com Rei Leon de Montsapey. Juntos percorreram a colônia italiana fundando conventos capuchinhos e pregando missões populares.

3.2.2.2 FONTES PERTENCENTES À CATEGORIA 2

Esta categoria concentra, como principal fonte, memórias e cartas que revelam, pelo ponto de vista do próprio imigrante, a importância da fé para sua sobrevivência.

Júlio Lorenzoni retrata, através de memórias, as vivências, os contratemplos e os costumes dos imigrantes italianos, tendo como foco as regiões de Silveira Martins (Santa Maria) e os atuais municípios de Bento Gonçalves e de Garibaldi, na obra *Memórias de um imigrante italiano* (1975).

Foi considerada, em 1974, pela comissão julgadora do Concurso de Monografias sobre a Imigração Italiana, uma obra extremamente importante devido, principalmente, a sua honestidade narrativa. Alguns fragmentos dessa obra fazem parte do álbum do “Cinquentenário della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande Del Sud”.

Júlio Lorenzoni nasceu em Vila Raspa, comuna do Mason Vêneto, distrito de Maróstica, província de Vicenza, a 23 de março de 1863, imigrou para o Brasil, junto com seus pais, em princípios de 1878. Foi professor de italiano, agente do Correio, escrivão do Cível e Crime, oficial do Registro Civil, escrivão da Provedoria e Casamentos e do Cartório de Órfãos, entre outras atividades.

Esta obra teve tradução de Armida Lorenzoni Parreira, filha de Júlio Lorenzoni.

Em *La mérica* (1975), De Boni reproduz alguns escritos de imigrantes italianos como, por exemplo, o de Luigi Toniazzo que fala da viagem do imigrante para o Brasil, o de Paulo Rossato que conta os primeiros momentos do colono na nova terra e o de Carlin Fabris que narra a história de uma comunidade típica de imigrantes, organizando-se socialmente e lutando pela organização de uma paróquia local. Tais escritos, de acordo como o autor, corroboram a crença de que foi na religião que os imigrantes encontraram os elementos necessários para a reconstrução de seu mundo cultural, o que justifica as lutas enfrentadas pela construção da igreja. Diz o autor:

Enfim, os presentes escritos, principalmente o de C. Fabris, confirmam a asserção de que a religião forneceu aos imigrantes os elementos necessários para a reconstrução do mundo cultural. “História da Conceição” assemelha-se a um texto bíblico do Livro dos Reis, fazendo com que tudo gire em torno da vida religiosa. O povoado não teria história se lhe amputássemos a parte religiosa; Conceição não teria mesmo surgido, se o esforço dos primeiros imigrantes não se houvesse voltado para a construção de uma capela. O significado religioso no mundo cultural dos colonos esclarece as lutas pela construção da igreja, a história semi-cômica do “corno” a salvar-lhes o cemitério, e o “ideal” de ter um sacerdote e viver numa sede paroquial. (p. 7).

3.2.2.3 FONTES PERTENCENTES À CATEGORIA 3

Esta categoria busca revelar, por meio de um estudo historiográfico e sociológico, a cultura dos imigrantes italianos e de seus descendentes. Contudo, nossa análise ficará restrita às questões ligadas à religião.

O antropólogo Thales de Azevedo retrata os primeiros tempos da imigração italiana através da obra *Os italianos do Rio Grande do Sul – cadernos de pesquisas* (1994) fazendo uso do método de entrevistas informais. Isso se dá uma vez o autor se sentir privado de outras possíveis fontes, tais como de livros, pois esses quase inexistiam na Biblioteca Pública.

Cadernos de Pesquisa – Os italianos no Rio Grande do Sul – tem sua origem nas incursões realizadas pelo autor à Região Colonial Italiana, no Rio Grande do Sul, no período de 1955 a 1973.

Os originais manuscritos integram o acervo sobre o Rio Grande do Sul e a Região Colonial Italiana do Estado, doado pelo autor ao Projeto – Elementos Culturais das Antigas Colônias Italianas do Rio Grande do Sul – ECIRS, da Universidade de Caxias do Sul, que se empenhou por sua publicação.

De acordo com o prefaciador da obra, Emilio Franzina: “Percorrendo os apontamentos dos primeiros cadernos, compreende-se muito bem que o autor prepara os materiais para uma investigação que se propõe ser ao mesmo tempo historiográfica e sociológica, mas sempre radicada no presente.” (p.20). Acrescenta ainda o prefaciador:

E o presente, na metade dos anos cinquenta, coincide em Caxias e arredores com o início de um primeiro fluxo de reinvenção da tradição dentro de estruturas necessariamente voltadas à mudança. Se a “monótona” vida na colônia continua a ser marcada em profundidade por um espírito religioso nativo, cultivado em torno a lugares e símbolos de oração, como as célebres capelas rurais, esta forma de piedade que Stuart qualifica como mística e sentimental deve já contar com a penetração, lenta mas segura, do espiritismo e da macumba. (p. 20).

Thales, durante suas pesquisas, tem acompanhantes e guias de origem italiana, os quais fornecem dados e notícias, o que não o impede de formar sua opinião sobre a realidade que se apresenta. Suas fontes variam de arquivo a conversas domésticas com os colonos.

3.2.2.4 FONTES PERTENCENTES À CATEGORIA 4

Nesta categoria estão concentrados os trabalhos investigativos realizados por Arlindo Battistel e Rovílio Costa, investigação essa de cunho antropológico. Isso proporciona que se possa traçar a relação do imigrante italiano e de seus descendentes com a religião por outro viés.

Arlindo Battistel e Rovílio Costa empreenderam uma pesquisa de oito anos que resultou na obra *Assim vivem os italianos*, publicada em três volumes. No primeiro volume, *Assim vivem os italianos: vida, história, cantos, comidas e estórias* (1982), os autores apresentam um trabalho de cunho antropológico que tem por objetivo retratar a evolução da cultura italiana. Os dados foram obtidos, segundo os autores, por meio de pesquisa de campo que teve como principais tarefas observar, indagar, escutar, registrar, comparar, entre outras.

Para a realização da pesquisa, os autores optaram por procurar um estudo de caso bem determinado de uma família de descendentes italianos em uma área de pequena mobilidade social, que sempre mantiveram uma vida tradicional de imigrantes agricultores, conservando seus costumes familiares, culturas e instrumentos de trabalho, próprios dos primeiros tempos da colonização italiana, situada a partir de 1875.

A obra tem por característica apresentar, em alguns momentos, o relato genérico dos autores com referência aos personagens, para que se tenha uma descrição geral e, em outros momentos, transcreve as informações da maneira e na linguagem em que ocorrem.

Battistel iniciou sua pesquisa a partir da vivência e das experiências de sua própria família, mas buscou isentar-se, como pesquisador, de variáveis afetivas a que poderia estar submetido. Foram entrevistadas também pessoas que apresentassem as mesmas características dos seus familiares, tais como a idade (acima de 70 anos), profissão (agricultores), língua utilizada no cotidiano, o dialeto (italiano), mesmo nível cultural (sem estudos além da escola rural), com experiência na atividade agrícola e com residência permanente na zona rural. Para

a realização desta pesquisa foram necessários seis anos que contou, além das entrevistas (gravadas), com estudos bibliográficos a fim de ampliar o ângulo de visão da investigação.

Os capítulos desse trabalho estão organizados em descrição de fatos, ocasião em que apenas se aproveita os relatos que já não são pessoais, e em relato de vida que revela exatamente os interesses e a percepção da realidade dos personagens. São feitos registros no dialeto e traduzidos simultaneamente.

O segundo volume de *Assim vivem os italianos: religião, música, trabalho e lazer* (1982) transcreve, com algumas adaptações, uma pesquisa realizada por Arlindo Itacir Battistel em 1978 referente à vida religiosa italiana no Rio Grande do Sul focada na figura do Padre Leigo. Battistel apresenta seu trabalho como sendo uma pesquisa descritiva de campo situada no âmbito da Sociologia Religiosa.

Este segundo volume é composto, primeiramente, pela descrição da situação do imigrante italiano ao abandonar a Itália e as aventuras que envolveram sua viagem rumo ao Brasil. Em seguida, são transcritos comentários simultâneos de entrevistas realizadas com descendentes de imigrantes italianos com idade entre 40 e 100 anos. Finalizando, transcreve na íntegra a pesquisa realizada por Arlindo Itacir Battistel, que teve início em 1978 e foi concluída em 1980. Transcreve, também, a Liturgia da Missa, as orações oficiais e espontâneas, o canto religioso e profano.

Por fim, o terceiro volume intitulado *Assim vivem os italianos: a vida italiana em fotografia* (1982) representa o fecho de oito anos de pesquisas que, como dizem os autores, tratou-se de uma obra planejada para que outros escrevessem, outros esses, que eram os entrevistados.

3.2.2.5 ENTREVISTAS PERTENCENTES À CATEGORIA 5

Buscou-se, nas entrevistas e na seleção de entrevistados, retratar um pouco mais do que já foi dito ou escrito, resgatar memórias, por meio desses que são estudiosos da colonização italiana e da religião.

A primeira entrevista foi realizada com Mário Gardelin reconhecido pesquisador e historiador, com vasta publicação na área de imigração italiana, além de detentor de rica documentação relativa à imigração na região colonial italiana. Foi professor na Universidade de Caxias do Sul sendo, atualmente, assessor para assuntos de povoamento, imigração e colonização na mesma universidade.

A segunda entrevista foi realizada com Frei Rovílio Costa, também estudioso e pesquisador da imigração italiana. Frei Rovílio possui uma extensa obra, mais de dois mil títulos publicados pela Editora EST, não só sobre a imigração italiana, mas também sobre outras imigrações. É mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e livre-docente em Antropologia Cultural com a obra Antropologia visual da imigração italiana. Foi professor no Departamento de Estudos Básicos da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O terceiro entrevistado foi o padre Leomar Brustolin, pároco da Catedral Diocesana de Caxias do Sul. Padre Leomar é professor da FATEO PUCRS, pesquisador das questões da religião e também conhecedor da região colonial italiana. Entre suas publicações pode-se destacar: Formação bíblica para catequistas com dinâmicas e celebrações; Maria, símbolo do cuidado de Deus e Via *Lucis* – Via sacra e ressurreição.

3.3 TRATAMENTO DADO AOS SEGMENTOS DISCURSIVOS

O acesso que se tem aos modelos cognitivo-culturais é multiplamente mediado, pois uma vez o *corpus* ser constituído de relatos de entrevistas, entre outros, teremos situações em que o autor das obras relata o discurso de outro ou relata outros relatos e, nesse sentido, diz Bakhtin (1981): o “discurso citado é o **discurso no discurso**, a **enunciação na enunciação**, mas é, ao mesmo tempo, um **discurso sobre o discurso**, uma **enunciação sobre a enunciação**” (p. 144).

A alternância entre os sujeitos, afirma Bakhtin, é o que define os limites dos enunciados, esses entendidos como unidades concretas da comunicação discursiva. Assim é a alternância de sujeitos que faz com que o enunciado seja entendido como uma unidade de comunicação. Complementando diz:

O falante não é um Adão, e por isso o próprio objeto de ser discurso se torna inevitavelmente um palco de encontro com opiniões de interlocutores imediatos (na conversa ou na discussão sobre algum acontecimento do dia-a-dia) ou com pontos de vista, visões de mundo, correntes, teorias, etc. (no campo da comunicação cultural). Uma visão de mundo, uma corrente, um ponto de vista, uma opinião sempre têm uma expressão verbalizada. Tudo isso é discurso do outro (em forma pessoal ou impessoal), e este não pode deixar de refletir-se no enunciado. (p. 300).

Segundo Bakhtin ([1979] 2003), todo falante é originalmente um respondente, sendo o primeiro a quebrar o silêncio do universo o que leva ao entendimento de que antes do sistema da língua que usa há enunciados, seus e dos outros, com os quais o seu enunciado estabelece relações. Assim: “Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (p. 272).

Conforme Bakhtin há esquemas sintáticos para a introdução do discurso de outrem, recriando, dessa forma, a enunciação e dando-lhe nova orientação. Os esquemas que organizam essa enunciação são: o discurso direto, o discurso indireto e o indireto livre.

O discurso indireto, como diz Bakhtin, é de natureza analítica, ou seja, perdem-se elementos emocionais e afetivos do discurso proferido por outrem, uma vez que é ouvido de forma diferente.

Para que se faça a transição para o discurso indireto, diz o autor, há uma passagem das formas de discurso para formas de conteúdo, ou são representados pela proposição inicial de

um *verbum dicendi*. A enunciação de outrem revela, além do objeto do discurso, outros elementos, tais como, maneira de falar, estado de espírito, entonação, expressividade, entre outros.

A título de exemplificação do que acontece em algumas obras, quando dentro do texto há a incidência de discurso direto ou indireto, citamos o seguinte recorte extraído do *corpus*:

Todos lembramos a santa simplicidade de Dom Cláudio José, que costumava entreter-se como nossos colonos. Parece-nos de ouvir ainda Dom Pimenta quando, ao retornar de nossas colônias, em alocução pública, em Porto Alegre, exclamava: “A fé do italiano é tal de transportar montanhas”. E lá em cima, em Alfredo Chaves em Bento Gonçalves e em tantos outros lugares, ressoa ainda forte o tom das palavras com que Dom João Becker exaltava o progresso, o trabalho, a indústria, o patriotismo, e a fé do povo de origem italiana. (BAREA, 1995, p. 13).

[R1 Todos lembramos a santa simplicidade de Dom Cláudio José, que costumava entreter-se como nossos colonos.] [R2 Parece-nos de ouvir ainda Dom Pimenta quando, ao retornar de nossas colônias, em alocução pública, em Porto Alegre, exclamava: “A fé do italiano é tal de transportar montanhas”.] [R3 E lá em cima, em Alfredo Chaves em Bento Gonçalves e em tantos outros lugares, ressoa ainda forte o tom das palavras com que Dom João Becker exaltava o progresso, o trabalho, a indústria, o patriotismo, e a fé do povo de origem italiana].

Em R1 temos um L1, Barea, produzindo um relato que, na posição de eclesiástico, apresenta-se como autoridade religiosa, falando em nome do clero; ou, como uma voz coletiva, falando em nome da comunidade. Em R2, tem-se novamente a voz de L1, que agora introduz a fala de um L2 (Dom Cláudio José) na forma de discurso direto, dando, dessa maneira, vez às diferentes vozes do discurso e seus respectivos lugares.

Em R3, L1 aparece novamente como autoridade religiosa e introduz um discurso indireto de L3 (Dom João Becker). Percebe-se, neste fragmento, a existência de um locutor L1 responsável pela enunciação e que, ao mesmo tempo relata o discurso do outro (L2 e L3) de forma direta e indireta. Tem-se que considerar que a percepção de L3 pode transformá-lo em uma voz individual, se tem a ver com sua própria percepção, em uma voz coletiva, se

representa a enunciação do clero (dos padres), ou, ainda, em uma voz genérica, se o que está representando é o senso comum.

3.4 A HIPÓTESE DA ESTRUTURA RADIAL

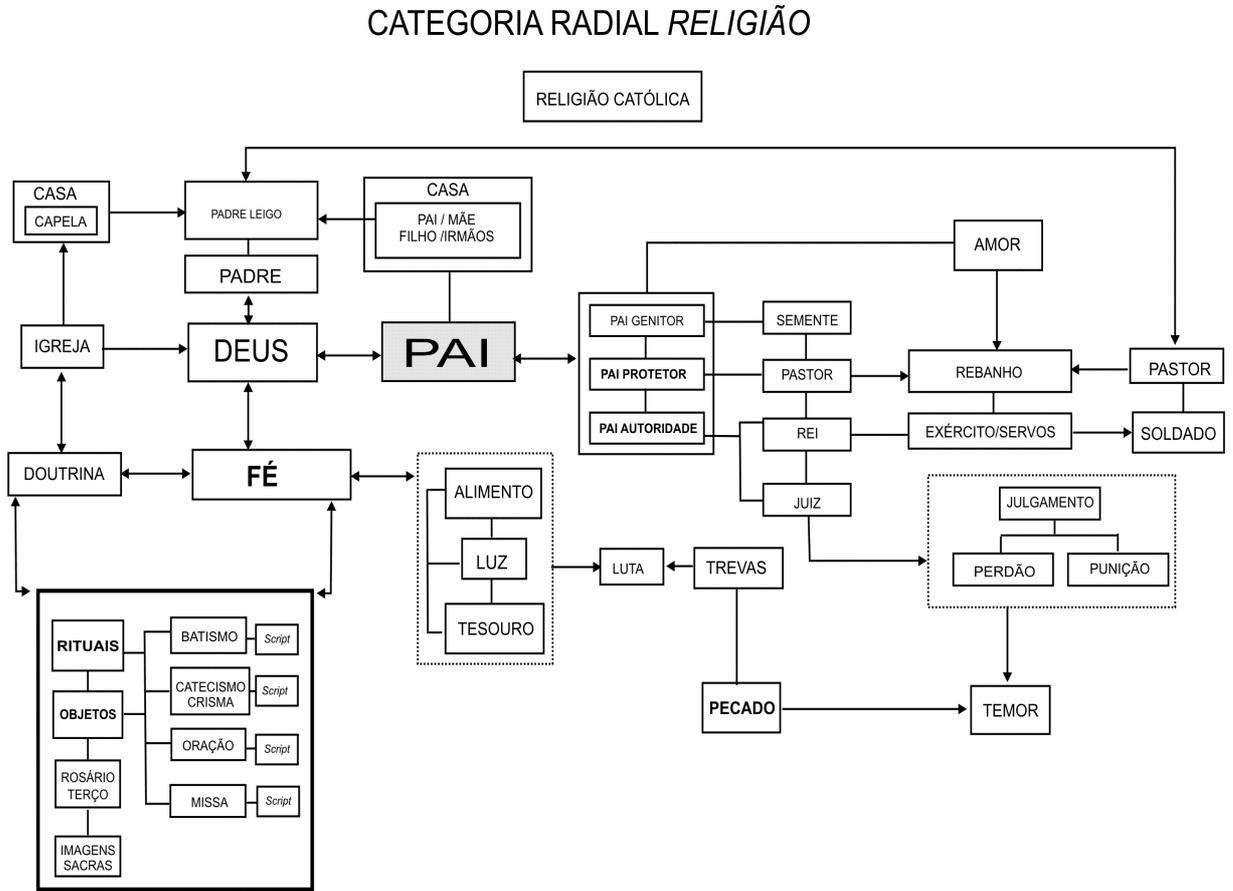
Apresenta-se aqui a estrutura radial hipotética produzida com base em uma análise preliminar, de um exame inspeccional do *corpus* inicial, a partir do qual alguns modelos, submodelos e suas respectivas projeções metafóricas, metonímicas, dentre outras, demonstraram ser mais significativas na organização da categoria conceitual RELIGIÃO.

A estrutura radial proposta tem por base a leitura exploratória do *corpus*. O diagrama que representa graficamente a estrutura radial hipotética foi criado em colaboração com a Profa. Dra. Heloísa Pedroso de Moraes Feltes e consta na obra *Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e teias*, apresentado como: “*Fonte: Feltes & Granzotto (2007)*”.

Lembrando a definição de Lakoff (1987), uma estrutura radial é aquela em que “há um caso mais central e variações convencionalizadas que não podem ser previsíveis por regras gerais.” (p. 84).⁶¹ Uma categoria radial possibilita, ainda, que sejam demonstradas regularidades existentes nas estruturas do léxico e da gramática. É sabido que a maioria das palavras e dos morfemas possui mais de um significado, significados esses que mantêm relação entre si. Tal relação entre significados também pode ser organizada por meio de uma categoria radial na qual haverá um caso mais central ao qual toda uma estrutura de significados se relacionará, motivados pelo significado indicado como mais central.

⁶¹ “A radial structure is one where there is a central case and conventionalized variations on it which cannot be predicted by general rules.” (1987, p. 84).

3.4.1 ESTRUTURA RADIAL HIPOTÉTICA DA CATEGORIA *RELIGIÃO*



3.4.2 LEITURA ANALÍTICA DA ESTRUTURA RADIAL HIPOTÉTICA DA CATEGORIA CONCEITUAL *RELIGIÃO*

O que segue é uma descrição desse diagrama. Acompanham, em notas, fragmentos do *corpus* que sinalizaram como índices para essas interpretações e, conseqüentemente, para a construção dessa radialidade.

Essa estrutura apresenta como eixo-central da categoria RELIGIÃO⁶², DEUS, considerado como modelo mítico (mito de origem) organizado em torno de um centro prototípico (domínio mais concreto) que é PAI⁶³. Essa ligação tem a ver com a experiência real do conceito de PAI que se constitui como um modelo proposicional envolvendo os conceitos de PAI GENITOR, PAI PROTETOR E PAI AUTORIDADE (CHEFE DE FAMÍLIA).

A partir desse centro prototípico projetam-se (por mapeamentos) metáforas, como por exemplo, PAI GENITOR que tem como possível metáfora DEUS É SEMENTE, dando a idéia de origem, de PATERNIDADE. O PAI, como centro prototípico, leva ao domínio da família, DEUS PAI, DEUS FILHO e MARIA-MÃE.

PAI PROTETOR projeta a metáfora de PAI PASTOR, tendo como acarretamento metafórico que nós, homens, somos OVELHAS pertencentes a um GRANDE REBANHO. Assim, PASTOR representa a figura daquele que cuida e mantém seu rebanho unido não permitindo que se

⁶² Versais ou maiúsculas referem conceitos, metáforas, metonímias e outros modelos cognitivo-culturais; itens lexicais aparecem entre aspas simples e vocábulos entre aspas duplas. Quando se trata de uma referência no mundo não são usados recursos notacionais. Por exemplo:

- (a) estuda-se a polissemia de 'religião'
- (b) a categoria RELIGIÃO é complexa;
- (c) "religiosidade" nesse discurso liga-se à metonímia RELIGIÃO É REALIZAR OS RITUAIS SAGRADOS.

⁶³ **Exemplo:** *Chegado ao seu novo destino, longe do convívio humano, o primeiro colono que chegou, tinha apenas o bom Deus que paternalmente por ele velasse em meio a tantos perigos, e o defendesse do assalto do animal selvagem e do extermínio das enfermidades. Exausto pelo trabalho do dia, reunia à noite a sua familiazinha ao redor da parca mesa, recitava as suas breves orações e se recolhia e adormecia com a consciência tranqüila, cheia de fé na Providência Divina.* (BAREA, 1995, p. 14-15) [grifo nosso]. Aqui também aparece a idéia de PAI PROVIDOR ("Providência").

desgarrem, exatamente como um pai faz com seus filhos. Projeta-se, metonimicamente, para PADRE-PASTOR.

O PAI AUTORIDADE projeta, metaforicamente, DEUS É REI, ou seja, aquele que governa e que provê os recursos necessários à subsistência dos seus SÚDITOS ou SERVOS e acarreta também, metaforicamente, através da estrutura de um REINO, a existência de um EXÉRCITO.

PAI AUTORIDADE projeta, metaforicamente, DEUS COMO JUIZ⁶⁴, que não co-ocorreria necessariamente com a metáfora DEUS É REI, havendo, na verdade, uma sobreposição com o JUIZ que representa a autoridade que sentencia, estabelece a pena ou a absolvição. A representação de DEUS COMO REI e JUIZ leva a JULGAMENTO, que pressupõe PERDÃO E PUNIÇÃO, remetendo a TEMOR. DEUS COMO JUIZ é, na verdade, uma projeção metafórica do PAI AUTORIDADE.

PADRE, então, surge como um acarretamento metafórico de REI. Partindo-se de que DEUS pode ser entendido metaforicamente por REI⁶⁵ e prevendo-se que também por extensões metafóricas pode-se chegar a EXÉRCITO, já que todo REINO possui uma GUARDA e um EXÉRCITO e, metonimicamente a SOLDADO, entende-se o PADRE como um SOLDADO⁶⁶ a serviço de DEUS.

⁶⁴ **Exemplo:** *À primeira vista aparece com clareza o imenso trabalho a ser feito em termos de purificação do sentimento religioso, proclamando mais a **figura de Deus como Pai do que a imagem de Deus como Juiz.** Importa, também, reencontrar o espírito da intensa solidariedade cristã e a participação leiga no exercício da religião. São duas dimensões importantes para a renovação da Igreja nas comunidades de etnia italiana (BATTISTEL, 1982, p. 49) [grifo nosso].*

⁶⁵ **Exemplo:** *Agora as capelas de madeira estão sendo gradativamente substituídas por outras de alvenaria. **Deus tanto os protegeu e abençoou que eles desejam mostrar-se reconhecidos, erguendo templos mais dignos à Majestade infinita** (BAREA, 1995, p. 15) [grifo nosso].*

⁶⁶ **Exemplo:** *Em primeiro lugar, eu não achei certo que os padres tirassem a batina, parece-me que são menos respeitados, porque **a batina representava um soldado com sua farda. Um soldado, quando está sem farda, ninguém lhe faz caso, nem parece um soldado, mas se tem a farda, é mais respeitado.** E o padre também me parece que era mais respeitado. Depois que tirou a batina, parece que o povo perdeu um pouco do respeito pelo padre. Mas acredito que o padre acompanha um pouco o resto do povo. **Parece-me que o povo vai perdendo a fé e segue outras religiões e parece que os padres também seguem o povo, há os que são muito bons e há os que não fazem corretamente sua obrigação.** Porém, em outros tempos, também conheci padres que não obedeciam as **ordens do bispo.** Quando se ia à missa, mostravam-se um pouco soberbos, respondiam mal ao povo, se alguém ficava mais atrás, em lugar de dizer venha para frente, diziam: “Que fazem vocês lá embaixo? Estão ali para fazer o quê? Se é para ficar lá, por que não vão para fora?” Assim o povo fica envergonhado e, em vez de ir mais à missa, diz: “Olha que esse padre, na igreja, é brabo, eu nem mais vou”. Eu acho que o padre deveria sempre andar com humildade, com bom jeito para com o povo, porque se fala contra o povo, ele se revolta mais ainda (BATTISTEL, 1982, p. 149-150) [grifo nosso].*

Mas por que se faz referência a SOLDADO dentro da estrutura? Porque existe uma luta entre o BEM, representado pela LUZ, e o MAL, representado pelas TREVAS, logo os soldados estão presentes para ajudar o povo, socorrê-lo, ao mesmo tempo em que protegem os interesses de DEUS e de seu REINO.

Metonimicamente, PADRE está por DEUS. Há, ainda, como SOLDADOS, a figura dos SANTOS que lutaram pelas causas de DEUS e da IGREJA.

Chega-se, dessa forma, à IGREJA, entendida como A CASA⁶⁷ DE DEUS e à CAPELA, que conseqüentemente, por acarretamento, também será considerada como a morada de DEUS.

Esse DEUS é um DEUS de AMOR e de TEMOR e, por acarretamento, a FÉ também será uma FÉ DE AMOR E TEMOR.

A FÉ está ligada a metáforas como ALIMENTO DA ALMA, LUZ e TESOURO⁶⁸. Logo, por acarretamento: A RELIGIÃO É UM TESOURO.

Metonimicamente, os RITUAIS⁶⁹ levam a DEUS e são organizados através da metáfora do CAMINHO EM DIREÇÃO A DEUS. Como exemplos de rituais temos: a missa, o catecismo⁷⁰, a bênção da água e a oração. Esses rituais são organizados na forma de um *script*.

⁶⁷ **Exemplo:** *Apesar de terem que enfrentar enormes dificuldades, jamais se esqueceram da casa de Deus. Construíram igrejas paroquiais e um grande número de capelas menores, onde se reúnem aos domingos para rezar em comum, já que, devido às grandes distâncias, não podem dirigir-se à igreja paroquial* (FOCHESATTO, 1977, p. 23) [grifo nosso].

⁶⁸ **Exemplo:** *E a este teu amigo, buscas com confiança de família, nos contrastes com teu próximo, nas injustiças que te causam. E por isso tu olhaste sempre como teu inimigo o inimigo do teu sacerdote. E por isso nunca te deixaste iludir pelos que, comodamente instalados nas cidades ou nos centros construídos com teu suor, te apresentavam uma doutrina diferente daquela que te ensinava o sacerdote, que veio desde o começo dividir contigo a mesma vida cheia de dificuldades, de dores e de sacrifícios. E por isso tu sempre refugaste, com toda a força da tua alma crente de vêneto-lombardo, toda manobra intencionada a roubar-te o tesouro mais precioso trazido da Itália: a Religião católica, apostólica e romana.* (BAREA, 1995, p. 14) [grifo nosso].

⁶⁹ **Exemplo:** *A religião dos imigrantes italianos e de seus descendentes no RS era, necessariamente e essencialmente, ritualista. Isso não exclui a prática das virtudes cristãs que, como veremos, eram parte integrante da organização comunitária das capelas. Mas o conteúdo principal de sua religião consistia na realização e na participação das liturgias e dos ritos. A realização era o sinal único da existência da religião e a participação era o único critério de distinção entre a pessoa de fé e o incrédulo* (MANFROI, 1975, p. 185).

⁷⁰ **Exemplo:** *A religião dos imigrantes italianos e de seus descendentes no RS era, necessariamente e essencialmente, ritualista. Isso não exclui a prática das virtudes cristãs que, como veremos, eram parte integrante da organização comunitária das capelas. Mas o conteúdo principal de sua religião consistia na realização e na participação das liturgias e dos ritos. A realização era o sinal único da existência da religião e a participação era o único critério de distinção entre a pessoa de fé e o incrédulo* (MANFROI, 1975, p. 185).

MISSA, por exemplo, tem a seguinte forma de organização/*script*:

(1) RITOS INICIAIS: Entrada, Saudação do altar, Ato penitencial, Glória *in excelsis*, oração colecta.

(2) LITURGIA DA PALAVRA: Salmo responsorial, Aclamação antes da leitura do Evangelho, Homilia, Profissão de fé, Oração universal.

(3) LITURGIA EUCARÍSTICA: Preparação dos dons, Oração sobre os oblatos, Oração Eucarística, Rito da comunhão, Oração dominical, Rito da paz, Comunhão.

(4) RITO DE CONCLUSÃO.

A ORAÇÃO, como ritual, está ligada metonimicamente ao TERÇO, que tem como *script*:

Faça o Sinal da Cruz e reze o Creio.

1. Reze a oração do "Pai-Nosso".
2. Reze Três "Ave-Marias".
3. Reze o "Glória ao Pai".
4. Anuncie o Primeiro Mistério; reze, então, o "Pai Nosso"; em seguida reze dez "Ave-Marias", enquanto medita sobre o mistério.
5. Reze o "Glória ao Pai".
6. Depois de cada, dezena reze a seguinte oração pedida pela Virgem Maria em Fátima: "O Meu Jesus, perdoai-nos os nossos pecados, livrai-nos do fogo do inferno, levai as almas todas para o Céu e socorrei principalmente as que mais precisarem da tua misericórdia".
7. Anuncie o Segundo Mistério: diga, então, o Pai Nosso. Continue com o Terceiro, Quarto e Quinto Mistérios da mesma maneira.
8. Reze a "Salve Rainha" depois que terminar as cinco dezenas.

A análise aqui apresentada possibilita-nos levantar hipóteses a respeito dos mecanismos envolvidos na construção dos modelos cognitivo-culturais do conceito de RELIGIÃO nas antigas colônias italianas.

Senhor, Deus dos exércitos, até quando estarás irado, sem ouvir a oração do teu servo? (Salmos, 79,5)

3.4.3 ANÁLISE DOS SEGMENTOS DISCURSIVOS: TMCI E CONEXÕES TEÓRICAS RELEVANTES

Nesta seção realizam-se as análises dos segmentos discursivos constitutivos do *corpus*⁷¹. Segue-se a ordem das categorias de fontes, conforme a notação proposta. Inicialmente, faz-se uma breve caracterização do discurso em seus traços relevantes. Os segmentos são, então, recortados em unidades de análise, representadas por uma ordenação alfabética, como, por exemplo: (1a); (1b); (3c) e assim por diante. Procede-se, a partir disso, a análise segundo o referencial teórico da TMCI, em Semântica Cognitiva, estabelecendo-se conexões com temas tratados no capítulo 1 (*O homem e suas relações com a religião*) utilizando-se basicamente as idéias de Durkheim e Eliade.

Quando os segmentos discursivos distintos, dentro de uma mesma categoria, apresentam elementos recorrentes, estes são apresentados fazendo missão remetendo-os aos segmentos cuja análise é similar ou idêntica, ou seja, ao invés de se repetir a análise faz-se a remissão aos segmentos. Em caso de recorrências intercategoriais, fazem-se remissões a análises anteriores pela menção (alfanumérica) aos recortes respectivos já analisados.

Seguem-se as análises.

⁷¹ O *corpus* é constituído de 138 segmentos conforme anexo I, mas apenas alguns foram selecionados pela sua relevância, considerando que os demais apresentariam análises similares, o que, por um lado, reforça os achados da pesquisa e, por outro, tornam-se redundantes.

AMOSTRA

1

“[...]”

“[...]” “[**(a)** Os imigrantes italianos tinham boa formação cristã, expressa pelas práticas religiosas e pela fé viva]. Em cada comunidade, [**(b)** o padre gozava de particular estima. Era tratado como representante de Deus. A hierarquia era sagrada]. [**(c)** O povo era profundamente devoto. Diz-nos a imigrante Amália Antonello Paliossa que, ao trabalhar na tecelagem de fios de seda, rezavam o terço e várias outras orações durante o trabalho. Voltando para casa, à noite, rezavam outro terço em família.] [...]” (p. 18). [C1, AB, S1]

Este segmento tem caráter descritivo pelas marcas do IdPt1. Descreve, provavelmente, um conjunto de informações colhidas em entrevistas ou observação de campo. A polifonia atravessa o discurso e se mostra mais explicitamente no discurso indireto encabeçado pelo verbo ‘diz’, o qual introduz a voz da informante, ao mesmo tempo em que o pronome ‘nos’ revela que tal discurso está sendo direcionado a Battistel, que é o entrevistador e também autor do texto.

(1a) “Os imigrantes italianos tinham boa formação cristã, expressa pelas práticas religiosas e pela fé viva.”

Em (1a), diz-se que a boa formação cristã do imigrante italiano é expressa pelas práticas religiosas. Assim, pode-se dizer que praticar a religião é um modo de preservá-la, e tais práticas implicam em que rituais sejam realizados, pois, deve-se mencionar, quando o imigrante iniciou sua instalação em novas terras, o único modelo de religião que tinha era aquele que havia aprendido, sob a forma de rituais, em sua terra natal. Essa relação com as práticas religiosas reforça a hipótese inicialmente formulada de que o conceito de RELIGIÃO é representado por um modelo RITUALISTA, que é transmitido culturalmente. As práticas religiosas representam o exercício constante dos ritos (missa, catecismo, reza do terço, etc.) e os ritos, pelo esquema de LIGAÇÃO, visam a garantir a conexão entre o homem e Deus.

Por metonímia pode-se inferir que:

BOA FORMAÇÃO CRISTÃ É REPRESENTADA POR PRÁTICAS RELIGIOSAS

RELIGIÃO SE EXPRESSA POR PRÁTICAS RELIGIOSAS

Se:

A REZA DO TERÇO É UMA PRÁTICA RELIGIOSA (Entendendo que a reza do terço é um exemplo das práticas religiosas do imigrante italiano)

então:

REZAR O TERÇO É SER RELIGIOSO

Dessa forma:

RELIGIÃO É DEPENDENTE DOS RITUAIS

A RELIGIÃO TEM UMA ESSÊNCIA RITUALÍSTICA

Além disso, metonimicamente, FÉ pode ser entendida da seguinte maneira:

VIDA É ATIVIDADE

A FÉ É ATIVA

FÉ ATIVA É A FÉ PRATICADA (SÃO AS PRÁTICAS RITUALÍSTICAS)

Assim:

VIDA É ENERGIA FÍSICA/ATIVIDADE

FÉ VIVA É FONTE DE VIDA, DE ENERGIA

Em que:

VIDA-ATIVIDADE [Domínio-fonte] projeta-se metaforicamente para FÉ [Domínio-alvo].

(1b) “[...] o padre gozava de particular estima. Era tratado como representante de Deus. A hierarquia era sagrada.[...]”

Este recorte destaca a importância do papel do padre perante a comunidade e demonstra o respeito que os imigrantes nutriam pelas relações de poder, pois, para eles, a hierarquia era sagrada. Nesse contexto, PADRE surge como uma fonte metonímica de efeito prototípico ligado a modelos culturais, ou seja, terá maior ou menor representatividade, de acordo com a cultura em que estiver inserido. Na cultura em questão, o papel do PADRE é socialmente reconhecido como alguém que está por DEUS, o que lhe confere um tratamento especial. Revela-se aqui o *Sistema da Metáfora Moral*, mais exatamente, da ORDEM MORAL. Nos estudos realizados por

Lakoff e Johnson (1999), a metáfora da ORDEM MORAL está baseada na TEORIA POPULAR DA ORDEM NATURAL, significando que, dentro da ORDEM MORAL/ORDEM NATURAL das coisas, há, nas relações humanas, uma hierarquia a ser respeitada e, entendendo, metonimicamente, o papel do PADRE como sendo o papel do próprio Deus, deve-se respeitá-lo como alguém hierarquicamente superior, devendo-se a ele, portanto, respeito e obediência. Surge, ainda, levando-se em consideração o DEVER com relação à hierarquia, a metáfora da AUTORIDADE ABSOLUTA. De acordo com essa metáfora, o respeito está baseado na obrigação moral, logo se deve render obediência sem qualquer tipo de questionamento: apenas se respeita, porque assim é que deve ser. Além disso, pela metáfora da CONTABILIDADE MORAL, respeitar o PADRE é respeitar a Deus e respeito equivale a CRÉDITO. Por outro lado, aquele que desrespeita o PADRE está desrespeitando a Deus e, conseqüentemente, adquire um DÉBITO MORAL, sujeito a restituição.

Metonimicamente, pode se inferir que:

O PADRE ESTÁ POR DEUS

Logo, se:

DEUS TEM AUTORIDADE ABSOLUTA SOBRE OS HOMENS

então:

PADRE, COMO REPRESENTANTE DE DEUS, EXERCE AUTORIDADE SOBRE OS HOMENS

O HOMEM RESPEITA E ACATA A AUTORIDADE DE DEUS E DO PADRE

(1c) “O povo era profundamente devoto [...] ao trabalhar na tecelagem de fios de seda, rezavam o terço e várias outras orações durante o trabalho. Voltando para casa, à noite, rezavam outro terço em família.”

Na verdade, a reza do terço era uma atividade comunitária, sendo realizada não só no ambiente familiar, mas também, por exemplo, no trabalho.

Em (1c), o povo ser profundamente devoto pode assumir dois significados. O primeiro indicando um movimento para baixo, levando a uma metáfora orientacional do tipo PROFUNDO É PARA BAIXO. Essa metáfora leva a: DEVOÇÃO PROFUNDA É DEVOÇÃO COM BASE/FUNDAÇÕES SÓLIDAS, o que acarreta que a FÉ desse povo possui RAÍZES PROFUNDAS. O segundo significado diz respeito a um movimento para dentro, de incorporação, remetendo ao esquema de imagem CONTAINER, em que a FÉ, a DEVOÇÃO preenche as pessoas que são RECIPIENTES, e a metáfora orientacional é PARA DENTRO.

Assim, têm-se duas projeções:

DEVOÇÃO PROFUNDA É FÉ COM FUNDAÇÕES

DEVOÇÃO PARA DENTRO É FÉ INCORPORADA

Neste recorte, a reza do terço surge como uma atividade comunitária, sendo realizada tanto em família como no ambiente de trabalho.

2

“[(a) A oração faz parte do programa familiar e pessoal dos imigrantes italianos e de seus descendentes].” (p. 21). [C1, AB, S2]

(2a) “A oração faz parte do programa familiar e pessoal dos imigrantes italianos e de seus descendentes.”

O recorte (2a) afirma que a oração é uma prática regular do programa familiar dos imigrantes italianos e de seus descendentes, o que lhe confere um caráter de rotina, como muitos outros elementos rotineiros já atrelados ao seu dia-a-dia, levando ao modelo proposicional *script*. Esse modelo será melhor representado no decorrer das análises.

3

“[(a) Manuel Rigatti rezava todas as manhãs o Creio, os Atos de Fé, Esperança e Caridade... e por serem longas as orações, e não perder tempo de serviço, ele as rezava enquanto tratava os animais] (porcos, vacas, bois...)” (p. 21). [C1, AB, S3]

(3a) “Manuel Rigatti rezava todas as manhãs o Creio, os Atos de Fé, Esperança e Caridade... [..] rezava enquanto tratava os animais [..].”

O hábito da oração apresentado nos recortes (1c) e (2a) é aqui reforçado. Neste caso, contudo, as orações eram feitas também individualmente, diferindo do caráter comunitário evidenciado nos segmentos até aqui analisados.

4

“[(a) Josefa Bodini Aresi acordava as crianças, pedia para que se ajoelhassem diante de Santo Antônio e de Nossa Senhora e rezavam: “Vi adoro, mio Dio, vi amo com tuto el mio core...” (Ela não pode mais lembrar toda a oração, pois fazia muitos anos que não a rezava mais em italiano). Essa oração era rezada ao pé da cama], pois os quartos, antigamente, estavam cheios de quadros e imagens de santos.[...]” (p. 21-22). [C1, AB, S4]

Trata-se de um segmento descritivo. Faz-se essa afirmação como base no uso dos verbos do IdPt1, ao mesmo tempo em que revela o caráter polifônico do texto. O autor faz tal descrição baseado no relato de sua entrevistada Josefa Bodini Aresi. Isso transparece, porque na seqüência apresenta uma citação direta da entrevistada. O uso de aspas, bem como do comentário feito pelo autor: “Ela não pode mais lembrar toda a oração, pois fazia muitos anos que não a rezava mais em italiano”, marcam o discurso direto.

(4a) “Josefa Bodini Aresi acordava as crianças, pedia para que se ajoelhassem diante de Santo Antonio e de Nossa Senhora e rezavam [..] Essa oração era rezada ao pé da cama [..]”

Esse recorte reitera a questão da importância dos RITUAIS na rotina das famílias de imigrantes. Na verdade, esse relato descreve uma atitude rotineira ao acordar, o que acaba por revelar-se como um *script*, ou seja: acordar, ajoelhar e rezar, nesse caso para Santo Antônio e Nossa Senhora era um comportamento diário. O fato de ajoelharem-se perante o Santo e Nossa Senhora leva a uma metáfora orientacional, essa que é produto da experiência física e cultural do homem. Nesse caso, ajoelhar-se representa estar sujeito à força, à autoridade de outrem, aqui

representado pelos intercessores junto a Deus, tudo isso sob a influência da metáfora da ORDEM MORAL. Sendo assim, o fiel deve manter sempre uma atitude de respeito, reverência e consciência de sua inferioridade perante o poder de Deus. Pela metáfora da ORDEM MORAL: DEUS TEM PODER SOBRE OS HOMENS. OS SANTOS E NOSSA SENHORA TÊM PODER PARA INTERCEDER JUNTO A DEUS.

Por um acarretamento metonímico:

OS SANTOS E NOSSA SENHORA TÊM PODER SOBRE OS HOMENS

Além disso, o fato de as orações serem feitas de joelhos, indica que, metaforicamente, ESTAR SUJEITO AO CONTROLE É ESTAR EM UMA POSIÇÃO HIERARQUICAMENTE INFERIOR.

A oração feita de joelhos indica, por uma metáfora orientacional, ESTAR SUJEITO AO CONTROLE, POSIÇÃO INFERIOR.

“A oração da noite: o Terço [Subtítulo]

5

“[(a) Nos primórdios da imigração, todas as famílias rezavam o Terço, à noite. Era rezado da mesma forma em todas as famílias.] As orações antes e depois do terço variavam. A família do Albino Bolzan (Ibiraiaras), costumava rezar antes do Terço o Ato de Fé, Esperança e Caridade; só depois começava o Terço. As famílias de Domingos Battistel e de Agenor Boareto (Nova Prata) começavam com o Creio. Após o Terço, cada família e cada comunidade rezava por intenções especiais. [(b) As devoções mais comuns eram as seguintes: um Pai Nosso, uma Ave-Maria e um Glória ao Pai, ao padroeiro da capela. Uma oração às almas do purgatório. Oração à Nossa Senhora, a Santo Antônio e, no fim, o Bendito Seja Deus. Várias intenções eram intercaladas, tais como: Oração a São Paulo, para pedir a proteção contra picadas de cobras; a Santa Bárbara, para pedir a proteção contra as intempéries; oração pelas vocações, a São Brás, a Santo Antão Abade, a Santa Ana...” (p. 22). [C1, AB, S5]

(5a) “Nos primórdios da imigração, todas as famílias rezavam o Terço, à noite. Era rezado da mesma forma em todas as famílias.”

O recorte (5a) descreve como as famílias rezavam o terço à noite, bem como a maneira como organizavam suas orações e em intenção de quem rezavam.

A reza do terço parece ser um dos RITUAIS mais praticados pelo imigrante e seus descendentes, possivelmente, por ser o mais facilmente realizável, contudo, a reza do terço, nesse caso, exigia dentro do *script* proposto, que toda família estivesse reunida.

Expressões como: *as famílias rezavam o Terço à noite e era rezado da mesma forma em todas as famílias* revelam a presença do modelo proposicional *script*, isso porque rezá-lo à noite e sempre da mesma forma, indica que havia uma cadeia de inferência pré-organizada que dizia respeito a uma situação rotineira específica. Uma possível seqüência, nesse caso, é a seguinte:

MODELO DE *SCRIPT*

LOCAL→ EM CASA

TEMPO→ À NOITE

AGENTE [COLETIVO] → A FAMÍLIA

ATO→ REZA DO TERÇO

Ressalta-se que o ATO de rezar pode ser coletivo (em família, nos capitéis, entre famílias no momento da entrega da capelinha), como em geral o é, mas também pode ser individual (na lavoura, no trato dos animais, etc.), de acordo com o que foi verificado em (3a).

(5b) “As devoções mais comuns eram as seguintes: um Pai Nosso, uma Ave-Maria e um Glória ao Pai, ao padroeiro da capela. Uma oração às almas do purgatório. Oração à Nossa Senhora, a Santo Antônio e, no fim, o Bendito Seja Deus. Várias intenções eram intercaladas, tais como: Oração a São Paulo, para pedir a proteção contra picadas de cobras; a Santa Bárbara, para pedir a proteção contra as intempéries; oração pelas vocações, a São Brás, a Santo Antônio Abade, a Santa Ana...”

Em (5b), surge um novo aspecto relacionado às devoções dos imigrantes italianos. Percebe-se que as orações realizadas tinham por objetivo, num primeiro momento, reverenciar, Deus, Maria, o Santo padroeiro e as almas do purgatório (a questão da devoção às almas será melhor abordada em (6a)). Num segundo momento, as orações são endereçadas especificamente a um ou outro santo, dependendo do pedido que é feito. Essa ligação do homem com os Santos,

mediada pela oração, relaciona-se com a metáfora da CONTABILIDADE MORAL, ou seja, pela oração o cristão agradece e paga seus débitos, bem como adquire créditos de forma antecipada.

Dessa forma:

PEDIR PROTEÇÃO É CONTRAIR UM DÉBITO

ORAR PARA O SANTO PADROEIRO É GANHAR [OU TENTAR ADQUIRIR] CRÉDITO

“Oração para os falecidos [Subtítulo]

6

“As famílias dos imigrantes rezavam constantemente e visitavam, com freqüência, os túmulos dos falecidos para rezar. [(a) Acreditavam piamente na ressurreição da alma logo após a morte corporal, no Purgatório, no Céu, no Inferno. Tinham grande devoção às almas,] especialmente as mais abandonadas e a [(b) consciência viva da Comunhão dos Santos.] [...]” (p. 24).

[C1, AB, S6]

(6a) “Acreditavam piamente na ressurreição da alma logo após a morte corporal, no Purgatório, no Céu, no Inferno. Tinham grande devoção às almas [...].”

Retomando o que diz Durkheim no capítulo 1, o homem não endereçou a prática de seus ritos unicamente aos espíritos divinos, muitas vezes, e com certa regularidade, dedicou-os às almas dos mortos. A partir disso, é possível compreender a preocupação constante do imigrante para com seus mortos. Isso se dava, como demonstra este recorte, na freqüência das visitas aos túmulos dos mortos para rezar, bem como das orações dedicadas às almas dos falecidos. É oportuno lembrar que a reverência aos mortos é uma prática antiga e, segundo afirma Durkheim, os primeiros ritos realizados pelo homem foram endereçados aos mortos e os primeiros altares foram seus túmulos.

(6b) “[...] consciência viva da Comunhão dos Santos.”

O fato de o imigrante ter consciência da Comunhão dos Santos revela sua crença na união dos Santos com Deus. Como diz Durkheim, em nosso primeiro capítulo, o homem não

pratica apenas cultos coletivos; algumas vezes, pratica seu próprio culto, individual, e, nesses casos, geralmente se dirige ao santo padroeiro, santo de sua devoção ou ao anjo da guarda. Essa afirmação colabora para o entendimento da forte crença na Comunhão dos Santos. Assim, ter consciência viva dessa comunhão leva à metáfora ontológica do tipo: A MENTE COMO UM ORGANISMO VIVO.

Assim:

A MENTE É UMA ENTIDADE

A MENTE TEM VIDA

A VIDA É ATIVIDADE

Levando a:

A CONSCIÊNCIA É VIVA

CONSCIÊNCIA É ATIVIDADE

“Os capitéis e as capelinhas [Subtítulo]

7

“Surgiram, desde os primórdios da imigração, [(a) os capitéis, construídos por esta ou aquela família para pagar uma promessa, agradecer alguma graça ou para pedir proteção;] às vezes, eram construídos por um grupo de famílias ou pela própria sociedade. [(b) Nos capitéis se faziam as novenas, tríduos, rezava-se o Terço semanalmente, fazia-se a festa do padroeiro.] Muitos capitéis se transformaram, mais tarde, em capelas. Por volta de 1940, começou a generalizar-se a devoção a Nossa Senhora, através de capelinhas domiciliares. Varias famílias adquirem uma estátua de Nossa Senhora de Fátima, de Lourdes, das Graças, de Aparecida. Colocam-na em nicho portátil, fazendo-o rodar de uma a outra família, permanecendo, em cada uma, um ou vários dias. [(c) A chegada da capelinha ocasionava um encontro de oração entre duas famílias. Há orações apropriadas à visita de capelinhas, mas a mais constante é a reza do Terço.] [...]” (p. 26). [C1, AB, S7]

(7a) “[...] os capitéis, construídos por esta ou aquela família para pagar uma promessa, agradecer alguma graça ou para pedir proteção; [...]”

Em (7a), a construção de capitéis por parte das famílias ora para pagar uma promessa, ora para agradecer ou fazer um pedido, conduz à metáfora da CONTABILIDADE MORAL, pois, ora

servem para pagar dívidas, ora para contratar novas dívidas. Pagar as dívidas viabiliza que novas dívidas sejam contraídas, ou seja, fica-se com crédito. Assim:

PAGAR PROMESSAS É QUITAR DÍVIDAS

PAGAR DÍVIDAS É MORAL

AGRADECER POR UMA GRAÇA É QUITAR DÍVIDAS

PEDIR PROTEÇÃO É GERAR UM DÉBITO A SER PAGO ANTECIPADAMENTE OU FUTURAMENTE

(7b) “Nos capitéis se faziam as novenas, tríduos, rezava-se o Terço semanalmente, fazia-se a festa do padroeiro.”

Os capitéis, assim como as capelas e as igrejas, eram os lugares para se quitar as dívidas contraídas perante Deus, bem como para se fazer pedidos. Além disso, era ali que acontecia a festa do santo padroeiro. Essa festa, conforme diz Eliade no capítulo 1, seria um dos momentos de atualização do Tempo Litúrgico e repeti-la, a cada ano equivaleria a atualizá-la. Ainda no que diz respeito à questão do Tempo, Eliade destaca que toda festa religiosa busca romper com o Tempo profano, aproximando o Tempo sagrado.

A festa do padroeiro poderia ser entendida como a forma encontrada pelos imigrantes de tornar presente um Tempo sagrado, mantendo-se próximo a Deus e rompendo com o Tempo profano. Eliade destaca também que o cristianismo inovou no que diz respeito ao conceito de Tempo Litúrgico, uma vez que afirmou a historicidade da pessoa de Jesus Cristo. Da mesma forma, pode-se projetar para a vida dos Santos essa concepção. Isso tudo leva, metonimicamente, a:

CAPITÉIS ESTÃO POR DEUS

CAPITÉIS ESTÃO PELA IGREJA [LOCAL]

ESTAR NO LOCAL SAGRADO É ESTAR COM DEUS

O SANTO PADROEIRO ESTÁ POR DEUS

A REZA DO TERÇO LEVA A DEUS

Pelo esquema de LIGAÇÃO:

CAPITÉIS REPRESENTAM LIGAÇÃO COM DEUS

O TERÇO É LIGAÇÃO

(7c) “A chegada da capelinha ocasionava um encontro de oração entre duas famílias. Há orações apropriadas à visita de capelinhas, mas a mais constante é a reza do Terço.”

Em (7c), deparamo-nos com outro modelo de *script* para a reza do terço, já antecipado em (5a), trata-se da reza entre duas famílias, provocada pela chegada da capelinha. Nesse caso, o *script* poderia ser assim representado:

LOCAL→ NA CASA DE UMA DAS FAMÍLIAS

TEMPO→ MOMENTO DA ENTREGA DA CAPELINHA

AGENTE [COLETIVO]→ AS FAMÍLIAS ENVOLVIDAS

ATO→ A REZA DO TERÇO

A chegada da capelinha representava a chegada de Nossa Senhora, que vinha para abençoar a casa e a família que a recebiam. Sendo a figura da MÃE prototípica uma figura de agregação da família, é de se supor que tal encontro serviria como momento de união entre as famílias. Assim, metonimicamente:

A VISITA DA CAPELINHA ESTAVA PELA VISITA DE NOSSA SENHORA

A VISITA DA CAPELINHA UNIA AS FAMÍLIAS

8

“Sem dúvida, hoje ainda [(a) o maior documento da religiosidade e fé dos imigrantes italianos são as capelas.] [(b) Além de expressarem a fé, atestam sempre o início de comunidades. Os colonos ao se instalarem em suas terras imediatamente providenciavam um lugar para rezar em comum.] [...]” (p. 38).

[C1, AB, S8]

(8a) “[...] o maior documento da religiosidade e fé dos imigrantes italianos são as capelas.”

Para os imigrantes italianos, a construção das capelas atestava, como a posse de um documento, sua identidade de católico. Tal representação pode ser entendida a partir das seguintes metonímias:

CAPELA ESTÁ PELA FÉ

CAPELA ESTÁ POR DEUS

TER UM DOCUMENTO É TER UMA IDENTIDADE

E, por uma projeção metafórica:

A CAPELA É UM DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO

SER RELIGIOSO É TER UMA IDENTIDADE

(8b) “[as capelas] Além de expressarem a fé, atestam sempre o início de comunidades. Os colonos ao se instalarem em suas terras imediatamente providenciavam um lugar para rezar em comum.”

Este recorte evidencia que a construção da capela representava o início da comunidade que se formava, bem como a urgência do povo em providenciar um lugar para rezar em comum, confirmando o que é dito por Eliade no capítulo 1. Nesse sentido, diz o autor que para o homem religioso é imperioso que se estabeleça um espaço sagrado para opor-se ao profano e a construção da capela seria uma maneira de distinguir esses espaços. Além disso, o imigrante, pela própria natureza de homem religioso, toma posse das novas terras de forma ritualística, consagrando-a, recriando, supostamente, o universo habitado por Deus.

Pelo esquema de LIGAÇÃO:

A REZA LIGA O HOMEM A DEUS

UM LUGAR PARA REZAR LIGA O HOMEM A DEUS

9

“No início desta pesquisa, foi difícil imaginar [(a) a fé viva, profunda e inabalável dos imigrantes] quando chegaram no Brasil. Hoje, com a mente secularizada, sociologizada e crítica, não se entende facilmente a fé simples e firme dos antepassados. Às vezes, [(b) os imigrantes e descendentes] construíram igrejas bonitas e faustosas, por concorrência entre uma comunidade e outra. Mas não era este o motivo principal. Construíram igrejas grandes e bonitas por achar que assim melhor louvariam a Deus. Era uma homenagem a Deus construir-lhe uma casa digna. Enfim, foi por causa da sua fé viva que construíram tantas igrejas.] A mera rivalidade não justificaria o ânimo dos primeiros habitantes a fazerem tantos sacrifícios para construir a sua igreja. Embora poucos os recursos, procuravam o melhor para o culto. ‘Al Signore se ghê dá el meio che se pôl’, a Deus dá-se o melhor possível.” (p. 40-41). [C1, AB, S11]

Este segmento resgata as impressões do autor com relação ao sentimento religioso dos imigrantes. De fato, fica claro que se trata de conclusões pessoais, produto de suas investigações. Isso se evidencia pelo emprego de articuladores, tais como: no início desta pesquisa, hoje, às vezes, enfim, que organizam a fé dos imigrantes numa progressão temporal.

(9a) “[...] a fé viva, profunda e inabalável dos imigrantes [...]”

Este recorte foca essencialmente a importância da fé na vida dos imigrantes. Quando afirma que a fé desse povo é viva, profunda e inabalável, surge, de forma implícita, um pouco das características culturais dos imigrantes. Essa conceptualização nos leva, metaforicamente, a:

FÉ COMO UMA ENTIDADE FÍSICA, UMA VEZ QUE É VIVA

Dessa forma:

FÉ VIVA COMO ENERGIA [Metáfora ontológica]

FÉ PROFUNDA É MOVIMENTO PARA DENTRO [CONTAINER]

FÉ É PARA BAIXO [ARRAIGADA, BASE, SUPORTE, FUNDAÇÕES] [Metáfora orientacional]

FÉ INABALÁVEL TEM RAÍZES PROFUNDAS

FÉ COMO AS FUNDAÇÕES DE UM EDIFÍCIO, DE UMA CASA

FÉ VERDADEIRA É PROFUNDA, É SENTIMENTO QUE LEVA PARA DENTRO, INTROSPECÇÃO

(9b) “[...] *os imigrantes e descendentes* [...] Construíram igrejas grandes e bonitas por achar que assim melhor louvariam a Deus. Era uma homenagem a Deus construir-lhe uma casa digna. Enfim, foi por causa da sua fé viva que construíram tantas igrejas.”

Assim como em (8b), a preocupação com a construção de igrejas, em construir uma casa mais digna para Deus, em nosso ponto de vista, revela, de acordo com o que diz Eliade, um simbolismo cosmológico: está ligada à fundação do espaço sagrado. Contudo, neste recorte, surge um elemento novo, que é a questão do louvor. Retomando o capítulo 1, Burkert destaca o jogo de palavras criado pelo homem para exaltar um ente superior, a que chama de louvor. O louvor teria sido a maneira encontrada pelo homem para adorar a Deus de uma forma menos dispendiosa do que a ação ritualística. Além disso, por meio do louvor há uma inversão na estrutura da atenção, ou seja, nesse caso, cabe ao ente superior prestar atenção no louvor que vem de baixo.

Além disso, somos levados a interpretar que, para o imigrante italiano, GRANDES CONSTRUÇÕES LEVAM A GANHAR CRÉDITOS COM DEUS [CONTABILIDADE MORAL]. Logo, proporcionando BEM-ESTAR a Deus, aumentam-se as chances de prosperidade, pois se garante CRÉDITO MORAL. Tem-se, ainda, metonimicamente:

GRANDES CONSTRUÇÕES LEVAM A MAIS LOUVOR

MAIS LOUVOR LEVA A MAIS CRÉDITO

10

“Quando falecia alguém, tocavam o sino de um modo convencional. Toda a sociedade logo sabia que era aviso de morte. Restava saber quem havia falecido. [(a) O sino era tocado não só para avisar ao povo que alguém tinha morrido, mas porque se acreditava que o sino, por ser bento, como que abria as portas do céu ou, então, prenunciava, ‘avisava a Deus’, que uma alma estava subindo ao céu.] Acreditava-se, também, que o sino ‘espantava’ o demônio. Nota-se que a fé e o pensamento dos imigrantes era muito abstrato, mas prático e concreto. [...]” (p. 43-44). [C1, AB, S12]

(10a) “*O sino era tocado não só para avisar ao povo que alguém tinha morrido, mas porque se acreditava que o sino, por ser bento, como que abria as portas do céu ou, então, pronunciava, ‘avisava a Deus’, que uma alma estava subindo ao céu.*”

Em (10a), percebe-se a importância do toque do sino para a coletividade. Aqui, especificamente, é focada a questão do aviso da morte de alguém. Contudo, como o próprio recorte sinaliza, não era apenas essa sua utilidade. Voltando-nos para a questão que se apresenta, observa-se que o sino assume um papel simbólico que, metonimicamente, revela:

SINO ESTÁ POR MORTE

O SINO ANUNCIA A MORTE

O SOM DO SINO ABRE AS PORTAS DO CÉU

A partir dessas projeções metonímicas, surgem num *continuum* as seguintes metáforas:

O CÉU É UMA CONSTRUÇÃO [Metáfora estrutural]

O CÉU TEM PORTAS [Metáfora estrutural]

A ALMA ENTRA NO CÉU

Levando em consideração as experiências físicas do homem, para o fiel, subir ao céu é ir ao encontro de Deus, o que leva a uma metáfora orientacional do tipo:

A ALMA SOBE AO CÉU

CEU É PARA CIMA

DEUS É SUPERIOR

SUPERIOR É PARA CIMA

“Festa do Corpo de Deus, ‘Corpus Christi’ [Subtítulo]

11

“É considerada uma festa importante. [(a) Realizava-se onde houvesse sacerdotes. Essa devoção é cultivada de maneira especial em Flores da Cunha e Garibaldi, onde as procissões são soleníssimas e ricas de símbolos e sinais.] [...]” (p. 58). [C1, AB, S14]

(11a) “[A Festa de *Corpus Christi*] Realizava-se onde houvesse sacerdotes. Essa devoção é cultivada de maneira especial em Flores da Cunha e Garibaldi, onde as procissões são soleníssimas e ricas de símbolos e sinais.”

A festa de *Corpus Christi* é uma das maiores manifestações públicas da devoção do imigrante italiano. Trata-se de um momento extremamente rico em simbologia e de grande solenidade. Tal celebração faz parte dos RITUAIS da Igreja Católica e, por pertencer ao âmbito das coisas sagradas, de acordo com Durkheim, depende de que alguém consagrado o realize, sendo esse alguém o PADRE/SACERDOTE. Entendendo que DEVOÇÃO precisa de cuidados para vingar, precisa ser cultivada, chega-se à seguinte metáfora ontológica:

DEVOÇÃO É UM ORGANISMO

DEVOÇÃO É UMA PLANTA

CULTIVAR A DEVOÇÃO É MANTÊ-LA VIVA

Metonimicamente:

PADRE ESTÁ PELA CELEBRAÇÃO

“O catecismo [Subtítulo]

12

“[...]

“Maria Andreola conta que [(a) sua mãe sabia ‘todas as orações italianas’ e o catecismo de cor. À noite, enquanto ordenhava as vacas, chamava as crianças ao seu redor e, enquanto tirava leite, ensinava o catecismo. Se as crianças acertassem as respostas, ganhavam leite quente para beber.]” (p. 61). [C1, AB, S16]

(12a) “[...] sua mãe sabia ‘todas as orações italianas’ e o catecismo de cor. À noite, enquanto ordenhava as vacas, chamava as crianças ao seu redor e, enquanto tirava leite, ensinava o catecismo. Se as crianças acertassem as respostas, ganhavam leite quente para beber.”

Este recorte revela que, na cultura dos imigrantes italianos, aquele que sabia o catecismo e as orações de cor, para ensinar a seus filhos, era uma pessoa de valor moral, ao mesmo tempo

em que acertar as respostas feitas a respeito do catecismo revertia em recompensa. Essa constatação, a partir do que demonstra o enunciado, nos leva ao *Sistema da Metáfora Moral*, mais exatamente à metáfora da CONTABILIDADE MORAL. Logo: SABER AS ORAÇÕES E O CATECISMO CONFERE CRÉDITO MORAL. Dentro da metáfora da CONTABILIDADE MORAL há o esquema moral básico da RECIPROCIDADE. Essa metáfora prevê ações morais, sendo assim: Se dou algo POSITIVO, recebo algo de BOM em troca. Nesse caso, isso corresponde a: RESPONDER CORRETAMENTE ÀS PERGUNTAS FEITAS PELA MÃE LEVA A UMA RECOMPENSA/RETRIBUIÇÃO.

13

“[...]”

“[(a) Todos aprendiam as verdades da fé e as orações] e [(b) cada um se empenhava em rezá-las quanto mais vezes, melhor. A oração não era tão valorizada pela criatividade ou pela vida posta na oração, mas era valorizada pela quantidade. Quanto mais se repetiam as orações, mais santo se ficava.] [...]” (p. 62). [C1, AB, S18]

(13a) “Todos aprendiam as verdades da fé e as orações [...]”

As verdades da fé, tratadas em (13a), parecem agir com um guia moral a ser seguido por quem fosse cristão. Logo, aprender as verdades da fé traz, implícita, a idéia de aprender o catecismo. Assim, pode-se dizer que, metonimicamente, AS VERDADES DA FÉ ESTÃO PELO CATECISMO, ou seja, ao se falar em VERDADES DA FÉ, se está atribuindo todo o conteúdo do catecismo, que é o que contém os ditames da fé cristã, revelando o esquema de imagem CONTAINER, o que leva a: NO CATECISMO ESTÃO OS ENSINAMENTOS DA FÉ. A importância do catecismo na cultura do imigrante italiano é enfocada no segmento (19).

(13b) “A oração [...] era valorizada pela quantidade. *Quanto mais se repetiam as orações, mais santo se ficava.*”

De acordo com (13b), para o imigrante italiano, a quantidade de orações era o que definia o verdadeiro cristão ou, como se vê no enunciado, “santificava” o homem. Essa idéia de tornar-se santo revela a seguinte relação, se:

DEUS ESTÁ NO CÉU

OS SANTOS ESTÃO NO CÉU

OS SANTOS ESTÃO PRÓXIMOS DE DEUS

então:

O HOMEM BUSCA A SANTIFICAÇÃO

QUANTO MAIS ORAÇÕES, MAIS SANTO

ALCANÇANDO A SANTIFICAÇÃO TAMBÉM FICA PRÓXIMO DE DEUS

Essa concepção nos leva, dentre os esquemas da CONTABILIDADE MORAL, ao esquema moral básico da RECIPROCIDADE, pois se você faz algo de bom para alguém, esse alguém ficará lhe devendo algo. Há, nesse caso, uma ação moral, uma vez que é dado algo positivo, as ORAÇÕES. Pela oração se pode pagar débitos ao mesmo tempo em que se pode adquirir créditos.

Sendo assim, se:

MAIS ORAÇÃO É PARA CIMA [Metáfora orientacional]

então:

MAIS ORAÇÃO É MAIS BEM-ESTAR

acarretando que:

MAIS ORAÇÕES É MAIS SANTO [Esquema moral da reciprocidade]

14

“[...] [(a) Catequese e vida eram uma coisa só. No catecismo estava a verdade, por isto devia ser aprendida e praticada.] [(b) Quem fosse fiel iria para o céu. O pecador iria para o inferno eternamente, onde havia fogo e demônios com chifres, rabo, forcados, torturando os condenados.] É por isso que ao entrevistar varias pessoas de 80, 90 anos perguntou-se: O senhor ou a senhora tem medo da morte? – ‘Eu não. Eu rezo para que Deus venha buscar-me.’ [(c)

Quer dizer, eles têm certeza que uma vez cumpridos os deveres cristãos, eles irão para o céu.”] (p. 63). [C1, AB, S19]

Aqui se tem um segmento descritivo. Afirma-se isso pela marcas do IdPt1, ou seja, pela utilização de verbos do tipo: eram, estava, devia, havia, entre outros. Mais uma vez evidencia-se a polifonia existente no texto, por exemplo, o discurso direto surge pela pergunta endereçada ao entrevistado: “perguntou-se: O senhor ou a senhora tem medo da morte? Em seguida, tem-se a resposta de um dos entrevistados: “Eu não. Eu rezo para que Deus venha buscar-me”. Sabe-se que o entrevistador é o pesquisador e autor do texto em questão (Arlindo Battistel), contudo, no que diz respeito ao entrevistado, sabe-se apenas que é alguém entre 80 e 90 anos, mas não se tem acesso a quem realmente está respondendo a essa indagação. Nesse caso, o emprego de aspas é o recurso que garante que se trate de um discurso direto.

(14a) “Catequese e vida eram uma coisa só. No catecismo estava a verdade, por isto devia ser aprendida e praticada.”

Este recorte ratifica a preocupação dos imigrantes na manutenção das práticas da religião. Assim, a catequese parecia ser o veículo apropriado para perpetuar os ensinamentos da fé cristã. Essa constatação confirma nossa proposição, na estrutura radial, de que a CATEQUESE seria uma de suas práticas ritualísticas mais importantes. Isso nos leva, num primeiro momento, ao esquema de LIGAÇÃO. Lembrando que, segundo Lakoff, esse esquema começa a ser formado a partir da ligação mãe-filho, estendendo-se por todas as demais fases da vida, por meio de diferentes e novas conexões, garantindo a manutenção da relação entre ambas as partes, pode-se inferir que CATECISMO e VIDA também estabeleçam essa relação na concepção de RELIGIÃO e FÉ dos imigrantes. Quando, em seu discurso, o imigrante faz a seguinte referência: “no catecismo está a verdade” nos leva, metonimicamente, a:

NO ENSINAMENTO DO CATECISMO ESTÁ A VERDADE [parte pelo todo]

CATEQUESE É VIDA

Logo:

APRENDER O CATECISMO É CONHECER A VERDADE

PRATICAR O CATECISMO É VIVER A VERDADE

(14b) “*Quem fosse fiel iria para o céu. O pecador iria para o inferno eternamente, onde havia fogo e demônios com chifres, rabo, forcados, torturando os condenados.*”

O imigrante italiano demonstrava ter grande preocupação com a vida após a morte, por isso suas orações e práticas ritualísticas buscavam justamente garantir o bem-estar na vida eterna. Ser FIEL, então, conduz à metáfora da CONTABILIDADE MORAL, mais especificamente, ao esquema moral básico da RETRIBUIÇÃO, ou seja, para essa metáfora a contabilidade é feita por uma autoridade legitimada, nesse caso, Deus. Dessa forma, no caso do pecador, a contabilidade feita por Deus, que é a autoridade legitimada, é que o condenará ao inferno, em função de seus débitos. Assim, surge a figura de DEUS-JUIZ que por meio do esquema moral da EQUIDADE pratica a justiça e, de acordo com a metáfora da CONTABILIDADE MORAL, faz o acerto de contas (os livros contábeis da moralidade são, então, equilibrados).

O discurso revela a relação metafórica existente entre DEUS-JUIZ e PECADOR, ou seja, há um DEUS que imbuído do papel de JUIZ julga e condena o PECADOR que está por um RÉU.

DEUS-JUIZ, de acordo com a estrutura radial proposta, é uma projeção metafórica de PAI AUTORIDADE e PAI AUTORIDADE nos conduz à metáfora da MORALIDADE DA FAMÍLIA DO PAI SEVERO.

Por uma metáfora orientacional:

IR PARA O CEÚ É BEM-ESTAR

BEM-ESTAR É PARA CIMA

IR PARA O INFERNO É PUNIÇÃO

PUNIÇÃO É PARA BAIXO

Além disso:

SER FIEL É TER MAIS VIRTUDES
 TER VIRTUDES É SER MAIS MORAL
 SER MAIS MORAL TEM COMO RECOMPENSA O CÉU
 O CEÚ É PARA CIMA [Metáfora orientacional]
 RECOMPENSA É PARA CIMA [Metáfora orientacional]
 O FIEL VAI PARA CIMA
 O PECADO É QUEDA
 O INFERNO É PARA BAIXO [Metáfora orientacional]
 O INFERNO É PUNIÇÃO
 PUNIÇÃO É PARA BAIXO [Metáfora orientacional]

E, pela metáfora da CONTABILIDADE MORAL:

O BEM É RECOMPENSADO
 O MAL É PUNIDO
 ESTAR EM DÉBITO GERA PUNIÇÃO [DÉBITO]

(14c) “*Quer dizer, eles têm certeza que uma vez cumpridos os deveres cristãos, eles irão para o céu.”*

Em (14c), cumprir com os deveres de cristão significa a garantia da vida eterna na casa de Deus, que é o Céu. De acordo com Eliade, é por meio de símbolos e rituais que o homem pode, simbolicamente, chegar ao Céu. Nesse caso, metonimicamente, o CATECISMO LEVA PARA O CEÚ, confirmando o esquema de LIGAÇÃO analisado em (14a). Metaforicamente, ESTAR COM A CONTABILIDADE MORAL EM DIA, ou seja, ESTAR COM OS DEVERES CRISTÃOS CUMPRIDOS É ESTAR COM AS CONTAS AJUSTADAS.

Assim, por uma metáfora orientacional:

PAGAR AS DÍVIDAS É BOM
 PAGAR AS DÍVIDAS É PARA CIMA

Pela metáfora da CONTABILIDADE MORAL:

PAGAR AS DÍVIDAS É MORAL

MANTER-SE EM DIA COM OS DÉBITOS GERA UMA RECOMPENSA, A VIDA ETERNA NO CEÚ AO LADO DE DEUS

15

“[...]”

“[...] Aliás, muitíssimas pessoas idosas não temiam a morte como o dissemos acima. [(a) Ângela M. Battistel assistiu a vários agonizantes e ela afirma ter visto morrer ‘santamente’, isto é, com paz e serenidade, a várias pessoas. Essas, diz ela, eram todas pessoas de muita oração e fé profunda.] [(b) A morte era encarada com mais naturalidade, não tinha a dramaticidade que tem no dia de hoje, isso se devia à fé profunda na Ressurreição.] [(c) Uma vez que eles tinham feito o bem e cumprido seus deveres, estavam salvos.”] (p. 67). [C1, AB, S20]

Novamente estamos diante de um relato. Esse recorte também marca a polifonia existente em alguns segmentos do *corpus* de análise, sendo que, nesse caso, o entrecruzamento de vozes se dá pelo uso do discurso indireto e direto. O discurso indireto fica manifesto pelo emprego de algumas expressões do tipo: “assistiu, afirma ter visto, diz ela”. Já o discurso direto é marcado pelo uso de aspas. Dessa forma, fica claro que a expressão ‘santamente’ é pertencente ao discurso da entrevistada. A questão da importância da quantidade de orações para a santificação do fiel já foi analisada em (13b).

(15a) “*Ângela M. Battistel assistiu a vários agonizantes e ela afirma ter visto morrer ‘santamente’, isto é, com paz e serenidade, a várias pessoas. Essas, diz ela, eram todas pessoas de muita oração e fé profunda.*”

Este recorte resgata e ratifica a questão da FÉ PROFUNDA e das ORAÇÕES (quantidade) já analisadas em (9a) e (13b).

(15b) “A morte era encarada com mais naturalidade, não tinha a dramaticidade que tem no dia de hoje, isso se devia à fé profunda na Ressurreição.”

Em (15b), a preocupação com a Ressurreição é evidenciada. Na verdade, muitas vezes, ao longo da análise do *corpus*, o discurso do imigrante revela sua preocupação com a VIDA ETERNA, com a RESSURREIÇÃO. A repetição da idéia de conservar uma FÉ PROFUNDA conduz, de forma inferencial, para o esquema de LIGAÇÃO, ou seja, metaforicamente, a FÉ É O CAMINHO QUE LEVA O HOMEM A DEUS. A FÉ, entendida pelo esquema de LIGAÇÃO, parece justificar a referência que é feita, em vários segmentos analisados, de que a verdadeira FÉ é a FÉ PROFUNDA. Com relação à força metafórica dessa expressão, ver o recorte (9a).

(15c) “Uma vez que eles tinham feito o bem e cumprido seus deveres, estavam salvos.”

Este recorte reafirma a idéia de que a religião é um dever a ser cumprido e que, uma vez cumprido, reverte em benefícios. Essa relação, entre o cumprimento de deveres e uma recompensa, remete à metáfora da CONTABILIDADE MORAL, mais exatamente ao esquema moral básico da RECIPROCIDADE no qual, ESTAR QUITE COM SEUS DÉBITOS É ESTAR A SALVO. Surge, também, a metáfora do BEM-ESTAR, em que BEM-ESTAR É ESTAR A SALVO.

“Presença e atividade do Padre Leigo nas Capelas [Título do capítulo]

16

“[...]

“[(a) A Capela foi uma família cujo pai era Deus, a mãe a Virgem Maria e os Padres Leigos eram os irmãos mais velhos, sempre disponíveis à comunidade por convicção própria e decisão pessoal.] Prestavam seus serviços gratuitamente, com alegria e cordialidade. Bem no início, quando ainda não havia sacerdotes, [(b) apontavam com vigor e esperança para Deus.] [(c) E apesar dos primeiros anos de penúria, perdidos na solidão da mata, os imigrantes não esqueceram do seu Criador.][...]” (p. 74-75). [C1, AB, S21]

(16a) “A Capela foi uma família cujo pai era Deus, a mãe a Virgem Maria e os Padres Leigos eram os irmãos mais velhos sempre disponíveis à comunidade por convicção própria e decisão pessoal.”

Este recorte apresenta a relação que o imigrante italiano estabelecia entre a FAMÍLIA e a RELIGIÃO, as quais eram, possivelmente, as organizações sociais mais importantes para sua sobrevivência. Quando lemos: A CAPELA FOI UMA FAMÍLIA, O PAI ERA DEUS, A MÃE A VIRGEM MARIA e OS PADRES LEIGOS ERAM OS IRMÃOS MAIS VELHOS, somos levados, por um mapeamento metafórico, a entender a FAMÍLIA como sendo o domínio-fonte e, RELIGIÃO, o domínio-alvo, ou seja, a partir de um domínio da experiência, a FAMÍLIA, se chega à compreensão de um domínio menos concreto, nesse caso RELIGIÃO.

Há, entre esses domínios, correlações ontológicas nas quais entidades do domínio da FAMÍLIA encontram correspondentes no domínio da RELIGIÃO. Tais relações metafóricas dependerão, também, da cultura em consideração. Na cultura em questão, todos os elementos de uma FAMÍLIA aparecem projetados metaforicamente no conceito de RELIGIÃO. Assim:

DEUS É PAI

VIRGEM MARIA É A MÃE

PADRES LEIGOS SÃO OS IRMÃOS MAIS VELHOS

Por acarretamento, chegamos às seguintes metáforas estrutural e ontológicas:

RELIGIÃO É FAMÍLIA [Metáfora estrutural]

FAMÍLIA É UM ORGANISMO [Metáfora ontológica]

RELIGIÃO É UM ORGANISMO [Metáfora ontológica]

Têm-se, então, os esquemas de imagens, CONTAINER, PARTE-TODO e LIGAÇÃO.

A ESTRUTURA FAMILIAR parece ser um dos modelos cognitivo-proposicionais que melhor se aplica às questões da RELIGIÃO, ou seja, as experiências do homem no âmbito da família têm demonstrado ser mais prototípicas. Sendo assim, metonimicamente, CAPELA ESTÁ PELA FAMÍLIA.

Na metáfora da MORALIDADE DA FAMÍLIA, a Virgem Maria aparece como MÃE e a CAPELA COMO A FAMÍLIA. Dentre os estereótipos sociais mencionados por Lakoff, Virgem Maria, a Madona, é uma figura metonímica prototípica, é aquela que reúne todos os possíveis modelos considerados prototípicos de MÃE, pois, quando há referência à Virgem Maria, há referência a todas as características positivas da mãe idealizada. Da mesma forma, a CAPELA, também pode ser entendida como um estereótipo social, visto que está metonimicamente pela FAMÍLIA, logo abarca grande parte dos modelos proposicionais da categoria FAMÍLIA.

(16b) “[Os Padres Leigos] [...] *apontavam com vigor e esperança para Deus.*”

Na ausência de padres, as comunidades de imigrantes italianos eram assistidas pelos chamados Padres Leigos. De fato, esses padres representavam, em certos aspectos, o sacerdote institucionalizado. Neste recorte, fica evidente a importância de suas ações para a manutenção da fé; logo, podemos inferir que, metaforicamente:

O PADRE LEIGO ESTÁ PELO PODER/FORÇA DE DEUS

Assim:

APONTAR COM VIGOR PARA DEUS É FORNECER ENERGIA

Além disso, metonimicamente, se:

OS PADRES INSTITUCIONALIZADOS ESTÃO POR DEUS

Então, por acarretamento:

OS PADRES LEIGOS ESTÃO PELO PADRE INSTITUCIONALIZADO

(16c) “E apesar dos primeiros anos de penúria, perdidos na solidão da mata, os imigrantes não esqueceram do seu Criador.”

Este recorte demonstra a confiança dos imigrantes no seu Criador, pois, remetendo à estrutura radial proposta, o Criador corresponderia ao PAI GENITOR, aquele que é semente e gera a vida. Logo, uma vez que entendiam DEUS como um PAI GERADOR DA VIDA, é natural que

acreditassem na proteção desse Deus com relação às privações que viviam. PAI GENITOR, ainda de acordo com a estrutura radial proposta, leva a um PAI TODO AMOR, protetor de seu REBANHO. Assim, metaforicamente, PAI GENITOR LEVA A CRIADOR.

17

“Os imigrantes e seus descendentes foram pessoas de muita oração. Viviam em contato com a natureza, em comunhão com a família e com os vizinhos. Levavam uma vida simples onde mais facilmente podiam se relacionar com Deus. [(a)Uma vez que eles tivessem terra e saúde, só lhes restava a preocupação com a vida eterna [...]”. (p. 88). [C1, AB, S22]

(17a) “Uma vez que eles [imigrantes e descendentes] tivessem terra e saúde, só lhes restava a preocupação com a vida eterna.”

Os imigrantes italianos tinham por objetivo primeiro a posse da terra, assim como o seu bem-estar e de sua família, logo, uma vez conquistada a terra e tendo saúde para poder trabalhá-la restava-lhe ainda uma preocupação, a conquista da vida eterna. Em ambos os casos, tanto na conquista terrena quanto na espiritual, fica demonstrada a busca do BEM-ESTAR. Essa concepção de vida eterna remete para o *Sistema da Metáfora Moral*. Nesse sistema, os domínios-fonte das metáforas para moralidade advêm do que as pessoas, de acordo com a história e através das culturas, entendem como aquilo que contribui para seu ‘bem-estar’. Assim, metaforicamente, BEM-ESTAR É UM GANHO (A TERRA); BEM-ESTAR É SAÚDE; BEM-ESTAR É VIDA ETERNA.

“A vida espiritual nas Colônias Italianas do Rio Grande do Sul: 1925 [Título]

18

“Todos lembramos a santa simplicidade de Dom Cláudio José, que costumava entreter-se com nossos colonos. Parece-nos de ouvir ainda Dom Pimenta quando, ao retornar de nossas colônias, em alocução pública, em Porto Alegre, exclamava: [(a) A fé do italiano é tal de transportar montanhas”.] E lá em cima, em Alfredo Chaves em Bento Gonçalves e em tantos outros lugares, ressoa ainda forte o tom das palavras com que Dom João Becker exaltava o progresso, o trabalho, a indústria, o patriotismo, e a fé do povo de origem italiana.” (p. 13). [C1, JB, S2]

Fazendo uso do plural de modéstia, Battistel, autor do texto, fala, como uma voz coletiva, em nome do clero da época. Ao mesmo tempo, vemos, no discurso, marcas do discurso direto que é introduzido pelo verbo ‘exclamava’. Dessa forma observa-se, mais uma vez, a polifonia existente nas fontes consultadas.

(18a) “A fé do italiano é tal de transportar montanhas.”

Referir-se à fé como algo que tem o poder de transportar montanhas, é referir a uma metáfora convencional. Contudo, sendo a FÉ capaz de transportar algo considerado estático, impossível de ser mexido, tem-se a idéia de que:

A FÉ IMPULSIONA

A FÉ IMPRIME FORÇA

A FÉ É MOVIMENTO

A FÉ POSSUI UMA FORÇA TRANSFORMADORA

Assim, aquele que tem fé é capaz de conseguir o impossível. Confirmando o que é dito, tem-se, no discurso apresentado, ressonância do que está na Bíblia, como pode ser visto, por exemplo, em I Coríntios 13:2: “*Ainda que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento dos mistérios, e de toda a ciência; ainda que eu tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse o amor, eu não seria nada.*”.

“O trabalho do sacerdote [Subtítulo]

19

[...] “Tu compreendes que, depois de ter feito do trabalho e da virtude o objetivo de tua vida, toda a tua aspiração, longe das farras do vício e da corrupção, o Senhor te envia este sacerdote para que caminhes à felicidade suprema?” (p. 14). [C1, JB, S3]

Este segmento revela uma outra possibilidade de relação do homem para com Deus. Nesse caso, há uma referência a Deus como Senhor/Patrão. Deus, de uma maneira geral, ou melhor, numa perspectiva doutrinária, é entendido como Pai, porém, em algumas circunstâncias,

e considerando a situação dos imigrantes italianos quando de sua partida da Itália, que buscavam fugir do domínio dos senhores, Deus é tratado como um Senhor que também detém o poder. Assim, poder-se-ia construir a seguinte relação: para a doutrina DEUS É PAI; para o camponês DEUS É SENHOR/PATRÃO, o que poderia fazer interface com a categoria TRABALHO.

(19a) “Tu compreendes que, depois de ter feito do trabalho e da virtude o objetivo de tua vida, toda a tua aspiração, longe das farras do vício e da corrupção, o Senhor te envia este sacerdote para que caminhes à felicidade suprema?”

Em (19a), é ressaltada a preocupação do imigrante em manter uma vida reta, focada nos seus objetivos de conquista e bem-estar. A virtude, aqui destacada, conduz à metáfora da FORÇA MORAL. Nela, há o emprego de uma força voltada à manutenção de uma postura moral equilibrada.

Dessa forma, ter força de vontade é ser virtuoso, uma vez que revela a capacidade de resistir às tentações que podem reverter em pecado. Pela metáfora da FORÇA MORAL:

SER RETO É SER BOM

SER VIRTUOSO É SER BOM

SER RETO É NÃO COMETER PECADO

FORÇA PARA RESISTIR ÀS TENTAÇÕES É VIRTUDE MORAL

Por uma metáfora orientacional:

SER BOM É PARA CIMA

VIRTUDE É PARA CIMA

Ainda na perspectiva da metáfora da FORÇA MORAL, o envio do sacerdote equivale a uma recompensa. Além disso, a figura do sacerdote está ligada à geração de BEM-ESTAR, ao mesmo tempo em que serve de LIGAÇÃO para a felicidade suprema. Dessa forma, metonimicamente:

O SACERDOTE É CAMINHO QUE LEVA A DEUS

Logo:

O SACERDOTE É CAMINHO QUE LEVA À FELICIDADE

20

“[(a) E a este teu amigo, buscas com confiança de família, nos contrastes com teu próximo, nas injustiças que te causam. E por isso tu olhaste sempre como teu inimigo o inimigo do teu sacerdote.] E por isso nunca te deixaste iludir pelos que, comodamente instalados nas cidades ou nos centros construídos com teu suor, te apresentavam uma doutrina diferente daquela que te ensinava o sacerdote, que veio desde o começo dividir contigo a mesma vida cheia de dificuldades, de dores e de sacrifícios. [(b) E por isso tu sempre refugaste, com toda a força da tua alma crente de vêneto-lombardo, toda manobra intencionada a roubar-te o tesouro mais precioso trazido da Itália: a Religião católica, apostólica e romana.]” (p. 14). [C1, JB, S4]

(20a) *“E a este teu amigo [o sacerdote], buscas com confiança de família nos contrastes com teu próximo, nas injustiças que te causam. E por isso tu olhaste sempre como teu inimigo o inimigo do teu sacerdote.”*

Em (20a), fica evidente a forte relação existente entre os imigrantes e os sacerdotes. De fato, pode-se inferir que dessa relação surja a figura do PADRE-AMIGO. Essa projeção metafórica da figura do PADRE COMO AMIGO conduz a uma outra metáfora que é a da SOCIEDADE COMO FAMÍLIA, em que este PADRE-AMIGO representa a figura do PAI PROTETOR. Nessa metáfora, a sociedade, em geral, é entendida como uma FAMÍLIA.

Percebe-se, ainda, uma marca da metáfora do PAI-SEVERO, que é quem estabelece as normas sociais, as quais, por conseguinte, representam as NORMAS DA FAMÍLIA. Isso pode ser confirmado no seguinte excerto: *“E por isso tu olhaste sempre como teu inimigo o inimigo do teu sacerdote.”*, ou seja, aquele que é condenado pelo PAI-SEVERO deve ser condenado também pelo homem. Mais uma vez, percebe-se a relação com a família. Nesse caso O SACERDOTE é considerado como um membro da FAMÍLIA, logo é tratado como tal.

(20b) *“E por isso tu sempre refugaste, com toda a força da tua alma crente de vêneto-lombardo, toda manobra intencionada a roubar-te o tesouro mais precioso trazido da Itália: a Religião católica, apostólica e romana.”*

Para o imigrante, de acordo com o enunciado, o único e verdadeiro bem trazido da Itália era sua fé na Religião Católica, a qual defendia com todas suas forças. Essa idéia remete à metáfora da FORÇA MORAL. Nela, como já foi visto em alguns recortes anteriores, a manutenção da força de vontade impede que o cristão se desvie do BOM caminho. Logo, metaforicamente:

A RELIGIÃO É UM TESOURO

A FÉ É UM TESOURO

O TESOURO PODE SER ROUBADO

A FÉ PODE SER ROUBADA

O TESOURO DEVE SER RESGUARDADO DOS PERIGOS

“O nosso colono [Subtítulo]

21

“Chegado ao seu novo destino, longe do convívio humano, [(a) o primeiro colono que chegou, tinha apenas o bom Deus que paternalmente por ele velasse em meio a tantos perigos, e o defendesse] do assalto do animal selvagem e do extermínio das enfermidades. Exausto pelo trabalho do dia, reunia à noite a sua familiazinha ao redor da parca mesa, [(b) recitava as suas breves orações e se recolhia e adormecia com a consciência tranqüila], [(c) cheia de fé na Providência Divina.] [...]” (p. 14-15). [C1, JB, S5]

(21a) “[...] o primeiro colono que chegou, tinha apenas o bom Deus que paternalmente por ele velasse em meio a tantos perigos, e o defendesse [...]”

Em (21a) surge, de forma clara, a relação paternal vivida pelo imigrante com relação a Deus. Quando, no enunciado, é feita referência ao BOM DEUS, emerge uma projeção metafórica que leva a PAI PROTETOR.

Entendendo-se que PAI PROTETOR é aquele protege seus filhos de todo o perigo, chega-se à metáfora da MORALIDADE DO PAI PROTETOR, a partir da qual se pode entender DEUS COMO PAI PROTETOR, o que leva à metáfora prototípica DEUS É AMOR. Nesse caso, a relação mais forte que é estabelecida é a do cuidado. Assim, com base na estrutura radial proposta:

DEUS QUE É PAI PROTETOR → LEVA A PAI PASTOR → QUE CONDUZ A DEUS É AMOR

(21b) “[...] recitava as suas breves orações e se recolhia e adormecia com a consciência tranqüila.”

A preocupação em estar em dia com Deus é novamente marcada em (21b). Isso fica evidente quando, no enunciado, é referido que ter a consciência tranqüila dependia de, antes de dormir, não esquecer de fazer as orações, o que pode representar um agradecimento pelo dia que passou, assim como uma garantia de ter o dia seguinte abençoado por Deus.

Essa preocupação leva à metáfora da CONTABILIDADE MORAL, bem como à noção de um livro contábil no qual se registram DÉBITOS e CRÉDITOS. Dessa forma, chega-se à seguinte noção:

A ORAÇÃO COMO MEIO DE PAGAR DÉBITOS

A ORAÇÃO COMO GARANTIA DE CRÉDITOS (BEM-ESTAR)

(21c) “[o imigrante adormecia com a consciência tranqüila] cheia de fé na Providência Divina.”

Neste recorte, o enunciado revela, a partir do *Sistema da Metáfora Moral*, PAI PROTETOR como aquele que é todo amor e que obtém respeito e obediência, não por meio da punição, do medo, mais sim pelo amor e cuidado que dedica ao homem. A Providência Divina poderia estar, metonimicamente, ligada ao modelo proposicional PAI PASTOR justamente por esse aspecto do cuidado. Assim:

TER FÉ NA PROVIDÊNCIA DIVINA É TER FÉ EM DEUS

Levando, metaforicamente, a:

TER FÉ EM DEUS É COMO CONFIAR NO PAI

“A primeira assistência religiosa [Subtítulo]

22

“[...]

“Em 20-5-1884, foi canonicamente criada a paróquia de Caxias, sendo seu primeiro pároco o Pe. Augusto Finotti, empossado pelo Padre Carlos Teschauer, jesuíta, com estas palavras: “[**(a)** Hoje, ó fiéis cristãos, recebestes uma mãe na paróquia e um pai no pároco”.] O Pe. Finotti, entretanto,

permaneceu por apenas 15 dias e em 11 de junho era novamente nomeado o Pe. Agostino Magon, que recebeu como coadjutor em janeiro de 1886 e Pe. Giosué Bardin.” (p. 21). [C1, JB, S7]

(22a) “Hoje, ó fiéis cristãos, recebestes uma mãe na paróquia e um pai no pároco.”

Em (22a), é possível confirmar a relação feita, pelos imigrantes italianos, entre as categorias conceituais FAMÍLIA e RELIGIÃO. O discurso do padre reforça essa forma de relacionar os dois domínios. Assim, metonimicamente, A PARÓQUIA É A MÃE, mãe que acolhe, agrega, toma conta da casa; O PÁROCO É O PAI, é autoridade moral e, por conseguinte, representa a autoridade dos pais, levando à moralidade da FAMÍLIA DO PAI SEVERO. Situação semelhante foi analisada em (16a), ou seja, naquele recorte, FAMÍLIA também atua como domínio-fonte para explicar o domínio-alvo RELIGIÃO. A partir das projeções que são feitas, pode-se inferir que os FIÉIS CRISTÃOS SÃO OS FILHOS dentro dessa estrutura. Então, metonimicamente:

A PAROQUIA É A MÃE

O PÁROCO É O PAI

OS FIÉIS SÃO OS FILHOS

“Paróquia Sagrado Coração de Jesus de Nova Vicenza (Farroupilha)
[Subtítulo]

23

“[...]

“Desde o começo da colonização, esses bons colonos, vendo-se [(a) privados de toda assistência religiosa, rogaram a um sacerdote seu compatriota que aceitasse dividir com eles as privações da nova vida,] a fim de que pudessem [(b) manter viva no coração aquela fé,] que tantas lembranças suscitava da pátria distante” (p. 29). [C1, JB, S9]

(23a) “[os imigrantes] privados de toda assistência religiosa, rogaram a um sacerdote seu compatriota que aceitasse dividir com eles as privações da nova vida [...]”

A necessidade da presença de um sacerdote entre os imigrantes é uma evidência incontestável. A assistência religiosa, nesse sentido, atua como geradora de BEM-ESTAR capaz de fornecer forças para suportar as intempéries.

Metonimicamente:

A RELIGIÃO ASSISTE AS PESSOAS

A RELIGIÃO PROTEGE OS FIÉIS

Se:

DEUS É PROVIDOR e

O SACERDOTE É REPRESENTANTE DE DEUS

Então:

O SACERDOTE É PROVIDOR

O SACERDOTE TEM PODERES PARA SOCORRER O HOMEM

O SACERDOTE É FONTE DE FORÇA, ENERGIA

Logo:

O SACERDOTE REPRESENTA O PAI PROTETOR

(23b) “*manter viva no coração aquela fé*”

Esse recorte corrobora o que já foi analisado em (1a) e (9a) no que diz respeito ao significado metafórico de FÉ VIVA.

“O trabalho paroquial do Pe. Luis de Larva Vernas [Subtítulo]

24

“Em 18-12-1906 foi nomeado pároco o Pe. Luis de Larva Vernas, que teve como coadjuutores os freis Michele dês Molettes, Ambrósio de Sint-Mury, José Cherubini, Aleixo Polesso, Rufino de Bellevaux, Antônio Bampi e Paulino Bernardi.

Primeiro e precípua cuidado foi a construção da nova igreja com projeto do Pe. Roberto D’Apprieux tendo o governo oferecido o terreno necessário. A primeira pedra foi benta em 13-2-1910. Nesse mesmo ano, realizou-se a visita de Dom João Pimenta, que celebrou a Semana Santa e se comoveu profundamente, conhecendo na realidade a fé de nossos colonos, afirmando: [(a) “Edificou-nos o espírito de fé e de piedade deste bom povo, bem como o respeito e a boa ordem seja na igreja seja nas procissões.”] E referindo-se a Frei Fidélis da la Motte-Servolex: “A voz pública proclama seus méritos qual

iniciador e enérgico propugnador do progresso religioso de todo o curato” (p. 47/48). [C1, JB, S10]

Neste segmento, como em geral tem acontecido nos segmentos até aqui analisados, estamos diante de um texto descritivo. Diz-se isso, em função das marcas lingüísticas encontradas como, por exemplo, o emprego de tempos verbais do IdPt1. Além disso, tem-se presente, também, marcas da polifonia do enunciado, como no caso do discurso direto que é introduzido pelo autor, quando refere à fala de Dom João Pimenta. Esse discurso fica claro pelo emprego de aspas e pela utilização do verbo ‘afirmando’.

(24a) “Edificou-nos o espírito de fé e de piedade deste bom povo, bem como o respeito e a boa ordem seja na igreja sejam nas procissões.”

Para o imigrante, é religioso aquele que cumpre com suas obrigações de forma ordeira e regular. Quando, no enunciado, é manifestada a preocupação com a boa ordem no que diz respeito às coisas da igreja (RITUAIS), vislumbra-se projetada a metáfora da FORÇA MORAL e da AUTORIDADE MORAL.

O imigrante, de acordo com essa metáfora, busca manter uma postura moral condizente com seu papel de Ser, hierarquicamente, inferior, pois, uma vez que se mantém reto moralmente, torna-se digno das benesses de Deus. Na verdade, todo o comportamento do imigrante está voltado a aplacar a Deus na busca do BEM-ESTAR na vida eterna.

Assim por uma metáfora orientacional:

O ESPÍRITO EDIFICA/CONSTRÓI

Logo:

EDIFICAR É PARA CIMA [Metáfora orientacional]

FÉ É PARA CIMA [Metáfora orientacional]

Pela metáfora da FORÇA MORAL E AUTORIDADE MORAL:

RESPEITO À BOA ORDEM DA IGREJA E SEUS RITUAIS É BOM

Levando por acarretamento a:

RESPEITO PERANTE A AUTORIDADE MORAL É BOM

MANTER-SE FORTE PERANTE OS VALORES DA RELIGIÃO É BOM

NÃO CEDER AO MAL É MANTER A VIRTUDE MORAL

“12º Vigário: Pe. Ângelo Donato subtítulo [Subtítulo]

25

[...]

“Estava a Paróquia entrando em seu ritmo normal, quando, no dia 11 de julho de 1911, ‘tendo aceito o pedido de remoção do Pe. Ângelo Donato’, foi nomeado coadjutor o caxiense Pe. João Meneguzzi, cargo que exerceu por 4 (quatro) dias, pois, foi nomeado, imediatamente, Vigário da Paróquia.” (p.35).

“Por que esta substituição do Pe. Ângelo Donato? Era noite. Tinha ele recém chegado do atendimento a um doente. Cansado, estava para se deitar, quando bateram fortemente na porta da canônica. Foi atender. Pediram que fosse visitar o doente, pois tinha piorado. Pe. Donato respondeu: ‘Acabo de chegar. [(a) Dei-lhe todos os confortos da santa religião.] Nada mais resta a fazer. Não vou.’ É que o Padre estava sendo solicitado para atender um doente de outra família de muita influência.” (p. 36). [C1, EB, S3]

(25a) “*Dei-lhe todos os confortos da santa religião.*”

Percebe-se, neste segmento, assim como em outros anteriores, que a RELIGIÃO está relacionada à condição de BEM-ESTAR. Diz-se isso, pois, em vários momentos, a RELIGIÃO é, metonimicamente, projetada como fonte de BEM-ESTAR. A partir disso, pode-se inferir que, por um acarretamento metonímico, TER FÉ É TER BEM-ESTAR, uma vez que o domínio-fonte de BEM-ESTAR está centrado em aspectos do bem-estar humano.

26

“O vigário dirigiu-se então, ao povo pediu que se dispersasse, dizendo: ‘Ide para as vossas casas. [(a) Entregai esse negócio a Deus que é Juiz dos vivos e dos mortos e não lhe faltarão meios para humilhar o soberbo e levantar o humilde’]” (p. 46). [C1, EB, S4]

Neste segmento tem-se, mais uma vez, marcas da presença do discurso indireto e direto, revelando o caráter dialógico do segmento. O discurso indireto fica evidente pelo emprego de

expressões do tipo: ‘dirigiu-se’ e ‘pediu’; já o discurso direto fica manifesto quando o autor anuncia, por meio da expressão ‘dizendo’, que outra voz atravessaria o enunciado.

(26a) “Entregai esse negócio a Deus que é Juiz dos vivos e dos mortos e não lhe faltarão meios para humilhar o soberbo e levantar o humilde.”

Neste recorte, vemos a figura de Deus associada à de Juiz. Sendo assim, a referência a DEUS COMO JUIZ, no discurso da época, intensifica o modelo proposicional PAI AUTORIDADE, presente na estrutura radial. A moralidade do PAI SEVERO também se faz presente nesse discurso, em que as regras do pai devem ser obedecidas, pois a ele cabe o poder de punir e gratificar.

“Humilhar o soberbo” corresponderia ao esquema moral de retribuição, ou seja, nesse caso, a contabilidade é feita por uma autoridade legitimada, Deus, que é quem tem poder para punir e recompensar. A partir da metáfora da MORALIDADE DA FAMÍLIA DO PAI SEVERO, pode-se inferir que:

DEUS-JUIZ REPRESENTA O PAI SEVERO

DEUS CONDENA E PUNE

DEUS ABSOLVE

Logo, por um acarretamento metafórico:

O JUIZ CONDENA E PUNE

O JUIZ ABSOLVE

“A religião como fator de identificação cultural” [Subtítulo]

27

“[...]”

“Unia-os, não o sentimento de pátria, pois não eram nem brasileiros, nem italianos. Chegados há pouco, sentiam-se estrangeiros no Brasil. Mas também não eram italianos emocionalmente: o país de origem, recém-unificado, de forma anticatólica, atingira as convicções religiosas dos camponeses do norte italiano. Também não se agrupavam ao redor da língua, pois cada grupo falava seu dialeto, ignorando a língua oficial da pátria que acabava de surgir. [(a) A religião atuou como elo de união entre eles]: a quase totalidade confessava-se

católica, e [(b) a fé católica forneceu-lhes os subsídios indispensáveis para reiniciar, individual e coletivamente a existência.]] [...] (p. 235). [C1, LB, S1]

(27a) “A religião atuou como elo de união entre eles [imigrantes italianos] [...]”

Este recorte demonstra a importância da fé católica para a reconstrução da identidade do imigrante italiano, uma vez que agiu como elo de união entre eles. O enunciado, ao fazer referência à FÉ como elo de união, remete ao esquema de LIGAÇÃO proposto pela TMCI.

Dessa forma, vemos reiterada nossa idéia de que o esquema de LIGAÇÃO seja um dos mais representativos dentro da categoria RELIGIÃO. Além disso, ao entender-se a FÉ COMO ELO DE LIGAÇÃO, pode-se inferir que FÉ É FORÇA, pois se supõe que os elos de uma corrente sejam fortes e resistentes. Assim, metonimicamente:

RELIGIÃO UNE AS PESSOAS

RELIGIÃO É FORÇA QUE MANTÉM A UNIÃO

(27b) “[...] a fé católica forneceu-lhes os subsídios indispensáveis para reiniciar, individual e coletivamente a existência.”

FÉ, neste recorte, apresenta-se como fonte de energia. Dessa forma, como analisado em (9a), fortalece a idéia de FÉ como uma metáfora do tipo: FÉ É ENERGIA. Além disso, demonstra ser um elemento gerador de bem-estar.

Contudo, quando se observa, no enunciado, o esforço empreendido na reconstrução da existência individual e coletiva, somos levados à metáfora da FORÇA MORAL, que atua como fonte de equilíbrio, produto de um comportamento moral reto. A metáfora da FORÇA MORAL traz, como acarretamento, que para permanecer bom em face do mal, se deve ser moralmente forte.

Pode-se dizer, ainda, que há traços da MORALIDADE DA FAMÍLIA DO HOMEM, desde que se entenda que toda a humanidade é parte de uma grande família, o que legitima a idéia de uma existência coletiva. Assim, surgem as seguintes metáforas:

FÉ FORNECE SUBSÍDIOS

FÉ É VIDA

FÉ É ENERGIA

FÉ PROVÊ AS NECESSIDADES DOS HOMENS

28

[(a) “Num ambiente em que o único sistema de referência é o sagrado, em que normas e valores profanos legitimam-se pelas normas e valores religiosos,] compreende-se a importância que adquiriu, para cada linha, a construção da capela]” [...] (p.236). [C1, LB, S2]

(28a) “Num ambiente em que o único sistema de referência é o sagrado, em que normas e valores profanos legitimam-se pelas normas e valores religiosos [...]”

Neste caso, pode-se inferir que valores religiosos estão hierarquicamente em um plano superior aos valores profanos. Logo, valores religiosos teriam autoridade sobre valores profanos; dessa forma, a metáfora da ORDEM MORAL subjaz a esses valores.

Pela metáfora da ORDEM MORAL:

SAGRADO É BOM

O SAGRADO DISTINGUE O BEM DO MAL

O BEM E O MAL [Metáforas primárias]

NORMAS E VALORES RELIGIOSOS SÃO, HIERARQUICAMENTE, SUPERIORES A NORMAS E VALORES PROFANOS

Assim:

DEVE-SE ACEITAR AS NORMAS E VALORES RELIGIOSOS COMO FORMA DE RESPEITAR AS COISAS SAGRADAS

O SAGRADO ADVÉM DE DEUS, este que é, hierarquicamente, superior ao homem.

“Um quase estado papal [Subtítulo]

29

“[(a) O já citado relatório de Frei Bernardino D’Apremont, bem como os escritos de padres e religiosos de outras congregações, são unânimes em acentuar a fé simples dos colonos e a alegria com que recebiam o padre,] a fim de voltar a ter [(b) uma vida religiosa marcada pela frequência aos sacramentos [...]” (p. 242). [C1, LB, S3]

Com relação ao que foi analisado até aqui, vê-se, novamente, neste segmento, que se está diante de um discurso que retrata o ponto de vista do clero, ou seja, a relação do imigrante com o padre é referida pelo olhar de um religioso.

(29a) “O já citado relatório de Frei Bernardino D’Apremont, bem como os escritos de padres e religiosos de outras congregações, são unânimes em acentuar a fé simples dos colonos e a alegria com que recebiam o padre [...]”

A forte relação entre os imigrantes italianos e os padres, tanto ministeriais quanto leigos, é uma constante no discurso dos segmentos que compõem o *corpus* de análise. Em (29a), estamos diante de mais uma manifestação nesse sentido. Nesse caso, é destacada a alegria do imigrante em receber o padre.

Ao entendermos que a figura do PADRE está pela figura de DEUS, surge o seguinte acarretamento:

RECEBER BEM AO PADRE É RECEBER BEM A DEUS

Se:

DEUS É FONTE DE ALEGRIA, UMA VEZ QUE PROPORCIONA O BEM-ESTAR [Sistema da Metáfora Moral]

então, metonicamente:

PADRE ESTÁ PELA ALEGRIA

(29b) “[...] *uma vida religiosa marcada pela freqüência aos sacramentos.*”

A freqüência aos sacramentos, em geral por meio de rituais, determinava, para a comunidade de imigrantes italianos, a pessoa de fé, confirmando o modelo proposicional RITUAIS proposto na estrutura radial, pois, metonimicamente:

FREQÜÊNCIA AOS SACRAMENTOS É FREQÜÊNCIA AOS RITUAIS

FREQÜENTAR OS SACRAMENTOS É TER UMA VIDA RELIGIOSA

Assim:

IR À MISSA É TER UMA VIDA RELIGIOSA

APRENDER E ENSINAR O CATECISMO É TER UMA VIDA RELIGIOSA

REZAR O TERÇO É TER UMA VIDA RELIGIOSA

Metonimicamente:

RELIGIÃO É VIDA

30

“Criou-se, assim, um clima de cristandade, onde [(a) a participação maciça dos fiéis nas cerimônias da vida religiosa, a freqüência aos sacramentos e a internalização de um código de ética católica faziam recordar os períodos áureos da Igreja medieval.] Num clima como este, [(b) os valores religiosos e sua expressão normativa tendem a tornar-se valores sociais, ou melhor, estes se legitimam através dos valores e normas sagrados.] E para a consolidação e manutenção destas estruturas, montou-se todo um esquema, que ia desde a capela e a paróquia, até as escolas religiosas, o jornal católico, as missões populares, as aulas de catecismo e[(c) a severa vigilância exercida pelo confessorário]” (p. 242). [C1, LB, S4]

(30a) “[...] *a participação maciça dos fiéis nas cerimônias da vida religiosa, a freqüência aos sacramentos e a internalização de um código de ética católica faziam recordar os períodos áureos da Igreja medieval.*”

Segundo Lakoff e Johnson, Jesus foi o portador da proteção e cuidado para com os homens, isso dentro da tradição cristã, logo, nessa perspectiva, “DEUS É AMOR”. Dessa forma, o núcleo da moralidade está na “pureza do coração”, ou seja, “através da empatia, ligamo-nos aos outros em atos de amor.” (1999, p. 321).

Há que se destacar a questão da ÉTICA RACIONALISTA, citada pelos autores, como sendo uma das teorias da moralidade da família. Essa ÉTICA fornece, de forma racional, as leis que julgam e sentenciam, subscrevendo, dessa forma, a moralidade do PAI SEVERO.

A preocupação em manter-se em dia com os deveres para com os sacramentos reaparece no segmento (35), reiterando a metáfora da CONTABILIDADE MORAL. Por essa metáfora:

FREQÜENTAR OS SACRAMENTOS É MANTER-SE COM AS CONTAS EM DIA PERANTE DEUS

acarretando que:

FREQÜENTAR OS SACRAMENTOS É ADQUIRIR CRÉDITOS

(30b) “[...] os valores religiosos e sua expressão normativa tendem a tornar-se valores sociais, ou melhor, estes se legitimam através dos valores e normas sagrados.”

Neste caso, os valores religiosos se sobrepõem aos valores sociais, a questão da moralidade é fortemente marcada. Essa sobreposição dos valores religiosos em relação aos valores sociais revela a influência da metáfora da FAMÍLIA DO HOMEM, mais exatamente, o modelo de SOCIEDADE COMO FAMÍLIA, na qual fica implícita a figura metafórica do PAI SEVERO que é quem estabelece as normas sociais que passam a ser entendidas como NORMAS DE FAMÍLIA.

Metonimicamente:

SOCIEDADE ESTÁ PELA FAMÍLIA

OS VALORES RELIGIOSOS ESTÃO PELOS VALORES SOCIAIS

(30c) “[...] a severa vigilância exercida pelo confessor”

Essa ‘severa vigilância’ revela o papel exercido pelo sacerdote como representante de Deus, intensificando a figura do PAI SEVERO que, dentro da ética racionalista proposta por Lakoff e Johnson, enfatiza esse papel de severidade, uma vez que a racionalidade dita as leis ao mesmo tempo em que julga.

Além disso, a confissão, entendida como um dos rituais católicos, seria uma das instâncias em que o poder exercido pelo PAI SEVERO se manifestaria.

Pela metáfora da CONTABILIDADE MORAL:

VIGILÂNCIA ÀS REGRAS É UM DEVER

SUBMETTER-SE À VIGILÂNCIA DA RELIGIÃO É UM DEVER

Pela metáfora da FORÇA MORAL:

RESPEITAR AS REGRAS É SER BOM

TER CORAGEM PARA RECONHECER-SE PECADOR E REDIMIR-SE É UM ATO DE CORAGEM QUE REVELA A SUPERAÇÃO DO MEDO

Logo:

CONFESSAR-SE É UM ATO DE FORÇA

CONFESSAR-SE É UM ATO DE CORAGEM

De acordo com Burkert, o homem, fazendo uso da linguagem, demonstra sua condição de submissão através da confissão dos pecados, sendo que tal ato carrega implícito um pacto existente entre o punidor e o punido.

“A religião como fator de integração física e de identificação cultural [Título do capítulo]

31

“[...]”

“Nas colônias italianas do RS, [(a) a religião, longe de ser um «ópio do povo», foi um fator de integração e uma força de dinamismo econômico.] Permitiu ao colono italiano fugir de uma desintegração social ou de cair numa «caboclição», oferecendo-lhe um quadro sócio-cultural no qual ele se reconhecia e se expandia”. (p. 156). [C1, OM, S1]

(31a) “[...] a religião, longe de ser um «ópio do povo», foi um fator de integração [...].”

Em (31a), vemos fortalecida a idéia de que RELIGIÃO, uma vez entendida como fator de integração, ELO, possa ser representada pelo esquema de imagem LIGAÇÃO, caso que se assemelha ao que foi analisado em (27a). Assim, metonimicamente, RELIGIÃO É ELO DE LIGAÇÃO.

“O sentimento religioso do imigrante italiano [Subtítulo]

32

[...]

“Os imigrantes italianos do RS eram, em sua maioria absoluta, católicos praticantes. [(a) A participação das celebrações litúrgicas, nos domingos e dias de festa, era uma obrigação moral, pois só o praticante era considerado pessoa de fé, digno da estima e aceitação dos demais.] [(b) O sacerdote gozava da mais alta consideração e suas palavras tinham, em geral, a persuasão da lei.] Essa educação eles a receberam, desde o berço, em suas regiões de origem, principalmente, no Vêneto, onde a presença da religião e do clero era determinante na vida da sociedade.” (p. 157). [C1, OM, S2]

(32a) “A participação das celebrações litúrgicas, nos domingos e dias de festa, era uma obrigação moral, pois só o praticante era considerado pessoa de fé, digno da estima e aceitação dos demais.”

Como já foi observado anteriormente, o imigrante e seus descendentes tinham grande preocupação em serem aceitos pela comunidade, e tal aceitação dependia da postura religiosa que adotavam. Assim, a participação nos RITUAIS litúrgicos atestava tal comportamento. Manter uma postura que atenda à obrigação moral imposta pela RELIGIÃO corresponde, de certa forma, à MORALIDADE DA FAMÍLIA DO PAI SEVERO, na qual Deus, que metaforicamente é representado pelo PAI SEVERO, estabelece a ordem moral e, sendo ele o criador de tudo que há no mundo, é nosso dever aprender e respeitar suas leis. Dessa forma, a frequência aos rituais representa a obediência a essa ordem moral estabelecida.

Pela MORALIDADE DA FAMÍLIA DO PAI SEVERO:

DEUS É O PAI SEVERO

AS OBRIGAÇÕES MORAIS SÃO ESTABELECIDAS PELO PAI SEVERO

A sociedade, nesse caso, estaria representando a metáfora da FAMÍLIA DO HOMEM, uma vez que, metaforicamente, todos os homens fazem parte de uma grande família. Dessa forma:

SER ACEITO PELOS DEMAIS DO GRUPO, É SER ACEITO PELA SOCIEDADE

Logo, pela metáfora da FAMÍLIA DO HOMEM:

A SOCIEDADE É UMA FAMÍLIA

AS OBRIGAÇÕES MORAIS SÃO IMPOSTAS PELA SOCIEDADE/FAMÍLIA

(32b) “O sacerdote gozava da mais alta consideração e suas palavras tinham, em geral, a persuasão da lei.”

Em (32b), o discurso apresentado reforça a visão do sacerdote como representante de Deus e, nesse caso, converge para o modelo proposicional do PAI SEVERO. Esse modelo de PAI leva à autoridade moral absoluta, ou seja, o sacerdote, ao estar por Deus, deve ser respeitado, simplesmente porque se entende que assim deve ser. Daí advém que, se:

DEUS TEM AUTORIDADE ABSOLUTA

DEUS-JUIZ IMPÕE AS LEIS

então:

SACERDOTE TEM AUTORIDADE ABSOLUTA

SACERDOTE IMPÕE AS LEIS

33

“[...]”

“[(a) O terço foi, realmente, o breviário e, muitas vezes, a missa dos imigrantes italianos e de seus descendentes.]” (p. 159). [C1, OM, S3]

(33a) “O terço foi, realmente, o breviário e, muitas vezes, a missa dos imigrantes italianos e de seus descendentes.”

De acordo com o que o *corpus* nos revela, na ausência do padre e, conseqüentemente, dos sacramentos e rituais litúrgicos, o terço foi a maneira encontrada pelo imigrante para manter viva sua fé na Religião Católica. O TERÇO, assim, remete ao modelo cognitivo proposicional *script*, ou seja, sua ontologia prevê uma sucessão de eventos e um estado final, da mesma maneira que MISSA. Por essa razão, o TERÇO está metonimicamente pela MISSA, esta que também estrutura-se na forma de *script*.

Logo, por uma projeção metonímica:

O TERÇO ESTÁ PELA MISSA

“A construção das igrejas [Subtítulo]

34

“[...]”

“Por todas estas razões, [(a) os colonos italianos construíam, eles mesmos, suas igrejas e multiplicaram, em todas as partes e direções, esses símbolos de sua fé e de sua identidade cultural.] Isso permitiu aos primeiros imigrantes situarem-se psicológica e culturalmente no novo ambiente desprovido de toda referência” (p. 164). [C1, OM, S4]

(34a) “os colonos italianos construíam, eles mesmos, suas igrejas e multiplicaram, em todas as partes e direções, esses símbolos de sua fé e de sua identidade cultural.”

Na busca de sua afirmação identitária, os imigrantes italianos, tão logo de sua chegada, procuraram estabelecer espaços sagrados que os fizessem lembrar a cultura e a terra que deixaram para trás. Podemos relacionar essa necessidade, quase que urgente do imigrante em construir igrejas, com o que diz Eliade no capítulo 1. Segundo o autor, o homem necessita de um ponto fixo, que represente o Centro do mundo. Dessa forma, o homem busca estabelecer de imediato um espaço sagrado que se contraponha ao espaço profano, assim a igreja faria o papel de transposição entre os dois mundos.

Além disso, a IGREJA poderia ser entendida como um CONTAINER e, em sendo um recipiente, pode-se inferir que a FÉ esteja dentro dela, assim por uma projeção metonímica tem-se:

IGREJA ESTÁ PELA FÉ

Ao mesmo tempo, IGREJA pode ser entendida, por outra projeção metonímica, como:

IGREJA É IDENTIDADE

“O caráter cultural da religião dos imigrantes italianos [Subtítulo]

35

“A religião dos imigrantes italianos e de seus descendentes no RS era, necessariamente e essencialmente, ritualista. Isso não exclui a prática das virtudes cristãs que, como veremos, eram parte integrante da organização comunitária das capelas. Mas o [(a) conteúdo principal de sua religião consistia na realização e na participação das liturgias e dos ritos. A realização era o sinal único da existência da religião e a participação era o único critério de distinção entre a pessoa de fé e o incrédulo]” (p. 185). [C1, OM, S5]

(35a) “o conteúdo principal de sua religião [dos imigrantes italianos] consistia na realização e na participação das liturgias e dos ritos. A realização era o sinal único da existência da religião e a participação era o único critério de distinção entre a pessoa de fé e o incrédulo.”

Como já citado anteriormente, os imigrantes italianos tinham grande preocupação em participar dos eventos litúrgicos como forma de provar que se tratavam de pessoas dignas e merecedoras de crédito.

Levando em consideração o que revela o discurso, o conceito de RELIGIÃO parece estar organizado pelo esquema CONTAINER, pois LITURGIAS e RITOS SÃO CONSIDERADOS CONTEÚDOS DA RELIGIÃO. Ao mesmo tempo, percebe-se que há implícita, na distinção entre a pessoa de fé e o incrédulo, a metáfora da FORÇA MORAL, ou seja, aquele que não participava das liturgias e dos ritos demonstrava fraqueza moral, pois não se envolvia com as coisas da religião, teria cedido ao mal e tornava-se parte das forças do mal. De acordo com essa metáfora:

SER RELIGIOSO É SER BOM

FREQÜENTAR AS LITURGIAS E RITOS É SER BOM E EQUILIBRADO

“[...]”

“A capela: uma comunidade de base espontânea [Subtítulo]

36

“[...]”

“**(a)** A Religião Católica foi, sem dúvida, a força que permitiu aos imigrantes italianos se integrarem no novo ambiente] e formar aquela solidariedade indispensável para enfrentar todas as dificuldades materiais e psicológicas dos primeiros tempos. [...] **(b)** Foi em torno da religião e da expressão de seus sentimentos religiosos que eles encontraram a própria identidade cultural, único meio capaz de evitar o desajustamento social.” (p. 193). [C1, OM, S7]

(36a) “A Religião Católica foi, sem dúvida, a força que permitiu aos imigrantes italianos se integrarem ao novo ambiente [...]”

Neste recorte, a Religião Católica desponta como sendo fonte de força e energia, ao mesmo tempo em que estabelece a integração, empatia com o novo ambiente.

Novamente, é retomado o que diz Eliade com relação à necessidade do homem em estabelecer um espaço sagrado para viver, pois, uma vez que o imigrante mantinha sua fé na Religião Católica, podia sentir-se como parte de um Cosmos organizado que se opunha ao Caos do espaço profano. Além disso, metaforicamente, se:

A RELIGIÃO CATÓLICA É FORÇA

A RELIGIÃO INTEGRA/UNE

então, por uma metáfora orientacional:

RELIGIÃO É IMPULSO QUE LEVA PARA FRENTE

(36b) “Foi em torno da religião e da expressão de seus sentimentos religiosos que eles encontraram a própria identidade cultural, único meio capaz de evitar o desajustamento social.”

Como já observado no decorrer das análises, a religião atuou como um documento de identidade para os imigrantes, pois, através dela, se reconheciam e se organizavam. Contudo, o enunciado, ao referir a religião como tendo um entorno, conduz para uma metáfora ontológica, na qual A RELIGIÃO É UM LUGAR EM TORNO DO QUAL SE SITUAM COISAS.

“Devoção do italiano [Subtítulo]

37

“[...]

“Ao enfrentar os momentos dolorosos e desesperadores da viagem e, não raro, do abandono em estações portuárias ou ferroviárias em terras completamente desconhecidas, [(a) recordavam-se das últimas recomendações do vigário, dobravam o joelho e o espírito prostrando-se diante da Madona de sua devoção e rezavam e cantavam para animar-se a si mesmos e superar o medo pavoroso.] [(b) A solidão aplastante da floresta virgem, no lote onde eram abandonados, os teria esmagado não tivessem uma alma de criança que os fazia encontrar forças e coragem nas contas do rosário rezado em família.” (p. 47). [C1, CZ, S1]

(37a) “recordavam-se das últimas recomendações do vigário, dobravam o joelho e o espírito prostrando-se diante da Madona de sua devoção e rezavam e cantavam para animar-se a si mesmos e superar o medo pavoroso.”

As recomendações do vigário parecem assumir a conotação de uma ordem, a qual deve ser obedecida, revelando, mais uma vez, o papel de superioridade do padre em relação aos fiéis. Além disso, como já observado por Burkert, o homem sente-se na obrigação de assumir posturas de inferioridade perante o Ser superior. Para isso, assume posturas indicativas, tais como ajoelhar-se e dobrar-se. O ato de prostar-se, ajoelhar-se revela um ato de veneração no contexto religioso.

Aproximando o que é dito à teoria proposta por Lakoff, pode-se inferir que, prostar-se, ajoelhar-se diante da Madona, remete a uma metáfora orientacional do tipo:

AJOELHAR É PARA BAIXO

PROSTAR-SE É PARA BAIXO

acarretando que:

DEPENDÊNCIA É PARA BAIXO

SUBMISSÃO É PARA BAIXO

Por outro lado, a figura da Madona representa a figura da mãe protetora que, aceitando naturalmente a autoridade do pai, pode interceder junto a ele. Esse papel de intermediação feito pela Madona entre o fiel e Deus, pode ser representado pelo esquema de LIGAÇÃO da seguinte maneira, se:

A MADONA ESTÁ LIGADA A DEUS

então:

O FIEL, POR INTERMÉDIO DA MADONA, SE LIGA A DEUS

(37b) “A solidão aplastante da floresta virgem, no lote onde eram abandonados, os teria esmagado não tivessem uma alma de criança que os fazia encontrar forças e coragem nas contas do rosário rezado em família.”

Em (37b), tem-se novamente enfocada a questão do terço como sendo uma atividade comunitária, e, algumas vezes, de caráter familiar, questão já analisada em (1c), (5a) e (7c). O

que desponta de novo, neste recorte, é a compreensão metonímica do rosário: NAS CONTAS DO ROSÁRIO ESTÃO A FORÇA E A CORAGEM. Ao mesmo tempo, o rosário, a partir do esquema LIGAÇÃO une o homem a Deus resultando numa projeção metonímica do tipo:

AS CONTAS DO ROSÁRIO ESTÃO PELAS ORAÇÕES

ROSÁRIO ESTÁ PELA FÉ

A FÉ TRAZ FORÇA

A FORÇA TRAZ CORAGEM

Metonimicamente:

NO ROSÁRIO ENCONTRA-SE A FÉ

NO ROSÁRIO ESTÁ A CORAGEM

Além disso, o enunciado revela a influência da metáfora da FORÇA MORAL. Para essa metáfora, o homem deve ter força moral para superar as dificuldades, bem como as forças do mal. Assim, no afã de superar o medo imposto pelas condições de sobrevivência que lhe foram apresentadas, o imigrante desenvolve a CORAGEM como sendo a força capaz de fazê-lo vencer o medo.

38

[...]

“Olívio Manfroi, em sua tese, recolhendo informações de várias procedências, descreve a situação precária do imigrante italiano, abandonado à própria sorte, explorado e tratado como uma mercadoria bruta que não tem necessidades psicológicas e morais. Nesta situação [(a) a religião surgiu como sustentáculo humano do imigrante.] Abandonado por todos – pela Pátria, pelo Empresário e pelo Colonizador – [(b) a religião tornou-se o refúgio salvífico e a fonte de energias para a luta.] [(c) O imigrante venceu por causa da fé que trazia dentro de si e que herdara de sua família tradicional e praticante.]” (p. 48). [C1, CZ, S2]

Este recorte revela marcas de intertextualidade, visto que Zagonel busca, no trabalho de Manfroi, contextualizar a situação do imigrante italiano como forma de justificar a importância da religião na sua estruturação em novas terras.

(38a) “a religião surgiu como sustentáculo humano do imigrante.”

O imigrante, como revela o enunciado, foi entregue à própria sorte quando de sua chegada à região. Como já observado em segmentos anteriores e é retomada nesse recorte, a religião atuou como “sustentáculo humano do imigrante”. A religião, entendida como sustentáculo, revela a idéia da metáfora da FORÇA MORAL, desde que se compreenda ‘sustentáculo’ como forma de manter o equilíbrio moral o que traz, por acarretamento metafórico:

ESTAR EQUILIBRADO É TER BEM-ESTAR

Logo, metaforicamente:

RELIGIÃO É ALICERCE

RELIGIÃO É CONSTRUÇÃO

RELIGIÃO É BEM-ESTAR

(38b) “a religião tornou-se o refúgio salvífico e a fonte de energias para a luta.”

Neste recorte, o discurso apresentado demonstra, mais uma vez, RELIGIÃO, projetada por uma metáfora ontológica, como sendo um LUGAR, questão já abordada em (36b). Assim, se:

RELIGIÃO É UM LUGAR

então:

RELIGIÃO É UM REFÚGIO

A RELIGIÃO É UM LUGAR SEGURO

Desse modo, RELIGIÃO pode, metonimicamente, estar por PROTEÇÃO.

Por uma projeção metafórica, pode-se inferir, ainda, que:

RELIGIÃO É LUTA CONTRA AS ADVERSIDADES

RELIGIÃO É BATALHA

Então, por acarretamento:

BATALHAS SÃO VENCIDAS

BATALHAS SÃO PERDIDAS

PARA LUTAR É NECESSÁRIO ENERGIA

Levando a:

A FÉ TRAZ ENERGIA

QUANTO MAIS ENERGIA MAIOR AS CHANCES DE VENCER

(38c) “O imigrante venceu por causa da fé que trazia dentro de si e que herdara de sua família tradicional e praticante.”

Neste caso, a FÉ é entendida como algo que preenche um recipiente que é o homem, o homem entendido como alma. Portanto, manifestam-se os esquemas de imagem CONTAINER e PARTE-TODO.

Reitera-se o que é analisado no recorte anterior, ou seja, quanto mais fé dentro de si, mais chance de vencer.

Além disso, uma vez que o imigrante dá grande valor à família e, por essa razão, atribui à FÉ o valor de uma herança, surge a manifestação da metáfora da CONTABILIDADE MORAL.

Assim, se:

FÉ É UM BEM/TESOURO

então:

A FÉ É HERDADA

A HERANÇA É UM BEM DADO PELA FAMÍLIA

A FÉ É DADA PELA FAMÍLIA

39

“[(a) Rezava apelando para todas as suas devoções], [(b) mas o rosário junto aos italianos foi uma constante inquebrável. Foi o breviário do cristão, a oração para todas as necessidades.] Durante as demoradas esperas junto aos portos de embarque, prolongadas, às vezes, pelo espaço de um ou dois meses, os pobres emigrantes, sofrendo toda sorte de embaraços (passaporte, bagagens, alojamento e demais serviços burocráticos) sentiam-se perdidos e desanimados. A solução era rezar. Recitavam, então, o rosário... Cumpriam, fielmente, todas as suas devoções durante a viagem, cantando louvores à Mãe de Deus, dos

pobres, dos exilados, dos aflitos, etc. ... porque [(c) somente Deus podia consolá-los e aliviar-lhes os sofrimentos..]” (p. 48). [C1, CZ, S3]

(39a) “Rezava apelando para todas as suas devoções [...]”

O poder das orações é enfocado nesse segmento, especialmente a reza endereçada aos santos de devoção. Essa relação entre o homem, a oração e os santos revela o esquema ORIGEM-PERCURSO-META, ou seja, AS ORAÇÕES, MEDIADAS PELOS SANTOS DE SUA DEVOÇÃO, CHEGAM A SEU DESTINO QUE É DEUS.

Assim, metonimicamente:

DEVOÇÕES AOS SANTOS É O CAMINHO QUE LEVA A DEUS

(39b) “[...] mas o rosário junto aos italianos foi uma constante inquebrável. Foi o breviário do cristão, a oração para todas as necessidades.”

Uma vez que, segundo o enunciado, o rosário é uma constante inquebrável, ao mesmo tempo em que se entende o rosário como metonimicamente ligando o homem a Deus, referindo o esquema de LIGAÇÃO, projeta metaforicamente que a relação do homem com Deus é indestrutível, resistente e permanente. Assim, pode representar, metonimicamente, que:

O ROSÁRIO UNE O HOMEM A DEUS

Logo:

O ROSÁRIO É RESISTENTE

A FÉ É RESISTENTE

acarretando que, se:

O ROSÁRIO É INQUEBRÁVEL

então:

A RELAÇÃO DO HOMEM COM DEUS É INQUEBRÁVEL

De acordo com o discurso dos imigrantes, a oração foi o sustentáculo de todas as horas, principalmente nos momentos de dificuldade, em função disso, metonimicamente, pode-se inferir que:

O ROSÁRIO ESTÁ PELA ORAÇÃO

acarretando que:

ORAÇÃO É FORÇA

ORAÇÃO É SUSTENTO

(39c) “*somente Deus podia consolá-los e aliviar-lhes os sofrimentos*”.

Deus, como o discurso presente no *corpus* revela, foi, para o imigrante italiano, fonte de estímulo para suportar e aliviar seus sofrimentos. Essa relação com Deus projeta, de acordo com a estrutura radial proposta, a figura do PAI PROTETOR, que, em consonância com a metáfora da FAMÍLIA DO HOMEM, reforça a idéia de um DEUS PROTETOR, o qual ama e protege seus filhos. Pela moralidade do PAI PROTETOR, Deus é o modelo prototípico do AMOR o que leva à metáfora básica DEUS É AMOR corroborando a teoria da ética cristã.

40

“[...]”

“[(a) O homem reza nos momentos em que mais sente sua vocação ao infinito, mas é o mistério que lhe desperta a consciência de sua limitação e fraqueza.] O mistério não o esmaga. Revela-lhe sua vocação para a superação. É um desafio. [(b) A oração é uma tentativa de contactar com quem pode fazê-lo transcender sua limitação. Quando o mistério da natureza com sua violência e prepotência tranqüila de gigante o esmaga, o homem não reza. Apavora-se. Mas quando o homem, atento, percebe sua ligação íntima e pessoal com Deus, ele recobra coragem e reza.]” (p. 49). [C1, CZ, S4]

(40a) “O homem reza nos momentos em que mais sente sua vocação ao infinito, mas é o mistério que lhe desperta a consciência de sua limitação e fraqueza.”

Neste recorte, a análise feita em (39a) é reforçada. Visto que a oração tem se confirmado como um canal de comunicação entre o homem e Deus, emerge, novamente, o esquema de imagem ORIGEM-PERCURSO-META. Dessa forma, por uma projeção metonímica:

A ORAÇÃO LEVA A DEUS

Por outro lado, se DEUS É MISTÉRIO e O MISTÉRIO É DESCONHECIDO E AMEDONTRADOR, fica-se diante da metáfora da ORDEM MORAL, a partir da qual o mais forte domina o mais fraco. Dessa forma, por acarretamento, O HOMEM TEM CONSCIÊNCIA DE SUA LIMITAÇÃO E FRAQUEZA PERANTE DEUS. Ao mesmo tempo, a consciência de sua fraqueza perante o infinito, revela, também, a aceitação de sua condição de inferioridade.

(40b) “A oração é uma tentativa de contactar com quem pode fazê-lo transcender sua limitação. Quando o mistério da natureza com sua violência e prepotência tranqüila de gigante o esmaga, o homem não reza. Apavora-se. Mas quando o homem, atento, percebe sua ligação íntima e pessoal com Deus, ele recobra coragem e reza.”

Novamente, tem-se a oração referida como um canal de comunicação entre o homem e Deus, meio pelo qual o homem expõe suas limitações. A oração surge, ainda, como forma de aplacar as forças da natureza. De acordo com Eliade, a natureza está carregada de sacralidade, o que justificaria o temor das forças da natureza (ventos, tempestades, granizo) pelo imigrante italiano. Talvez, por acreditar nessa sacralidade da natureza, o imigrante tenha dedicado, algumas vezes, suas orações a santos específicos, como visto no segmento (5b), a fim de proteger-se de forças as quais não tinha controle. Essa natureza impõe-lhe uma força que o apavora. Contudo, sua ligação com Deus devolve-lhe a confiança, confirmando, mais uma vez, o que foi proposto na estrutura radial, ou seja, que DEUS É PAI PROTETOR. Assim, pelo esquema

de LIGAÇÃO, A ORAÇÃO APROXIMA O HOMEM DE DEUS, ao mesmo tempo em que metonimicamente, A ORAÇÃO SALVA.

41

“[(a) O italiano rezava com autenticidade. Era um homem de fé. Consciente de sua limitação e de seu abandono injusto, contactava com Deus através de suas devoções herdadas do passado e sugadas com o leite materno.] Tornou-se corajoso. Tornou-se, inclusive, símbolo de coragem e de trabalho pela epopéia que realizou.” (p. 49). [C1, CZ, S5]

(41a) “[o italiano] *contactava com Deus através de suas devoções herdadas do passado e sugadas com o leite materno.*”

As devoções, como já foi visto em (39c), tem, para o imigrante, a conotação de um bem herdado da família, uma herança. O enunciado, ao referir que o italiano contactava com Deus por intermédio de suas devoções, reitera o esquema de LIGAÇÃO, ou seja, através dos santos os pedidos e agradecimentos dos cristãos chegariam a Deus. A análise desse enunciado nos leva a inferir que, metonimicamente, AS DEVOÇÕES SÃO PRESTADAS AOS SANTOS E À VIRGEM MARIA.

Logo, se:

OS SANTOS TÊM LIGAÇÃO COM DEUS

então:

AS DEVOÇÕES SÃO O CAMINHO PARA SE CHEGAR A DEUS

Além disso, ao referir que as devoções são sugadas com o leite materno, há projetada uma metáfora ontológica, na qual DEVOÇÃO É ALIMENTO. Assim, se:

DEVOÇÃO É ALIMENTO

por um acarretamento metafórico:

FÉ É ALIMENTO

A FÉ ALIMENTA O HOMEM

Pode-se entender, ainda, que DEVOÇÃO esteja, metonimicamente, por FÉ. Assim, se DEVOÇÃO é herdada, então FÉ também é herdada, acarretando que:

FÉ É UM BEM MATERIAL

FÉ É HERANÇA DE FAMÍLIA

FÉ É UM TESOURO

(41b) “[Pela fé o imigrante] *Tornou-se corajoso. Tornou-se, inclusive, símbolo de coragem e de trabalho pela epopéia que realizou.*”

Por ser um homem de fé, o imigrante, de acordo com o enunciado, torna-se corajoso. Nesse caso, levando-se em consideração a metáfora da FORÇA MORAL, CORAGEM é produto da força moral de quem enfrenta o mal externo. Então, metaforicamente:

CORAGEM É FORÇA PARA SUPERAR O MEDO

Por acarretamento:

CORAGEM É FORÇA PARA ENFRENTAR AS DIFICULDADES DA VIDA

“Padre Leigo [Subtítulo]

42

“Construídos os oratórios e mesmo antes da construção, [(a) os imigrantes procuravam organizar o culto dominical recordando, o quanto possível, o culto celebrado na longínqua igreja natal. A missa, as bênçãos, as devoções, as cerimônias... tudo de acordo com o tempo litúrgico. Reuniam-se em torno de alguma imagem ou quadro, eventualmente trazido da Itália]. e [(b) procuravam os livros de devoção que, normalmente, acompanhavam a família como uma herança preciosa..]” (p. 54). [C1, CZ, S7]

(42a) “os imigrantes procuravam organizar o culto dominical recordando, o quanto possível, o culto celebrado na longínqua igreja natal. A missa, as bênçãos, as devoções, as cerimônias... tudo de acordo com o tempo litúrgico. Reuniam-se em torno de alguma imagem ou quadro, eventualmente trazido da Itália [...]”

Para os imigrantes italianos, a manutenção dos rituais litúrgicos era a garantia de preservação da religião, ou seja, era a maneira encontrada para preservar as coisas da fé.

No capítulo 1, Eliade observa que, assim como a definição de espaço é importante para o homem, a distinção do Tempo entre sagrado e profano também é relevante. Para o homem

religioso, o Tempo sagrado é o tempo de festas periódicas, de caráter religioso. Essas festas religiosas são os chamados tempos litúrgicos que é o momento em que eventos sagrados do passado são atualizados no presente por meio dos ritos.

Dessa forma, o homem pela linguagem dos ritos, retoma um Tempo sagrado possibilitando que fuja do presente histórico.

Metonimicamente, na ausência de oratórios, capelas ou igrejas QUADROS E IMAGENS DE SANTOS ESTÃO PELA IGREJA.

(42b) “procuravam os livros de devoção que, normalmente, acompanhavam a família como uma herança preciosa.”

Como analisado anteriormente, a FÉ e as DEVOÇÕES, metonimicamente, são heranças de família, um tesouro a ser preservado. Da mesma forma, de acordo com o enunciado, os livros de devoção são um tipo de herança. Logo, metonimicamente, se infere que, se:

OS LIVROS DE DEVOÇÃO SÃO UM BEM HERDADO

OS LIVROS DE ORAÇÃO ESTÃO PELOS RITUAIS

então:

A DEVOÇÃO É HERDADA

A FÉ É HERDADA

OS RITUAIS ESTÃO PELA FÉ

43

“[...]”

“[...] Além do mais, [(a) a fé simples e ingênua colocava o colono diante do sinal litúrgico como algo assim convencionado pelo próprio Deus e, por isso, intocável e imutável.]” (p. 57). [C1, CZ, S8]

(43a) “a fé simples e ingênua colocava o colono diante do sinal litúrgico como algo assim. convencional pelo próprio Deus e, por isso, intocável e imutável.”

DEUS É A AUTORIDADE ABSOLUTA, essa aceitação, por parte do homem, advém, segundo Lakoff, de suas experiências vividas em família, ou seja, metaforicamente, os pais exercem AUTORIDADE MORAL sobre os filhos, significando que o PAI manda e os FILHOS obedecem.

Então:

DEUS É AUTORIDADE ABSOLUTA

PAI É AUTORIDADE ABSOLUTA

acarretando que:

FILHOS OBEDECEM AO PAI

FIÉIS CRISTÃOS OBEDECEM A DEUS

44

“A cultura era apenas o veículo pelo qual eles se valeram de sinais já conhecidos e assimilados em sua realidade humana; [(a) exprimiram a necessidade que o homem sentia de Deus e da comunicação mediatizada em sinais sagrados.]” (p. 58). [C1, CZ, S10]

(44a) “[os sinais] exprimiram a necessidade que o homem sentia de Deus e da comunicação mediatizada em sinais sagrados.”

Os sinais sagrados mediavam a comunicação do imigrante italiano com Deus, agiam, metonimicamente, como um canal de comunicação com Deus.

Para os cristãos, os sinais sagrados correspondem aos Sacramentos, que são: o Batismo, a Eucaristia, a Confirmação, a Penitência, a Santa Unção, a Ordem e o Matrimônio. Os sinais sagrados instituídos pela Igreja servem para santificar as diferentes situações da vida por meio das bênçãos. Assim, metonimicamente, os Sacramentos, os sinais sagrados aproximam o homem de Deus.

“Catequese familiar e eclesial [Subtítulo]

45

“[...]”

“[(a) A mãe sempre representou o elo principal da tradição religiosa], possivelmente, desde a Itália. A ela cabia ensinar as orações e devoções tradicionais e familiares aos filhos que assim se inseriam na corrente da Tradição familiar. A oração em família garantia a fixação na memória e, diria, a bossa na consciência da própria pessoa. [(b) A devoção era algo que se herdava com o nome.] Podia não receber uma herança material por causa da pobreza econômica, mas todo filho e filha recebia, desde a infância, a herança espiritual da fé e das devoções familiares.” (p. 58). [C1, CZ, S11]

(45a) “A mãe sempre representou o elo principal da tradição religiosa [...]”

A figura da mãe, para o imigrante italiano, tem papel importante na estruturação e conservação da família e da fé e, sendo o conceito de RELIGIÃO estruturado a partir do modelo FAMÍLIA, pode-se inferir que, metonimicamente, MÃE É ELO DE UMA CORRENTE, revelando o esquema de LIGAÇÃO, ao mesmo tempo, metaforicamente, MÃE ESTÁ POR RELIGIÃO. Além disso, há implícita a MORALIDADE DA FAMÍLIA DO PAI SEVERO, na qual a figura da mãe é de cuidado e preservação da família, bem como de submissão e aceitação da autoridade do pai.

(45b) “A devoção era algo que se herdava com o nome.”

A questão da devoção, como herança de família, já foi analisada em (41a) e (42b). Neste recorte, ao definir a devoção como o nome que se herda da família, é transmitida a idéia de algo que passa de geração em geração, perpetuando-se em todos os tempos, assim como compreendem a FÉ como sendo algo *ad infinitum*. Assim, metaforicamente:

FÉ É UM BEM DE VALOR

FÉ É UM TESOURO DE FAMÍLIA

FÉ É TRANSMITIDA

FÉ É UMA HERANÇA ESPIRITUAL

46

[...]

“O dote da nubente era importante, mas não menos importante era o devocionário e a habilitação para ensiná-lo aos filhos. [(a) Quando a apreciação popular afirmasse que “fulana não presta para esposa de sicrano porque nem mesmo sabe as orações”, então sua cotação era baixíssima.] Era importante ser saudável, trabalhadora, excelente dona de casa (costurar e cozinhar) e saber as orações.” (p. 59). [C1, CZ, S12]

(46a) “Quando a apreciação popular afirmasse que “fulana não presta para esposa de sicrano porque nem mesmo sabe as orações”, então sua cotação era baixíssima.”

De forma subjacente, no discurso do imigrante da época, aparece a influência do *Sistema da Metáfora Moral* no julgamento que faz das coisas do dia-a-dia. Aqui, se observa a marca do que Lakoff e Johnson chamam de METÁFORA DA CONTABILIDADE MORAL, ou seja, TER VALOR MORAL É TER UM DOTE.

Por conseguinte:

NÃO TER VALORES MORAIS É NÃO TER DOTE

PESSOA NÃO CONHECEDORA DAS ORAÇÕES É DE BAIXO VALOR

Assim:

POUCAS ORAÇÕES É NEGATIVO

Logo, por uma metáfora orientacional,

POUCAS ORAÇÕES É PARA BAIXO

o que acarreta:

NÃO CONHECER AS ORAÇÕES É NÃO TER FÉ

NÃO TER FÉ É NÃO TER VALOR

47

“[(a) A mãe italiana podia ser analfabeta, ou quase, mas ela foi a grande educadora anônima da colônia: à noite, cansada, antes de concluir os últimos serviços da casa, tomava os filhinhos menores e os adormecia ninando em seu seio e, ao mesmo tempo, fazia os maiores recitarem as orações familiares e as principais verdades da Fé.”] (p. 59). [C1, CZ, S13]

(47a) *“A mãe italiana [...] foi a grande educadora anônima da colônia: à noite, cansada, antes de concluir os últimos serviços da casa, tomava os filhinhos menores e os adormecia ninando em seu seio e, ao mesmo tempo, fazia os [filhos] maiores recitarem as orações familiares e as principais verdades da Fé.”*

Neste caso, tem-se a mãe italiana atuando como elo de ligação entre os filhos menores e os ensinamentos da fé que, no enunciado, são referidos como “as principais verdades da Fé”. Assim como em (45a), temos a projeção da MORALIDADE DA FAMÍLIA DO PAI SEVERO, na qual a mãe assume o papel exclusivo de cuidar dos filhos e da casa, aceitando, nesse caso, de forma implícita, a autoridade do pai.

Novamente, de acordo com a teoria proposta por Lakoff, o esquema de imagem LIGAÇÃO está associado. Assim:

A MÃE ITALIANA É ELO DE LIGAÇÃO ENTRE OS FILHOS E A FÉ

acarretando que:

A FÉ LIGA O HOMEM A DEUS

48

“[...]”

“[(a) A catequese consistia em decorar fórmulas do catecismo, aprender as orações principais do devocionário] (Ave-Maria, Pai Nosso, Creio, Mandamentos da Lei de Deus e da Igreja, Atos de Fé, de Esperança, de Caridade e de Contrição, a oração ao Anjo da Guarda, a oração da Encomendação da alma na hora da agonia, etc..)” (p. 59). [C1, CZ, S14]

(48a) *“A catequese consistia em decorar fórmulas do catecismo, aprender as orações principais do devocionário [...].”*

Assim como demonstrado na análise da estrutura radial hipotética, este enunciado confirma a importância do catecismo na vida religiosa do imigrante e de seus descendentes. É através dele que os elementos fundamentais e essenciais da fé cristã são revelados, servindo de orientação para o católico comprometido com a fé.

CATEQUESE está inserida no modelo RITUAIS. Sua organização se dá pelo modelo proposicional *script*. Além disso, CATEQUESE revela possuir valor moral, o que leva à metáfora da FORÇA MORAL, ou seja, decorar fórmulas do catecismo, aprender as principais orações é uma maneira de manter-se equilibrado, reto, capaz de resistir às forças do mal. Logo, se:

SER MORAL É TER RETIDÃO

então:

APRENDER O CATECISMO É ADQUIRIR FORÇA MORAL

APRENDER O CATECISMO É SER RETO

SER RETO É SER BOM

“Festas religiosas e sociais [Subtítulo]

49

“[...]”

“[(a) Todos os relatórios referentes à vida religiosa são unânimes em exaltar a fome de Deus.] [(b) O povo italiano venceu longas distâncias para se confessar, comungar e ouvir a Palavra de Deus”.] [...] (p. 65). [C1, CZ, S15]

(49a) “Todos os relatórios referentes à vida religiosa são unânimes em exaltar a fome de Deus.”

Em (49a), tem-se intensificada a idéia de que Deus, para o imigrante italiano, nas condições em que se encontrava, era o único que poderia lhe garantir a sobrevivência. Dentre as necessidades básicas para o ser humano sobreviver está a alimentação. Assim, o imigrante ao referir-se a Deus como alimento, está, por uma projeção metafórica, afirmando que DEUS É ALIMENTO. Dessa forma, se:

DEUS É ALIMENTO

então:

DEUS É FONTE DE SOBREVIVÊNCIA

Assim, desponta um dos modelos cognitivos da categoria RELIGÃO que é: RELIGIÃO É

ALIMENTO [Modelo fisiológico]

(49b) “O povo italiano vencia longas distâncias para se confessar, comungar ouvir a Palavra de Deus”

Como demonstrado em segmentos anteriores, o imigrante italiano sempre teve muita preocupação em manter-se em dia com seus deveres de cristão, justificando o enunciado que revela o sacrifício por ele empreendido no intuito de cumprir com suas obrigações perante Deus. Essa preocupação revela implícita a metáfora da CONTABILIDADE MORAL, ou seja, ao confessar-se, pagava seus DÉBITOS, e, ao comungar, adquiria novamente CRÉDITOS. Concomitantemente, o imigrante, ao referir que “vencia longas distâncias para ouvir a Palavra de Deus” manifesta a seguinte metonímia:

O PADRE ESTÁ POR DEUS

O PADRE FALA EM NOME DE DEUS

Então:

O IMIGRANTE AO OUVIR O PADRE OUVI A DEUS

50

“[(a) A fome de Deus não se estancou com o atendimento mais regular, Manteve-se num crescimento constante.] [...]” (p. 66). [C1, CZ, S17]

(50a) “A fome de Deus não se estancou com o atendimento mais regular, Manteve-se num crescimento constante”.

Este fragmento confirma a metáfora DEUS COMO ALIMENTO, caso já analisada em (49a).

Neste recorte, contudo, a FOME DE DEUS projeta uma metáfora ontológica do tipo:

A FOME CRESCE

Logo:

A FOME É UM ORGANISMO VIVO

51

“[...]”

“[(a) O sacerdote era para o imigrante um personagem muito importante, quase o integrador de sua personalidade e da identidade social e religiosa.] Este se sentia desintegrado sem a presença do sacerdote que se acostumara a ver e a admirar na Europa. Mesmo os filhos, nascidos no Brasil, [(b) partilhavam da angústia paterna – como algo herdado com o sangue – e quando o sacerdote, o religioso, o missionário estivesse em seu meio, ele se sentiam tranqüilos e felizes. As dificuldades eram enfrentadas com mais coragem e otimismo, Deus parecia mais próximo e bem mais benigno. Certamente o sentiam mais acessível pois o podiam receber através do culto ministrado pelo sacerdote] [...]” (p. 66-67). [C1, CZ, S18]

(51a) “O sacerdote era para o imigrante um personagem muito importante, quase o integrador de sua personalidade e da identidade social e religiosa.”

Uma vez Deus ser fonte de energia, capaz de garantir a sobrevivência do imigrante e, pela RELIGIÃO, ter colaborado na reconstrução da identidade social e religiosa do imigrante, o SACERDOTE, imbuído no papel de representante de Deus, metonimicamente, está por ele. Assim, atuando como elemento de LIGAÇÃO entre o homem e Deus, o SACERDOTE assume, por uma projeção metafórica, a figura de PAI PROTETOR. Esse modelo de PAI, pela metáfora da MORALIDADE DA FAMÍLIA DO PAI PROTETOR, representa aquele PAI que apóia e protege, como parte dos cuidados que cabe ter com seus FILHOS.

(51b) “[...] partilhavam da angústia paterna – como algo herdado com o sangue – e quando o sacerdote, o religioso, o missionário estivesse em seu meio, ele se sentiam tranqüilos e felizes. As dificuldades eram enfrentadas com mais coragem e otimismo, Deus parecia mais próximo e bem mais benigno. Certamente o sentiam mais acessível pois o podiam receber através do culto ministrado pelo sacerdote.”

Novamente, como já analisado, as coisas da FÉ são metaforicamente tratadas como um bem herdado de família.

Se:

A HERANÇA É UM BEM DE FAMÍLIA

A FAMÍLIA TEM LIGAÇÃO PELO SANGUE

então, por um acarretamento metafórico:

A FÉ É HERDADA

A FÉ É HERDADA PELO SANGUE

Sendo assim, o enunciado, ao referir a angústia paterna sentida pelo imigrante, refere, metonimicamente, a figura de DEUS-PAI que, por uma projeção metafórica, remete à figura de DEUS PROTETOR. A presença do SACERDOTE era a garantia de LIGAÇÃO com Deus através do culto ministrado por ele. Então, metonimicamente:

O SACERDOTE ESTÁ POR DEUS

E, pelo esquema de LIGAÇÃO:

O PADRE, ATRAVÉS DO CULTO, LIGA O HOMEM A DEUS

“A organização religiosa das colônias italianas [Título do capítulo]

52

“Eis alguns trechos de uma carta escrita, em 1900, pelo Pe. Bruno de Gillonnay, primeiro superior da nossa Missão no Rio Grande do Sul, no ‘Rosier de S. François’ (1900, p. 207ss):

Desde a nossa chegada iniciamos nosso trabalho apostólico. E que trabalho! Para se ter uma idéia, [(a) é preciso saber que as populações coloniais são sequiosas de tudo o que se refere à religião: sacramentos, pregações... e que até ao presente foram privadas dos socorros da presença permanente do sacerdote.] [(b) No início da colonização, eram poucos os ministros de Deus]... que passavam raramente, ora por uma localidade, ora por outra para batizar, abençoar casamentos... algo do mais essencial. Mais tarde as colônias foram divididas em paróquias tão extensas que é absolutamente impossível a um Vigário, por mais zeloso e robusto que seja, desempenhar todas as funções do seu ministério. [...] [(c) As populações sofriam enormemente pela privação dos socorros espirituais]; sofriam tanto mais que no seio da floresta nada existia que os consolasse. Para conseguir celebrar algo do culto religioso, construíram numerosas capelas. A cada 40 ou 50 famílias encontra-se um oratório que faz lembrar o estábulo de Belém... E na ingenuidade de sua fé, esses colonos se entregavam a práticas que davam dó. [(d) Escolhiam o mais douto do lugar (precisava que soubesse ler) para exercer as funções de ‘padre’ da capela, conforme sua expressão. Assim as funções se realizavam regularmente: procissões, bênção das velas, bênção dos ramos, missa cantada]... [...]” (p. 99).

[C1, BA, S1]

(52a) “[...] é preciso saber que as populações coloniais são sequiosas de tudo o que se refere à religião: sacramentos, pregações... e que até ao presente foram privadas dos socorros da presença permanente do sacerdote.”

A presença do padre era entendida pelos imigrantes como fonte de bem-estar. Dessa forma, metonimicamente:

A PRESENÇA DO SACERDOTE PROPORCIONA BEM-ESTAR

Pelo *Sistema da Metáfora Moral*:

SER SOCORRIDO PELO PADRE É ADQUIRIR BEM-ESTAR

TER BEM-ESTAR É TER SAÚDE DO CORPO E DA ALMA

(52b) “No início da colonização, eram poucos os ministros de Deus. [...]”

O enunciado, ao referir a presença dos padres como sendo ministros de Deus, revela, implicitamente, a ação da metáfora da ORDEM MORAL. Nela, há a consciência popular da hierarquia nas relações de poder. Assim, primeiro está Deus, depois seus ministros e por fim o homem.

Burkert observa que o homem, ao aceitar a religião, aceita também as condições hierárquicas implícitas que envolvem submissão, subordinação e dependência de seres superiores. Destaca ainda que, uma vez que a autoridade de Deus é aceita na maioria das culturas, é possível compreender o porquê da relação que é feita entre Deus e um monarca. Isso justificaria a projeção metafórica PADRE COMO MINISTRO DE DEUS, remetendo ao submodelo DEUS-REI, como proposto em nossa estrutura radial.

(52c) “As populações sofriam enormemente pela privação dos socorros espirituais; [...]”

A questão da presença do padre como socorro espiritual já foi abordada em (54a).

(52d) “Escolhiam o mais douto do lugar (precisava que soubesse ler) para exercer as funções de ‘padre’ da capela, conforme sua expressão. Assim as funções se realizavam regularmente: procissões, bênção das velas, bênção dos ramos, missa cantada.”

Para que pudessem manter ativas as questões da fé, os imigrantes, na ausência de um padre ministerial, instituíam alguém da comunidade para suprir sua ausência. A esse chamavam de padre da capela ou padre leigo. Essa era a alternativa encontrada para que pudessem continuar praticando os RITUAIS que preservavam sua fé e lhes dava força para não sucumbir diante das dificuldades. Assim, metonimicamente:

O PADRE MINISTERIAL ESTÁ POR DEUS

acarretando que, na ausência do padre ministerial:

O PADRE LEIGO ESTÁ POR DEUS

“As superstições nas colônias e a ação dos padres leigos [Subtítulo]

53

“[...]”

“Um ótimo vigário chegava um dia, pela primeira vez, a uma de suas capelas mais afastadas. Ao entrar percebe uma bacia cheia de água. ‘Que água é esta?’ pergunta. ‘É água benta, senhor Vigário’. – ‘Quando foi Benta?’ – ‘Recentemente. Nosso ‘padre’ benze seguido para que tenhamos sempre água benta limpa’. ‘Qual é o padre?’ – ‘O padre leigo da Capela’. – Sem replicar o Vigário tomou da bacia e despejou a água pela janela, dizendo: ‘Tragam-me mais água. Benzê-la-ei, assim terão água benta mesmo’. A ordem foi executada, mas escandalizados, mandaram uma comissão com queixas ao Bispo em visita na zona. ‘O novo Vigário’, diziam, profanou coisa tão santa. O senhor Bispo quis saber do que se tratava em quando chegou entre essa boa gente, falou-lhe nestes termos: ‘Queridos filhos, queixam-se do novo vigário porque jogou pela janela aquilo que vocês chamam de água benta. Estivesse eu em seu lugar teria jogado também a bacia!’[(a) Explicou depois as prerrogativas sacerdotais e os limites dos poderes dos ‘padres leigos’.] Esses bons cristãos aceitaram a demonstração, mas em outras capelas eram mais obstinados. Poderia citar uma onde existiu um longo ‘cisma’ com seu legítimo vigário, excelente sacerdote genovês. Opunham-lhe o ‘padre leigo’. ‘Não precisamos deste novo vigário diziam os teimosos; ele não precisa ser tão orgulhoso. Podemos nos confessar em outro lugar; e para a missa temos o nosso ‘padre da capela’”. [...] (p. 109). [C1, BA, S2]

Neste segmento, observa-se, claramente, a polifonia existente no texto. Inicialmente, o autor faz uma descrição; em seguida, apresenta um diálogo entre um Vigário e um grupo de imigrantes. Infere-se que seja um grupo de imigrantes, em função do tempo e número dos

verbos empregados, tais como: ‘mandaram’ e ‘diziam’. Percebe-se tratar-se de um diálogo, pois as referidas falas são grafadas entre aspas. Além disso, por exemplo, logo após uma delas, o autor acrescenta um verbo no IdPr (‘pergunta’). Ao introduzir a fala do Bispo, outra voz que surge no texto, tem-se a fala desse, em discurso direto, dirigindo-se aos “Queridos filhos”. Outros verbos utilizados e que marcam o IdPr são: ‘precisamos’, ‘podemos’ e ‘temos’.

(53a) “[O Bispo] Explicou depois as prerrogativas sacerdotais e os limites dos poderes dos ‘padres leigos’.”

Este recorte apresenta uma distinção interessante entre os poderes atribuídos ao padre leigo e ao padre ministerial. Isso prova, de acordo com o que é dito no enunciado, que a ambos é atribuído poder em algum grau, cabendo assim, a um e a outro, poderes diferentes no exercício dos rituais sagrados. Convergindo para a metáfora da ORDEM MORAL, na cultura do imigrante italiano, a hierarquia nas questões da religião torna-se relevante para sua organização social. Assim, de acordo com os poderes atribuídos hierarquicamente:

DEUS TEM PODER SOBRE OS PADRES MINISTERIAIS

OS PADRES MINISTERIAIS TÊM PODER SOBRE OS PADRES LEIGOS

OS PADRES MINISTERIAIS E OS PADRES LEIGOS TÊM PODER SOBRE OS HOMENS

54

“[...]”

“Os missionários sabem quantas bênçãos precisam dar! Se os colonos as pedem aos Vigários, pedem igualmente muito mais aos missionários; algumas tão estranhas que, [(a) embora a grande variedade com que a materna previsão da Igreja enriqueceu as últimas edições do Ritual Romano, seguidamente devemos usar de grande subtileza para encontrar um título que se enquadre à intenção solicitada.]”[...] (p. 109). [C1, BA, S3]

(54a) [...] *embora a grande variedade com que a materna previsão da Igreja enriqueceu as últimas edições do Ritual Romano, seguidamente devemos usar de grande subtileza para encontrar um título que se enquadre à intenção solicitada.*

Neste recorte, a IGREJA é metaforicamente entendida como MÃE. Caso semelhante a esse foi analisado em (22a).

55

“Não devemos exagerar os defeitos dos nossos colonos. [(a) Se não têm idéia exata sobre a eficácia das bênçãos, em princípio, ao menos nesta matéria, são dirigidos pelo espírito de fé.] São crédulos, mas na realidade muito menos supersticiosos que os espíritos das grandes cidades da Europa; muito menos também que alguns de seus patrícios que se apresentam nas colônias com idéias anti-clericais, anti-religiosas, anti-sociais e esbarram com uma resistência inesperada e invencível do espírito religioso dos colonos e de sua confiança no Vigário e nos Missionários; expressam então seu descontentamento em conversas, nos jornais, nas revistas, acusando os bons colonos de ignorantes, retrógrados, obscurantistas, fanáticos, supersticiosos e outras semelhantes amabilidades.” (p. 110). [C1, BA, S4]

(55a) “Se não têm idéia exata sobre a eficácia das bênçãos, em princípio, ao menos nesta matéria [os colonos], são dirigidos pelo espírito de fé.”

A fé, de acordo com o enunciado, sempre guiou a vida dos imigrantes. Essa afirmação revela que, metaforicamente, pelo esquema de imagem ORIGEM-PERCURSO-META:

A RELIGIÃO É UM VEÍCULO QUE LEVA A DEUS

Metonimicamente:

A FÉ DIRIGE ESSE VEÍCULO

Logo:

O HOMEM É CONDUZIDO PELA FÉ ATÉ DEUS

56

“A primeira missa no meio do bosque [Título do capítulo]

“[...]

“[(a) Em seguida foi celebrada a Santa Missa, cantada por um coro de imigrantes vênets e o padre Marcelino deu a explicação do Evangelho da melhor maneira que lhe foi possível, recomendando-nos bondade, resignação e o amor a Deus, para podermos superar os grandes sacrifícios a que nós

seríamos sujeitos], enquanto não tomássemos posse definitivamente das terras que nos fossem designadas.” (p. 55). [C2, JL, S1]

Trata-se de um segmento descritivo no qual o autor relata sua experiência pessoal. Esse caráter pessoal é marcado pelo uso do gerúndio ‘recomendando-nos’, pela locução verbal ‘podermos superar’, dentre outras marcas lingüísticas. Essas características correspondem à categoria em que a obra em questão está inserida: histórias de família/memórias.

(56a) “Em seguida foi celebrada a Santa Missa [...] padre Marcelino deu a explicação do Evangelho da melhor maneira que lhe foi possível, recomendando-nos bondade, resignação e o amor a Deus, para podermos superar os grandes sacrifícios a que nós seríamos sujeitos [...]”

Os imigrantes eram sequeiros por participar da missa e ouvir as palavras do padre que, naquele momento, era a única fonte de estímulo para prosseguirem diante das dificuldades que encontrariam. Assim, amar a Deus de forma resignada representaria, pela metáfora da ORDEM MORAL, a aceitação da superioridade de Deus perante os homens. Além disso, por uma metáfora primária:

AMOR É FORÇA

acarretando que:

QUEM AMA A DEUS É FORTE

BONDADE, AMOR E RESIGNAÇÃO SÃO FONTES DE FORÇA

QUEM É BOM SUPERA AS DIFICULDADES

DEUS É BOM

Logo,

AQUELE QUE AMA A DEUS É BOM

AQUELE QUE AMA A DEUS É FORTE

Nesse caso, manifesta-se a metáfora da FORÇA MORAL, pois indica que aquele que mantém uma postura moral equilibrada possui FORÇA o que, por acarretamento metafórico, leva

a: SER BOM É ESTAR EQUILIBRADO. Tudo isso reafirma a análise anterior em que AMAR A DEUS É SER BOM; AMAR A DEUS É SER FORTE.

57

“Religião [Título do capítulo]

“Durante os dois primeiros anos, 1878 e 1879, [(a) a única religião que conservavam aqueles bons colonos, era a do coração.”] (p. 76). [C2, JL, S3]

(57a) “[...] a única religião que conservavam aqueles bons colonos, era a do coração.”

Este recorte reforça a imagem do começo da instalação dos imigrantes que, marcada por dificuldades de toda ordem, resistia pelo espírito de fé trazido da Itália. O enunciado, ao referir que “a única religião que conservavam era a do coração” remete a uma metonímia do tipo: O CORAÇÃO ESTÁ POR RELIGIÃO. Ao mesmo tempo, pelo esquema de imagem CONTAINER, pode-se entender CORAÇÃO como um recipiente, dentro do qual está RELIGIÃO.

58

“[(a) Não havia igrejas nem padres e, por isto, nenhuma cerimônia religiosa que mantivesse vivo e ardente aquele sentimento religioso que tínhamos trazido de nossa Pátria.”] (p. 77). [C2, JL, S4]

(58a) “Não havia igrejas nem padres e, por isto, nenhuma cerimônia religiosa que mantivesse vivo e ardente aquele sentimento religioso que tínhamos trazido de nossa Pátria.”

Neste fragmento, fica evidente a necessidade da realização de rituais, como forma de manter presente a fé em suas vidas. Sendo assim, resgatando o que diz Durkheim, os cristãos dependem de uma contínua comunicação com Deus e isso se dá, a nosso ver, pelo modelo metonímico RITUAIS. Aqui, mais uma vez, aparece a seguinte metáfora ontológica:

A FÉ É UM ORGANISMO

A FÉ TEM VIDA

VIDA É CALOR

QUANTO MAIS CALOR MAIS ARDE A FÉ

59

“Contudo, [(a) as boas mães procuravam educar seus filhos no santo amor e temor a Deus, esforçando-se para lhes dar todos os ensinamentos de que necessitavam, a fim de levar uma vida cristã.] Ensinavam-lhes as orações principais, para recomendarem-se a Deus e a Maria Santíssima.” (p. 77). [C2, JL, S5]

(59a) “as boas mães procuravam educar seus filhos no santo amor e temor a Deus esforçando-se para lhes dar todos os ensinamentos de que necessitavam, a fim de levar uma vida cristã.”

Um dos papéis da mulher, na cultura italiana, era de educar seus filhos dentro dos ensinamentos propostos pela Religião Católica, confirmado o que já foi analisado em (47a). Este recorte proporciona uma visão do que vem a ser a metáfora da MORALIDADE DA FAMÍLIA DO PAI SEVERO. O papel aqui representado pela MÃE é o papel de quem aceita a autoridade do PAI SEVERO e, exercendo suas atribuições, cuida, além da casa, da educação dos filhos. Esse modelo prevê a existência das metáforas da AUTORIDADE MORAL e da FORÇA MORAL.

Nesse caso, educar no santo amor a Deus, tem relação com a AUTORIDADE LEGITIMADA, ou seja, prevê que o respeito e o AMOR a Deus são merecidos e devidos. Por outro lado, em santo TEMOR a Deus está manifesta a AUTORIDADE MORAL ABSOLUTA, pela qual se deve obedecer e respeitar a Deus por uma obrigação moral, unicamente porque assim é que deve ser.

A FORÇA MORAL manifesta-se pelos ensinamentos que são dados e que possibilitarão uma vida cristã equilibrada. Logo, quem aprende corretamente os ensinamentos, tem uma postura moral equilibrada revertendo em FORÇA e EQUILÍBRIO para sempre andar no caminho do bem, acarretando, assim, uma vida de BEM-ESTAR. Dessa forma, metonimicamente:

OS ENSINAMENTOS LIGADOS À FÉ LEVAM A UMA VIDA CRISTÃ

Portanto, pelo esquema ORIGEM-PERCURSO-META os ensinamentos são o meio pelo qual se chega a uma vida cristã. Vida cristã é uma etapa do caminho para se chegar ao objetivo que é a vida eterna.

60

“[(a) O nosso colono não podia conformar-se com esse estado de coisas: ter que morrer sem ter um padre perto que lhe desse os confortos da religião, a extrema-unção, etc.], missão esta que precisa ser desempenhada, na maior parte das vezes, por algum bom vizinho e à qual, infelizmente, também eu tive que me prestar para com uma conhecida nossa, que de fato expirou uma hora depois.” (p. 77). [C2, JL, S7]

(60a) “O nosso colono não podia conformar-se com esse estado de coisas: ter que morrer sem ter um padre perto que lhe desse os confortos da religião, a extrema-unção, etc.”

A preocupação em manter-se em dia com os deveres religiosos fica evidente neste recorte. Na verdade, enfatiza a preocupação do imigrante em manter-se equilibrado com seus deveres, a fim de obter as recompensas que tanto deseja, tais como, BEM-ESTAR na vida terrena e a possibilidade de conquistar a VIDA ETERNA. Mais uma vez, é possível perceber a influência da metáfora da CONTABILIDADE MORAL, a partir da qual há um livro contábil no qual são lançados os débitos e créditos do cristão. Seu fechamento, ao final da vida, é que determinará seu destino.

Metonimicamente:

RELIGIÃO É CONFORTO

OS SACRAMENTOS PROPORCIONAM CONFORTO

acarretando que:

TER CONFORTO É TER BEM-ESTAR

RECEBER A EXTREMA-UNÇÃO É TER BEM-ESTAR

A questão da preocupação do imigrante italiano com relação à morte é melhor detalhada no recorte (78c).

61

“E assim, [(a) o sentimento religioso, adormecido nos corações daqueles bons agricultores, reviveu como por encanto, levando-lhes conforto, força e resignação para suportar as duras vicissitudes da vida.]” (p. 78). [C2, JL, S9]

(61a) “o sentimento religioso, adormecido nos corações daqueles bons agricultores, reviveu como por encanto, levando-lhes conforto, força e resignação para suportar as duras vicissitudes da vida”

Em (61a), reaparece o sentimento religioso, representado por uma metáfora ontológica.

Assim:

O SENTIMENTO RELIGIOSO É UM ORGANISMO VIVO

O SENTIMENTO RELIGIOSO ADORMECE NOS CORAÇÕES DAS PESSOAS

O SENTIMENTO RELIGIOSO REVIVE

Ao mesmo tempo, O SENTIMENTO RELIGIOSO É FONTE DE FORÇA [Metáfora básica] que impulsiona o homem, não permitindo que ele desista diante das dificuldades. O enunciado revela, ainda, o sentimento de resignação do imigrante frente aos desígnios de Deus aceitando passivamente as dificuldades impostas pela nova vida.

Nesse caso, projeta-se a metáfora da AUTORIDADE MORAL ABSOLUTA segundo a qual o homem deve obedecer aos desígnios de Deus e respeitá-lo, sem levantar questionamentos. Essa aceitação da AUTORIDADE MORAL ABSOLUTA impõe, ainda, outra metáfora que é a da ORDEM MORAL, na qual Deus está pelo dominador e o imigrante pelo dominado. Implícito a tudo isso está a aceitação da TEORIA POPULAR DA ORDEM NATURAL.

62

“Foi esse um dia de festa e de grande consolação, porque aqueles bons colonos, depois de tantos meses, [(a) puderam assistir novamente ao santo sacrifício da missa e reavivar seus sentimentos religiosos, jamais apagados em seus corações.”] (p. 138). [C2, JL, S11]

(62a) “puderam assistir novamente ao santo sacrifício da missa e reavivar seus sentimentos religiosos, jamais apagados em seus corações.”

Neste recorte temos, novamente, a manifestação de uma metáfora ontológica:

OS SENTIMENTOS RELIGIOSOS SÃO ORGANISMOS

OS SENTIMENTOS RELIGIOSOS TÊM VIDA

OS SENTIMENTOS RELIGIOSOS ENFRAQUECEM OU MORREM

OS SENTIMENTOS RELIGIOSOS REVIVEM

Em suma:

OS SENTIMENTOS RELIGIOSOS SÃO UM ORGANISMO VIVO

Ao mesmo tempo, os corações dos imigrantes são referidos pelo esquema de imagem CONTAINER como recipientes, em cujos quais os sentimentos religiosos estão registrados.

Assim:

OS SENTIMENTOS RELIGIOSOS ESTÃO INSCRITOS NOS CORAÇÕES

acarretando que:

SENTIMENTOS RELIGIOSOS PODEM SER APAGADOS DOS CORAÇÕES

63

“Basta considerar que, por várias semanas, foram obrigados a se alimentar exclusivamente com pinhões que os pinheiros lhes forneciam, fruta muito nutritiva é verdade, mas que [(a) só a Divina Providência dadivosamente lhes enviara naquele ano em profusão para evitar sua morte por inanição”] (p. 170).
[C2, JL, S13]

(63a) “[pinhões] que só a Divina Providência dadivosamente lhes enviara naquele ano em profusão para evitar sua morte por inanição.”

Este recorte revela que, para o imigrante, em determinados momentos de sua nova vida, diante das dificuldades quase intransponíveis para sua sobrevivência, apenas a bondade de Deus seria capaz de garantir-lhes o alimento. Ao atribuir à Divina Providência a dádiva do alimento, o enunciado está demonstrando a influência da MORALIDADE DOS PAIS PROTETORES, ou seja, ao acreditar que Deus lhes concederia o alimento, metaforicamente, emerge a figura de um PAI, possivelmente um PAI PROTETOR que, a partir de um modelo idealizado de família, provê e protege seus filhos.

64

“[...]”

“Eu e a Rachel vos saudamos a todos de coração: pai, mãe, irmãos, irmãs, minha cunhada Maria e meu tio Pedro. Rachel saúda a Beppa e a espera aqui. Saúdem a todos aqueles que pedem por mim e, [(a) se for possível, mandem rezar uma missa a Nossa Senhora das Graças, pois que a Raquel e eu tivemos muita sorte na travessia.]

“Adeus, adeus. Sou

“O filho

“Paulo Rossato” (p. 30). [C2, LB, S1]

Neste caso, se está diante de um enunciado no qual se manifesta unicamente o discurso direto. É esperado que assim seja, visto que esse segmento reproduz uma carta escrita por Paulo Rossato a sua família que havia ficado na Itália.

(64a) “*se for possível, mandem rezar uma missa a Nossa Senhora das Graças, pois que a Raquel e eu tivemos muita sorte na travessia.*”

Este recorte expõe a preocupação que o imigrante tinha em manter-se quite para com Deus, principalmente agradecendo pelas benesses recebidas.

Nesse caso, a missa é endereçada à Santa de devoção, pois, de acordo com a metáfora da CONTABILIDADE MORAL, o casal ao pedir a intercessão da Santa junto a Deus para que tivessem sucesso na viagem, adquiriu uma dívida que requer pagamento, como forma de agradecimento, ao mesmo tempo em que abre a possibilidade de pedidos futuros, acarretando mais créditos. REZAR UMA MISSA EM AGRADECIMENTO é, segundo a metáfora da CONTABILIDADE MORAL, uma forma de pagar débitos.

Nossa Senhora das Graças, possivelmente a santa de devoção desse imigrante, intercedeu junto a Deus pela sua segurança e de sua esposa, logo é necessário que se pague essa dívida. Essa metáfora tem como domínio-fonte TRANSAÇÃO FINANCEIRA, ou seja, recebe-se algo e se paga por isso.

65

Pe. Baumgartner

“À noite – Conversamos das 8 horas às 9h30min da noite: catolicismo no Brasil, apostasias, espiritismo, protestantismo, vocações, etc.”

“Doença

“Em Caxias toda a gente faz questão da assistência do padre aos seus doentes e moribundos, bem como da encomendação. Mesmo os amasiados vêm pedir e insistem. [...]”. (p. 38). [C3, TA, S3]

Neste segmento, o autor reproduz sua conversa com Pe. Baumgartner. Pode-se inferir, pelo emprego da locução verbal ‘vêm pedir’, que quem está falando é o referido padre, a quem as pessoas vinham pedir assistência religiosa.

(65a) “Em Caxias toda a gente faz questão da assistência do padre aos seus doentes e moribundos, bem como da encomendação.”

O recorte (65a) destaca o caráter especial que tinham os sacramentos para a manutenção da vida religiosa e social do imigrante italiano. A assistência do padre, em tais questões, dependia da realização de RITUAIS, corroborando nossa hipótese de que esse submodelo seja o que melhor representa a ligação do imigrante com a RELIGIÃO e, por conseguinte com DEUS. Há, ainda, a vinculação com o esquema de LIGAÇÃO, proposto pela teoria dos MCIs. Dessa forma:

Metonimicamente:

O PADRE ESTÁ POR DEUS

Pelo esquema de ligação:

O RITUAL DA UNÇÃO DOS ENFERMOS REALIZADO PELO PADRE LIGA O HOMEM A DEUS

A ENCOMENDAÇÃO DOS MORTOS FEITA PELO PADRE OS CONDUZ A DEUS

“Aculturação, Contatos

66

“[...]”

“[(a) Na diocese há uma devoção oficial, antiga, a Nossa Sr^a de Caravaggio; romaria anual reúne 70.000 a 80.000 pessoas no santuário. São 60-70 padres confessando ou 1 dando comunhão por ocasião da festa em maio; muita gente faz romaria a pé e lá faz a páscoa.] Muitos ex-votos.” (p. 38-39). [C3, TA, S4]

(66a) “Na diocese há uma devoção oficial, antiga, a Nossa Sr^a de Caravaggio; romaria anual reúne 70.000 a 80.000 pessoas no santuário. São 60-70 padres confessando ou 1 dando comunhão por ocasião da festa em maio; muita gente faz romaria a pé e lá faz a páscoa.”

Este recorte sintetiza a relação do imigrante italiano com a devoção a Nossa Sra. de Caravaggio, bem como demonstra toda a preocupação em manter-se em dia com suas obrigações para com a Igreja, confirmando a influência da metáfora da CONTABILIDADE MORAL. Assim, como forma de pagar os DÉBITOS contraídos com a Santa, bem como de adquirir CRÉDITOS futuros, é realizada toda uma série de RITUAIS, a fim de equilibrar as contas. Dessa forma, o fiel sacrifica-se em romaria a pé, confessa seus pecados e comunga.

Novamente, confirmando o que é afirmado por Burkert, surge a questão da culpa que, por meio da linguagem, é exposta pelo homem mediante a confissão dos pecados, momento em que reconhece sua condição de submissão perante Deus.

Pela metáfora da CONTABILIDADE MORAL:

IR EM ROMARIA AO SANTUÁRIO É PAGAR DÍVIDAS

IR EM ROMARIA AO SANTUÁRIO REVERTE EM CRÉDITO

CONFESSAR-SE É RECONHECER AS DÍVIDAS

COMUNGAR É PAGAR AS DÍVIDAS E ADQUIRIR CRÉDITO

“161. D^a Ester Troian – 14 fev.

Na prefeitura, Thales conversa com a professora Ester.

67

“[...]

“Religião

“[(a) Mandam celebrar missas para pedir boa colheita, para chover; fazem romarias e procissões para pedir chuvas.]” (p. 118). [C3, TA, S9]

(67a) “Mandam celebrar missas para pedir boa colheita, para chover; fazem romarias e procissões para pedir chuvas”

O autor, ao realizar suas entrevistas, revela, a partir do ponto de vista de uma moradora da região, o entendimento dos imigrantes italianos e de seus descendentes quanto à relação que estabeleciam com as coisas da Igreja. Assim, metonimicamente, para eles:

ATRAVÉS DA MISSA PEDEM-SE GRAÇAS

ATRAVÉS DE ROMARIAS E PROCISSÕES PEDEM-SE GRAÇAS

ATRAVÉS DAS PROCISSÕES PEDEM-SE GRAÇAS

Pelo esquema de imagem ORIGEM-PERCURSO-META:

MISSA É UM VEÍCULO ATRAVÉS DO QUAL OS PEDIDOS CHEGAM A DEUS

OS RITUAIS SÃO UM VEÍCULO PARA CHEGAR A DEUS

“281.

68

“[...]”

“Religião

“[(a) Os padres visitam as casas anualmente para benzê-las. O Vigário vai às casas para conversar, visitar.”] (p. 172). [C3, TA, S16]

(68a) “Os padres visitam as casas anualmente para benzê-las. O Vigário vai às casas para conversar, visitar.”

Neste recorte, tem-se a figura do padre associada a de um amigo que, informalmente, visita a casa dos imigrantes. Caso semelhante foi analisado no recorte (20a), o que confirma nossa hipótese da metáfora da SOCIEDADE COMO FAMÍLIA, em que este PADRE-AMIGO está pela figura do PAI PROTETOR. A questão da importância da bênção das casas é abordada com mais detalhes no segmento (82).

“397.

Victorio Ranzolin tem 56 anos. É Agente Estatístico do município de Caxias do Sul. Quando jovem morava em Antonio Prado com seus pais. Seu pai era comerciante.

69

“[(a) O clero tem um forte domínio sobre os colonos], mas procura manter o colono atrasado [Ranzolin]. Mecanismo de proteção cultural pelo isolamento. Os padres não querem dança (bailes) na colônia; os colonos lutam. Em Guaporé, onde ensinava a filha de Ranzolin, “amansaram o padre”, porque este disse que não iria lá enquanto houvesse bailes. Disseram os colonos: “Melhor para nós, porque de cada vez que o senhor vem aqui celebrar nos cobra \$150,00 [em 1950]; então faremos o baile no sábado e no domingo rezaremos o terço na igreja”. O padre levou perto de 1 ano sem celebrar lá. Afinal cedeu e hoje se fazem bailes. O vigário de Galópolis compreendeu quem proibindo os bailes, dava lugar a que os rapazes viessem para Caxias, onde dançariam em bailes comerciais e onde há prostituição. Admite, pois, os bailes na sociedade local, com a presença das famílias, mas combate os bailes de entrada paga.” (p. 197-198). [C3, TA, S19]

(69a) “O clero tem um forte domínio sobre os colonos”

Este recorte confirma o poder que os padres exerciam sobre os imigrantes italianos, ao mesmo tempo em que demonstra a influência da metáfora da MORALIDADE DA FAMÍLIA DO PAI SEVERO. Nela, o PADRE, assim como um PAI SEVERO, estabelece as normas morais que regem e governam a família, nesse caso, a comunidade católica. Assim metonimicamente:

O PADRE ESTÁ PELO PAI SEVERO

O PAI SEVERO TEM DOMÍNIO SOBRE A FAMÍLIA

Por acarretamento:

O PADRE TEM DOMÍNIO SOBRE OS IMIGRANTES CATÓLICOS

“398.

70

“[(a) Um colono, recentemente, vendo o seu parreiral, em plena produção, derrubado por um temporal, enlouqueceu. Outro há mais tempo, em idêntica circunstância, saiu com o crucificado pela colônia mostrando-lhe o prejuízo que sofrera (Ranzolin).]” (p. 198). [C3, TA, S20]

(70a) “Um colono, recentemente, vendo o seu parreiral, em plena produção, derrubado por um temporal, enlouqueceu. Outro há mais tempo, em idêntica circunstância, saiu com o crucificado pela colônia mostrando-lhe o prejuízo que sofrera.”

O enunciado demonstra o papel metonímico de alguns objetos sacros. Nesse caso, o crucifixo é tomado metonimicamente por Deus, uma vez que representa o Filho de Deus crucificado, razão pela qual o imigrante o utiliza para mostrar os prejuízos que havia sofrido em virtude de um temporal. Sendo assim, o objeto é personificado, atribuindo-se à imagem uma capacidade perceptual (olhos para ver), daí a importância dada aos objetos, pois os objetos são, em essência, metonímicos. Logo, por metonímia:

O CRUCIFIXO ESTÁ POR JESUS

JESUS ESTÁ POR DEUS

acarretando que:

AS FORÇAS DA NATUREZA ESTÃO POR DEUS

Além disso, a referência às forças destrutivas da natureza revela um outro aspecto da figura de Deus, que é a de um DEUS-PATRÃO, isso porque ele, como Criador, é proprietário da natureza, dispondo dela de acordo com sua vontade. Essa questão da figura de DEUS COMO PATRÃO é melhor desenvolvida no recorte (77c).

Para o imigrante, os desastres provocados pela natureza eram uma das formas encontradas por Deus para castigá-lo. Essa idéia de um Deus que castiga, remete, mais uma vez, à metáfora da MORALIDADE DA FAMÍLIA DO PAI SEVERO, ou seja, uma vez que o homem não respeita as regras morais por ele impostas, esse homem merece ser castigado, e o é pelos fenômenos da natureza.

De acordo com Burkert, a figura do PAI, na sociedade humana, tem seu papel ampliado. Dessa forma, a autoridade que estabiliza a religião advém da figura do PAI.

“422.

“Pe. Nebridio

71

“Lavoura, Religião

“[(a) A bênção das lavouras – quando não se faz, os colonos ficam brabos, porque dizem que sem isso não têm boas safras. Faz-se em cada um dos dias das Rogações (segunda, terça e quartas-feiras antes da Ascensão). Em cada dia se faz a bênção numa direção, caminhando uns 2 quilômetros.

“1º Reúnem-se os colonos na igreja e começa-se a rezar a Ladainha de Todos os Santos;

“2º Sai-se em procissão rezando a mesma ladainha; o padre dá a bênção;

“3º Voltam todos à igreja para ouvir a missa.”] (p. 206). [C3, TA, S21]

(71a) “A bênção das lavouras – quando não se faz, os colonos ficam brabos, porque dizem que sem isso não têm boas safras. Faz-se em cada um dos dias das Rogações (segunda, terça e quartas-feiras antes da Ascensão). Em cada dia se faz a bênção numa direção, caminhando uns 2 quilômetros.

1º Reúnem-se os colonos na igreja e começa-se a rezar a Ladainha de Todos os Santos;

2º Sai-se em procissão rezando a mesma ladainha; o padre dá a bênção;

3º Voltam todos à igreja para ouvir a missa.”

A questão das bênçãos, enfocada neste recorte, reitera a necessidade ritualística do imigrante italiano como forma de garantir sua comunicação com Deus e o conseqüente recebimento de benefícios. Nesse caso, metonimicamente, AS BENÇÃOS GARANTEM BOAS SAFRAS. Além disso, percebe-se, pelo discurso, que as bênçãos também são regidas pelo modelo proposicional *script*, aqui representado da seguinte maneira:

MODELO *SCRIPT*

LOCAL→ LAVOURAS

TEMPO→ A CADA DIA DA SEMANA

AGENTE→ O PADRE

ATO→ A BENÇÃO

De acordo com Durkheim, para o homem, os ritos são a forma mais apropriada de comportar-se diante das coisas sagradas, a partir do que se pode inferir que a realização dos ritos, para o imigrante italiano, proporcionaria a conquista de bênçãos.

“564.

72

“Religião

“[(a) Em Conceição, como em outros pontos da colônia, há um cruzeiro na frente da igreja com os dizeres ‘Salva a tua alma’”.] (p. 241). [C3, TA, S24]

(72a) “Em Conceição, como em outros pontos da colônia, há um cruzeiro na frente da igreja com os dizeres ‘Salva a tua alma’.”

A busca pela salvação da alma expõe a preocupação maior do imigrante italiano que era conquistar a vida eterna. Como já visto no decorrer das análises, o imigrante preocupava-se com seu bem-estar e de sua família, tanto da vida terrena, como depois de sua morte. Uma vez que, de acordo com o enunciado, a inscrição “Salva tua Alma” estava localizada em frente à igreja, pode-se inferir que esta era uma forma do imigrante lembrar que a salvação passava pela igreja, e por estar ligada à igreja passava também pela prática dos sacramentos, dos rituais, enfim de tudo que dissesse respeito à doutrina da Igreja.

A salvação da alma carrega a idéia de VIDA ETERNA, conseqüentemente, de bem-estar. Bem-estar, por sua vez, revela a influência do *Sistema da Metáfora Moral*, ou seja, partindo-se da idéia proposta por Lakoff e Johnson de que os domínios-fonte das metáforas da moralidade sejam oriundos do que as pessoas entendem como algo que contribui para o seu bem-estar, a SALVAÇÃO, nesse caso, representaria a conquista de bem-estar na vida eterna. Dessa forma, metaforicamente:

SALVAÇÃO É BEM-ESTAR

VIDA ETERNA É BEM-ESTAR

Caso semelhante pode ser visto no segmento (18) do *corpus* em anexo.

“815. Relatório do Engenheiro Mel. Maria de Carvalho ao Conselheiro Antônio Silva Prado sobre o serviço de Imigração e Colonização no Rio Grande do Sul, 1886.

73

“[...]”

“Religião

“[(a) Imigrantes excessivamente religiosos não dispensam de modo algum o padre e a Igreja. “Quem conhece, sobretudo por observação própria, as colônias do Império sabem perfeitamente que o padre é o mais poderoso elemento de ordem, moralidade e estabilidade para os colonos”.] Chefes das comissões aproveitam-se dele como auxiliar indispensável para conseguir que os imigrantes recém-chegados povoem os núcleos novos, dediquem-se ao trabalho agrícola com perseverança, obedeçam às suas determinações e não abandonem os lotes, página 19.” (p313). [C3, TA, S25]

(73a) “Imigrantes excessivamente religiosos não dispensam de modo algum o padre e a Igreja. ‘Quem conhece, sobretudo por observação própria, as colônias do Império sabem perfeitamente que o padre é o mais poderoso elemento de ordem, moralidade e estabilidade para os colonos’.”

Como já analisado, por exemplo, em (69a), para o imigrante italiano, a presença do padre e da Igreja eram essenciais na sua vida e em sua organização social. O padre era aceito como uma autoridade pelos imigrantes. Essa relação de dependência e respeito revela, de forma subjacente, a influência do *Sistema da Metáfora Moral*, mais exatamente, a metáfora da MORALIDADE DA FAMÍLIA DO PAI SEVERO, ou seja, nesse modelo, desponta a figura do PAI AUTORIDADE, que representa a AUTORIDADE MORAL ABSOLUTA. Sendo assim, o PADRE adquire poderes para estabelecer as regras que regem a comunidade, as quais devem ser obedecidas. Dessa forma, de acordo com esse modelo:

UMA FIGURA DE AUTORIDADE É O PADRE

UM AGENTE MORAL É O CRISTÃO

MORALIDADE É OBEDIÊNCIA

Por acarretamento:

AO PADRE DEVE-SE OBEDIÊNCIA

AO PADRE DEVE-SE RESPEITO

A FIGURA DO PADRE GARANTE A ORDEM MORAL

Este recorte demonstra, mais uma vez, a questão da aceitação, por parte do imigrante católico, da metáfora da ORDEM MORAL, pois que admite o PADRE como sendo hierarquicamente superior, acarretando que:

DEUS TEM AUTORIDADE MORAL SOBRE O PADRE E AS PESSOAS

O PADRE TEM AUTORIDADE MORAL SOBRE AS PESSOAS

OS HOMENS TÊM AUTORIDADE MORAL SOBRE OS MEMBROS DE SUA FAMÍLIA

Sendo assim, IGREJA E PADRE estão, de acordo com a estrutura radial por nós proposta, diretamente ligados a DEUS. Logo, metonimicamente:

A IGREJA ESTÁ POR DEUS

O PADRE ESTÁ POR DEUS

“976.

74

“Religião, Controle Social

“[(a) A religiosidade do colono italiano tinha seu sustentáculo na recitação do rosário]; após o trabalho, na zona rural, ou após o jantar. O recitador do rosário, designado pelo vigário (para a reza na igreja) tinha prestígio. Era homem ou mulher; também era catequista e às vezes professora municipal. As mulheres excessivamente decotadas eram muito censuradas e podiam até apanhar. “A prece na colônia italiana”, Mário Gardelin, Folha da Tarde, 24.3.58 (vinham da roça, às vezes, em fila indiana, rezando o terço). Não se rezava antes ou após as refeições. Rezava-se em latim, italiano ou português. Em latim eram: Ave-Maria, o Glória, Pai-Nosso.” (p. 351). [C3, TA, S27]

(74a) “A religiosidade do colono italiano tinha seu sustentáculo na recitação do rosário [...]”

A representatividade do terço/rosário junto ao imigrante italiano manifestou-se fortemente nas análises feitas na Categoria 1. Este recorte retoma a questão e confirma que, mesmo em categorias diferentes, o que representa olhares variados a respeito do mesmo assunto, determinadas questões revelam-se essenciais na cultura italiana. Assim, novamente o rosário é referido metonimicamente, conforme se pode observar:

A RECITAÇÃO DO ROSÁRIO É UM SUSTENTÁCULO

Logo:

A RECITAÇÃO DO ROSÁRIO ESTÁ POR ORAÇÃO

A ORAÇÃO EDIFICA A RELIGIOSIDADE

A ORAÇÃO É UM VALOR MORAL POSITIVO

Metáforas primárias:

EDIFICAÇÃO É PARA CIMA

ORAÇÃO É PARA CIMA

VALOR MORAL POSITIVO É PARA CIMA

“1073. Fr. Alfredo, de Vacaria, 6 de fevereiro de 1903, Rosier, a.4. nº5, maio de 1903, página 141.

75

“População muito dispersa. [(a) Católicos pelo batismo e pela tradição de família; maioria ignora as verdades necessárias à salvação.] A pele de carneiro que cobre a sela de dia serve de colchão à noite. Comem feijão e arroz cozidos n’água, carne seca ao sol, com farinha de mandioca; dá náuseas. Os protestantes e espíritas agem na Região Sul do Estado e ganham terreno. Não muito longe há índios abandonados desde a expulsão dos jesuítas.” (p. 382).
[C3, TA, S29]

(75a) “Católicos pelo batismo e pela tradição de família; maioria ignora as verdades necessárias à salvação.”

De acordo com o recorte, neste contexto, ser católico, para o imigrante italiano, significava ser batizado e viver a religião de acordo com a tradição transmitida pela família. Assim, metonimicamente, O BATISMO ESTÁ PELA RELIGIÃO; A TRADIÇÃO FAMILIAR ESTÁ PELA RELIGIÃO. Isso intensifica a idéia de que também, por metonímia, OS SACRAMENTOS ESTÃO PELA RELIGIÃO. Os sacramentos são realizados por meio de RITUAIS, pois são eles que, segundo Eliade, possibilitam atualizar eventos sagrados do passado no presente, aproximando o cristão de Deus.

Valores religiosos das comunidades italianas [Subtítulo]

76

“Pode-se dizer que as comunidades italianas primitivas foram comunidades agrícolas e religiosas. [(a) Duas manifestações constantes da cultura primitiva do imigrante italiano: a dedicação ao trabalho e o cultivo da vida cristã.] [(b) As primeiras confrontações do imigrante com a terra e com seu novo núcleo comunitário tiveram como base as contas do rosário.] No território da ex-colônia Pinheiro Seco, atual Vila Flores, [(c) no município de Veranópolis, ainda existe uma árvore, que há 95 anos, abrigava, em sua sombra, a primeira leva de imigrantes da localidade da capela Nossa Senhora de Caravágio, ajoelhados no chão, rezando o terço e cantando as ladainhas de Nossa Senhora, lá onde, mais tarde, lhe erigiram uma capela.] [(d) O grande valor da experiência religiosa do italiano foi o de ser uma experiência religiosa de grupo. Há muitos indicadores da oração comum ou de grupo: oração em família, reunião de oração aos domingos, à tarde; por ocasião de velórios, nas promessas e novenas, nas procissões.] [(e) Entre as formas de oração individual destaca-se o sinal da cruz ao passar diante de igrejas, cemitérios, capitéis e a reza de três ave-marias a Nossa Senhora, à noite, antes de deitar, para pedir a sua proteção e uma boa morte.] [(d) Talvez a necessidade de construir lugares religiosos de encontros despertou no italiano a necessidade e o desenvolvimento da oração comum.]” (p. 49-50). [C4, AB, v.1, S1]

(76a) “Duas manifestações constantes da cultura primitiva do imigrante italiano: a dedicação ao trabalho e o cultivo da vida cristã.”

Mais uma vez, a fé é referida como algo a ser cultivado, como um ser vivo, o que remete

a metáforas ontológicas do tipo:

A VIDA CRISTÃ É UM ORGANISMO

A VIDA CRISTÃ É CULTIVADA

A FÉ É UM ORGANISMO

A FÉ É CULTIVADA

acarretando que:

A FÉ É PLANTADA

A FÉ CRESCE

A FÉ PODE MORRER

A FÉ PODE FLORESCER

(76b) “As primeiras confrontações do imigrante com a terra e com seu novo núcleo comunitário tiveram como base as contas do rosário.”

As contas do rosário, neste recorte, estão, metonimicamente, pela oração. Ao mesmo tempo, por uma projeção metonímica, atuavam como base, um sustentáculo para a edificação da nova comunidade que surgia. A partir disso:

AS CONTAS DO ROSÁRIO SÃO BASE, SUSTENTÁCULO

AS CONTAS DO ROSÁRIO ESTÃO PELA ORAÇÃO

A ORAÇÃO É O SUSTENTÁCULO

Pelo esquema de LIGAÇÃO:

A ORAÇÃO É LIGAÇÃO

Como metáfora primária:

A ORAÇÃO É PARA CIMA

(76c) “[...] no município de Veranópolis, ainda existe uma árvore, que há 95 anos, abrigava, em sua sombra, a primeira leva de imigrantes da localidade da capela Nossa Senhora de Caravágio, ajoelhados no chão, rezando o terço e cantando as ladainhas de Nossa Senhora, lá onde, mais tarde, lhe erigiram uma capela.”

Segundo Burkert, a relação de submissão e dependência do homem com o divino é mediada pelos rituais. Atrelado a isso, o homem sente o dever de demonstrar sua pequenez e humildade perante o Ser superior, assumindo, para isso, posturas indicativas dessa condição de inferioridade, tais como, ajoelhar-se e prostrar-se. Este recorte confirma a afirmação feita pelo autor, no qual o imigrante dirige-se à Santa de sua devoção, de joelhos, a fim de realizar o ritual da reza do terço e do canto das ladainhas.

Além disso, o fato de, no local onde eram realizados rituais em honra de Nossa Senhora de Caravágio, ter sido construída uma capela, confirma o que diz Eliade no primeiro capítulo

deste trabalho. Segundo ele, é condição primeira, para o homem, estabelecer o espaço sagrado, quebrando como a homogeneidade do espaço. Assim, basta que seja introduzido um sinal de significação religiosa para que seja extinta a relatividade. Como esse sinal nem sempre ocorre espontaneamente o homem o provoca, a fim de que possa, entre outras coisas, escolher o lugar para a construção de um santuário, exatamente como ocorre no caso em questão.

(76d) “O grande valor da experiência religiosa do italiano foi o de ser uma experiência religiosa de grupo. Há muitos indicadores da oração comum ou de grupo: oração em família, reunião de oração aos domingos, à tarde; por ocasião de velórios, nas promessas e novenas, nas procissões.[...] Talvez a necessidade de construir lugares religiosos de encontros despertou no italiano a necessidade e o desenvolvimento da oração comum.”

Este recorte, ao destacar que as construções religiosas desenvolvem no imigrante a necessidade da oração em comum, remete para o que diz Durkheim no capítulo 1. O autor afirma que a religião é algo social e, dessa forma, as representações religiosas são, por uma relação de contigüidade, representações coletivas.

(76e) “Entre as formas de oração individual destaca-se o sinal da cruz ao passar diante de igrejas, cemitérios, capitéis e a reza de três ave-marias a Nossa Senhora, à noite, antes de deitar, para pedir a sua proteção e uma boa morte.”

As orações, além de serem uma manifestação coletiva, acontecem também de forma individual. No enunciado em questão, as orações individuais revelam-se mais curtas como, por exemplo, a reza das três Ave-Marias e, em alguns casos, é até mesmo simbólica, como é o caso em que é feito apenas o sinal da cruz ao passar diante de lugares sagrados. Com relação às orações ou louvor, diz Burkert ser essa uma invenção do homem, tendo por objetivo exaltar um ente superior sem a necessidade de despender o mesmo esforço que despenderia empregando uma ação ritualística.

77

“[(a) O conceito de Deus é o de uma autoridade suprema, que dá prêmios e castigos imediatos e infalíveis.] [(b) Deus não é um pai que tem filhos, mas um Senhor que tem súditos e servos. À autoridade paterna e materna, na família, atribuía-se a função de Deus. Por isso, os pais sentiam-se imbuídos do poder de perdoar ou de condenar, de abençoar ou de amaldiçoar.][(c) Deus é o dono da natureza, que a manipula em favor ou contra o homem. As secas, as enchentes e as tempestades eram, muitas vezes, vistas como castigo contra a blasfêmia ou a pouca frequência aos atos religiosos.]” (p. 50) [C4, AB, v.1, S2]

(77a) “O conceito de Deus é o de uma autoridade suprema, que dá prêmios e castigos imediatos e infalíveis.”

De acordo com este recorte, a figura de Deus, em algumas situações, era vista, pelo imigrante italiano, como a de um justiceiro, ou seja, àquele que praticava o bem, Deus concedia PRÊMIOS; àquele que praticava o mal ou que não praticava os ensinamentos da religião, Deus imputava CASTIGOS. Essa figura de um Deus autoritário remete, conforme a estrutura radial proposta, para o modelo PAI AUTORIDADE, do qual derivam os submodelos DEUS-REI e DEUS-JUIZ que, sustentados na metáfora da moralidade, remetem ao PAI SEVERO. Com base nisso, Deus é projetado metaforicamente como:

DEUS É JUIZ PORQUE TEM O PODER DE DAR PRÊMIOS OU CASTIGAR

DEUS É REI PORQUE É ACEITO COMO AUTORIDADE SUPREMA

(77b) “Deus não é um pai que tem filhos, mas um Senhor que tem súditos e servos. À autoridade paterna e materna, na família, atribuía-se a função de Deus. Por isso, os pais sentiam-se imbuídos do poder de perdoar ou de condenar, de abençoar ou de amaldiçoar.”

Este recorte complementa o anterior, ou seja, a partir do modelo PAI AUTORIDADE, projeta-se a figura de DEUS-REI, esse que conduz à metáfora da AUTORIDADE MORAL, mais exatamente, à AUTORIDADE ABSOLUTA. Essa metáfora, de acordo com Lakoff, prevê a obrigação da obediência, unicamente porque assim é que deve ser. Assim:

DEUS É AUTORIDADE ABSOLUTA

OS PAIS SÃO AUTORIDADES ABSOLUTAS

o que, por um acarretamento metafórico leva a:

DEUS É REI

O REI TEM SÚDITOS E SERVOS

DEUS TEM SÚDITOS E SERVOS

O CRISTÃO É SERVO DE DEUS

Logo, assim como um REI tem poderes incontestáveis de condenar e perdoar, o PAI assume os mesmos poderes diante de seus filhos. Implícito a esses poderes está a influência da metáfora da ORDEM MORAL. Essa metáfora está baseada na TEORIA POPULAR DA ORDEM NATURAL, na qual o mais forte e melhor dotado tende a exercer domínio sobre o mais fraco. Assim:

DEUS TEM AUTORIDADE ABSOLUTA SOBRE AS PESSOAS

OS PAIS TÊM AUTORIDADE SOBRE SEUS FILHOS

(77c) “Deus é o dono da natureza, que a manipula em favor ou contra o homem. As secas, as enchentes e as tempestades eram, muitas vezes, vistas como castigo contra a blasfêmia ou a pouca freqüência aos atos religiosos.”

Em (77c), surge uma nova forma de referir a figura de Deus, que é DEUS-PATRÃO, representando aquele que detém a propriedade da terra, e a terra é a natureza. Assim, Deus pune os pecadores por meio de fenômenos naturais. Essa idéia de punição representa, pela metáfora da CONTABILIDADE MORAL, a imputação de um castigo como forma de pagar um débito, produto de sua fraqueza moral. Deus, nesse caso, atua como um juiz remetendo à figura de DEUS-JUIZ. Como DEUS-PATRÃO, Deus utiliza a natureza, que lhe pertence, como forma de punir os pecadores.

78

“[(a) A autoridade religiosa do sacerdote era parecida com a autoridade e o poder de Deus, com capacidade de abençoar e de condenar.] [(b) O ministro, através das aplicações dos ritos sacramentais, representava a certeza da salvação.] [(c) Se alguém falecesse sem assistência religiosa, causaria grande

preocupação aos familiares.] [(a) Ao ministro religioso era atribuído o poder de condenar ou de salvar, próprio de Deus.] Por exemplo, o baile era considerado pecado se realizado sem licença do sacerdote. Com a licença do padre, deixava de ser pecado (!) [(a) Era o pensar e a decisão do padre que determinava a moralidade da ação.]” (p. 50). [C4, AB, v.1, S3]

(78a) “A autoridade religiosa do sacerdote era parecida com a autoridade e o poder de Deus, com capacidade de abençoar e de condenar. [...] Ao ministro religioso era atribuído o poder de condenar ou de salvar, próprio de Deus. [...] Era o pensar e a decisão do padre que determinava a moralidade da ação.”

Esse recorte reafirma o que já foi analisado, por exemplo, nos segmentos (69), (73), e (77) com relação ao poder atribuído à figura do PADRE, sendo comparado a DEUS. Assim:

DEUS É A AUTORIDADE ABSOLUTA

Neste caso, evidencia-se a metáfora da ORDEM MORAL, segundo a qual há uma hierarquia das relações de poder validada. Dessa forma:

DEUS TEM AUTORIDADE SOBRE O PADRE

O PADRE TEM AUTORIDADE SOBRE OS HOMENS

E, metonimicamente, se:

PADRE ESTÁ POR DEUS

então:

PADRE É AUTORIDADE ABSOLUTA

(78b) “O ministro, através das aplicações dos ritos sacramentais, representava a certeza da salvação.”

De acordo com Durkheim, a realização dos ritos requer que sejam conduzidos por alguém consagrado uma vez que as palavras, os gestos que os compõem, não podem ser executados por pessoas comuns, logo, só quem está imbuído de tais poderes os pode comandar. Assim, os ritos comandados pelos ministros tinham o poder de salvar, pois que vinham de alguém marcado por esses poderes. Os RITOS, metonimicamente, conduzem à SALVAÇÃO.

Metaforicamente:

RITOS SÃO VEÍCULOS

Dessa forma, o PADRE, por meio dos RITOS estabelece conexão com DEUS e garante a salvação dos homens, para tanto faz uso dos poderes a ele atribuídos de condenar ou perdoar, revelando a existência do esquema ORIGEM-PERCURSO-META. Nessa relação, chega-se às seguintes projeções metafóricas:

DEUS COMO JUIZ

PADRE COMO JUIZ

(78c) “Se alguém falecesse sem assistência religiosa, causaria grande preocupação aos familiares.”

A questão da morte era uma inquietação recorrente na vida dos imigrantes italianos, pois havia grande preocupação em conquistar a vida eterna e, para conquistá-la, era necessário estar em dia com as obrigações impostas pela Igreja, como, por exemplo, receber o sacramento da unção dos enfermos. Sendo assim, morrer sem assistência religiosa, representava a incerteza quanto ao destino da alma.

A morte, de acordo com Burkert, é uma das questões mais sérias da religião. O homem conhece a morte e a experiência pela morte dos outros, criando relações imaginárias com o desconhecido, contudo, a morte pessoal é algo difícil de ser imaginado. Para o autor, a morte além de ser um fenômeno da fantasia psicológica é também uma questão biológica. Dessa forma, no intuito de proteger a vida mental, o homem necessita criar forças que o permitam enfrentar essa situação, e a fé seria uma dessas forças. Tudo isso, segundo Burkert, revela a verdadeira e primeira preocupação do homem, que é a vida. Assim, guiado pelo instinto da sobrevivência, o homem, por meio dos códigos religiosos, postula a existência da vida eterna. A religião, então, restauraria o equilíbrio em momentos em que a vida estivesse sob ameaça.

79

“[(a) À primeira vista aparece com clareza o imenso trabalho a ser feito em termos de purificação do sentimento religioso, proclamando mais a figura de Deus como Pai do que a imagem de Deus como Juiz.] Importa, também, reencontrar o espírito da intensa solidariedade cristã e a participação leiga no exercício da religião. São duas dimensões importantes para a renovação da Igreja nas comunidades de etnia italiana” (p. 50). [C4, AB, v.1, S4]

(79a) “À primeira vista aparece com clareza o imenso trabalho a ser feito em termos de purificação do sentimento religioso, proclamando mais a figura de Deus como Pai do que a imagem de Deus como Juiz.”

A partir do discurso do imigrante italiano, observa-se que, metaforicamente, o sentimento religioso pode ser purificado através da ação do padre, advindo daí a metáfora da PUREZA MORAL. Logo, se:

O SENTIMENTO RELIGIOSO PODE SER CONTAMINADO PELO MAL

O PADRE ATUA NA PURIFICAÇÃO

SER PURO É SER BOM

então:

PURIFICAR O SENTIMENTO RELIGIOSO LEVA A SER OU MANTER-SE BOM

De acordo com o enunciado, há a necessidade de propagar a imagem de DEUS-PAI, em vez de DEUS-JUIZ, visto que, para o imigrante, Deus se assemelhava, em alguns momentos, mais a alguém justiceiro, vingativo. A figura de DEUS-PAI parece possuir uma conotação de proteção, cuidado, enquanto DEUS-JUIZ parece corresponder a alguém mais vingativo, mais voltado à punição do que à recompensa, alguém sempre preocupado em manter as contas em dia, remetendo dessa forma para a metáfora da CONTABILIDADE MORAL.

“A religião e sua adequação física ao ambiente [Subtítulo]

80

“[(a) A existência de um clero bastante impositivo e dominador fez com que se criasse uma tradição religiosa subjacente. Em algumas localidades, há uma forte convicção de que determinado lugar é amaldiçoado, porque alguns, antigamente, espancaram o Padre, ou o expulsaram. Logicamente, se a maldição existisse para tais casos, já que há concordância sobre diversos sacerdotes que teriam amaldiçoado tais lugares, ela devia referir-se às pessoas

e não propriamente ao lugar. Mas, fala-se que o lugar ou os lugares são amaldiçoados, embora os moradores de hoje nada tenham a ver com tal maldição. “Quêl posto lá lé maledio dal prete, per quêsto no el pol ndar vânt” – “Este lugar é amaldiçoado pelo Padre, por isto não poderá progredir”.] [(b) E a morte das pessoas que provocaram a maldição, sempre era considerada castigo de Deus, especialmente se nos últimos dias tivessem sofrido muito ou tivessem falecido sem os confortos da religião.”] (p. 55). [C4, AB, v.1, S5]

(80a) “A existência de um clero bastante impositivo e dominador fez com que se criasse uma tradição religiosa subjacente. [...] Este lugar é amaldiçoado pelo Padre, por isto não poderá progredir”

Este recorte confirma a relevância da presença do padre nas comunidades de imigrantes italianos, chegando, algumas vezes, a exceder seu caráter de guia espiritual, passando a representar um papel mais impositivo no comando do comportamento da comunidade. Nesse caso, percebe-se o PADRE como representante da figura do PAI SEVERO, AUTORITÁRIO. De acordo com esse modelo de PAI, as punições e gratificações são produtos das regras morais impostas. Sendo assim, um local amaldiçoado pelo PADRE, representava, metonimicamente, ter sido amaldiçoado pelo próprio DEUS, demonstrando a influência da metáfora da MORALIDADE DA FAMÍLIA DO PAI SEVERO, na ordem social vigente. Logo, por uma metáfora orientacional: SER AMALDIÇOADO É NÃO IR PARA FRENTE acarretando que:

LUGAR AMALDIÇOADO NÃO PROGRIDE

(80b) “E a morte das pessoas que provocaram a maldição, sempre era considerada castigo de Deus, especialmente se nos últimos dias tivessem sofrido muito ou tivessem falecido sem os confortos da religião.”

Este recorte confirma o que é dito por Burkert com relação ao castigo divino, cujo qual o homem entende e aceita como produto de sua culpa perante Deus. Ao assumir uma condição de culpa, o homem assume a posição de um PECADOR sujeito ao julgamento de um DEUS-JUIZ, confirmando os submodelos propostos na estrutura radial. Há, ainda, a influência da metáfora da

CONTABILIDADE MORAL, pois na hora da morte é feito o acerto entre as contas de DÉBITO e CRÉDITO assumidas durante a vida. Assim:

MORRER SEM OS CONFORTOS DA RELIGIÃO É CONTRAIR DÉBITO

A MORTE COM SOFRIMENTO É CASTIGO

A MORTE COM SOFRIMENTO QUITA OS DÉBITOS

Além disso, se:

CONFORTO É BEM-ESTAR

então, metaforicamente:

RELIGIÃO É CONFORTO

81

“[...]”

“[(a) A tempestade, o trovão, o raio, o fogo que, às vezes, devastava matas e plantações, eram considerados como a força de Deus vingador.] [(b) Só uma devoção a um santo muito poderoso poderia realizar o milagre de salvar a vida em tais calamidades. Além dos santos, generalizou-se a devoção às almas do Purgatório, porque, sendo elas os futuros habitantes do céu e tendo experimentado o terror das secas, das pestes, das carestias, das tempestades, intercediam junto de Deus com absoluta certeza de atendimento.] Não obstante a tentativa atual da Igreja de despertar a devoção aos Santos fora dessa cosmovisão, os descendentes italianos conservam as devoções e superstições primitivas.” (p. 55). [C4, AB, v.1, S6]

(81a) “A tempestade, o trovão, o raio, o fogo que, às vezes, devastava matas e plantações, eram considerados como a força de Deus vingador.”

Assim como no recorte (77c), Deus, assumindo o papel de um DEUS-JUIZ e, ao mesmo tempo de um DEUS-PATRÃO, imputa castigos ao homem fazendo uso de fenômenos da natureza.

Dessa forma, metonimicamente:

A TEMPESTADE ESTÁ PELA FORÇA DE DEUS

O TROVÃO ESTÁ PELA FORÇA DE DEUS

O RAIOS ESTÁ PELA FORÇA DE DEUS

O FOGO ESTÁ PELA FORÇA DE DEUS

(81b) “Só uma devoção a um santo muito poderoso poderia realizar o milagre de salvar a vida em tais calamidades. Além dos santos, generalizou-se a devoção às almas do Purgatório, porque, sendo elas os futuros habitantes do céu e tendo experimentado o terror das secas, das pestes, das carestias, das tempestades, intercediam junto de Deus com absoluta certeza de atendimento.”

A devoção aos santos foi, para os imigrantes italianos, uma constante, além de ser uma das tradições trazidas da Itália. Acreditavam no poder de intercessão que tinham junto a Deus e a eles também rendiam homenagens, reforçando, mais uma vez, a questão da devoção. Os santos, a partir desse entendimento, representavam, pelo esquema de LIGAÇÃO, a conexão entre o homem e Deus.

De acordo com Durkheim, a aceitação da pluralidade das coisas sagradas é comum em todas as religiões; logo, além da figura de Deus, representada pela tripla divindade, há também os anjos, os santos, a Virgem Maria e as almas dos mortos, fato também apresentado no recorte em questão. Para o autor, ao longo dos tempos, no sistema religioso, naturismo e animismo sempre andaram lado a lado. O naturismo ligado às coisas da natureza como, por exemplo, os ventos, os astros, as plantas; e o animismo, ligado aos seres espirituais, tais como as almas dos mortos e as divindades. Assim, atribuindo às almas dos mortos poderes que transcendem o princípio da vida do homem, essas passam a ser espíritos e até mesmo divindades. Isso revela, de acordo com o autor, que os primeiros ritos teriam sido dedicados aos mortos sendo seus túmulos os primeiros altares, ao mesmo tempo justificaria a crença, por parte dos imigrantes, nos poderes milagrosos das almas dos mortos.

82

“[...]”

“[(a) Ao encerramento das procissões, por ocasião da benção dos doentes, embora a profunda fé de transportar montanhas, fé e resignação à vontade de Deus, a grande preocupação era a de ser atingido pela água benta que o sacerdote lançava sobre o povo nessas circunstâncias. Nessa mesma linha de sentimento religioso, estava a grande preocupação da benção da casa, anualmente, pelo sacerdote, que simbolizava a visita do próprio Deus.] [...]” (p. 56). [C4, AB, v.1, S7]

(82a) “Ao encerramento das procissões, por ocasião da bênção dos doentes, embora a profunda fé de transportar montanhas, fé e resignação à vontade de Deus, a grande preocupação era a de ser atingido pela água benta que o sacerdote lançava sobre o povo nessas circunstâncias. Nessa mesma linha de sentimento religioso, estava a grande preocupação da bênção da casa, anualmente, pelo sacerdote, que simbolizava a visita do próprio Deus.”

Neste recorte são retomadas algumas questões que já foram objeto de análise anteriormente. Assim, nos fixamos em um novo elemento que surge, que é a questão da água benta. Conforme afirma Eliade, a água tem no sacramento, de acordo com a Igreja, o poder de santificar as coisas sempre que Deus for invocado sobre ela. A água tem o poder de representar a morte como renascimento, revelando-se um elemento purificador e regenerador dos pecados. Esse aspecto da água agrega a metáfora da PUREZA MORAL, essa que relaciona a idéia de “pureza” com a de “limpeza”. Portanto, ser aspergido com água benta pelo sacerdote, representava ser limpo de todos os pecados. Igualmente, a preocupação com a bênção da casa também representava a certeza da purificação, livrando-a de todos os males, conferindo um ambiente de bem-estar. Contudo, é importante lembrar que tal gesto só adquire valor quando ministrado pelo padre, que é a pessoa autorizada por Deus para realização de tais atos. Assim, metonimicamente:

A PRESENÇA DO PADRE ESTÁ PELA PRESENÇA DO PRÓPRIO DEUS

acarretando que:

SER ABENÇOADO PELO PADRE EQUIVALE A SER ABENÇOADO POR DEUS

TER A CASA ABENÇOADA PELO PADRE EQUIVALE A SER ABENÇOADA POR DEUS

João Andreola: A vida italiana em Fazenda Souza [Subtítulo]

83

“João Andreola nasceu em 5 de setembro de 1908, foi casado com Teresa Gubert Andreola, com quem teve nove filhos. Seu pai era natural de Caxias, sua mãe de Ana Rech. Seus avós, segundo diz, devem ser de Treviso, na Itália.”

“[...]

“A religião de ontem e de hoje [Subtítulo]

“- Cossa catéo dea religion des giuventú, zeo méio desso o prima?

“- Ma, mi, in primeiro lugar, che no cato mia serto lê sta i préti tirar la batina, i é manco respeitádi me par, parchê la batina representava un soldado c ola falda. Un soldado co lê sensa falda, allora no i ghe fâ gnanca cazo, par gnanca che'l sai un solda, ma se el gá a falda, lé pí respeitado. E anca el prete mi me par che lera pí respeitado. Dopo che'l lá tirá dô la batina, par chel povo el gá perso um poco el respeito al prete. Ma el prete acompagna, mi digo, anca el altro povo né. Me par chel povo vá perdendo la fede, un poco i “segue” altre religion e i préti mí me par che i ghe vá drio um poco anca lôri, ghiné che i zé gran bôni e ghiné de quêi che parchê no i fá serto la sô obrigassion. Magári, anca de tempo mi ghinó cognossêst préti che no i obedessa la orden del bispo. Se ndava a messa da lôri e i era mézi supérbi, respondes mal al povo, se i restea un poco in drio, vense dirghe vegné piú avánti, i dizea: Coza féo, váltri lá zô lá? Sio lá par far che? Se zé par star lá, parchê no ndê fora? E, depiú a messa i diz: Ma, vara, chel prete in ciêza lê cativo, mí no vão gnanca pí. Mí cato che el prete deveria ndar sempre in umildade, sempre bom jeito col povo, parchê el povo che ghe dá contra, el povo se revolta um poco depiú.” (p. 149-150) [C4, AB, v.1, S8]

Tradução

“- Que acha da religião e da juventude, é melhor agora ou antes?

“- Em primeiro lugar, [(a) eu não achei certo que os padres tirassem a batina, parece-me que são menos respeitados, porque a batina representava um soldado com sua farda. Um soldado, quando está sem farda, ninguém lhe faz caso, nem parece um soldado, mas se tem a farda, é mais respeitado. E o padre também me parece que era mais respeitado.] Depois que tirou a batina, parece que o povo perdeu um pouco do respeito pelo padre. Mas acredito que o padre acompanha um pouco o resto do povo. Parece-me que o povo vai perdendo a fé e segue outras religiões e parece que os padres também seguem o povo, há os que são muito bons e há os que não fazem corretamente sua obrigação. Porém, em outros tempos, também conheci padres que não obedeciam as ordens do bispo. Quando se ia à missa, mostravam-se um pouco soberbos, respondiam mal ao povo, se alguém ficava mais atrás, em lugar de dizer venha para frente, diziam: “Que fazem vocês lá embaixo? Estão ali para fazer o quê? Se é para ficar lá, por que não vão para fora?” Assim o povo fica envergonhado e, em vez de ir mais à missa, diz: “Olha que esse padre, na igreja, é brabo, eu nem mais vou”. Eu acho que o padre deveria sempre andar com humildade, com bom jeito para com o povo, porque se fala contra o povo, ele se revolta mais ainda.” (p. 149-150).

Neste segmento, assim como ocorre no segmento (84), a polifonia se faz presente. Isso se dá exatamente pela característica dessa categoria de fontes. Nesse caso, se está diante de uma entrevista na qual, como já é esperado, há a troca nos turnos de fala. Ao mesmo tempo, têm-se marcas do discurso indireto permeando a entrevista. Isso pode ser observado no uso de verbos no IdPt1 como, por exemplo, ‘diziam’.

(83a) “eu não achei certo que os padres tirassem a batina, parece-me que são menos respeitados, porque a batina representava um soldado com sua farda. Um soldado, quando está sem farda, ninguém lhe faz caso, nem parece um soldado, mas se tem a farda, é mais respeitado. E o padre também me parece que era mais respeitado.”

Em (83a), tem-se projetada a figura do PADRE como um SOLDADO a serviço de DEUS, confirmando o submodelo proposto na estrutura radial DEUS-REI. O discurso do imigrante italiano, nesse enunciado, corrobora o que é dito por Burkert no capítulo 1 desta dissertação. Segundo ele, o fato de Deus representar poder e autoridade justificaria a relação feita, nas mais variadas culturas, com a figura de um monarca. Dessa forma, aceitando-se que DEUS É REI, pode-se inferir que exista um exército a seu serviço composto por SOLDADOS. Esses SOLDADOS, de acordo com o enunciado, são representados pelo PADRE que tem, na sua batina, a farda que identifica a guarda real. Assim sendo, se, metaforicamente:

DEUS É REI

e

UM REI TEM SOLDADOS

então:

O PADRE É UM SOLDADO

O PADRE USA BATINA

A BATINA É UMA FARDA

Além disso, levando em consideração a metáfora da ORDEM MORAL, se:

O REI É HIERARQUICAMENTE SUPERIOR

e

OS SOLDADOS SÃO HIERARQUICAMENTE SUPERIORES AOS SÚDITOS

então:

DEUS É HIERARQUICAMENTE SUPERIOR

O PADRE É HIERARQUICAMENTE SUPERIOR

“José Battistel: uma experiência rural plena [Subtítulo]

“José Battistel nasceu em 1900. É casado com Libera Bolzan e pai de treze filhos.

O catecismo e a religião [Subtítulo]

84

“[...]

“A doutrina iéra Bépi Banda, Sanco, la vécia Canossa, éh, i iéra divérsi che insegnava. Ghera anca Togno. Tognon i ghe ciamava, so parte de Dizidério lá, un ano um ano l’latro. Insegnava a doutrina. Oh! Ghemo inpará a doutrina túti puíto. I me gá passá communion. Lúri i fea a pergunta, noántri ghe dímo a risposta. I scumissiava, a só anca desso a mente mí. I dezea: Siête voi cristiano? – Si, io sono cristiano per la grássia di Dio. – E coza vol dire éssare cristiano? – Éssare cristiano vol dire éssere batezato e professar ela doutrina de Gesú Cristo. (el gá ito squázi tuta adotrina a mente).” (p. 426). [C4, AB, v.1, S10]

Tradução

“O catecismo era ensinado por José Dall’Agnol, Strapazzon, a velha Nalin, eram diversos. Havia também o Antônio, chamado Antônio, o pai do Desidério. Ensinavam um ano cada um. [(a) Todos aprendemos bem o catecismo. Examinaram-nos para a primeira comunhão, faziam-nos a pergunta e nós respondíamos. Eu sei de cor. Diziam: “Sois vós cristãos?” – Sim, eu sou cristão pela graça de Deus. “E que significa ser cristão? – [(b) Ser cristão significa, ser batizado, crer e professar a doutrina de Jesus Cristo...] (disse quase todo o catecismo de cor e está gravado).” (p. 426).

(84a) “Todos aprendemos bem o catecismo. Examinaram-nos para a primeira comunhão, faziam-nos a pergunta e nós respondíamos. Eu sei de cor. Diziam: “Sois vós cristãos?” – Sim, eu sou cristão pela graça de Deus.”

Dentre os submodelos que compõem o modelo RITUAL na estrutura radial hipotética proposta, destaca-se a catequese que, neste enunciado, é enfocada no discurso do imigrante. Evidencia-se que, para ele, aprender o catecismo equivalia a aprender as verdades da fé. Além

disso, aquele que se demonstrava conhecedor do catecismo era pessoa digna, convergindo para o que propõe o *Sistema da Metáfora Moral*, mais precisamente, para a metáfora da FORÇA MORAL, que é a que prevê um esforço extra do homem para manter uma postura moral reta, equilibrada. De acordo com essa metáfora:

SABER O CATECISMO É SER MORAL

SABER O CATECISMO É SER CRISTÃO

Assim, tem-se a metáfora orientacional:

SER MORAL É TER RETIDÃO

SER MORAL É PARA CIMA

(84b) “*Ser cristão significa, ser batizado, crer e professar a doutrina de Jesus Cristo...*”

Nesse recorte surge, pelo ponto de vista de um imigrante, o significado de ser cristão para essa cultura. Tem-se corroborada a preocupação existente em manter-se fiel à prática dos rituais, mais exatamente, à prática dos sacramentos. Dentre os sacramentos, nesse caso, é citado o batizado, esse que também é realizado via RITUAL, ou seja, o RITUAL do batismo. O batismo também prevê uma organização pelo modelo proposicional *script*, ou seja, sua realização está baseada em uma série de passos pré-determinados a serem seguidos, tais como: renúncia a satanás; adesão a Cristo; Litânia; oração para a benção da água; unção com óleo; oração para a vestimenta batismal branca e, finalizando, recitação do Salmo 31. Sendo assim, metonimicamente, SER BATIZADO É SER CRISTÃO.

“O namoro e o casamento [Subtítulo]

85

“[...]

“A fé profunda na indissolubilidade do matrimônio como instituição divina, levava-os a buscar forças espirituais para se suportarem mutuamente, educando os filhos com amor, respeito e responsabilidade, buscando, no plano material, dar a cada filho homem uma colônia de terra e às filhas, o enxoval. Quer dizer, a família estava em primeiro lugar, acima dos próprios interesses. [...]” (p. 605). [C4, AB, v.2, S1]

(85a) “A fé profunda na indissolubilidade do matrimônio como instituição divina, levava-os a buscar forças espirituais para se suportarem mutuamente”

Neste recorte a compreensão da fé, por parte dos imigrantes italianos, surge como sendo algo indestrutível. Desse modo, o matrimônio em sendo um dos sacramentos da Igreja, por acarretamento, também se torna indissolúvel. Ao mesmo tempo, tem-se a personificação da FÉ, logo, por uma metáfora ontológica:

A FÉ E INDISSOLÚVEL

A FÉ FORNECE FORÇAS

acarretando que:

OS SACRAMENTOS SÃO INDESTRUTÍVEIS

Logo:

O MATRIMÔNIO É INDISSOLÚVEL

O MATRIMÔNIO SOBREVIVE PELA FORÇA DA FÉ

86

“[...]”

“[...] [(a) Os padres apelavam às famílias que acolhessem com alegria todos os filhos, porque eles são “uma benção” de Deus.] [...]” (p. 605). [C4, AB, v.2, S2]

(86a) “Os padres apelavam às famílias que acolhessem com alegria todos os filhos, porque eles são “uma benção” de Deus.”

Uma benção é como um presente, representa algo de bom que é ofertado. Assim, os filhos representavam uma graça de Deus, logo, se Deus abençoa com a vida, que é o dom maior, significa que Deus está satisfeito com os membros da família, levando à metáfora da MORALIDADE DA RETRIBUIÇÃO, ou seja, Deus, que é uma autoridade, ao fazer a contabilidade

de uma determinada família conclui que esta família está em CRÉDITO para com ele, logo lhe retribui com filhos.” Assim, metonimicamente: OS FILHOS SÃO UMA BENÇÃO.

87

“[...]”

“[...] O ritual do casamento religioso era em latim, por isto não era compreendido. A única participação dos noivos era o sim” (p. 606). [C4, AB, v.1, S3]

(87a) “O ritual do casamento religioso era em latim, por isto não era compreendido. A única participação dos noivos era o sim.”

Este recorte confirma o valor dado aos sacramentos, ao mesmo tempo em que demonstra a consciência que tinham da importância da realização do ritual religioso do casamento, para que esse adquirisse valor perante a comunidade. De acordo com o enunciado, mesmo que não houvesse compreensão, por parte dos noivos, quanto ao que estava sendo dito, sabiam que um sim de ambos confirmaria o ato que estava sendo realizado, bem como sua fé no sacramento e no ritual como forma de concretizar sua união perante Deus e os homens. Sendo assim, retomando a análise do recorte (85a), pelo esquema de LIGAÇÃO.

O RITUAL DO MATRIMÔNIO UNE UM HOMEM A UMA MULHER

O RITUAL DO MATRIMÔNIO É INDISSOLÚVEL

O QUE DEUS UNE O HOMEM NÃO SEPARA

“As capelas na tradição religiosa italiana [Subtítulo]

88

“[...]”

“[...] Às vezes, os imigrantes e descendentes construíram igrejas bonitas e faustosas por concorrência entre diferentes comunidades. Mas não era este o motivo principal. [(a) Construíram igrejas espaçosas e bonitas por acharem que assim melhor louvariam a Deus. Era uma homenagem a Deus construir-lhe uma casa digna.] Enfim, foi por causa da sua fé viva que construíram tantas igrejas. [...]” (p. 608). [C4, AB, v.2, S4]

(88a) “Construíram igrejas espaçosas e bonitas por acharem que assim melhor louvariam a Deus. Era uma homenagem a Deus construir-lhe uma casa digna.”

Neste recorte, tem-se enfocada a projeção da igreja (construção) como a casa de Deus. Assim, como proposto em nossa estrutura radial, a igreja, entendida como uma casa, agrega, reúne a família. Logo, metonimicamente, a igreja está pela casa de Deus, pelo espaço Divino, o Céu. De acordo com Eliade, por intermédio da igreja o homem transcende o mundo profano, equivalendo, algumas vezes, a uma abertura para o alto. Essa idéia de abertura para o Céu revela, de forma implícita, uma metáfora orientacional do tipo:

O CÉU É PARA CIMA

PELA IGREJA SE PODE SUBIR AO CÉU

acarretando que:

QUANTO MAIOR A IGREJA MELHOR SE LOUVA A DEUS

QUANTO MAIOR A IGREJA ANTES AS ORAÇÕES SOBEM AO CÉU

Render homenagens a Deus propicia, de acordo com a metáfora da CONTABILIDADE MORAL, a aquisição de CRÉDITOS, ou seja, aumentar o bem-estar de Deus representa, metaforicamente, aumentar o próprio bem-estar.

“El Campanaro”, o mestre de canto, as “sagras” e festas [Subtítulo]

89

“[...]”

“Quando falecia alguém, tocava-se repiques de defunto. Todos ficavam sabendo que houve falecimento. Restava saber quem havia falecido. [(a) O toque do sino não era só para avisar a morte de alguém, mas porque se acreditava que o toque do sino bento, como que abria as portas do céu e “avisava a Deus” que uma alma estava subindo ao céu. Acreditava-se, também, que o toque do sino “espantava” os demônios. Na hora do enterro também havia repique de defunto. Eram batidas secas, lentas, que davam um clima todo especial de recolhimento e consternação. O sino é tocado, também, para espantar temporais. É o caso da capela Nossa Senhora da Saúde, em Nova Prata, onde ao se aproximar um temporal, tocam o sino e logo o temporal “se quebra” ou desaparece.] Todos os anos os sócios mandam rezar uma missa a Santa Bárbara para protegê-los contra as intempéries. Tocava-se o sino ainda por ocasião de alguma calamidade, tal como queimar a casa, machucar gravemente alguém ou uma família e coisas parecidas.” (p. 609-610). [C4, AB, v.2, S5]

(89a) *“O toque do sino não era só para avisar a morte de alguém, mas porque se acreditava que o toque do sino bento, como que abria as portas do céu e “avisava a Deus” que uma alma estava subindo ao céu. [...] O sino é tocado, também, para espantar temporais. É o caso da*

capela Nossa Senhora da Saúde, em Nova Prata, onde ao se aproximar um temporal, tocam o sino e logo o temporal “se quebra” ou desaparece.”

Este recorte reitera a questão do valor metonímico do sino na crença do imigrante italiano, como já analisado no recorte (10a). Um fato novo diz respeito à utilização do sino como forma de espantar temporais, ou seja, o sino é metaforicamente personificado, tornando-se capaz de, como refere o enunciado, “quebrar o temporal”, afugentando-o. Assim, por uma metáfora ontológica:

O SINO É UMA ENTIDADE COM PODERES

O TOQUE DO SINO AFUGENTA OS TEMPORAIS

O TOQUE DO SINO IMPEDE QUE O TEMPORAL AVANCE

“Festa do Corpo de Deus, “*Corpus Christi*” [Subtítulo]

90

“[(a) Era uma das festas mais importantes e da qual ninguém podia faltar. Realizava-se onde houvesse sacerdotes para levar o Santíssimo em procissão e constituía-se uma proclamação da fé na presença eucarística de Jesus.] Essa devoção é cultivada de maneira especial em Flores da Cunha, Veranópolis, e Garibaldi, Antônio Prado, Vila Ipê, Bento Gonçalves, Nova Prata, onde [(b) as procissões são soleníssimas e ricas de símbolos e sinais.] [...]” (p. 615). [C4, AB, v.2, S6]

(90a) “Era uma das festas mais importantes e da qual ninguém podia faltar. Realizava-se onde houvesse sacerdotes para levar o Santíssimo em procissão e constituía-se uma proclamação da fé na presença eucarística de Jesus.”

Este recorte reafirma o que diz Eliane no capítulo 1 desta dissertação. Nele, o autor afirma que o tempo de festas é importantíssimo para o homem religioso, pois é a maneira encontrada por ele para atualizar um tempo sagrado. Assim, a comemoração de *Corpus Christi* pode ser entendida como um desses momentos. Ao mesmo tempo, tem-se reforçada a questão da importância da presença do sacerdote para a realização desses eventos, como forma de validá-los, uma vez que a realização de ritos depende do comando de alguém consagrado.

(90b) “as procissões são soleníssimas e ricas de símbolos e sinais.”

Em (90b) surge, de forma mais explícita, a importância atribuída aos RITUAIS confirmando o que diz Burkert. Segundo ele, são os RITUAIS que geram a veneração de imagens, fato demonstrado nesse recorte em que a comunidade sai em procissão seguindo o Corpo de Cristo cujo evento, devido ao valor a ele atribuído, requer todo um requinte de símbolos e de sinais sagrados.

“O cemitério [Subtítulo]

91

“[(a) O cemitério, provisório ou definitivo, passou a ser, o primeiro sinal material do espírito religioso dos imigrantes. A cruz, as flores, o cercado para a proteção dos túmulos, as visitas constantes, o lugar de destaque em que situaram os cemitérios, tornou-se o primeiro lugar de culto e de expressão religiosa dos imigrantes.]” (p. 628). [C4, AB, v.2, S10]

(91a) “O cemitério, provisório ou definitivo, passou a ser, o primeiro sinal material do espírito religioso dos imigrantes. A cruz, as flores, o cercado para a proteção dos túmulos, as visitas constantes, o lugar de destaque em que situaram os cemitérios, tornou-se o primeiro lugar de culto e de expressão religiosa dos imigrantes.”

Este recorte reafirma o que diz Durkheim com relação aos primeiros ritos terem sido endereçados aos mortos, assim como de que os primeiros altares tenham sido seus túmulos. De forma análoga, os imigrantes, nesse caso, também manifestaram seu espírito religioso primeiramente por meio de seus cemitérios. Logo, pode-se inferir que, metonimicamente, O CEMITÉRIO ESTÁ PELO TEMPLO/IGREJA.

“A vida religiosa do descendente italiano no Rio Grande do Sul [Subtítulo]

92

“[...]

Foto 1169. “[**(a)** O terço foi sem dúvida o maior sinal da religiosidade do imigrante italiano. A reza do terço constituiu-se um elo de união familiar e das comunidades] que se reuniam todos os domingos e dias-santos para rezar. Essa devoção foi trazida pelos imigrantes.” (p. 1481). [C4, AB, v.3, S1]

(92a) “O terço foi sem dúvida o maior sinal da religiosidade do imigrante italiano. A reza do terço constituiu-se um elo de união familiar e das comunidades [...]”

Esse recorte reafirma, assim como demonstrado em análises anteriores, a significatividade da reza do terço para a manutenção da fé nas famílias de imigrantes italianos, bem como nas comunidades. Assim, pelo esquema de LIGAÇÃO:

A REZA DO TERÇO UNE A FAMÍLIA

A REZA DO TERÇO UNE A COMUNIDADE

Metaforicamente:

O TERÇO É ELO DE UMA CORRENTE

A CORRENTE É FORTE

A FÉ É FORTE

A FÉ NÃO SE ROMPE

93

“[...]

Foto 1178. “[**(a)** Nos quartos de dormir sempre há um ou vários quadros de santos, diante dos quais as pessoas fazem orações, pela manhã e à noite. Quando as mães ensinavam às crianças a rezar, apontam para os santos, ajoelham ao pé da cama e rezam voltados aos santos.”] (p. 1483). [C4, AB, v.3, S2]

(93a) “Nos quartos de dormir sempre há um ou vários quadros de santos, diante dos quais as pessoas fazem orações, pela manhã e à noite. Quando as mães ensinavam às crianças a rezar, apontam para os santos, ajoelham ao pé da cama e rezam voltados aos santos.”

A cena das orações feitas pelos adultos e ensinadas às crianças diante de quadros de santos, relatada no enunciado, revela o espírito de adoração existente nos imigrantes italianos.

Para eles, a adoração, representada pelas orações feitas de joelhos diante dos santos, era uma forma de reconhecer sua infinita inferioridade diante do sagrado, razão pela qual se curvam numa atitude de veneração. Dessa forma, somos levados à seguinte metáfora orientacional:

AJOELHAR-SE EM ORAÇÃO É ADORAR

ADORAÇÃO É SUBMISSÃO

A ORAÇÃO É UM ATO DE INTROSPECÇÃO

Logo:

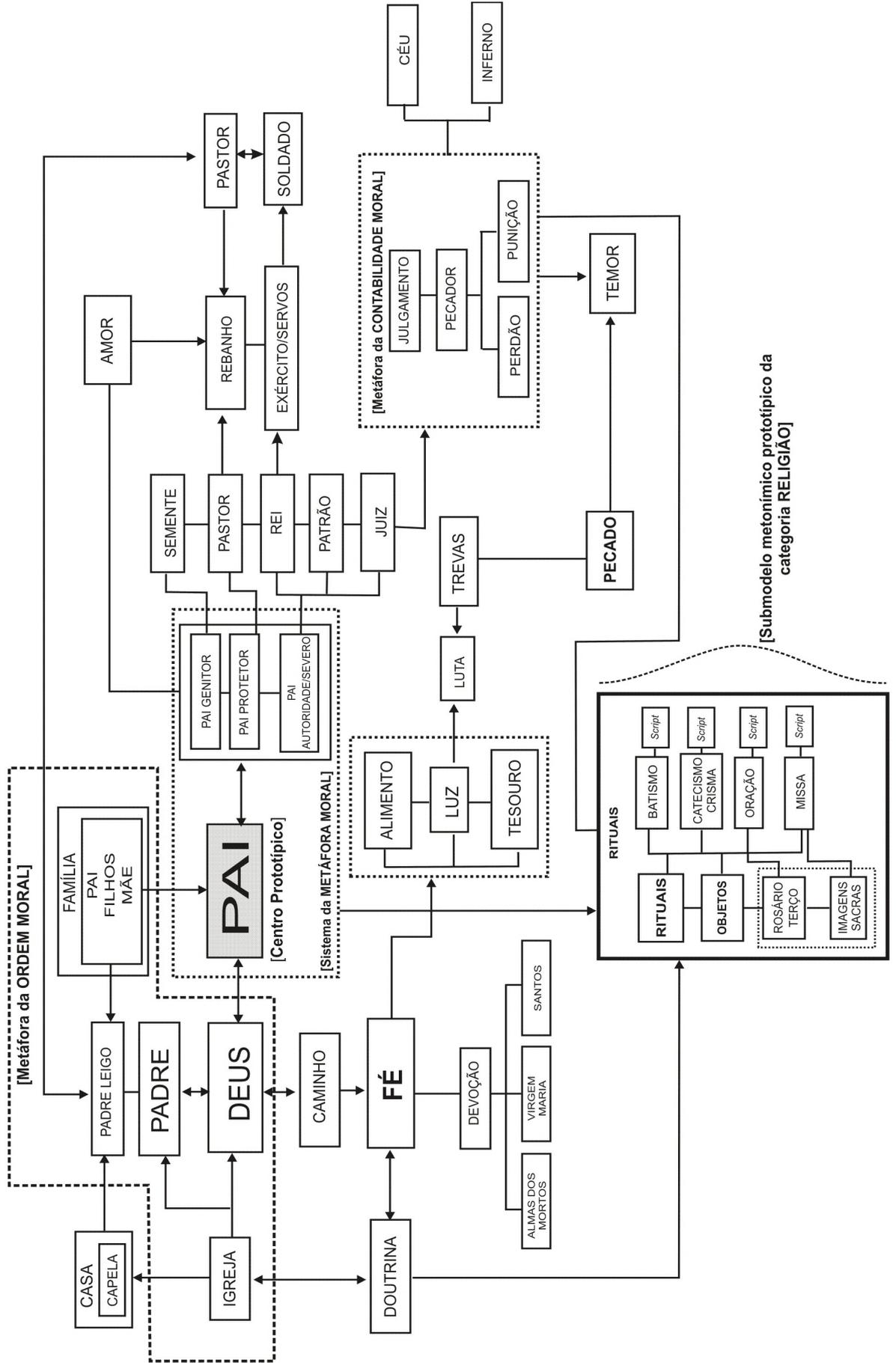
AJOELHAR-SE É PARA BAIXO

ADORAÇÃO É PARA BAIXO

A ORAÇÃO É MOVIMENTO PARA DENTRO

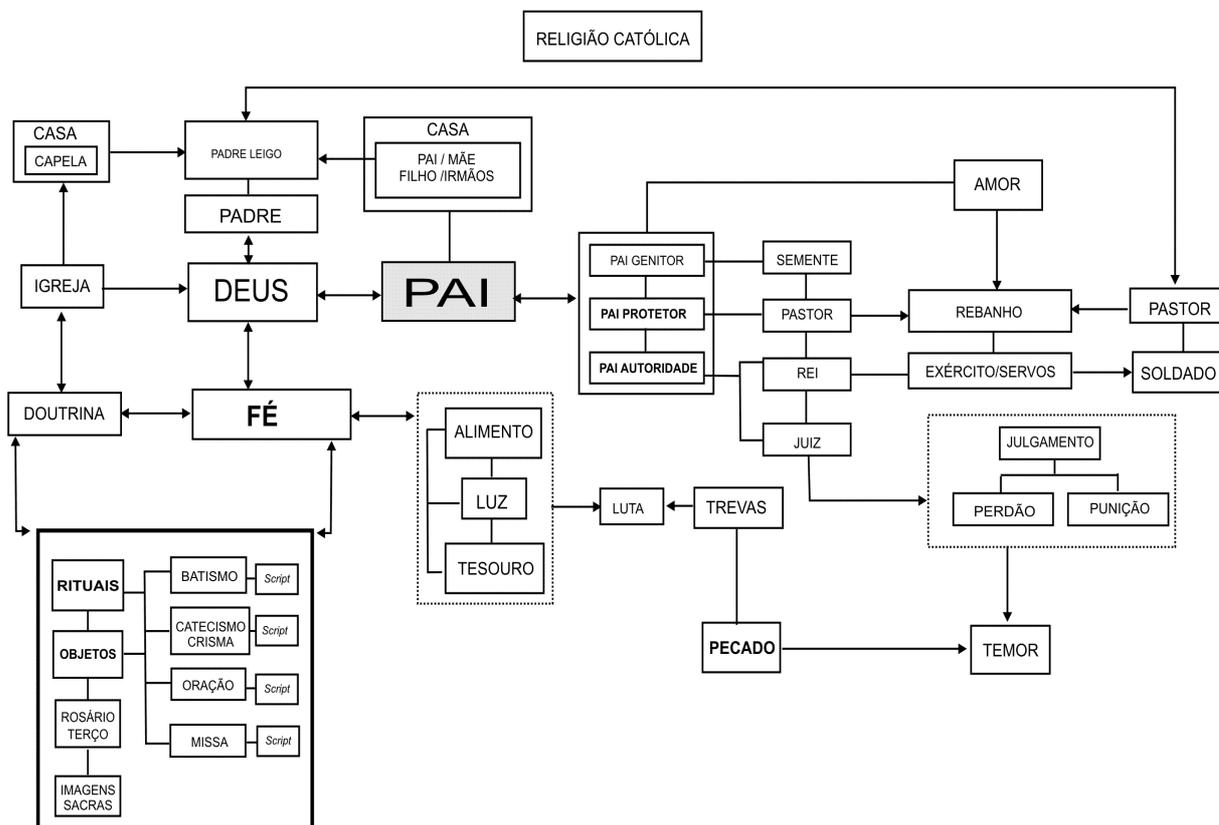
A análise do *corpus*, ao mesmo tempo em que confirma a configuração básica da estrutura radial hipotética, leva à necessidade de sua ampliação pelo estabelecimento de novas extensões, gerando o aparecimento inclusive de relações não previstas na fase inicial da investigação. A nova estrutura radial é apresentada a seguir. Apresenta-se logo a seguir a figura hipotética para fins de comparação visual.

Categoria Radial RELIGIÃO



[Submodelo metonímico prototípico da categoria RELIGIÃO]

CATEGORIA RADIAL RELIGIÃO



3.5 CONSIDERAÇÕES GERAIS

A análise do *corpus* demonstra que autores de diferentes categorias de fontes documentais enfocam um ou outro aspecto da religiosidade do imigrante italiano. Battistel, por exemplo, destaca a questão da reza do terço, individual e coletivamente, já em Zagonel é dado enfoque às devoções e à fé como herança, e Barea destaca a influência e o poder do clero sobre a comunidade.

Boa parte da literatura pertinente ao tema religião na imigração italiana foi produzida por autores ligados ao clero. Isso se justifica por terem sido as congregações religiosas que estiveram mais próximas do imigrante no início de sua instalação na região das antigas colônias italianas, bem como por serem os mais capacitados intelectualmente para produzir registros escritos. Por essa razão, deve-se ter presente que a ideologia da Igreja Católica, possivelmente, tenha influência sobre os textos produzidos, o que, contudo, não invalida a importância do material produzido e sua respectiva análise.

Ao longo das análises, vimos reiterada a hipótese da radialidade da categoria RELIGIÃO, ou seja, entendendo que esse é um conceito abstrato e, como tal, sua categorização parte de um domínio mais concreto, nesse caso PAI, fomos levados via processos metafóricos, metonímicos e de esquemas de imagens a outras subcategorias estruturantes de RELIGIÃO.

Como destacado por Lakoff (1987), estruturas radiais revelam a existência de domínios básicos da experiência do homem específicos de cada cultura. Revela, também, que dentro de uma categoria há modelos mais centrais e que, por encadeamento, os demais modelos são interligados. Entre os modelos mais centrais estão os modelos PAI PROTETOR e PAI SEVERO.

Vimos também confirmada, a partir do *corpus*, a hipótese de que o (sub)modelo RITUAIS é o principal modelo prototípico estruturante da categoria. No que diz respeito aos rituais, de acordo com Burkert, esses têm o poder de controlar o comportamento do corpo do homem,

atuando como elo de ligação entre o mundo mental e o ambiente natural e, o que é mais importante, segundo ele: “A transmissão da religião não ocorre sem ritual.” (1996, p. 43). Isso pode ser observado em alguns dos segmentos analisados, quando os imigrantes, fazendo uso dos rituais, buscavam conectar-se com Deus, os Santos e a Virgem Maria, no intuito de protegerem-se diante da situação crítica em que se encontravam. Ainda com relação aos ritos, diz Durkheim serem eles considerados pelo homem como o meio mais apropriado de portar-se diante do sagrado.

O imigrante italiano, de acordo com a análise feita, manteve-se o tempo todo em conexão com as coisas da Igreja e do divino, por meio de atividades ritualísticas. Pode-se concluir, também, que esse comportamento ritualístico era a única maneira de, na ausência de capelas e igrejas, não perder contato com as coisas da fé e de garantir forças para superar as dificuldades que enfrentava.

Além disso, conforme Eliade (1992), é por meio dos ritos que o homem faz a passagem do tempo profano para o sagrado, possibilitando que o tempo sagrado seja repetido ilimitadamente.

Para Durkheim (1996), a religião é algo social, sendo suas representações, representações coletivas, reveladoras de realidades coletivas, a que acrescenta, serem os ritos maneiras de agir em determinados grupos com o propósito de manter ou refazer alguns estados mentais desses grupos.

Além disso, a hipótese da relevância do modelo proposicional *script* foi confirmada, uma vez que a maioria dos rituais praticados pelos imigrantes italianos demonstrou ser organizado na forma de *script* como, por exemplo, a reza do terço, a missa e o catecismo, cuja organização foi descrita no decorrer desta dissertação.

Conforme anunciado ao longo desse trabalho, confrontaremos alguns de nossos achados com as entrevistas que compõem a categoria 5 do *corpus* (ver entrevistas em anexo), a fim de proceder a uma triangulação dos dados obtidos.

Pôde-se observar, no decorrer das análises, a importância da reza do terço e da devoção aos santos para as famílias de imigrantes italianos. Com relação a isso, afirma Padre Leomar Brustolin, ao ser entrevistado, que o catolicismo do imigrante era marcadamente devocional, ligado à questão da Igreja, da comunidade, mas, ao mesmo tempo, era um catolicismo de pouca leitura e de mais devoção e reza do terço. Tudo isso, segundo ele, porque não havia a presença do padre, favorecendo, dessa forma, o crescimento da reza do terço como forma de manterem-se conectados com Deus.

De acordo com Mário Gardelin, em entrevista, para o imigrante italiano fé e igreja era uma única coisa, ou, como diz, “alicerce e telhado”, além disso, o santo da capela tinha um sentido muito forte para eles. Com relação à questão dos santos da capela, vimos, em alguns segmentos, a preocupação em escolher o santo padroeiro, sempre questionando se era um santo forte, a fim de fazer frente às necessidades impostas, principalmente pela natureza.

Segundo Frei Rovílio Costa, outro entrevistado, o imigrante italiano tinha uma religião muito mais de práticas religiosas do que filosófica, ou seja, entendia bem da prática material, preocupava-se com aquele que morria sem confissão, sem comunhão, sem os santos óleos, revelando ser uma religião dependente dessas práticas materiais. Isso pode ser confirmado, a título de exemplo, na análise feita no segmento (1). Nele está expresso que a boa formação cristã dos imigrantes italianos estava vinculada às suas práticas religiosas, logo aos RITUAIS que realizavam.

Diz, ainda, que os frutos da religião eram vistos como recompensa e castigo, afirmação essa que vem ao encontro do que propõe o *Sistema da Metáfora Moral*, no qual a toda uma CONTABILIDADE MORAL envolvida. Dessa forma, a relação com Deus e com a Igreja é mediada

pelo sistema de punição e recompensa, ou seja, o cristão que tem consciência da AUTORIDADE MORAL, FORÇA MORAL, ORDEM MORAL envolvida na sua relação com Deus, e que viver de acordo com esses ditames, será recompensado. Contudo, aquele que se desvirtuar do caminho indicado por Deus será castigado, sendo que tudo isso ocorre como se houvesse um livro caixa no qual são lançados os DÉBITOS e os CRÉDITOS, para, de tempos em tempos, ser feito o balanço até a chegada do dia do juízo final, quando, então, a contabilidade é fechada em definitivo. Nessa mesma linha de raciocínio, acrescenta Frei Rovílio, para o imigrante, obedecendo à Igreja e freqüentando os sacramentos a salvação estava garantida.

Assim sendo, creditavam às suas falhas morais os castigos atribuídos por Deus, tais como, as secas, as tempestades, enfim as intempéries em geral. Acreditavam na figura de um Deus que puxava os fios do tempo tanto para recompensar como para castigar.

Cruzando o que é dito por Frei Rovílio com os recortes (77c) e (81a), tem-se confirmada a projeção da figura de Deus como um DEUS-JUIZ, pois, se Deus comanda os fios do tempo punindo e recompensando está, de fato, julgando o homem e sentenciando-o de acordo com seu comportamento moral, tal qual um juiz, ao mesmo tempo em que enfatiza a influência da metáfora da MORALIDADE DA FAMÍLIA DO PAI SEVERO na elaboração dos conceitos ligados à RELIGIÃO por parte do imigrante.

Na tentativa de aplacar a Deus, no sentido da natureza, diz Frei Rovílio, o imigrante reunia-se, por exemplo, na época da quaresma, com os vizinhos para rezar o terço. Esse costume de reunirem-se em grupo para rezar pedindo força e proteção para superar as dificuldades é corroborado, por exemplo, no segmento (89) analisado anteriormente.

Outra questão importante revelada pela análise é a forte ligação entre os imigrantes italianos e o padre. De acordo com Frei Rovílio, para o imigrante, ser ou não ser condenado pelo padre representava ser ou não ser condenado pelo próprio Deus. Segundo ele, tratava-se de uma fé cósmica, dependente, capaz de atribuir poderes divinos às pessoas. Assim, desobedecendo ao

padre desobedecia-se à Igreja, desobedecendo ao padre e à Igreja estava se desobedecendo a Deus.

Possivelmente adviria daí a necessidade de sentir-se aprovado pelo padre, bem como de sua visita e assistência. Sendo assim, construir uma capela, uma igreja, representava ter o padre presente e próximo e, por conseguinte, o próprio Deus.

Acreditamos que essas afirmações corroborem o fato de o PADRE e a IGREJA/CAPELA serem projetados, no decorrer das análises, metonimicamente pela figura de DEUS, uma vez que tanto o PADRE como a IGREJA estão pela presença de DEUS.

Com relação ao PADRE LEIGO, que no segmento (16) é referido como um irmão mais velho, Frei Rovílio relata que, em função da falta de padres ministeriais e diante da necessidade de cumprir alguns rituais como, por exemplo, um enterro ou um batizado, ia-se, gradativamente, atribuindo poderes espirituais àquele que tivesse maior destaque na comunidade e que possuísse um livro de reza, soubesse cantar o *De Profundis*, o *Miserere*, chegando muito próximo aos poderes que eram atribuídos aos padres.

O imigrante, de acordo com Frei Rovílio, por meio das orações, buscava aplacar a Deus e, por conseguinte, à natureza. Buscava ficar em dia com Deus, tendo em mente de que se tratava de uma relação de atribuição de poder, levando, dessa maneira, à metáfora da ORDEM MORAL, que é aquela baseada na TEORIA POPULAR DA ORDEM NATURAL. Segundo essa metáfora, o melhor e mais forte tem domínio sobre o mais fraco, exatamente, como o homem entendia sua relação com Deus, o Padre e a Igreja, confirmando o que foi demonstrado no decorrer das análises.

Complementando diz que, para o imigrante italiano, fora da Igreja não havia salvação, ou seja, para aquele que vivesse fora da obediência e da prática religiosa não haveria salvação. Logo, para eles, não havia poder que não viesse de Deus, portanto, obedecendo-lhe estava-se salvo, desobedecendo-lhe, condenado.

As orações, afirma Frei Rovílio, eram extremamente importantes na vida das famílias dos imigrantes italianos. No intuito de ensinar as crianças a rezarem, assim como de lhes passar valores e conhecimento, muitas vezes, as pessoas mais idosas usavam trocadilhos como forma de atrair a atenção das crianças modificando, dessa forma, a oração original. Contudo, conseguiam, ao final das orações, fazer com que as crianças fizessem o sinal da cruz, o que, na verdade, era seu principal objetivo, dando assim o sentido sagrado que é pertinente à oração.

A amostra analisada confirmou a influência das metáforas na construção do entendimento moral do imigrante italiano no que diz respeito a sua relação com a religião, resultado da projeção de suas experiências em outros domínios conceituais.

Relacionando nossos achados à teoria que sustenta este trabalho, acreditamos que alguns dos modelos cognitivos que estruturam a categoria RELIGIÃO sejam os seguintes:

‘Religião é força’ [MODELO CINESTÉSICO]

‘Religião é amor’ [MODELO EMOCIONAL-ESPIRITUAL]

‘Religião é um tesouro’ [MODELO MATERIALISTA]

‘Religião é alimento’ [MODELO FISIOLÓGICO]

‘Religião é luz’ [MODELO ESPIRITUAL]

‘Religião é família’ [MODELO SOCIAL]

Feitas as análises, surgiram alguns elementos novos a serem acrescentados à estrutura radial hipotética inicialmente proposta. Em alguns segmentos, principalmente nos ligados à questão da natureza, surge uma nova projeção metafórica de Deus que é a figura de DEUS-PATRÃO⁷². A idéia de um DEUS QUE É PATRÃO emerge quando no discurso do imigrante italiano Deus é referido como um Senhor, denominação dada aos senhores proprietários das terras na Itália. Essa relação de um DEUS-PATRÃO está ligada à NATUREZA, ou seja, sendo Deus criador da natureza, esta lhe pertence, logo, projetando a experiência do imigrante com relação à figura

⁷² Essa hipótese foi levantada pelo Prof. Dr. José Clemente Pozenato na oportunidade em que se realizou a defesa da proposta de dissertação na banca de qualificação.

do Senhor, dono das terras, para a idéia de a natureza ser propriedade de Deus, tem-se projetado, metaforicamente, a figura de um DEUS-PATRÃO que dispõe da natureza de acordo com seus interesses. Isso pode ser verificado nos recortes (77c) e (81a), ocasião em que, de acordo com o discurso, as matas e plantações eram devastadas, por meio das forças da natureza, segundo a vontade de um Deus vingador, semelhante ao modelo de senhor/patrão que conhecia.

Além disso, outro elemento novo que surge é a forte devoção aos santos e às almas dos mortos. Tanto um como outro atuavam, no imaginário do imigrante, como elos de ligação entre o homem e Deus. Sendo assim, muitos dos rituais litúrgicos eram realizados em sua honra como forma de ter sua intercessão junto a Deus no Céu. Na verdade, essa projeção se dá pelo esquema de imagem LIGAÇÃO, segundo o qual, os santos e as almas intercedem pelo homem junto a Deus, unindo-o a ele.

Partindo-se do pressuposto de que há uma projeção metafórica na qual DEUS É JUIZ, deduz-se que há, em contrapartida, um PECADOR, o qual é julgado de acordo com as leis de Deus e que, ao mesmo tempo, revela a influência do *Sistema da Metáfora Moral*, fato esse confirmado em alguns segmentos do *corpus*, acrescentando, dessa forma, um novo elemento à estrutura radial inicialmente proposta.

Com base no capítulo 1 e tendo em conta alguns segmentos do *corpus* de análise, pode-se concluir que as figuras do Céu e do Inferno também eram questões presentes na relação do imigrante italiano com a religião. Vislumbra-se que, para essa cultura, a questão da delimitação do espaço sagrado, opondo-se ao profano, era primordial, como forma de fundar a terra de que tomava posse, questão essa abordada por Eliade (1992) em seus estudos e comprovada no decorrer da análise empreendida. Assim, CEÚ corresponderia ao espaço sagrado, o Cosmos, e INFERNNO, ao espaço profano, o Caos.

O modelo DEVOÇÃO também se revelou estruturante do conceito de RELIGIÃO. Ao longo das análises, observou-se que boa parte dos rituais realizados eram dedicados aos santos de

devoção, à Virgem Maria e às almas dos mortos, como pode ser visto nos segmentos (6), (37), (45), (66) e (81). Conforme já demonstrado na seção 3.4.3, a devoção era algo tão presente no dia-a-dia das famílias de imigrantes que, metaforicamente, foi projetada como herança de família, um bem a ser herdado e passado de geração em geração. Os santos, as almas dos mortos e a Virgem Maria atuavam como LIGAÇÃO entre o homem e Deus, intercedendo por ele.

FAMÍLIA confirmou-se como um dos principais modelos proposicionais da categoria. Sendo a família a primeira experiência social concreta do homem, essa experiência é projetada, em toda sua estrutura organizacional, para a estrutura conceptual do conceito de RELIGIÃO, que, por sua vez, estrutura muitas das metáforas propostas pelo *Sistema da Metáfora Moral*. Talvez por isso fique mais fácil compreender Deus como Pai, a Igreja e a Virgem Maria como a Mãe, os padres leigos como irmãos mais velhos e toda a humanidade como uma grande família.

Ao aproximarmos o conteúdo do capítulo 1, mediado pela teoria da Semântica Cognitiva, ao *corpus* desse trabalho, vemos desenhada uma linha de percepção e conduta cultural que costura o conceito da categoria RELIGIÃO na região das antigas colônias italianas e, mais do que isso, fica-se diante do fato de que, verdadeiramente, a construção de conceitos, sejam quais forem, mas em especial os abstratos, é produto não só das influências socioculturais, mas corpóreas e também geográficas, ou seja, conceitos são construídos, como diz Lakoff (1987), a partir das experiências sensório-motoras do homem no mundo, sendo que algumas dessas experiências parecem transpassar diferentes culturas pelo viés da corporeidade, o que de forma alguma pode ser confundido com determinismo biológico.

Com relação à polissemia, sabe-se que a categoria RELIGIÃO se caracteriza por ser polissêmica, visto que é compreendida por modelos cognitivos e culturais diferenciados. Organiza-se de tal forma que a compreensão que se constrói é baseada por diferentes modelos, os quais, às vezes, se sobrepõem, ora com predomínio de um, ora de outro, dependendo da situação em questão. Isso ocorre, por exemplo, em nossa análise, quando em um momento a

figura de Deus é projetada como um PAI PROTETOR; já em outro, como um PAI AUTORIDADE; e, em outros momentos ainda as figuras de ambos se sobrepõem, manifestando-se ao mesmo tempo. Como se pôde observar no *corpus* analisado, essa alternância ou sobreposição, muitas vezes, atende às necessidades vividas pelo imigrante italiano a cada momento, ou seja, atende às necessidades daquela comunidade sócio-historicamente situada. Quando da chegada das famílias de imigrantes, a figura de Deus que lhes ocorria era a de um PAI PROTETOR, o qual os socorreria e daria forças para superar as dificuldades encontradas. Isso pode ser visto, por exemplo, nos segmentos (16), (51) e (63). Mais adiante, observa-se um imigrante com algumas preocupações mais pontuais, tais como: conquistar a terra, ter saúde para trabalhá-la e salvar sua alma, pois, para ele, de nada adiantavam as conquistas terrenas se não houvesse a garantia da vida eterna, como se pode ver no segmento (17). A partir de então, tem-se manifestada, com mais força, a figura do PAI AUTORIDADE. Nesse momento, começa a ficar mais forte a influência do *Sistema da Metáfora Moral* proposta por Lakoff e Johnson (1999), mais especificamente, a influência da metáfora da CONTABILIDADE MORAL, surge, assim, a figura de um DEUS-TODO-PODEROSO, um DEUS-JUIZ, um DEUS-PATRÃO, o qual tem poder sobre a Natureza e sobre as coisas, bem como autoridade para julgar os homens condenando-os ou absolvendo-os. Isso revela a coexistência de modelos contraditórios entre si. Alguns segmentos que corroboram essa afirmação são: (70), (77), (78), (81). A sobreposição das figuras de Deus como PAI PROTETOR e PAI AUTORIDADE pode ser vista, por exemplo, no segmento (79).

Nosso interesse, com essa análise, não é investigar as acepções de lexemas como ‘religião’, ‘religioso’, religiosidade’, tal como são dicionarizados. Não se trata meramente de como o léxico é semantizado, mas sim de como o homem experiencia esses conceitos representados por modelos proposicionais e constrói sua significação. Nesse caso, o modelo que se revelou mais apropriado para se trabalhar com a polissemia foi o modelo proposicional radial pela TMCI.

A Semântica Cognitiva, teoria que sustenta este trabalho, tem seus estudos focados nas estruturas conceituais; logo, há diferenças entre a polissemia lexical e a polissemia produto do estudo de modelos cognitivos e culturais.

Dessa forma, o conceito de RELIGIÃO construído a partir de uma estrutura radial, permite que se possa projetar, por extensões metafóricas, metonímicas e por esquemas de imagens, muitos dos modelos e submodelos que o constituem, revelando como os significados se expandem, ao mesmo tempo em que possibilita que outras extensões sejam agregadas à estrutura. Além disso, reforça a idéia de que modelos cognitivos são culturais, ou seja, representam as experiências do homem no mundo, não só individualmente, mas também como produto de suas experiências sociais e culturais.

CONCLUSÃO

A investigação que norteou esta dissertação objetivou reconstruir os modelos cognitivo-culturais que estruturam a categoria conceitual RELIGIÃO. Para tanto, no primeiro capítulo, buscou-se fazer uma revisão de literatura relativa à questão da religião, a partir de variados pontos de vista, a fim de se ter um panorama ampliado dessa que é uma das questões mais relevantes no quadro de formação das culturas.

Como fundamentação teórica, no capítulo 2, apresentamos a Semântica Cognitiva, com base na Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, de George Lakoff e outros estudos desse autor em co-autoria com Mark Johnson, acrescentando-se outros autores de referência tanto em Semântica Cognitiva como em Antropologia Cognitiva.

Dessa forma, buscou-se demonstrar, através do roteiro eleito para a consecução do objetivo estabelecido, de que maneira essa semântica trata da construção de conceitos, mais precisamente da construção de conceitos abstratos, como é o caso da categoria RELIGIÃO. Do nosso ponto de vista, o diferencial dessa teoria reside no fato de levar em consideração a experiência corpórea, social, histórica e cultural do homem para essa construção, ou seja, para essa teoria, é a partir de experiências concretas do homem que são estabelecidas as significações.

Finalmente, no terceiro capítulo, focalizamos questões concernentes à metodologia empregada, formação, categorização e análise do *corpus*. Orientando a investigação, apresentamos a estrutura radial hipotética preliminar, construída a partir de elementos do *corpus* e sua respectiva análise inspeccional. Realizadas as análises, fomos levados à reestruturação dessa estrutura radial a qual é apresentada no final no capítulo.

Uma questão relevante neste trabalho diz respeito à construção do *corpus* de análise. Fazemos tal referência, pois se trata de uma análise qualitativa, o que nos direcionou na busca de material que se mostrasse consistente para a análise a ser empreendida. Contudo, trata-se de um material garimpado obra a obra, ou seja, para que se chegasse à composição atual, foi necessário que cada obra referida fosse lida em sua totalidade, para, a partir de então, poder selecionar, depreender e categorizar o que seria relevante.

Aliado a isso, há que ser considerada a questão do tempo para a realização de uma dissertação o que, de certa forma, limita o potencial de exploração do *corpus*.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, na qual o *corpus* foi construído a partir de fontes documentais, o que, como já referimos anteriormente, inviabiliza que se tenha acesso direto aos informantes, acreditamos apropriado realizar algumas entrevistas com estudiosos da imigração italiana, mais exatamente com aqueles que direcionaram seus estudos para a questão específica da religião na imigração. A idéia, ao realizarmos essas entrevistas, era poder criar um sistema de triangulação de dados com as análises realizadas. Além disso, outras obras pesquisadas, mas que não compuseram o *corpus* diretamente, também serviram como orientação durante esse percurso investigativo.

Partindo do princípio de que para a Semântica Cognitiva a estruturação dos conceitos se dá pela experiência corporal e social do homem, passando por estudos culturalmente situados, acreditamos poder criar um quadro no qual se pode tentar estudar e compreender outros conceitos abstratos de igual complexidade.

Finalizando esta dissertação, consideramos pertinente uma revisão de Costa (1990), autor que foi também um de nossos entrevistados, mas cuja obra não foi selecionada para constituição do *corpus* pelo seu caráter genérico, bem como por referir algumas das obras que constituem nossas fontes documentais e bibliográficas. Em seguida, apresentamos algumas

considerações de Ribeiro e Pozenato (2001) relacionando essas idéias a elementos tratados na dissertação.

De acordo com Costa, os imigrantes italianos que chegaram às antigas colônias italianas eram provenientes, em sua maioria, da região do Vêneto, Lombardia, Trentino e Friuli e eram maciçamente católicos. Traziam na bagagem o sonho de conquistar um pedaço de terra e de encontrar a prosperidade para toda a família. Contudo, de acordo com o autor:

Seria frustrado o trabalho, a conquista econômica, o sucesso familiar e social, se não ocorresse, também, a salvação, preocupação da maior parte das famílias, porque católicas praticantes. A preocupação pela salvação é comprovada pela preocupação que as comunidades tiveram no atendimento às “necessidades religiosas”. Chamar o padre quando alguém estivesse em perigo de vida, era mais importante que chamar o médico. Saúde e salvação se equivalem como valores – aquele para o progresso material e este, para o sucesso espiritual do destino cristão. (1990, p. 532).

Para eles, afirma Costa, a religião era vista sob o prisma da vantagem e da utilidade. Além disso, ter saúde significava poder usufruir as vantagens da vida no presente, assim como ter sucesso no trabalho.

Dentre os principais elementos de expressão religiosa, o autor destaca a oração às almas do purgatório, rezavam constantemente por elas, tudo isso em decorrência de sua preocupação com a idéia da ressurreição da alma e com a possibilidade do julgamento que determinaria o céu ou o inferno como destino.

A devoção familiar mais presente entre os descendentes de italianos era a devoção mariana. A reza do terço, que é um costume trazido da Itália, especialmente da região do Vêneto, era o indicador das famílias constituídas de bons cristãos, sendo a oração central das famílias e da comunidade. Como forma de confirmar esse costume, Costa apresenta uma passagem de Pietro Marcon que, em entrevista publicada em *Assim vivem os italianos* (1982, p. 175 1v.), diz:

Quási tute le familie disea sú el rosário. L'era na cosa sagrada. A messa era solo per forza maior, de male, sol per male, sinó no se mancava mai, a la domênega... Qüesto in Itália. Quá in San Marco nó, cada mese vegneva el prete dir la messa, sino se ndava tute le domêneghe al rosário... (p. 533).⁷³

Para o imigrante e seus descendentes, diz o autor, a devoção mariana era uma devoção doméstica que fazia parte do seu dia-a-dia e, em fazendo parte de seu cotidiano, tal devoção não era vista como algo extraordinário, isso porque o conceito de Maria estava dentro do conceito de mãe, de uma presença cotidiana. Essa relação com Maria, entendida como mãe, justificaria o fato de não propô-la, naquela época, como padroeira de capelas e comunidades. A referência que é feita a Maria, nesse caso, remete ao modelo considerado pela TMCI como sendo o modelo prototípico de mãe.

Segundo Costa, o imigrante vivia a religião como uma forma de religiosidade popular, idéia muito próxima daquela que o levou a imigrar. Dessa forma, a religião passou a ser vista e entendida pelo prisma da utilidade. Enquanto a ciência busca consistência e coerência para justificar as ações humanas, a religiosidade popular busca soluções práticas que possam resolver situações de necessidades imediatas. Para a religiosidade popular, não há nada que Deus não possa resolver. Por isso, quando as comunidades buscavam escolher um patrono a primeira pergunta que faziam era a seguinte: “*Ma sto santo sérvelo par che?*” “*Saralo um santo forte?*”⁷⁴

O imigrante italiano e seus descendentes tinham o seu pensar e o seu proceder norteados por três prismas diferentes. O primeiro que atribuía poderes divinos à natureza; o segundo que atribuía poderes absolutos a Deus; e o terceiro que atribuía poderes a Deus, aos santos e à Virgem Maria.

Costa (1990) destaca que tanto a catequese, quanto a pastoral, fazia uso da dependência religiosa do homem para conseguirem obediência e submissão às normas da religião. Alguns pregadores, segundo o autor, tiravam proveito de calamidades, tais como secas, enchentes e

⁷³ **Tradução:** Quase todas as famílias rezavam o terço. Era coisa sagrada. A missa, no domingo, só se faltava por força maior ou por doença... Isto na Itália. Aqui em São Marcos, o padre vinha cada mês, senão ia-se todos os domingos ao terço.

⁷⁴ **Tradução:** “Mas este santo serve para quê?” “Será um santo forte?”

pragas para acusar os que não freqüentavam a igreja, bem como os blasfemadores como responsáveis pelos castigos de Deus. Logo, para esses pregadores: “Deus se serve das forças da natureza para agir contra o homem infiel.” (COSTA, 1990, p.536), como um PATRÃO que repreende e pune seus empregados por não trabalharem de acordo com o esperado.

O autor revela que a mesma atribuição dada a Deus era dada a seus representantes. É o caso do padre que, fazendo uso do poder divino que lhe é atribuído, torna-se capaz de amaldiçoar ou abençoar, condenar ou salvar, fato esse confirmado em vários segmentos analisados, tais como: (68), (71), (78) e (80). Costa lembra, ainda, que não foram poucos os padres que naquela época tiraram proveito dessa fragilidade do povo imigrante.

Diferentemente do poder atribuído a Deus e a seus representantes, à Virgem Maria é atribuído o poder de mãe que, como dizem, “*não manda nada, mas de fato decide tudo*”. (COSTA, 1990, p.536). Acreditavam que ser amaldiçoado pela mãe, representava ser infeliz pelo resto da vida, logo, ofender a Maria representava o mesmo que ofender a própria mãe.

Para Costa, a idéia de Maria como fonte de salvação está associada ao fato de que entre os descendentes de italianos havia uma expressão corrente que dizia: “*La mama lê sempre mama*”. Logo, se é sempre mãe, é diferente das outras mães, ou seja, é a mãe que protege e salva tanto na vida presente, como na vida futura. Na vida presente protege para salvar da morte e dos perigos; na vida futura protege da condenação de Deus.

Devido à grande devoção a Maria, muitas são as orações que passaram de geração em geração criadas pela devoção popular mariana e que venceram até mesmo à catequese e à generalização da língua portuguesa.

A grande quantidade de orações à Maria justifica a crença no poder mariano de proteção e salvação, diz Costa. Trata-se de uma devoção familiar, como já foi dito anteriormente, sempre referida na hora de deitar, ao levantar, quando do toque do *Angelus* e, principalmente, no momento da principal oração familiar, à noite, que era a hora da reza do terço.

Nesse texto, Costa revela a presença especial que Maria teve no início da imigração italiana, como a figura da mãe protetora e salvadora. Essa devoção revelou-se em costumes como: a reza do terço, devoção ao escapulário, devoção das três Ave-Marias, devoção do sábado, além da grande produção literária popular de orações dedicadas a ela.

Costa apresenta, também, um estudo onde sugere alguns indicadores da visão teológico-pastoral, produto da ação de sacerdotes italianos ou não. Esta visão é mostrada por meio de memórias, escritos e correspondências de alguns sacerdotes que detinham certa influência na organização pastoral nas colônias italianas. Assim, diz Costa (1996): “A população-alvo é a imigração italiana agrícola, que fazia parte dos objetivos da colonização e que, por sua organização em torno de capitéis e capelas, foi estruturando uma forma própria de organização religiosa-social.” (p.497).

No início, as comunidades de capelas eram, primeiramente, de caráter religioso, só mais tarde é que adquiriram um cunho social. Dessa forma, exerciam poder de controle social, no que diz respeito a quem pertencia ou não à capela, assim como mantinham controle de quem praticava ou não. Nesses primeiros tempos, a capela serviu como lugar de encontro para as celebrações religiosas como, por exemplo, cerimônias fúnebres, reza do terço aos domingos e catequese preparatória para a primeira comunhão. O autor destaca que a não participação na organização das capelas por parte de alguns não se devia à rejeição à proposta religiosa, mas sim à pobreza.

Outro ponto importante levantado por Costa é o que segue:

A grande inovação das comunidades de imigrantes italianos, nas colônias, é a de se terem organizado praticamente desde a chegada dos imigrantes, possibilitando logo um relacionamento direto do imigrante com a igreja institucional, com a ortodoxia religiosa, com os sacerdotes, o que não acontecia, de modo geral, com as populações já estabelecidas, a não ser as alemãs, que, por sua divisão entre evangélicos e católicos, aprimoraram também a organização em comunidades (1990, p.498).

Costa (1996) afirma que o catolicismo do italiano era diferente do praticado pelo brasileiro. Para o brasileiro o catolicismo era leigo e não requeria a presença de um sacerdote,

este só era solicitado em casos de batismos ou casamentos, que tinham efeito civil. Era um catolicismo menos voltado aos sacramentos. Já, para o italiano, o catolicismo era entendido e vivido de forma diferente. Para ele, a prática de sua religião estava centrada na Missa, na confissão e na comunhão. O conceito de religião, para eles, estava diretamente ligado ao templo e ao sacerdote. E, como diz o autor: “Onde houvesse sacerdote e igreja, o italiano era praticante. E onde não houvesse sacerdote e igreja, ele acabava, normalmente, esquecendo seus deveres para com Deus e sua vida cristã definhava, caindo quase na indiferença religiosa.” (1990, p.502).

Talvez esteja justificada aí, a nosso ver, a necessidade premente do imigrante de, tão logo chegar às novas terras, providenciar a construção de uma capela, manter a reza do terço em família, rezar para os santos, pois, nas condições em que se encontravam, sem esperança em Deus e em sua infinita bondade, não restariam forças para enfrentar tamanhas dificuldades.

Outra questão interessante a ser considerada, refere-se ao que diz o autor com relação à falta de interesse do clero brasileiro tradicional em suprir a falta de sacerdotes nessa região. Segundo ele, além de o clero brasileiro ser escasso, não nutria o menor interesse pelo catolicismo do imigrante que era fundamentalmente sacramental. Assim, para atendê-los era necessário que se tomassem medidas especiais. Pode-se inferir que, quando é feita referência a um “catolicismo sacramental”, estejam implícitos RITUAIS, modelo cognitivo-cultural que acreditamos ter se confirmado como o mais prototípico da categoria.

O autor destaca que tanto o sacerdote como o imigrante tinham clara a necessidade da confissão e da comunhão como garantida de salvação, ou seja, de nada adiantaria, para o imigrante, conquistar terras sem que tivesse saúde para trabalhá-las, da mesma forma que de nada adiantaria conquistar o progresso material, sem ter a convicção da salvação da própria alma. Logo, saúde e salvação equivaliam-se em valor, fazendo uma alusão ao *Sistema da Metáfora Moral*, mais exatamente à metáfora da CONTABILIDADE MORAL.

As comunidades de capelas, diz o autor, organizaram-se pelo sistema de distribuição de terras em pequenas propriedades o que favoreceu o contato entre o colono e o padre. Com relação ao sistema de colonização, citamos o que disse Frei Bruno de Gillonnay (1976), Diretor da Missão dos Capuchinhos Franceses no Rio Grande do Sul, a Dom Giovanni Battista Scalabrini:

O italiano do Rio Grande não está exposto a este perigo. Sente-se livre em seu pequeno domínio e não esperando nada a não ser do vigor de seus braços e da proteção de seu Deus, ele conserva uma certa independência de idéias e uma certa nobreza de caráter que o constituem verdadeiramente homem e cidadão. Que o rico e o sábio digam ou pensem o que lhes aprouber, o pobre colono pensa e acredita naquilo que acredita seus pais. (p. 245).

Dentro da perspectiva de triangulação de dados, aproximamos a obra de Ribeiro e Pozenato (2001), na qual é abordado o processo de reconstrução da identidade das comunidades instaladas às margens do Rio Pelotas, decorrente da construção da Usina Hidrelétrica de Machadinho, assim como é demonstrado alguns de seus costumes religiosos e que, em alguns aspectos, reitera determinadas considerações por nós apresentadas.

Segundo os autores, essa região é marcada pela existência de dois aspectos distintos de religiosidade. Um deles de vinculação eclesiástica, comum entre as comunidades de origem italiana, alemã, polonesa, luso-brasileira; e outro fundamentado em raízes populares. Esse tipo de religião seria produto da influência dos bandeirantes paulistas aos tropeiros e teria por característica ser uma religião mais ritualística que doutrinária, reflexo da ausência do clero, revelando-se uma religião mais de tradição do que produto da ação direta da Igreja.

Tal descrição, de uma religião ritualística carente de assistência religiosa, guarda semelhanças com a cultura da imigração italiana na região das antigas colônias italianas que, no princípio, manteve sua fé através da manutenção dos sacramentos, materializados sob a forma de rituais. Ao mesmo tempo, intensifica o que é dito por Burkert (1996), no capítulo 1, quando afirma que o comportamento ritualístico revela a semelhança dos fenômenos religiosos nas diferentes culturas.

Os autores, relendo Di Nola, observam que na maioria das grandes religiões o conceito de santidade se faz presente, estabelecendo uma relação com o Divino, podendo reverter em efeitos de purificação. E a isso acrescentam: “Na verdade, o que caracteriza o santo é que, depois de ter adquirido o domínio sobre a natureza em si e à sua volta, ele põe o seu poder a serviço dos homens. Na cultura popular, esse poder de intermediação significa um poder de intervenção nos assuntos dos homens.” (p.243).

Essa dissertação procurou, dentro de uma análise cultural regional, investir em uma teoria em desenvolvimento, mas que, a nosso ver, pode ser apropriadamente aplicada a outros estudos que busquem compreender melhor uma cultura por meio de manifestações lingüísticas. A Semântica Cognitiva, aplicada a esse estudo, provou que os estudos lingüísticos estão fortemente ligados a características da cognição humana. Daí nosso interesse em verificar, empiricamente, de que maneira uma cultura constrói seus conceitos, principalmente quando se tratam de conceitos que envolvem toda sua estrutura sociocultural.

Em nosso trajeto de aperfeiçoamento intelectual, tomou-se conhecimento desse domínio de estudos ao longo da produção desta dissertação, representando um investimento significativo de tempo e esforço pessoal sob uma disciplinada orientação.

A tentativa de reconstruir os modelos cognitivo-culturais que organizam o conceito de RELIGIÃO revelou que esses modelos são produtos das experiências do homem em outros domínios, chamados domínios-fonte, os quais são projetados para um domínio-alvo, carregando alguns traços de suas significações e que, por mapeamentos metafóricos e metonímicos levam a compreensão desse novo domínio. Dentre os domínios-fonte mais importantes, vimos que a família e a experiência moral do homem são as que têm maior impacto sobre a categoria RELIGIÃO razão pela qual acreditamos que a teoria do *Sistema da Metáfora Moral*, proposta por Lakoff e Johnson (1999), seja a que melhor represente o poder das metáforas conceituais no domínio da religiosidade.

Entendemos que esse estudo é apenas um ponto de partida, a partir do qual outros poderão advir corroborando, refutando ou ampliando nossas hipóteses, mas acreditamos que, ao explorarmos mais detalhadamente a hipótese do modelo proposicional radial para a análise de categorias complexas, tenhamos aberto uma porta para que outros estudos nesse sentido sejam empreendidos. Tal é a proposta da pesquisa *Modelos Culturais II*, com nossa colaboração, que o está expandindo para as categorias TRABALHO, FAMÍLIA E PROPRIEDADE. Sendo assim, nossa dissertação encontra-se estreitamente vinculada a essa linha de pesquisa do Programa de Mestrado em Letras e Cultura Regional.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, John R. **The architecture of cognition**. Cambridge, MA, and London, UK: Harvard University Press.

AZEVEDO, Thales de. **Os italianos no Rio Grande do Sul**: cadernos de pesquisa. Caxias do Sul: Educus, 1994.

BAKHTIN, Michail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, [1979], 2003.

BAREA, D. José. Traduzido por Mário Gardelin e Rovílio Costa. **A vida espiritual nas colônias italianas do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Edições Est, 1995. Tradução de: La vita spirituale nelle Colonie Italiane dello Statto.

BATTISTEL, Arlindo I. **Colônia italiana**: religião e costumes. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.

BATTISTEL, Arlindo I.; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos**: vida, história, cantos, comidas e estórias. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes e Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1982. 1v.

BATTISTEL, Arlindo I.; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos**: religião, música, trabalho e lazer. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes e Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1982. 2v.

BATTISTEL, Arlindo I.; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos**: a vida italiana em fotografia. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes e Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1982. 3v.

BAUER, W. Martin; GASKELL, George (eds.). **Pesquisa qualitativa com texto**: imagem e som: um manual prático. Traduzido por: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. Tradução de: Qualitative researching with text, image and sound.

BAUER, W. Martin; GASKELL, George; ALLUM, C. Nicholas. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento. In. BAUER, W. Martin; GASKELL, George (eds.). **Pesquisa qualitativa com texto**: imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAUER, W. Martin; AARTS, Bas. A construção do *corpus*: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In. BAUER, W. Martin; GASKELL, George (eds.). **Pesquisa qualitativa com texto**: imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAUER, W. Martin. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In. BAUER, W. Martin; GASKELL, George (eds.). **Pesquisa qualitativa com texto**: imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Edição Pastoral. Tradução de Ivo Storniolo; Euclides Martins Balancin; José Luiz Gonzaga de Prado. São Paulo: Paulus, 1990.

BRANDALISE, Ernesto. **Paróquia Santa Teresa: cem anos de fé e história 1884-1984**. Caxias do Sul: Educ, 1985.

BRÉAL, Michel. **Ensaio de semântica: ciência das significações**. São Paulo: Educ, 1992.

BRUSTOLIN, Leomar. **O imigrante italiano e a religião**. Caxias do Sul, 31 mar. 2006. Entrevista concedida a Carina Maria Niederauer Granzotto.

BURKERT, Walter. **A criação do sagrado: vestígios biológicos nas antigas religiões**. Traduzido por Vitor Silva. Edições 70: Lisboa/ Portugal, 1996. Tradução de: Creation of the sacred.

CASSIRER, Ernest. **Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana**. São Paulo: Martins Fontes, [1944], 2001.

COSTA, Rovílio. Culto a Maria entre os descendentes italianos do Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luis A. (org.) **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, p. 531-553. 2v.

COSTA, Rovílio. A igreja no início das colônias italianas. In: DE BONI, Luis A. (org.). **A presença italiana do Brasil**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996, p.497-522. 3v.

COSTA, Rovílio. **O imigrante italiano e a religião**. Porto Alegre, 13 jan. 2006. Entrevista concedida a Carina Maria Niederauer Granzotto.

D'ANDRADE, Roy. Schemas and motivation In: D'ANDRADE, Roy; STRAUSS, Claudia. **Human motives and cultural models**. Cambridge University Press, 1992.

D'APREMONT, Bernardin; GILLONNAY, Bruno. **Comunidades indígenas, brasileiras, polonesas e italianas no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1976.

DE BONI, Luis A. **La Mérica: escritos dos primeiros imigrantes italianos**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1977.

DE BONI, Luis A. O catolicismo da imigração: do triunfo à crise. In: LANDO, Aldair Marli (et al.) (org.) **RS: imigração & colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

DEANE, Paul D. Polysemy and cognition. **Língua**. North-Holland: Elsevier Science Publishers n 4, Aug. 1988. p. 325-61.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Traduzido por: Paulo Neves: São Paulo: Martins Fontes, [1912], 1996. Tradução de: Les formes élémentaires de la vie religieuse.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Traduzido por: Rogério Fernandes São Paulo: Martins Fontes, [1957], 1992. Tradução de: Le sacré et le profane.

FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. A Semântica Cognitiva Prototípica de George Lakoff. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, n. 3, 1992a. 27v.

FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. **A teoria dos modelos idealizados de George Lakoff**: um projeto experiencialista para a semântica do conceito. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1992b.

FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes (Org.). **Produção de sentido**: estudos transdisciplinares. São Paulo: Annablume, Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: Educs, 2003. 1v.

FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes, George Lakoff's Theory of Cognitive Models: a metatheoretical and methodological assessment based on an analysis of abstract concepts (W-C-PF). In: SILVA, Augusto Soares da; TORRES, Amadeu; GONÇALVES Miguel (eds.). **Linguagem, Cultura e Cognição**: Estudos de Linguística Cognitiva. Coimbra: Almedina 2004a. 2v.

FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. Pesquisa histórico-cultural: uma proposta de análise discursiva. **Revista Métiis**: história e cultura, n. 5, jan.jun. 2004b. p. 237-50. 3v.

FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. **Semântica Cognitiva**: ilhas, pontes e teias. Porto Alegre: Edipucrs; São Paulo: Annablume, 2007.

FILLMORE, Charles J. Frame semantics. In: Linguistic Society of Korea (eds.). **Linguistics in the morning calm**. Seoul: Hanshin, 1982. p. 111-137.

FROSI, Vitalina M.; MIORANZA, Ciro. **Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul**: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira. Porto Alegre: Editora Movimento, 1975.

FOCHESATTO, Iloni. **Descrição do culto aos mortos entre descendentes italianos no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1977.

GARDELIN, Mário. **O imigrante italiano e a religião**. Caxias do Sul, 31 out. 2005. Entrevista concedida a Carina Maria Niederauer Granzotto.

GASKELL, George; BAUER, Martin W. In: BAUER, W. Martin; GASKELL, George (eds.) **Pesquisa qualitativa com texto**: imagem e som: uma manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GEERAERTS, Dirk. Introduction: prospects and problems of prototype theory. **Linguistics**. n.4, 1989. 27v.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.S., 1989.

JOHNSON, Mark. **The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason.** Chicago: University of Chicago Press, 1987.

KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor in culture: universality and variation.** New York: Cambridge University Press, 2005.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by.** Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind.** Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George. Cognitive semantics. In: ECO, U.; SANTAMBROGIO, M.; VIOLI, P. (eds.) **Meaning and mental representations.** Indianapolis: Indiana University Press, 1988. p. 119-154.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought.** New York: Basic Books, 1999.

LIBÂNIO, João Batista. **Fé.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

LORENZONI, Júlio. **Memórias de um imigrante italiano.** Porto Alegre: Sulina, 1975.

MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais.** Porto Alegre: Grafosul, 1975.

McCAULEY, R. The role of theories in a theory of concepts. In: NEISSER, Ulric (ed.) **Concepts and conceptual development: ecological and intellectual factors in categorization.** New York: Cambridge University Press, 1987. p. 288-308. MERVIS, Carolyn B.; ROSCH, Eleanor. Categorização of natural objects. **Annual review of psychology.** n.32, 1981, p.89-115.

MONDIN, Battista. **O homem: quem é ele? : elementos de antropologia filosófica.** São Paulo: Paulus, [1977], 2003.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Campinas: Ed. Unicamp, 1988.

POZENATO, José Clemente. **Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural.** Caxias do Sul: Educs, 2003.

QUINN, Naomi. Pesquisa on shared task solutions. In: STRAUSS, Claudia; QUINN, Naomi. **A cognitive theory of cultural meanings.** Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio; Pozenato, José Clemente (orgs.). **Caminhos e passos: aspectos históricos e culturais da área da usina hidrelétrica Machadinho.** Caxias do Sul: Educs, 2001. p. 231-47.

ROSCH, Eleanor. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: MORE, T.E. **Cognitive development and acquisition of language.** New York, Academic Press, 1973, p.111-44.

ROSCH, Eleanor. Cognitive reference points. **Cognitive psychology.** n.7, 1975a, p.532-47.

ROSCH, Eleanor. Cognitive representation of semantic categories. **Journal of Experimental Psychology: General**, 104, 1975b, p.192-233.

SCHANK, Roger C.; ABELSON, R. **Scripts, plans, and understanding**. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates, 1977.

SILVA, Augusto Soares da. **O mundo dos sentidos em Português: polissemia, semântica e cognição**. Coimbra: Almedina, 2006.

STRAUSS, Claudia; QUINN, Naomi. **A cognitive theory of cultural meaning**. New York: Cambridge University Press, 1997.

ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tratado lógico-filosófico/ Investigações filosóficas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, [1945], 1987.

ZAGONEL, Carlos Albino. **Igreja e imigração italiana: os capuchinhos de Sabóia e seu contributo à Igreja do Rio Grande do Sul (1895-1915)**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1975.

ANEXOS

ANEXO A - *CORPUS*

CATEGORIA 1	
LIVROS DE HISTÓRIA SOBRE A IMIGRAÇÃO ITALIANA que focalizam a questão da RELIGIÃO	
AUTOR	QUANTIDADE FRAGMENTOS
Arlindo Battistel	22
Dom José Barea	10
Ernesto Brandalise	4
Luis Antonio De Boni	4
Olívio Manfroi	7
Carlos Zagonel	18
Bernardin D'Apremont	4

CATEGORIA 2	
LIVROS SOBRE HISTÓRIAS DE FAMÍLIA/MEMÓRIAS	
AUTOR	QUANTIDADE FRAGMENTOS
Julio Lorenzoni	14
Luis Antonio De Boni	3

CATEGORIA 3	
RECORTES DE PESQUISA HISTORIOGRÁFICA E SOCIOLOGICA COM ENTREVISTAS	
AUTOR	QUANTIDADE FRAGMENTOS
Thales de Azevedo	31

CATEGORIA 4	
PESQUISA ANTROPOLÓGICA – UM ESTUDO DE CASO	
AUTOR	QUANTIDADE FRAGMENTOS
Arlindo Battistel v.1	10
Arlindo Battistel v.2	9
Arlindo Battistel v.3	2

Diagrama 1 – Categorias de fontes documentais

CATEGORIA 1 – LIVROS DE HISTÓRIA SOBRE A IMIGRAÇÃO ITALIANA que focalizam a questão da RELIGIÃO

(1)

BATTISTEL, Arlindo. <i>Colônia italiana: religião e costumes</i> . Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.

AMOSTRA

“[...]

“[...] “Os imigrantes italianos tinham boa formação cristã, expressa pelas práticas religiosas e pela fé viva. Em cada comunidade, o padre gozava de particular estima. Era tratado como representante de Deus. A hierarquia era sagrada. O povo era profundamente devoto. Diz-nos a imigrante Amália Antonello Paliossa que, ao trabalhar na tecelagem de fios de seda, rezavam o terço e várias outras orações durante o trabalho. Voltando para casa, à noite, rezavam outro terço em família. Nem o espírito racionalista, nem o espírito carbonário haviam atingido significativamente a região de procedência da maioria de nossos imigrantes, que trouxeram para o Rio Grande do Sul a tradição religiosa com suas práticas próprias” (p. 18). [C1, AB, S1]

“A oração faz parte do programa familiar e pessoal dos imigrantes italianos e de seus descendentes” (p. 21). [C1, AB, S2]

“Manuel Rigatti rezava todas as manhãs o Creio, os Atos de Fé, Esperança e Caridade... e por serem longas as orações, e não perder tempo de serviço, ele as rezava enquanto tratava os animais (porcos, vacas, bois...)” (p. 21). [C1, AB, S3]

“Josefa Bodini Aresi acordava as crianças, pedia para que se ajoelhassem diante de Santo Antônio e de Nossa Senhora e rezavam: “Vi adoro, mio Dio, vi amo com tuto el mio core...”_(Ela não pode mais lembrar toda a oração, pois fazia muitos anos que não a rezava mais em italiano). Essa oração era rezada ao pé da cama, pois os quartos, antigamente, estavam cheios de quadros e imagens de santos” (p. 21-22). [C1, AB, S4]

“A oração da noite: o Terço [Subtítulo]

“Nos primórdios da imigração, todas as famílias rezavam o Terço, à noite. Era rezado da mesma forma em todas as famílias. As orações antes e depois do terço variavam. A família do Albino Bolzan (Ibiraiaras), costumava rezar antes do Terço o Ato de Fé, Esperança e Caridade; só depois começava o Terço. As famílias de Domingos Battistel e de Agenor Boareto (Nova Prata) começavam com o Creio. Após o Terço, cada família e cada comunidade rezavam por intenções especiais. As devoções mais comuns eram as seguintes: um Pai Nosso, uma Ave-Maria e um Glória ao Pai, ao padroeiro da capela. Uma oração às almas do purgatório. Oração à Nossa Senhora, a Santo Antônio e, no fim, o Bendito Seja Deus. Várias intenções eram intercaladas, tais como: Oração a São Paulo, para pedir a proteção contra picadas de cobras; a Santa Bárbara, para pedir a proteção contra as intempéries; oração pelas vocações, a São Brás, a Santo Antônio Abade, a Santa Ana...” (p. 22). [C1, AB, S5]

“Oração para os falecidos [Subtítulo]

“As famílias dos imigrantes rezavam constantemente e visitavam, com frequência, os túmulos dos falecidos para rezar. Acreditavam piamente na ressurreição da alma logo após a morte corporal, no Purgatório, no Céu, no Inferno. Tinham grande devoção às almas, especialmente as mais abandonadas

e a consciência viva da Comunhão dos Santos. A pessoa falecida não desaparecia da família, porque sua memória, seus conselhos, palavras e exemplos continuavam na tradição familiar. Acreditavam também que, por vontade divina, os mortos podiam aparecer, sobretudo se eles tinham feito alguma promessa em vida, que ainda não fora cumprida. O tema de aparições de mortos era muito explorado em histórias narradas em filós. Vários contos e histórias gravadas confirmam esse temor em relação às pessoas falecidas. ‘Quando moro, vegno ciaparte pa e gambe’, isto é, ‘quando eu morrer, virei pegar-te pelas pernas’. Esta expressão era comum entre as pessoas de idade. Quando falasse a pessoa que proferia tal expressão com certo grau de indignação deixava o ouvinte com medo [...]” (p. 24). [C1, AB, S6]

“Os capitéis e as capelinhas [Subtítulo]

“Surgiram, desde os primórdios da imigração, os capitéis, construídos por esta ou aquela família para pagar uma promessa, agradecer alguma graça ou para pedir proteção; às vezes, eram construídos por um grupo de famílias ou pela própria sociedade. Nos capitéis se faziam as novenas, tríduos, rezava-se o Terço semanalmente, fazia-se a festa do padroeiro. Muitos capitéis se transformaram, mais tarde, em capelas. Por volta de 1940, começou a generalizar-se a devoção a Nossa Senhora, através de capelinhas domiciliares. Varias famílias adquirem uma estátua de Nossa Senhora de Fátima, de Lourdes, das Graças, de Aparecida. Colocam-na em nicho portátil, fazendo-o rodar de uma a outra família, permanecendo, em cada uma, um ou vários dias. A chegada da capelinha ocasionava um encontro de oração entre duas famílias. Há orações apropriadas à visita de capelinhas, mas a mais constante é a reza do Terço.[...]” (p. 26). [C1, AB, S7]

“Sem dúvida, hoje ainda o maior documento da religiosidade e fé dos imigrantes italianos são as capelas. Além de expressarem a fé, atestam sempre o início de comunidades. Os colonos ao se instalarem em suas terras imediatamente providenciavam um lugar para rezar em comum [...]” (p. 38). [C1, AB, S8]

“[...] “A localização da Igreja e o santo padroeiro foi, em muitos lugares, causa de desavenças, discussões e brigas. Entre outros depoimentos destaca-se um de Domingos Battistel” (p. 38). [C1, AB, S9]

“Os imigrantes chegavam nos seus devidos lugares, faziam o seu ranchinho. A primeira coisa que faziam era a igreja, o dobro mais bonita e maior do que suas casas. Na linha 6ª de Nova Prata, numa distância de 4 quilômetros, havia três igrejas. Uma de Santo Antônio, na colônia nº. 37. Aquela de Nossa Senhora da Saúde, na colônia nº. 40 e a terceira, de Santo Antônio, na colônia nº. 44. Quando vieram os padres do Bassano e viram três igrejas tão perto assim, exigiram que ficassem somente duas. Então os moradores da colônia nº. 40 queriam que a igreja ficasse onde se encontra, hoje, o cemitério, e os que moravam perto do rio da Prata queriam que a igreja de Santo Antônio fosse a igreja oficial e ficasse onde eles a tinham construído. Fizeram uma briga danada; [...]” (p. 38-39). [C1, AB, S10]

“No início desta pesquisa, foi difícil imaginar a fé viva, profunda e inabalável dos imigrantes quando chegaram no Brasil. Hoje, com a mente secularizada,

sociologizada e crítica, não se entende facilmente a fé simples e firme dos antepassados. Às vezes, os imigrantes e descendentes construíram igrejas bonitas e faustosas, por concorrência entre uma comunidade e outra. Mas não era este o motivo principal. Construíram igrejas grandes e bonitas por achar que assim melhor louvariam a Deus. Era uma homenagem a Deus construir-lhe uma casa digna. Enfim, foi por causa da sua fé viva que construíram tantas igrejas. A mera rivalidade não justificaria o ânimo dos primeiros habitantes a fazerem tantos sacrifícios para construir a sua igreja. Embora poucos os recursos, procuravam o melhor para o culto. ‘Al Signore se ghê dá el meio che se pôl’, a Deus dá-se o melhor possível” (p. 40-41). [C1, AB, S11]

“Quando falecia alguém, tocavam o sino de um modo convencional. Toda a sociedade logo sabia que era aviso de morte. Restava saber quem havia falecido. O sino era tocado não só para avisar ao povo que alguém tinha morrido, mas porque se acreditava que o sino, por ser bento, como que abria as portas do céu ou, então, prenunciava, ‘avisava a Deus’, que uma alma estava subindo ao céu. Acreditava-se, também, que o sino ‘espantava’ o demônio. Nota-se que a fé e o pensamento dos imigrantes era muito abstrato, mas prático e concreto [...]” (p. 43-44). [C1, AB, S12]

“Sagras e festas [Subtítulo]

“Os imigrantes guardavam rigorosamente as festas de preceito do calendário litúrgico. Não trabalhavam nos dias santos. Aproveitavam o dia para ir à missa. Lá, o padre ensinava a vida do santo festejado e, ao chegar em casa, durante o almoço ou após a janta, à noite, o pai contava para a esposa e para os filhos o que o padre dissera na prédica ou nos avisos da missa. Repetia o sermão. Essas histórias estão tão gravadas na memória das pessoas que, nas entrevistas, vários contaram tópicos da vida de santos, ouvidas nas prédicas. [...]” (p. 44). [C1, AB, S13]

“Festa do Corpo de Deus, ‘Corpus Christi’ [Subtítulo]

“É considerada uma festa importante. Realizava-se onde houvesse sacerdotes. Essa devoção é cultivada de maneira especial em Flores da Cunha e Garibaldi, onde as procissões são soleníssimas e ricas de símbolos e sinais. [...]” (p. 58). [C1, AB, S14]

“Outras festas [Subtítulo]

“O calendário litúrgico era rigorosamente observado. No dia do santo, comportavam-se como se fosse domingo. Se o santo fosse o padroeiro, então faziam a festa ou uma cerimônia especial. Cada santo tinha poderes especiais para alcançar determinadas graças e proteger as pessoas; São Roque protegia contra as pestes e epidemias; São Valentim, contra o ataque epilético; Santa Bárbara livrava das intempéries; São Luís Gonzaga protegia os jovens; Santo Antônio era invocado para achar coisas perdidas e para socorro em momentos difíceis; Santa Ana era protetora das mães e das parturientes; São Paulo era defensor contra as picadas de cobras...” (p. 60). [C1, AB, S15]

“O catecismo [Subtítulo]

“[...]”

“Maria Andreola conta que sua mãe sabia ‘todas as orações italianas’ e o catecismo de cor. À noite, enquanto ordenhava as vacas, chamava as crianças ao seu redor e, enquanto tirava leite, ensinava o catecismo. Se as crianças acertassem as respostas, ganhavam leite quente para beber” (p. 61). [C1, AB, S16]

“Ricardo Benincá conta que aprendeu o catecismo de sua irmã mais velha. À noite, ao voltar da roça, punham-se em fila, a irmã mais velha ia na frente, o irmão um pouco mais novo ia bem atrás, por último, e no meio iam os menores. Ela fazia as perguntas e todos os que estavam atrás respondiam. Se alguém não se comportasse direito, ao chegar em casa, a mana mais velha avisava o pai ou a mãe e estes tomavam providências” (p. 61). [C1, AB, S17]

[...]

“Todos aprendiam as verdades da fé e as orações e cada um se empenhava em rezá-las quanto mais vezes, melhor. A oração não era tão valorizada pela criatividade ou pela vida posta na oração, mas era valorizada pela quantidade. Quanto mais se repetiam as orações, mais santo se ficava. [...]” (p. 62). [C1, AB, S18]

“[...] Catequese e vida eram uma coisa só. No catecismo estava a verdade, por isto devia ser aprendida e praticada. Quem fosse fiel iria para o céu. O pecador iria para o inferno eternamente, onde havia fogo e demônios com chifres, rabo, forcados, torturando os condenados. É por isso que ao entrevistar varias pessoas de 80, 90 anos perguntou-se: O senhor ou a senhora tem medo da morte? – ‘Eu não. Eu rezo para que Deus venha buscar-me.’ Quer dizer, eles tem certeza que uma vez cumpridos os deveres cristãos, eles irão para o céu” (p. 63). [C1, AB, S19]

[...]

“[...] Aliás, muitíssimas pessoas idosas não temiam a morte como o dissemos acima. Ângela M. Battistel assistiu a vários agonizantes e ela afirma ter visto morrer ‘santamente’, isto é, com paz e serenidade, a várias pessoas. Essas, diz ela, eram todas pessoas de muita oração e fé profunda. A morte era encarada com mais naturalidade, não tinha a dramaticidade que tem no dia de hoje, isso se devia à fé profunda na Ressurreição. Uma vez que eles tinham feito o bem e cumprido seus deveres, estavam salvos” (p. 67). [C1, AB, S20]

“Presença e atividade do Padre Leigo nas Capelas [Título do capítulo]

[...]

“A Capela foi uma família cujo pai era Deus, a mãe a Virgem Maria e os Padres Leigos eram os irmãos mais velhos, sempre disponíveis à comunidade por convicção própria e decisão pessoal. Prestavam seus serviços gratuitamente, com alegria e cordialidade. Bem no início, quando ainda não havia sacerdotes, apontavam com vigor e esperança para Deus. E apesar dos primeiros anos de penúria, perdidos na solidão da mata, os imigrantes não esqueceram do seu Criador.[...]” (p. 74-75). [C1, AB, S21]

“Os imigrantes e seus descendentes foram pessoas de muita oração. Viviam em contato com a natureza, em comunhão com a família e com os vizinhos. Levavam uma vida simples onde mais facilmente podiam se relacionar com Deus. Uma vez que eles tivessem terra e saúde, só lhes restava a preocupação com a vida eterna [...]” (p. 88). [C1, AB, S22]

(2)

BAREA, D. José. (trad.) Mário Gardelin e Rovílio Costa. **A vida espiritual nas colônias italianas do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Edições Est, 1995.

AMOSTRA

“A vida espiritual nas Colônias Italianas do Rio Grande do Sul: 1925 [Título]

“Mesmo incitando o emigrado a considerar esta nação hospitaleira como sua nova Pátria, a aprender a língua e se integrar em seu organismo nacional, sempre souberam, também, nutrir em seu coração o amor e admiração à Pátria distante” (p. 13). [C1, JB, S1]

“Todos lembramos a santa simplicidade de Dom Cláudio José, que costumava entreter-se com nossos colonos. Parece-nos de ouvir ainda Dom Pimenta quando, ao retornar de nossas colônias, em alocução pública, em Porto Alegre, exclamava: “A fé do italiano é tal de transportar montanhas”. E lá em cima, em Alfredo Chaves em Bento Gonçalves e em tantos outros lugares, ressoa ainda forte o tom das palavras com que Dom João Becker exaltava o progresso, o trabalho, a indústria, o patriotismo, e a fé do povo de origem italiana” (p. 13). [C1, JB, S2]

“O trabalho do sacerdote [Subtítulo]

[...] “Tu compreendes que, depois ter feito do trabalho e da virtude o objetivo de tua vida, toda a tua aspiração, longe das farras do vício e da corrupção, o Senhor te envia este sacerdote para que caminhes à felicidade suprema?” (p. 14). [C1, JB, S3]

“E a este teu amigo, buscas com confiança de família, nos contrastes com teu próximo, nas injustiças que te causam. E por isso tu olhaste sempre como teu inimigo o inimigo do teu sacerdote. E por isso nunca te deixaste iludir pelos que, comodamente instalados nas cidades ou nos centros construídos com teu suor, te apresentavam uma doutrina diferente daquela que te ensinava o sacerdote, que veio desde o começo dividir contigo a mesma vida cheia de dificuldades, de dores e de sacrifícios. E por isso tu sempre refugaste, com toda a força da tua alma crente de vêneto-lombardo, toda manobra intencionada a roubar-te o tesouro mais precioso trazido da Itália: a Religião católica, apostólica e romana” (p. 14). [C1, JB, S4]

“O nosso colono [Subtítulo]

“Chegado ao seu novo destino, longe do convívio humano, o primeiro colono que chegou, tinha apenas o bom Deus que paternalmente por ele velasse em meio a tantos perigos, e o defendesse do assalto do animal selvagem e do extermínio das enfermidades. Exausto pelo trabalho do dia, reunia à noite a sua familiazinha ao redor da parca mesa, recitava as suas breves orações e se recolhia e adormecia com a consciência tranqüila, cheia de fé na Providência Divina [...]” (p. 14-15). [C1, JB, S5]

“As igrejas, os sinos, os cantores [Subtítulo]

[...]

“Agora as capelas de madeira estão sendo gradativamente substituídas por outras de alvenaria. Deus tanto os protegeu e abençoou que eles desejam mostrar-se reconhecidos, erguendo templos mais dignos à Majestade infinita [...]” (p.15). [C1, JB, S6]

“A primeira assistência religiosa [Subtítulo]

[...]

“Em 20-5-1884, foi canonicamente criada a paróquia de Caxias, sendo seu primeiro pároco o Pe. Augusto Finotti, empossado pelo Padre Carlos Teschauer, jesuíta, com estas palavras: “Hoje, ó fiéis cristãos, recebestes uma mãe na paróquia e um pai no pároco”. O Pe. Finotti, entretanto, permaneceu por apenas 15 dias e em 11 de junho era novamente nomeado o Pe. Agostino Magon, que recebeu como coadjutor em janeiro de 1886 e Pe. Giosué Bardin” (p. 21). [C1, JB, S7]

“Paróquia Nossa Senhora de Lourdes de Nova Trento (Flores da Cunha) [Subtítulo]

[...]

“O Pe. Frei Teófilo dês Villars Sur Thônes lançou, em 4-12-1904, a primeira pedra do novo e bellissimo templo gótico, cujos trabalhos prosseguiram por oito anos sob a direção do hábil arquiteto Pe. Frei Roberto d’Aprieux. Esta obra grandiosa, na qual trabalharam gratuitamente os colonos, os Padres Capuchinhos e os alunos do convento, está avaliada em 400 contos. Referindo-se a essa igreja, escreveu Dom João Pimenta: ‘A igreja paroquial, em puro estilo gótico, de 40 metros de comprimento por 15 de altura nas paredes laterais e 20 na fachada, com uma largura rigorosamente proporcionada, com suas belas e majestosas janelas ogivais artisticamente envidraçadas, com suas ágeis colunas que buscam a altura, e com sua imponente, devota e graciosa estátua da titular Nossa Senhora de Lourdes, desperta sentimentos de admiração, de fé e de piedade. Bom povo e feliz curato, que em boa hora foi confiado à prudente e zelosa direção dos humildes filhos de São Francisco.’” (p. 25). [C1, JB, S8]

“Paróquia Sagrado Coração de Jesus de Nova Vicenza (Farroupilha) [Subtítulo]

[...]

“Desde o começo da colonização, esses bons colonos, vendo-se privados de toda assistência religiosa, rogaram a um sacerdote seu compatriota que aceitasse dividir com eles as privações da nova vida, a fim de que pudessem manter viva no coração aquela fé, que tantas lembranças suscitava da pátria distante” (p. 29). [C1, JB, S9]

“O trabalho paroquial do Pe. Luis de Larva Vernas [Subtítulo]

“Em 18-12-1906 foi nomeado pároco o Pe. Luis de Larva Vernas, que teve como coadjutores os freis Michele dês Molettes, Ambrósio de Sint-Mury, José Cherubini, Aleixo Polesso, Rufino de Bellevaux, Antônio Bampi e Paulino Bernardi..

Primeiro e precípua cuidado foi a construção da nova igreja com projeto do Pe. Roberto D’Apprieux tendo o governo oferecido o terreno necessário. A primeira pedra foi benta em 13-2-1910. Nesse mesmo ano, realizou-se a visita de Dom João Pimenta, que celebrou a Semana Santa e se comoveu profundamente, conhecendo na realidade a fé de nossos colonos, afirmando: “Edificou-nos o espírito de fé e de piedade deste bom povo, bem como o respeito e a boa ordem seja na igreja seja nas procissões.” E referindo-se a Frei Fidélis da la Motte-Servolex: “A voz pública proclama seus méritos qual iniciador e enérgico propugnador do progresso religioso de todo o curato” (p. 47-48). [C1, JB, S10]

(3)

BRANDALISE, Ernesto. **Paróquia Santa Teresa: cem anos de fé e história 1884-1984.** Caxias do Sul: Educs, 1985.

AMOSTRA

“8º Pároco: Pe. Pedro Nosadini [subtítulo]

“Guido Livi, o homem que salvou da morte o Pe. Nosadini, desviando a pontaria, eu o conheci pessoalmente. Visitei-o diversas vezes tentando levar-lhe a mensagem salvadora de Cristo. Residia na esquina da Av. Júlio de Castilhos com a Borges de Medeiros (atual Banco Itaú S.A.). Estava cego. Caminhava guiando-se por um barbante que da porta da casa ia até a cozinha” (p. 32-33). [C1, EB, S1]

“As palavras da Sagrada Escritura (I Crônicas, 16,22) ‘Nolite tangere Christos meos’ (não queiras tocar meus ministros), tiveram sua clara e terrível confirmação nas sete principais pessoas que chefiaram tão nefando insulto contra o ministro do Senhor. Morreram todos de morte trágica. (Livro Tombo nº. 6, fls. 53-54)” (p. 33). [C1, EB, S2]

“12º Vigário: Pe. Ângelo Donato subtítulo [Subtítulo]

[...]

“Estava a Paróquia entrando em seu ritmo normal, quando, no dia 11 de julho de 1911, ‘tendo aceito o pedido de remoção do Pe. Ângelo Donato’, foi nomeado coadjutor o caxiense Pe. João Meneguzzi, cargo que exerceu por 4 (quatro) dias, pois, foi nomeado, imediatamente, Vigário da Paróquia.” (p.35). “Por que esta substituição do Pe. Ângelo Donato? Era noite. Tinha ele recém chegado do atendimento a um doente. Cansado, estava para se deitar, quando bateram fortemente na porta da canônica. Foi atender. Pediram que fosse visitar o doente, pois tinha piorado. Pe. Donato respondeu: ‘Acabo de chegar. Dei-lhe todos os confortos da santa religião. Nada mais resta a fazer. Não vou.

’ É que o Padre estava sendo solicitado para atender um doente de outra família de muita influência” (p. 36). [C1, EB, S3]

Borgistas – Assisistas e o Vigário

No dia 21 de novembro de 1922, houve eleições para Presidente do Estado. Concorriam Borges de Medeiros, da situação e Dr. Francisco de Assis Brasil, da oposição, representante do povo. Na ocasião o situacionismo empregou toda sorte de fraudes visando à vitória. Em resposta, os colonos protestaram e foram coibidos pela Brigada militar que se posicionou para enfrentá-los.

Foi então que o padre João Meneguzzi, tentando evitar um confronto, procura o Intendente responsabilizando-o por tudo o que pudesse acontecer. A isso o Intendente respondeu:

“[...] Se o povo der ainda três passos, será fuzilado” (p. 45).

“O vigário dirigiu-se então, ao povo pediu que se dispersasse, dizendo: ‘Ide para as vossas casas. Entregai esse negócio a Deus que é Juiz dos vivos e dos mortos e não lhe faltarão meios para humilhar o soberbo e levantar o humilde” (p. 46). [C1, EB, S4]

(4)

DE BONI, Luis A. O catolicismo da imigração: do triunfo à crise. In LANDO, Aldair Marli (et al.) Org. **RS: imigração & colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

AMOSTRA

“A religião como fator de identificação cultural” [Subtítulo]

“[...]”

“Unia-os, não o sentimento de pátria, pois não eram nem brasileiros, nem italianos. Chegados há pouco, sentiam-se estrangeiros no Brasil. Mas também não eram italianos emocionalmente: o país de origem, recém-unificado, de forma anticatólica, atingira as convicções religiosas dos camponeses do norte italiano. Também não se agrupavam ao redor da língua, pois cada grupo falava seu dialeto, ignorando a língua oficial da pátria que acabava de surgir. A religião atuou como elo de união entre eles: a quase totalidade confessava-se católica, e a fé católica forneceu-lhes os subsídios indispensáveis para reiniciar, individual e coletivamente a existência” [...] (p. 235). [C1, LB, S1]

“[...]”

“Num ambiente em que o único sistema de referência é o sagrado, em que normas e valores profanos legitimam-se pelas normas e valores religiosos, compreende-se a importância que adquiriu, para cada linha, a construção da capela” [...] (p. 236). [C1, LB, S2]

“Um quase estado papal [Subtítulo]

“O já citado relatório de Frei Bernardino D’Apremont, bem como os escritos de padres e religiosos de outras congregações, são unânimes em acentuar a fé simples dos colonos e a alegria com que recebiam o padre, a fim de voltar a ter uma vida religiosa marcada pela freqüência aos sacramentos [...]” (p. 242).

[C1, LB, S3]

[...]

“Criou-se, assim, um clima de cristandade, onde a participação maciça dos fiéis nas cerimônias da vida religiosa, a freqüência aos sacramentos e a internalização de um código de ética católica faziam recordar os períodos áureos da Igreja medieval. Num clima como este, os valores religiosos e sua expressão normativa tendem a tornar-se valores sociais, ou melhor, estes se legitimam através dos valores e normas sagrados. E para a consolidação e manutenção destas estruturas, montou-se todo um esquema, que ia desde a capela e a paróquia, até as escolas religiosas, o jornal católico, as missões populares, as aulas de catecismo e a severa vigilância exercida pelo confessorário” (p. 242). [C1, LB, S4]

(5)

MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul**: implicações econômicas, políticas e culturais. Porto Alegre: Grafosul, 1975.

AMOSTRA

“A religião como fator de integração física e de identificação cultural [Título do capítulo]

[...]

“Nas colônias italianas do RS, a religião, longe de ser um «ópio do povo», foi um fator de integração e uma força de dinamismo econômico. Permitiu ao colono italiano fugir de uma desintegração social ou de cair numa «caboclição», oferecendo-lhe um quadro sócio-cultural no qual ele se reconhecia e se expandia” (p. 156). [C1, OM, S1]

“O sentimento religioso do imigrante italiano [Subtítulo]

[...]

“Os imigrantes italianos do RS eram, em sua maioria absoluta, católicos praticantes. A participação das celebrações litúrgicas, nos domingos e dias de festa, era uma obrigação moral, pois só o praticante era considerado pessoa de fé, digno da estima e aceitação dos demais. O sacerdote gozava da mais alta consideração e suas palavras tinham, em geral, a persuasão da lei. Essa educação eles a receberam, desde o berço, em suas regiões de origem, principalmente, no Vêneto, onde a presença da religião e do clero era determinante na vida da sociedade” (p. 157). [C1, OM, S2]

“[...]

“O terço foi, realmente, o breviário e, muitas vezes, a missa dos imigrantes italianos e de seus descendentes” (p. 159). [C1, OM, S3]

“A construção das igrejas [Subtítulo]

“[...]

“Por todas estas razões, os colonos italianos construíam, eles mesmos, suas igrejas e multiplicaram, em todas as partes e direções, esses símbolos de sua fé e de sua identidade cultural. Isso permitiu aos primeiros imigrantes situarem-se psicológica e culturalmente no novo ambiente desprovido de toda referência” (p. 164). [C1, OM, S4]

“O caráter cultural da religião dos imigrantes italianos [Subtítulo]

“A religião dos imigrantes italianos e de seus descendentes no RS era, necessariamente e essencialmente, ritualista. Isso não exclui a prática das virtudes cristãs que, como veremos, eram parte integrante da organização comunitária das capelas. Mas o conteúdo principal de sua religião consistia na realização e na participação das liturgias e dos ritos. A realização era o sinal único da existência da religião e a participação era o único critério de distinção entre a pessoa de fé e o incrédulo” (p. 185). [C1, OM, S5]

“[...]

“Poder-se-ia dizer que a religião católica dos imigrantes italianos e de seus descendentes no RS, era, acima de tudo, condicionada pelo auditivo e pelo visual. Eles gostavam do esplendor, do aparato, do movimento, do barulho, do canto, da música e quando as cerimônias religiosas continham essas características, a admiração e o contentamento era total. [...]” (p. 186). [C1, OM, S6]

“A capela: uma comunidade de base espontânea [Subtítulo]

“[...]

“A Religião Católica foi, sem dúvida, a força que permitiu aos imigrantes italianos se integrarem no novo ambiente e formar aquela solidariedade indispensável para enfrentar todas as dificuldades materiais e psicológicas dos primeiros tempos. [...] Foi em torno da religião e da expressão de seus sentimentos religiosos que eles encontraram a própria identidade cultural, único meio capaz de evitar o desajustamento social” (p. 193). [C1, OM, S7]

(6)

ZAGONEL, Carlos Albino. **Igreja e imigração italiana**: os capuchinhos de Sabóia e seu contributo à Igreja do Rio Grande do Sul (1895-1915). Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1975.

AMOSTRA

“Devoção do italiano [Subtítulo]

[...]

“Ao enfrentar os momentos dolorosos e desesperadores da viagem e, não raro, do abandono em estações portuárias ou ferroviárias em terras completamente desconhecidas, recordavam-se das últimas recomendações do vigário, dobravam o joelho e o espírito prostrando-se diante da Madona de sua devoção e rezavam e cantavam para animar-se a si mesmos e superar o medo pavoroso. A solidão aplastante da floresta virgem, no lote onde eram abandonados, os teria esmagado não tivessem uma alma de criança que os fazia encontrar forças e coragem nas contas do rosário rezado em família” (p. 47). [C1, CZ, S1]

[...]

“Olívio Manfroi, em sua tese, recolhendo informações de várias procedências, descreve a situação precária do imigrante italiano, abandonado à própria sorte, explorado e tratado como uma mercadoria bruta que não tem necessidades psicológicas e morais. Nesta situação a religião surgiu como sustentáculo humano do imigrante. Abandonado por todos – pela Pátria, pelo Empresário e pelo Colonizador – a religião tornou-se o refúgio salvífico e a fonte de energias para a luta. O imigrante venceu por causa da fé que trazia dentro de si e que herdara de sua família tradicional e praticante” (p. 48). [C1, CZ, S2]

“Rezava apelando para todas as suas devoções, mas o rosário junto aos italianos foi uma constante inquebrável. Foi o breviário do cristão, a oração para todas as necessidades. Durante as demoradas esperas junto aos portos de embarque, prolongadas, às vezes, pelo espaço de um ou dois meses, os pobres emigrantes, sofrendo toda sorte de embaraços (passaporte, bagagens, alojamento e demais serviços burocráticos) sentiam-se perdidos e desanimados. A solução era rezar. Recitavam, então, o rosário... Cumpriam, fielmente, todas as suas devoções durante a viagem, cantando louvores à Mãe de Deus, dos pobres, dos exilados, dos aflitos, etc.... porque somente Deus podia consolá-los e aliviar-lhes os sofrimentos” (p. 48). [C1, CZ, S3]

[...]

“O homem reza nos momentos em que mais sente sua vocação ao infinito, mas é o mistério que lhe desperta a consciência de sua limitação e fraqueza. O mistério não o esmaga, Revela-lhe sua vocação para a superação. É um desafio. A oração é uma tentativa de contactar com quem pode fazê-lo transcender sua limitação. Quando o mistério da natureza com sua violência e prepotência tranqüila de gigante o esmaga, o homem não reza. Apavora-se. Mas quando o homem, atento, percebe sua ligação íntima e pessoal com Deus, ele recobra coragem e reza” (p. 49). [C1, CZ, S4]

“O italiano rezava com autenticidade. Era um homem de fé. Consciente de sua limitação e de seu abandono injusto, contactava com Deus através de suas devoções herdadas do passado e sugadas com o leite materno. Tornou-se corajoso. Tornou-se, inclusive, símbolo de coragem e de trabalho pela epopéia que realizou” (p. 49). [C1, CZ, S5]

“Construtores de Igrejas [Subtítulo]

[...]

“Se à noite a família se reunida para rezar; no fim da semana, as famílias se reuniam, ora na casa de um, ora casa de outro e lá improvisavam um culto público diante de uma imagem da Virgem ou de santo, colocada sobre um toco de árvore derrubada ou sobre caixote armados sob uma árvore improvisada em templo. Aos poucos, recordando a pátria distante, a cidade natal erguida ao redor do “*Duomo*”, as orações e cerimônias festivas, os ofícios cantados... terminavam recitando o terço, cantando as ladainhas de Nossa Senhora, a Salve Rainha, etc. ... Recomendavam-lhe os parentes deixados na Itália, os novos emigrantes que estariam enfrentando a viagem com toda espécie de sofrimentos. Pediam pela saúde e pela defesa de todos os presentes diante dos possíveis ataques dos animais ferozes ou dos bugres (de quem apenas ouviam falar e muito raramente os viam)” (p. 51). [C1, CZ, S6]

“Padre Leigo [Subtítulo]

“Construídos os oratórios e mesmo antes da construção, os imigrantes procuravam organizar o culto dominical recordando, o quanto possível, o culto celebrado na longínqua igreja natal. A missa, as bênçãos, as devoções, as cerimônias... tudo de acordo com o tempo litúrgico. Reuniam-se em torno de alguma imagem ou quadro, eventualmente trazido da Itália, e procuravam os livros de devoção que, normalmente, acompanhavam a família como uma herança preciosa” (p. 54). [C1, CZ, S7]

[...]

[...] Além do mais, a fé simples e ingênua colocava o colono diante do sinal litúrgico como algo assim convencionado pelo próprio Deus e, por isso, intocável e imutável” (p. 57). [C1, CZ, S8]

“Na sua simplicidade não se colocavam problemas de ordem teológica a respeito da validade das cerimônias de seu padre. Para eles os gestos e as palavras eram importantes. Era uma religião de gestos e palavras; mas seria isto um desvio da verdadeira fé, ou seria uma fé adaptada à sua realidade de povo abandonado e sozinho?” (p. 58). [C1, CZ, S9]

“A cultura era apenas o veículo pelo qual eles se valeram de sinais já conhecidos e assimilados em sua realidade humana; exprimiram a necessidade que o homem sentia de Deus e da comunicação mediatizada em sinais sagrados” (p. 58). [C1, CZ, S10]

“Catequese familiar e eclesial [Subtítulo]

[...]

“A mãe sempre representou o elo principal da tradição religiosa, possivelmente, desde a Itália. A ela cabia ensinar as orações e devoções tradicionais e familiares aos filhos que assim se inseriam na corrente da Tradição familiar. A oração em família garantia a fixação na memória e, diria, a bossa na consciência da própria pessoa. A devoção era algo que se herdava com o nome. Podia não receber uma herança material por causa da pobreza econômica, mas todo filho e filha recebia, desde a infância, a herança espiritual da fé e das devoções familiares” (p. 58). [C1, CZ, S11]

[...]

“O dote da nubente era importante, mas não menos importante era o devocionário e a habilitação para ensiná-lo aos filhos. Quando a apreciação popular afirmasse que “fulana não presta para esposa de sicrano porque nem mesmo sabe as orações”, então sua cotação era baixíssima. Era importante ser saudável, trabalhadora, excelente dona de casa (costurar e cozinhar) e saber as orações” (p. 59). [C1, CZ, S12]

“A mãe italiana podia ser analfabeta, ou quase, mas ela foi a grande educadora anônima da colônia: à noite, cansada, antes de concluir os últimos serviços da casa, tomava os filhinhos menores e os adormecia ninando em seu seio e, ao mesmo tempo, fazia os maiores recitarem as orações familiares e as principais verdades da Fé” (p. 59). [C1, CZ, S13]

[...]

“A catequese consistia em decorar fórmulas do catecismo, aprender as orações principais do devocionário (Ave-Maria, Pai Nosso, Creio, Mandamentos da Lei de Deus e da Igreja, Atos de Fé, de Esperança, de Caridade e de Contrição, a oração ao Anjo da Guarda, a oração da Encomendação da alma na hora da agonia, etc.)” (p. 59). [C1, CZ, S14]

“Festas religiosas e sociais [Subtítulo]

[...]

“Todos os relatórios referentes à vida religiosa são unânimes em exaltar a fome de Deus. O povo italiano vencia longas distâncias para se confessar, comungar e ouvir a Palavra de Deus”. [...] (p. 65). [C1, CZ, S15]

“[...] mesmo que tivessem chegado outros missionários, não conseguiram dar conta dos pedidos que provinham de todas as localidades. O povo chorava suplicando que o visitassem, ao menos por alguns dias e para batizar os filhos que já eram adultos” (p. 66). [C1, CZ, S16]

“A fome de Deus não se estancou com o atendimento mais regular, Manteve-se num crescimento constante [...]” (p. 66). [C1, CZ, S17]

[...]

“O sacerdote era para o imigrante um personagem muito importante, quase o integrador de sua personalidade e da identidade social e religiosa. Este se sentia desintegrado sem a presença do sacerdote que se acostumara a ver e a admirar na Europa. Mesmo os filhos, nascidos no Brasil, partilhavam da angústia paterna – como algo herdado com o sangue – e quando o sacerdote, o religioso, o missionário estivesse em seu meio, ele se sentiam tranquilos e felizes. As dificuldades eram enfrentadas com mais coragem e otimismo, Deus parecia mais próximo e bem mais benigno, Certamente o sentiam mais acessível pois o podiam receber através do culto ministrado pelo sacerdote. [...]” (p. 66-67). [C1, CZ, S18]

(7)

polonesas e italianas no Rio Grande do Sul (1896-1915). Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1976.

AMOSTRA

“A organização religiosa das colônias italianas [Título do capítulo]

“Eis alguns trechos de uma carta escrita, em 1900, pelo Pe. Bruno de Gillonnay, primeiro superior da nossa Missão no Rio Grande do Sul, no ‘Rosier de S. François’ (1900, p. 207ss):

Desde a nossa chegada iniciamos nosso trabalho apostólico. E que trabalho! Para se ter uma idéia, é preciso saber que as populações coloniais são sequiosas de tudo o que se refere à religião: sacramentos, pregações... e que até ao presente foram privadas dos socorros da presença permanente do sacerdote. No início da colonização, eram poucos os ministros de Deus... que passavam raramente, ora por uma localidade, ora por outra para batizar, abençoar casamentos... algo do mais essencial. Mais tarde as colônias foram divididas em paróquias tão extensas que é absolutamente impossível a um Vigário, por mais zeloso e robusto que seja, desempenhar todas as funções do seu ministério. [...] As populações sofriam enormemente pela privação dos socorros espirituais; sofriam tanto mais que no seio da floresta nada existia que os consolasse. Para conseguir celebrar algo do culto religioso, construíram numerosas capelas. A cada 40 ou 50 famílias encontra-se um oratório que faz lembrar o estábulo de Belém... E na ingenuidade de sua fé, esses colonos se entregavam a práticas que davam dó. Escolhiam o mais douto do lugar (precisava que soubesse ler) para exercer as funções de ‘padre’ da capela, conforme sua expressão. Assim as funções se realizavam regularmente: procissões, bênção das velas, bênção dos ramos, missa cantada... [...]” (p. 99).
[C1, BA, S1]

“As superstições nas colônias e a ação dos padres leigos [Subtítulo]

[...]

“Um ótimo vigário chegava um dia, pela primeira vez, a uma de suas capelas mais afastadas. Ao entrar percebe uma bacia cheia de água. ‘Que água é esta?’ pergunta. ‘É água benta, senhor Vigário’. – ‘Quando foi Benta?’ – ‘Recentemente. Nosso ‘padre’ benze seguido para que tenhamos sempre água benta limpa’. ‘Qual é o padre?’ – ‘O padre leigo da Capela’. – Sem replicar o Vigário tomou da bacia e despejou a água pela janela, dizendo: ‘Tragam-me mais água. Benzê-la-ei, assim terão água benta mesmo’. A ordem foi executada, mas escandalizados, mandaram uma comissão com queixas ao Bispo em visita na zona. ‘O novo Vigário’, diziam, profanou coisa tão santa. O senhor Bispo quis saber do que se tratava em quando chegou entre essa boa gente, falou-lhe nestes termos: ‘Queridos filhos, queixam-se do novo vigário porque jogou pela janela aquilo que vocês chamam de água benta. Estivesse eu em seu lugar teria jogado também a bacia!’ Explicou depois as prerrogativas sacerdotais e os limites dos poderes dos ‘padres leigos’. Esses bons cristãos aceitaram a demonstração, mas em outras capelas eram mais obstinados. Poderia citar uma onde existiu um longo ‘cisma’ com seu legítimo vigário, excelente sacerdote genovês. Opunham-lhe o ‘padre leigo’. ‘Não precisamos deste novo vigário diziam os teimosos; ele não precisa ser tão

orgulhoso. Podemos nos confessar em outro lugar; e para a missa temos o nosso ‘padre da capela’”. [...] (p. 109). [C1, BA, S2]

“[...]”

“Os missionários sabem quantas bênçãos precisam dar! Se os colonos as pedem aos Vigários, pedem igualmente muito mais aos missionários; algumas tão estranhas que, embora a grande variedade com que a materna previsão da Igreja enriqueceu as últimas edições do Ritual Romano, seguidamente devemos usar de grande subtileza para encontrar um título que se enquadre à intenção solicitada.” [...] (p. 109). [C1, BA, S3]

“Não devemos exagerar os defeitos dos nossos colonos. Se não têm idéia exata sobre a eficácia das bênçãos, em princípio, ao menos nesta matéria, são dirigidos pelo espírito de fé. São crédulos, mas na realidade muito menos supersticiosos que os espíritos das grandes cidades da Europa; muito menos também que alguns de seus patrícios que se apresentam nas colônias com idéias anti-clericais, anti-religiosas, anti-sociais e esbarram com uma resistência inesperada e invencível do espírito religioso dos colonos e de sua confiança no Vigário e nos Missionários; expressam então seu descontentamento em conversas, nos jornais, nas revistas, acusando os bons colonos de ignorantes, retrógrados, obscurantistas, fanáticos, supersticiosos e outras semelhantes amabilidades” (p. 110). [C1, BA, S4]

CATEGORIA 2 – LIVROS SOBRE HISTÓRIAS DE FAMÍLIA/MEMÓRIAS

(1)

LORENZONI, Júlio. **Memórias de um imigrante italiano**. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora, 1975.

AMOSTRA

“A primeira missa no meio do bosque [Título do capítulo]

[...]

“Em seguida foi celebrada a Santa Missa, cantada por um coro de imigrantes vênets e o padre Marcelino deu a explicação do Evangelho da melhor maneira que lhe foi possível, recomendando-nos bondade, resignação e o amor a Deus, para podermos superar os grandes sacrifícios a que nós seríamos sujeitos, enquanto não tomássemos posse definitivamente das terras que nos fossem designadas” (p.55). [C2, JL, S1]

“Terminada a missa, onde muitos receberam a Santa Comunhão, houve batizados de muitas crianças e alguns casamentos” (p. 55). [C2, JL, S2]

“Religião [Título do capítulo]

“Durante os dois primeiros anos, 1878 e 1879, a única religião que conservavam aqueles bons colonos, era a do coração” (p. 76). [C2, JL, S3]

“Não havia igrejas nem padres e, por isto, nenhuma cerimônia religiosa que mantivesse vivo e ardente aquele sentimento religioso que tínhamos trazido de nossa Pátria” (p. 77). [C2, JL, S4]

“Contudo, as boas mães procuravam educar seus filhos no santo amor e temor a Deus, esforçando-se para lhes dar todos os ensinamentos de que necessitavam, a fim de levar uma vida cristã. Ensinavam-lhes as orações principais, para recomendarem-se a Deus e a Maria Santíssima” (p. 77). [C2, JL, S5]

“De três em três meses fazia sua visita o Rev. P. Marcelino Bittencourt, Vigário de Santa Maria, o qual, naquela época, assemelhava-se mais a um segundo Garibaldi do que a um ministro de Cristo, e, quando chegava à sede, celebrava algum casamento, batizava e, em seguida, voltava para Santa Maria” (p. 77). [C2, JL, S6]

“O nosso colono não podia conformar-se com esse estado de coisas: ter que morrer sem ter um padre perto que lhe desse os confortos da religião, a extrema-unção, etc., missão esta que precisa ser desempenhada, na maior parte das vezes, por algum bom vizinho e à qual, infelizmente, também eu tive que me prestar para com uma conhecida nossa, que de fato expirou uma hora depois” (p. 77). [C2, JL, S7]

“[...]

“Aos domingos, na sede, sempre havia o serviço religioso, missa, etc. e durante a semana, ora numa, ora noutra linha, realizavam lindas festinhas religiosas, sempre reinando a maior ordem e harmonia. Isto fazia esquecer os dois longos anos passados no meio do mato, à semelhança de animais selvagens” (p. 78).

[C2, JL, S8]

“E assim, o sentimento religioso, adormecido nos corações daqueles bons agricultores, reviveu como por encanto, levando-lhes conforto, força e resignação para suportar as duras vicissitudes da vida” (p. 78). **[C2, JL, S9]**

“Primeira missa em Dona Isabel [Título do capítulo]

“A primeira missa em Dona Isabel foi celebrada pelo reverendo P. Bartolomeu Tiecher, que chegara de Forromeco, distrito de São João de Montenegro, no dia 29 de setembro de 1876” (p. 138).

“A santa missa foi celebrada numa casinhola de madeira, que se encontrava mais ou menos no local onde mais tarde Zacarias Pasquetti edificaria sua casa, à rua Assis Brasil” (p. 138). **[C2, JL, S10]**

“Foi esse um dia de festa e de grande consolação, porque aqueles bons colonos, depois de tantos meses, puderam assistir novamente ao santo sacrifício da missa e reavivar seus sentimentos religiosos, jamais apagados em seus corações” (p. 138). **[C2, JL, S11]**

“Uma página da colonização pelos primeiros imigrantes provenientes do Tirol italiano [Título do capítulo]

“[...]

“Para falar a verdade, foram esses colonos que mais sofreram nos primeiros meses, seja por falta do mais necessário à existência, por se verem tolhidos de quaisquer recursos, seja por se acharem totalmente abandonados no meio das florestas, como animais selvagens” (p. 170). **[C2, JL, S12]**

“Basta considerar que, por várias semanas, foram obrigados a se alimentar exclusivamente com pinhões que os pinheiros lhes forneciam, fruta muito nutritiva é verdade, mas que só a Divina Providência dadivosamente lhes enviara naquele ano em profusão para evitar sua morte por inanição” (p. 170). **[C2, JL, S13]**

(2)

DE BONI, Luis A. **La mérica**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, Porto Alegre: Escola Superior de Teologia S. Lourenço de Brindes, 1975.

Paulo Rossato

Paulo Rossato nasceu a 22 de outubro de 1854 em Valdagno província de Vicenza filho de Sperandio Rossato e Maria Crosara. Foi casado com Raquel Massignani e emigrou para o Brasil em 22 de novembro de 1883, aportou no Rio de Janeiro em 15 de dezembro do mesmo ano, desembarcou em Porto Alegre no dia 25 de dezembro de 1883, chegando a Caxias do Sul, então Campo dos Bugres, no ano novo de 1884.

Diz o autor do livro:

Senhor de considerável fortuna, Paulo Rossato teve tempo suficiente para ver o ‘Campo dos Bugres’, no qual acreditara em 1884, transformar-se em centro econômico de toda uma região, pois viveu até os 92 anos de idade, tendo falecido em 1946 (p. 28).

AMOSTRA

Trecho da carta que Paulo Rossato escreve para seus pais, na Itália, em 27 de dezembro de 1883.

“[...]”
 “Eu e a Rachel vos saudamos a todos de coração: pai, mãe, irmãos, irmãs, minha cunhada Maria e meu tio Pedro. Rachel saúda a Beppa e a espera aqui. Saúdem a todos aqueles que pedem por mim e, se for possível, mandem rezar uma missa a Nossa Senhora das Graças, pois que a Raquel e eu tivemos muita sorte na travessia.
 “Adeus, adeus. Sou
 “O filho
 “Paulo Rossato” (p. 30). [C2, LB, S1]

Carlin Fabris

Carlin Fabris nasceu em 25-07-1889 e faleceu em 28-05-1975 quando ainda estava sendo preparada a edição de seu texto. Seu trabalho documenta o período de 1884 a 1941 e encerra dizendo: “E por minha parte pode contar que como Cristo disse ao seu discípulo na travessia do Lago de Tiberiade Egun Dormiun Cor meun Anima Mea Vigilant. Amen.” (p.89) Esta frase, segundo nota do autor, não existe no Evangelho, e o latim corre por conta do autor. Sua tradução: Eu durmo, mas meu coração e minha alma vigiam.

Em Istoria de Conceição, Carlin Fabris escreve em um caderno a história da Paróquia da Conceição e inicia assim: “Um pouco de Istoria de Conceição escrita pelo lápis de um inalfabeto e inculto Filio deste turão natal, que não faço o nome por ter vergonha do que escrevo, mas acin é que aconteceu nesta Istoria” (p. 74).

AMOSTRA

“Istória de Conceição [Título do capítulo] Carlin Fabris

“[...]

“Continuamo con a Istoría Como disse a alegria os cântico a irmandade a simplicidade a fieldade e a Religião reinava em todos os lar não tinha Família que não tivese o S. Rosário trasido da sua longinca Patria natal e que não o recitasse. Mas tamben esistia alguma Armonica porque disia que a alegria é a ipnotisadora da Alma (sic)” [...] (p. 79). [C2, LB, S2]

“[...]

“Tornemo no caso do nosso povo, Católico Apostólico Romano não faltava de ir assisti à S. Missa esta umilde jente não se tinha esquesido o seo tradicional sistema Religioso da Itália embora afastado 10 Kilometro da Vila de Caxias não deixava de ir apé ou a cavalo quen tinha pelo meno uma vez ao mez isto é como os nosso primeiro Emigrante no seu primitivo tempo pasó (sic)” (p. 80). [C2, LB, S3]

CATEGORIA 3 – RECORTES DE PESQUISA HISTORIOGRÁFICA E SOCIOLOGICA COM ENTREVISTAS

(1)

AZEVEDO, Thales de. **Os italianos no Rio Grande do Sul** – cadernos de pesquisas. Caxias do Sul: EDUCS, 1994.

AMOSTRA

Caderno 1 [Título do capítulo]

“[...]”

“11. Stuart, 12 jan. 1955

“Religião

Stuart Clark Rotwell é geógrafo da Syracuse U., N.Y., e aqui estava há meses pesquisando e ensinando no Centro Cultural Brasileiro-Norte-Americano. Foi apresentado a Thales em uma visita que fez ao Dr. José Zugno na prefeitura da cidade. Diz ele:

“A vida na colônia é extraordinariamente monótona. A religião é “mística”, sentimental. Constroem capelinhas e grutas e ali se reúnem para rezar mas a religião lhe parece ser algo para passar o tempo” (p. 32). [C3, TA, S1]

“19. Pe. Baumgarther – 13 jan.

Coadjutor do Pe. Eugênio Giordani

“Religião

“À noite – Conversávamos das 8 horas às 9h30min da noite; catolicismo no Brasil, apostasias, espiritismo, protestantismo, vocações, etc.” (p. 38). [C3, TA, S2]

“Doença

“Em Caxias toda a gente faz questão da assistência do padre aos seus doentes e moribundos, bem como da encomendação. Mesmo os amasiados vêm pedir e insistem. [...]” (p. 38). [C3, TA, S3]

“Aculturação, Contatos

“[...]”

“Na diocese há uma devoção oficial, antiga, a Nossa Sr^a de Caravaggio; romaria anual reúne 70.000 a 80.000 pessoas no santuário. São 60-70 padres confessando ou 1 dando comunhão por ocasião da festa em maio; muita gente faz romaria a pé e lá faz a páscoa. Muitos ex-votos” (p. 38-39). [C3, TA, S4]

“Culto

“Muitas famílias rezam o terço em comum à noite ou pela manhã, tirado pelo pai ou por um dos pequeninos que já sabem rezar; a mãe ou o pai, neste caso, lê no livro os ministérios” (p. 39). [C3, TA, S5]

“ 27. Bucceli, página 208 [Subtítulo]

“[...]

“Religião

“Gli abitanti sono tutti cattolici e la domenica la chiesa è frequentatissima, come nei villaggi d’Italia accossendovi i coloni in varie fogge di abbigliamenti festivi, che tante volte continuano i costumi tradizionali delle regione natie. Gli operai italiani hanno instituito uma societá di mutuo soccorso...”, página 288” (p. 44). [C3, TA, S6]

“85. B. Rambo, S.J., ‘A zona de colonização italiana, Estudo Geográfico’ in Álbum.

“[...]

“Religião

“Assinala a unidade religiosa entre os ítalos. Mas, ‘onde moram três teutos, ergue-se duas torres de igrejas separadas na fé’, página 147” (p. 76). [C3, TA, S7]

“111. Pe. Eugênio Giordani – 1º fev.

“[...]

“Religião

“Em cada “linha” as 50 ou 60 famílias vizinhas reuniam-se para construir, de madeira, a capela (unidade territorial em que se dividia a paróquia). Cortavam a madeira, compravam os pregos, etc. por cotização, e erguiam a igreja, onde o padre, uma vez por mês, no domingo ou durante a semana e nos dias de festa do orago, celebrava a missa” (p. 93). [C3, TA, S8]

“161. Dª Ester Troian – 14 fev.

Na prefeitura, Thales conversa com a professora Ester.

“[...]

“Religião

“Mandam celebrar missas para pedir boa colheita, para chover; fazem romarias e procissões para pedir chuvas” (p. 118). [C3, TA, S9]

“172. Pe. Ernesto Brandalise, Cura da Catedral – 15 fev. 07

“[...]

“Há muita fé no povo: isto é um dado fundamental” (p. 123). [C3, TA, S10]

“94. Dona Ester Troian – 28. jan.

“[...]

“Religião

“O ensino religioso é dado meia hora dentro do horário escolar. Todas as professoras ensinam. Há um livro muito bom, sob forma de uma história. As que querem preparar os alunos para a Primeira Comunhão fazem-no fora do horário, na capela, e isso agrada muito às famílias. O colono tem boa instrução religiosa em história sagrada, catecismo” (p. 87). [C3, TA, S11]

Caderno 2

Gardelin, ainda jovem, coletara os últimos testemunhos diretos da epopéia colonial e os publicara em artigos no jornal “Pioneiro”. Gardelin serviu ainda como guia e informante de Thales.

“214. Gardelin, 19.abr.55

[...]

“Religião, Colonos

“A credulidade religiosa dos colonos é muito grande. Vigaristas vestidos de padres andavam, há anos, pela colônia cobrando contribuições por uma missa especialíssima, longa, só rezada em Roma, que dava direito a não ir mais à missa – “il messone”. Foi isto em 1937” (p. 149). [C3, TA, S12]

“242. Escrivã de casamentos – 31 dez.

“Religião

“Na quaresma ninguém se casa, especialmente na colônia [...]” (p. 161). C3, TA, S13]

“264 Fr. Vital

“Religião, Antagonismo, Aculturação

“Diz que o povo daqui só gosta de devoção de santo estrangeiro; mas está se espalhando a devoção a Nossa Senhora Aparecida (12 jan.)” (p. 166). [C3, TA, S14]

“273. Pe. Nebridio

Pe. Nebridio é de Vicenza; veio para aqui há uns 6 anos. É vigário josefino em Conceição da Linha Feijó.

[...]

“Religião

“A prática religiosa é muito fraca entre homens e mesmo meninos, mas fazem-se as comunhões gerais de moças, rapazes, etc. Os homens comungam umas três vezes/ano. À Páscoa não escapam mais de duas ou três pessoas” (p. 170 §273). [C3, TA, S15]

“281.

[...]

“Religião

“Os padres visitam as casas anualmente para benzê-las. O Vigário vai às casas para conversar, visitar” (p. 172). [C3, TA, S16]

“307.

“Religião

“Uma ‘capelinha’ com a imagem do Coração de Maria veio ontem para a casa de D^a Deonice. Com a moça que trouxe e suas filhas, ela leu uma oração em português e rezou umas Ave-Marias. A moça trouxe flores que ela colocou em jarros, com a capelinha e uma lamparina, em cima da máquina de costura” (p. 175). [C3, TA, S17]

371.

“Religião

“Além do trabalho de cura ordinária das almas, fazem-se na colônia as santas missões. Estas tiveram lugar em Conceição nos anos 1941 e 1951. Ergueu-se no jardim público uma cruz de pedra, comemorativa das missões de 1945 com o dístico “Salva a tua alma”; em 55 apôs-se uma placa memorativa” (p. 189). [C3, TA, S18]

“397.

Victorio Ranzolin tem 56 anos. É Agente Estatístico do município de Caxias do Sul. Quando jovem morava em Antonio Prado com seus pais. Seu pai era comerciante.

“O clero tem um forte domínio sobre os colonos, mas procura manter o colono atrasado [Ranzolin]. Mecanismo de proteção cultural pelo isolamento. Os padres não querem dança (bailes) na colônia; os colonos lutam. Em Guaporé, onde ensinava a filha de Ranzolin, “amansaram o padre”, porque este disse que não iria lá enquanto houvesse bailes. Disseram os colonos: “Melhor para nós, porque de cada vez que o senhor vem aqui celebrar nos cobra \$150,00 [em 1950]; então faremos o baile no sábado e no domingo rezaremos o terço na igreja”. O padre levou perto de 1 ano sem celebrar lá. Afinal cedeu e hoje se fazem bailes. O vigário de Galópolis compreendeu quem proibindo os bailes, dava lugar a que os rapazes viessem para Caxias, onde dançariam em bailes comerciais e onde há prostituição. Admite, pois, os bailes na sociedade local, com a presença das famílias, mas combate os bailes de entrada paga” (p. 197-198). [C3, TA, S19]

“398.

“Um colono, recentemente, vendo o seu parreiral, em plena produção, derrubado por um temporal, enlouqueceu. Outro há mais tempo, em idêntica circunstância, saiu com o crucificado pela colônia mostrando-lhe o prejuízo que sofrera (Ranzolin)” (p. 198). [C3, TA, S20]

“422.

“Pe. Nebridio (8 fev. 56)

“Lavoura, Religião

“A benção das lavouras – quando não se faz, os colonos ficam brabos, porque dizem que sem isso não têm boas safras. Faz-se em cada um dos dias das Rogações (segunda, terça e quartas-feiras antes da Ascensão). Em cada dia se faz a benção numa direção, caminhando uns 2 quilômetros.

“1º Reúnem-se os colonos na igreja e começa-se a rezar a Ladainha de Todos os Santos;

“2º Sai-se em procissão rezando a mesma ladainha; o padre dá a bênção;

“3º Voltam todos à igreja para ouvir a missa” (p. 206). [C3, TA, S21]

“423.

“Família, Religião

“Nos tempos das safras os colonos trazem, para o Vigário, trigo, uva, batata-inglesa, batata-doce, frutas, verduras, para a igreja, cada “fogão” (taxa municipal por *focolare* – era um equivalente civil) contribui com \$40,00 para o sustento da igreja; pagam ainda as *espórtulas* pelo batismo, casamento, enterro e, no caso das missas, ainda pagam a condução” (p. 206). [C3, TA, S22]

“427. Carlos Fabbris

Seu avô foi Giacommo Paternoster, que veio em 1878; era guarda-livros de um Conde na Itália; aqui aproximou-se (sic) do pessoal da Diretoria de Terras e Colonização e da família do “Conde” Feijó, convivendo mais com estes do que com os colonos; sua filha Maria Paternoster (mãe de Carlos Fabbris) em 6 meses aprendeu o português; o velho Giacommo Paternoster também foi professor mas em italiano.

“Religião

“Conta lutas que teve seu pai, Vittorio Fabris, com outros colonos, para conseguirem um padre para Conceição. Durante alguns anos oficiou aqui um falso padre que aqueles (sem saber que era um expulso do seminário) foram contratar em Forromeco. Depois o Pe. Antonio Pertile. Em seguida ao falecimento deste, 11 anos sem padre. Afinal, de novo tiveram vigário” (p. 208). [C3, TA, S23]

Caderno 3

“564.

“Religião

“Em Conceição, como em outros pontos da colônia, há um cruzeiro na frente da igreja com os dizeres ‘Salva a tua alma’” (p. 241). [C3, TA, S24]

Caderno 6

“815. Relatório do Engenheiro Mel. Maria de Carvalho ao Conselheiro Antônio Silva Prado sobre o serviço de Imigração e Colonização no Rio Grande do Sul, 1886.

“[...]

“Religião

“Imigrantes excessivamente religiosos não dispensam de modo algum o padre e a Igreja. “Quem conhece, sobretudo por observação própria, as colônias do Império sabem perfeitamente que o padre é o mais poderoso elemento de ordem, moralidade e estabilidade para os colonos”. Chefes das comissões aproveitam-se dele como auxiliar indispensável para conseguir que os imigrantes recém-chegados povoem os núcleos novos, dediquem-se ao trabalho agrícola com perseverança, obedeçam às suas determinações e não abandonem os lotes, página 19” (p. 313). [C3, TA, S25]

“838. Il Colono Italiano, nº 14 (25 de junho de 1914)

O jornal “Il Colono italiano” foi fundado dia 1º de janeiro de 1898 em Caxias (Santa Tereza de Caxias) pelo Pe. Pedro Nosadini

“Anúncio de venda de uma colônia em Passo Fundo: *“I vantaggi di questa colônia sono i seguenti: si vendono terre unicamente ai cattolici, le terre sono piane e senza pietre”* (p. 323). [C3, TA, S26]

“976.

“Religião, Controle Social

“A religiosidade do colono italiano tinha seu sustentáculo na recitação do rosário; após o trabalho, na zona rural, ou após o jantar. O recitador do rosário, designado pelo vigário (para a reza na igreja) tinha prestígio. Era homem ou mulher; também era catequista e às vezes professora municipal. As mulheres excessivamente decotadas eram muito censuradas e podiam até apanhar. “A prece na colônia italiana”, Mário Gardelin, Folha da Tarde, 24.3.58 (vinham da roça, às vezes, em fila indiana, rezando o terço). Não se rezava antes ou após as refeições. Rezava-se em latim, italiano ou português. Em latim eram: Ave-Maria, o Glória, Pai-Nosso” (p. 351). [C3, TA, S27]

Caderno 7

“1.063 Fr. Bruno – correspondência publicada no Rosier, vol. 1, nº1, 1900.

“*Le Rosier de Saint François, Revue mensuelle fondée par les F.F. Capucins, Champéry Foubourg Montmélian* (p. 339).

“[...]

“Colonos, Maçonaria, Religião

“A população é, como o território (montanha e planície) dividida em 2: os *“vieux brésiliens et les colons”*. Os brasileiros abandonados do ponto de vista religioso: falta de padres. São maçons, etc., mas guardam a devoção a Nossa Senhora e são ciosos do nome de católicos. [...] O povo das colônias é ávido de assistência religiosa e até agora não tiveram padre residente. As colônias foram divididas em paróquias muito extensas. Construíram-se numerosas capelas. Em cada 40 ou 50 habitações, um oratório. Um colono mais douto (que soubesse ler) servia de *“padre da capela”*, na sua expressão (sic). Faziam officios regulares: procissões, bênçãos de velas e de ramos. Missa cantada. Um desses *padres leigos* conseguira deixar a liturgia intacta sem usurpar os direitos do diácono e do padre que, somente, podem dizer Dominus vobiscum: ele cantava *Dominus noviscum*. Ainda se encontram esses usos em algumas capelas. Os padres faziam missões e serviam até de *juizes de paz*. Grandes sacrifícios para virem se confessar. Raros não se reconciliam. Tudo pára; é uma festa que dura os dias da visita do missionário. Numa extremidade da colônia, os frades encontraram um grupo de brasileiros, escapados da Revolução, vivendo na mata com suas famílias, sem chefe, sem culto e sem moral; tinham filhos de 14, até de 21 anos, sem batizar; queriam batizá-los. Os frades pensam em abrir logo um escolasticado (p. 378-379). [C3, TA, S28]

“1073. Fr. Alfredo, de Vacaria, 6 de fevereiro de 1903, Rosier, a.4. nº5, maio de 1903, página 141.

“População muito dispersa. Católicos pelo batismo e pela tradição de família; maioria ignora as verdades necessárias à salvação. A pele de carneiro que cobre a sela de dia serve de colchão à noite. Comem feijão e arroz cozidos

n'água, carne seca ao sol, com farinha de mandioca; dá náuseas. Os protestantes e espíritas agem na Região Sul do Estado e ganham terreno. Não muito longe há índios abandonados desde a expulsão dos jesuítas” (p. 382). **[C3, TA, S29]**

“1076 Fr. Alfredo, Vacaria, 3 de dezembro de 1903, Rosier, a.5 nº 4, abril de 1904, página 110 ss.

“Transportes, Religião, Casamento

“Os missionários encontravam a mais ampla liberdade de ação em Vacaria e arredores. Os paroquianos só vêm à igreja nas festas, por causa das distâncias; são muito atraídos pela dança, frenética, noites inteiras. Os cantos tradicionais das novenas, “avec leur appareil theatrial”, nos trazem aquele mundo à igreja. Gostam de vestes de luxo e elegantes. Querem que o padre batize, case os que conservam esse luxo da religião, celebre... mas se cale quanto possível. “Padre, se quereis ser bem visto, não pregai”. As moças com fitas de todas as cores; os rapazes com botas reluzentes e “foulard blanc”. O casamento religioso, de efeitos civis no Império, perdera popularidade. Agora acreditam que o casamento civil é que tem valor. Crêem que as plantas colhidas e os ovos postos na Sexta-Feira Santa têm virtudes medicinais; certas fórmulas afastam ratos e formigas; que uma estátua de santo ou imagem roubada é mais miraculosa; que se pode batizar uma criança na sepultura (se não se faz isto a criança pode vir 7 anos depois bater na porta dos pais); a confissão “apprivoise” (amansar, domar). (...)” (p. 383). **[C3, TA, S30]**

“1082. Angelo Castelan, Rosier, a.8, nº 8, agosto de 1907, página 238 ss., nº 9, página 276 ss.

“As mães ensinam as orações; um leigo ensina o catecismo aos meninos. Cânticos da Sabóia, traduzidos em italiano; editados pelos cuidados do Pe. Fidele; tinham uns 50 exemplares, logo esgotados. Em Azevedo Castro, os frades cantaram uma solene missa de Gounod. Havia uma imagem de Nossa Senhora de Lourdes, de tamanho natural, vinda da França. Cânticos a Nossa Senhora de Lourdes. Aclamações; “evvia la croce”. Depois da festa os homens partem a cavalo” (p. 385). **[C3, TA, S31]**

CATEGORIA 4 – PESQUISA ANTROPOLÓGICA – UM ESTUDO DE CASO

(1)

BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos:** vida, história, cantos, comidas e estórias. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes e Editora da Universidade de Caxias, 1982. 1v.

AMOSTRA

Valores religiosos das comunidades italianas [Subtítulo]

“Pode-se dizer que as comunidades italianas primitivas foram comunidades agrícolas e religiosas. Duas manifestações constantes da cultura primitiva do imigrante italiano: a dedicação ao trabalho e o cultivo da vida cristã. As primeiras confrontações do imigrante com a terra e com seu novo núcleo comunitário tiveram como base as contas do rosário. No território da ex-colônia Pinheiro Seco, atual Vila Flores, no município de Veranópolis, ainda existe uma árvore, que há 95 anos, abrigava, em sua sombra, a primeira leva de imigrantes da localidade da capela Nossa Senhora de Caravágio, ajoelhados no chão, rezando o terço e cantando as ladainhas de Nossa Senhora, lá onde, mais tarde, lhe erigiram uma capela. O grande valor da experiência religiosa do italiano foi o de ser uma experiência religiosa de grupo. Há muitos indicadores da oração comum ou de grupo: oração em família, reunião de oração aos domingos, à tarde; por ocasião de velórios, nas promessas e novenas, nas procissões. Entre as formas de oração individual destaca-se o sinal da cruz ao passar diante de igrejas, cemitérios, capitéis e a reza de três ave-marias a Nossa Senhora, à noite, antes de deitar, para pedir a sua proteção e uma boa morte. Talvez a necessidade de construir lugares religiosos de encontros despertou no italiano a necessidade e o desenvolvimento da oração comum” (p. 49-50). [C4, AB, v.1, S1]

“O conceito de Deus é o de uma autoridade suprema, que dá prêmios e castigos imediatos e infalíveis. Deus não é um pai que tem filhos, mas um Senhor que tem súditos e servos. À autoridade paterna e materna, na família, atribuíam-se a função de Deus. Por isso, os pais sentiam-se imbuídos do poder de perdoar ou de condenar, de abençoar ou de amaldiçoar. Deus é o dono da natureza, que a manipula em favor ou contra o homem. As secas, as enchentes e as tempestades eram, muitas vezes, vistas como castigo contra a blasfêmia ou a pouca frequência aos atos religiosos” (p 50). [C4, AB, v.1, S2]

“A autoridade religiosa do sacerdote era parecida com a autoridade e o poder de Deus, com capacidade de abençoar e de condenar. O ministro, através das aplicações dos ritos sacramentais, representava a certeza da salvação. Se alguém falecesse sem assistência religiosa, causaria grande preocupação aos familiares. Ao ministro religioso era atribuído o poder de condenar ou de salvar, próprio de Deus. Por exemplo, o baile era considerado pecado se realizado sem licença do sacerdote. Com a licença do padre, deixava de ser pecado(!) Era o pensar e a decisão do padre que determinava a moralidade da ação” (p. 50). [C4, AB, v.1, S3]

“À primeira vista aparece com clareza o imenso trabalho a ser feito em termos de purificação do sentimento religioso, proclamando mais a figura de Deus como Pai do que a imagem de Deus como Juiz. Importa, também, reencontrar o espírito da intensa solidariedade cristã e a participação leiga no exercício da religião. São duas dimensões importantes para a renovação da Igreja nas comunidades de etnia italiana” (p. 50). [C4, AB, v.1, S4]

“A religião e sua adequação física ao ambiente [Subtítulo]

“A existência de um clero bastante impositivo e dominador fez com que se criasse uma tradição religiosa subjacente. Em algumas localidades, há uma forte convicção de que determinado lugar é amaldiçoado, porque alguns, antigamente, espancaram o Padre, ou o expulsaram. Logicamente, se a maldição existisse para tais casos, já que há concordância sobre diversos sacerdotes que teriam amaldiçoado tais lugares, ela devia referir-se às pessoas e não propriamente ao lugar. Mas, fala-se que o lugar ou os lugares são amaldiçoados, embora os moradores de hoje nada tenham a ver com tal maldição. “Qüel posto lá lé maledio dal prete, per quêsto no el pol ndar vânt” – “Este lugar é amaldiçoado pelo Padre, por isto não poderá progredir”. E a morte das pessoas que provocaram a maldição, sempre era considerada castigo de Deus, especialmente se nos últimos dias tivessem sofrido muito ou tivessem falecido sem os confortos da religião” (p. 55). [C4, AB, v.1, S5]

[...]

“A tempestade, o trovão, o raio, o fogo que, às vezes, devastava matas e plantações, eram considerados como a força de Deus vingador. Só uma devoção a um santo muito poderoso poderia realizar o milagre de salvar a vida em tais calamidades. Além dos santos, generalizou-se a devoção às almas do Purgatório, porque, sendo elas os futuros habitantes do céu e tendo experimentado o terror das secas, das pestes, das carestias, das tempestades, intercediam junto de Deus com absoluta certeza de atendimento. Não obstante a tentativa atual da Igreja de despertar a devoção aos Santos fora dessa cosmovisão, os descendentes italianos conservam as devoções e superstições primitivas” (p. 55). [C4, AB, v.1, S6]

[...]

“Ao encerramento das procissões, por ocasião da benção dos doentes, embora a profunda fé de transportar montanhas, fé e resignação à vontade de Deus, a grande preocupação era a de ser atingido pela água benta que o sacerdote lançava sobre o povo nessas circunstâncias. Nessa mesma linha de sentimento religioso, estava a grande preocupação da benção da casa, anualmente, pelo sacerdote, que simbolizava a visita do próprio Deus [...]” (p. 56). [C4, AB, v.1, S7]

João Andreola: A vida italiana em Fazenda Souza [Subtítulo]

“João Andreola nasceu em 5 de setembro de 1908, foi casado com Teresa Gubert Andreola, com quem teve nove filhos. Seu pai era natural de Caxias, sua mãe de Ana Rech. Seus avós, segundo diz, devem ser de Treviso, na Itália.

[...]

“A religião de ontem e de hoje [Subtítulo]

“- Cossa catéo dea religion des giuventú, zeo méio desso o prima?

“- Ma, mi, in primeiro lugar, che no cato mia serto lê sta i préti tirar la batina, i é manco respeitádi me par, parchê la batina representava un soldado col a

falda. Un soldado co lê senza falda, allora no i ghe fá gnanca cazo, par gnanca che'l sai un solda, ma se el gá a falda, lé pí respeitado. E anca el prete mi me par che lera pí respeitado. Dopo che'l lá tirá dô la batina, par chel povo el gá perso um poco el respeito al prete. Ma el prete acompagna, mi digo, anca el altro povo né. Me par chel povo vá perdendo la fede, un poco i “segue” altre religion e i préti mí me par che i ghe vá drío um poco anca lôri, ghiné che i zé gran bôni e ghiné de qüêi che parché no i fá serto la sô obrigassion. Magári, anca de tempo mi ghinó cognossêst préti che no i obedessa la orden del bispo. Se ndava a messa da lôri e i era mézi supérbi, respondes mal al povo, se i restea un poco in drío, vense dirghe vegné piú avánti, i dizea: Coza féo, váltri lá zô lá? Sio lá par far che? Se zé par star lá, parchê no ndê fora? E, depiú a messa i diz: Ma, vara, chel prete in ciêza lê cativo, mí no vão gnanca pí. Mí cato che el prete deveria ndar sempre in umildade, sempre bom jeito col povo, parchê el povo che ghe dá contra, el povo se revolta um poco depiú” (p. 149-150). [C4, AB, v.1, S8]

Tradução

“- Que acha da religião e da juventude, é melhor agora ou antes?

“- Em primeiro lugar, eu não achei certo que os padres tirassem a batina, parece-me que são menos respeitados, porque a batina representava um soldado com sua farda. Um soldado, quando está sem farda, ninguém lhe faz caso, nem parece um soldado, mas se tem a farda, é mais respeitado. E o padre também me parece que era mais respeitado. Depois que tirou a batina, parece que o povo perdeu um pouco do respeito pelo padre. Mas acredito que o padre acompanha um pouco o resto do povo. Parece-me que o povo vai perdendo a fé e segue outras religiões e parece que os padres também seguem o povo, há os que são muito bons e há os que não fazem corretamente sua obrigação. Porém, em outros tempos, também conheci padres que não obedeciam as ordens do bispo. Quando se ia à missa, mostravam-se um pouco soberbos, respondiam mal ao povo, se alguém ficava mais atrás, em lugar de dizer venha para frente, diziam: “Que fazem vocês lá embaixo? Estão ali para fazer o quê? Se é para ficar lá, por que não vão para fora?” Assim o povo fica envergonhado e, em vez de ir mais à missa, diz: “Olha que esse padre, na igreja, é brabo, eu nem mais vou”. Eu acho que o padre deveria sempre andar com humildade, com bom jeito para com o povo, porque se fala contra o povo, ele se revolta mais ainda” (p. 149-150).

“Pietro Marcon: a vida de um agente consular italiano na colônia Garibaldi [Subtítulo]

“Pietro Marcon nasceu no ano de 1900 em Conegliano, Santa Lúcia de Piave, da Província de Treviso. Partiu rumo ao Brasil em 1923, seis meses após casar com Lúcia Agnese. Chegaram a Porto Alegre no dia 6 de agosto e no dia sete pegaram um trem rumo a Garibaldi.

Entrevista realizada por José Manfroi.

“[...]

“A fé e os costumes religiosos

“- Come zê che le famílie lê vivea a religion:

“- (P.) Quaze túte le famíle dizea el rozário, lera la coza safrada.

“- (L.) Caza mia, tute le sere se reuniva tuta la famíglia, lera rozário.

“- (P.) La messa era solo de forsa magior, de male, sol per male sino, a la domênica, no se mancava... Qüêsto in Itália. Quá, in San Marco nó, cada meze vegneva el padre a dire la messa, sino se ndava tute lê domêniche a rozário, a

la diêze da matina... Lá a San Sebastian túti dizea el rozário Adés a San Marco era un pó meno” (p. 175). [C4, AB, v.1, S9]

Tradução

“- Como as famílias viviam a religião?

“- (P.) Quase todas as famílias rezavam o terço, era uma coisa sagrada.

“- (L.) Na minha casa, reunia toda a família e rezava-se o terço.

“- (P.) Na missa, aos domingos, não fosse por força maior, por doença, ninguém de nós faltava... Isto na Itália. Aqui em São Marcos não era assim, cada mês vinha o padre para rezar a missa, senão ia-se todos os domingos ao terço, às dez da manhã... Lá em São Sebastião, todos rezavam o terço, agora, em São Marcos, era um pouco menos” (p. 175).

Nota: ‘P’ refere-se à fala de Pietro e ‘L’ refere-se à fala de Lúcia.

“José Battistel: uma experiência rural plena [Subtítulo]

“José Battistel nasceu em 1900. É casado com Libera Bolzan e pai de treze filhos.

O catecismo e a religião [Subtítulo]

“[...]

“A dotrina iéra Bépi Banda, Sanco, la vécia Canossa, éh, i iéra divérsi che insegnava. Ghera anca Togno. Tognon i ghe ciamava, so parte de Dizidério lá, un ano um ano l’latro. Insegnava a dotrina. Oh! Ghemmo inpará a dotrina túti puíto. I me gá passá comunión. Lúri i fea a pergunta, noántri ghe dímo a risposta. I scumissiava, a só anca desso a mente mí. I dezea: Siête voi cristiano? – Si, io sono cristiano per la grássia di Dio. – E coza vol dire éssare cristiano? – Éssare cristiano vol dire éssere batezato e professar ela dotrina de Gesú Cristo. (el gá ito squázi tuta adotrina a mente)” (p. 426). [C4, AB, v.1, S10]

Tradução

“O catecismo era ensinado por José Dall’Agnol, Strapazzon, a velha Nalin, eram diversos. Havia também o Antônio, chamado Antônio, o pai do Desidério. Ensinavam um ano cada um. Todos aprendemos bem o catecismo. Examinaram-nos para a primeira comunhão, faziam-nos a pergunta e nós respondíamos. Eu sei de cor. Diziam: “Sois vós críticos?” – Sim, eu sou cristão pela graça de Deus. “E que significa ser cristão? – Ser cristão significa, ser batizado, crer e professar a doutrina de Jesus Cristo... (disse quase todo o catecismo de cor e está gravado)” (p. 426).

(2)

BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos: religião, música, trabalho e lazer.** Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes e Editora da Universidade de Caxias, 1982. 2v.

AMOSTRA

“O namoro e o casamento [Subtítulo]

“[...]

“A fé profunda na indissolubilidade do matrimônio como instituição divina, levava-os a buscar forças espirituais para se suportarem mutuamente, educando os filhos com amor, respeito e responsabilidade, buscando, no plano material, dar a cada filho homem uma colônia de terra e às filhas, o enxoval. Quer dizer, a família estava em primeiro lugar, acima dos próprios interesses. [...]” (p. 605). [C4, AB, v.2, S1]

“[...]

“[...] Os padres apelavam às famílias que acolhessem com alegria todos os filhos, porque eles são “uma benção” de Deus. [...]” (p. 605). [C4, AB, v.2, S2]

“[...]

“[...] O ritual do casamento religioso era em latim, por isto não era compreendido. A única participação dos noivos era o sim” (p. 606). [C4, AB, v.1, S3]

“As capelas na tradição religiosa italiana [Subtítulo]

“[...]

“[...] Às vezes, os imigrantes e descendentes construíram igrejas bonitas e faustosas por concorrência entre diferentes comunidades. Mas não era este o motivo principal. Construíram igrejas espaçosas e bonitas por acharem que assim melhor louvavam a Deus. Era uma homenagem a Deus construir-lhe uma casa digna. Enfim, foi por causa da sua fé viva que construíram tantas igrejas. [...]” (p. 608). [C4, AB, v.1, S4]

“El Campanaro”, o mestre de canto, as “sagras” e festas [Subtítulo]

“[...]

“Quando falecia alguém, tocava-se repiques de defunto. Todos ficavam sabendo que houve falecimento. Restava saber quem havia falecido. O toque do sino não era só para avisar a morte de alguém, mas porque se acreditava que o toque do sino bento, como que abria as portas do céu e “avisava a Deus” que uma alma estava subindo ao céu. Acreditava-se, também, que o toque do sino “espantava” os demônios. Na hora do enterro também havia repique de defunto. Eram batidas secas, lentas, que davam um clima todo especial de recolhimento e consternação. O sino é tocado, também, para espantar temporais. É o caso da capela Nossa Senhora da Saúde, em Nova Prata, onde ao se aproximar um temporal, tocam o sino e logo o temporal “se quebra” ou desaparece. Todos os anos os sócios mandam rezar uma missa a Santa Bárbara para protegê-los contra as intempéries. Tocava-se o sino ainda por ocasião de alguma calamidade, tal como queimar a casa, machucar gravemente alguém ou uma família e coisas parecidas” (p. 609-610). [C4, AB, v.2, S5]

“Festa do Corpo de Deus, “*Corpus Christi*” [Subtítulo]

“Era uma das festas mais importantes e da qual ninguém podia faltar. Realizava-se onde houvesse sacerdotes para levar o Santíssimo em procissão e constituía-se uma proclamação da fé na presença eucarística de Jesus. Essa devoção é cultivada de maneira especial em Flores da Cunha, Veranópolis, e Garibaldi, Antônio Prado, Vila Ipê, Bento Gonçalves, Nova Prata, onde as procissões são soleníssimas e ricas de símbolos e sinais. [...]” (p. 615). [C4, AB, v.2, S6]

“A procissão do Corpo de Deus é uma tradição religiosa católica de toda a Igreja, mas nas comunidades italianas assumiu peculiaridades próprias da expressão que justificam a sua permanência, considerando-se, sobretudo, o espontâneo envolvimento popular. [...]” (p. 615). [C4, AB, v.2, S7]

“O catecismo [Subtítulo]

[...]

“Todos aprendiam as verdades da fé e as orações e cada um se empenhava em rezá-las quanto mais vezes, melhor. A oração não era valorizada pela criatividade, pois eram as mesmas preces, mas pela quantidade. Quanto mais se repetiam as orações, mais santo se ficava” (p. 617). [C4, AB, v.2, S8]

“O cuidado dos doentes [Subtítulo]

[...]

“Enquanto os encarregados cobriam de terra a caixa mortuária e enchiam a cova, rezava-se pais-nossos e outras orações pelos demais familiares do falecido, pelos sócios da capela já falecidos e, no final, não podia faltar um Pai-Nosso, uma Ave-Maria e um Glória ao Pai, para a primeira pessoa que falecesse ou fosse enterrada aí. Por ocasião desta última oração, alguns velinhos começavam chorar, dizendo: “*Dopo de lú saro mi*”. Depois dele, serei eu. “*De quá poco tempo la me tocará a mí*”. Daqui a algum tempo chegará a minha vez. “*Giòvani ghin more tánti, ma i véci i more túti*”. Jovens morrem muitos, mas os velhos morrem todos. A consciência da morte era viva em todos. Aliás muitíssimas pessoas não temiam a morte como o dissemos acima. Ângela M. Battistel assistiu vários agonizantes e ela afirma ter visto morrer “santamente”, cheias de paz e serenidade, a várias pessoas, porque eram todas pessoas de muita oração e fé profunda. A consciência do dever cumprido, dava-lhes a certeza da salvação eterna. O enfermo pensava e se preparava para a morte com a objetividade da fé, ao contrário de hoje, quando muitos temem pensar na morte para não entrar em pânico, tomando consciência de sua pouca fé” (p. 619-620). [C4, AB, v.2, S9]

“O cemitério [Subtítulo]

“O cemitério, provisório ou definitivo, passou a ser, o primeiro sinal material do espírito religioso dos imigrantes. A cruz, as flores, o cercado para a proteção dos túmulos, as visitas constantes, o lugar de destaque em que situaram os cemitérios, tornou-se o primeiro lugar de culto e de expressão religiosa dos imigrantes” (p. 628). [C4, AB, v.2, S10]

(3)

BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos: a vida italiana em fotografia**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes e Editora da Universidade de Caxias, 1982. 3v.

AMOSTRA

Neste capítulo são reproduzidas imagens relativas à importante relação do imigrante italiano com a religião, acompanhadas de respectivas notas explicativas.

“A vida religiosa do descendente italiano no Rio Grande do Sul [Subtítulo]

“[...]

Foto 1169. “O terço foi sem dúvida o maior sinal da religiosidade do imigrante italiano. A reza do terço constituiu-se um elo de união familiar e das comunidades que se reuniam todos os domingos e dias-santos para rezar. Essa devoção foi trazida pelos imigrantes” (p. 1481). [C4, AB, v.3, S1]

“[...]

Foto 1178. “Nos quartos de dormir sempre há um ou vários quadros de santos, diante dos quais as pessoas fazem orações, pela manhã e à noite. Quando as mães ensinavam às crianças a rezar, apontam para os santos, ajoelham ao pé da cama e rezam voltados aos santos” (p. 1483). [C4, AB, v.3, S2]

ANEXO B**ENTREVISTAS**

CATEGORIA 5
ENTREVISTAS
ENTREVISTADOS
Padre Leomar Brustolin
Mário Gardelin
Frei Rovílio Costa

Entrevista com Padre Leomar Brustolin. Caxias do Sul, 31 de março de 2006.

Comentário do Padre Leomar com relação ao problema de pesquisa:

“O conceito de ‘religião’ pode ter três variáveis. Religião enquanto *religare* de reunir as pessoas em torno de uma fé, de uma crença pode ser *relegere*, no sentido de reler fatos, interpretar fatos do cotidiano ou *religere* que é, significa uma escolha, uma reopção diante das possibilidades que existem.”

“Eu acredito, mas não tem como provar, que na questão do imigrante italiano, as duas primeiras significações são as mais profundas. Religar, o que significa chegar aqui nessa região, com todas as dificuldades que eles tiveram se reunir em torno da fé. Observe que a fé, na cultura italiana, foi mais importante que a escola, na cultura alemã, por exemplo, então religou sonhos, projetos, animou, tirou frustrações, fez superar as barreiras psicológicas internas e externas também, as intempéries, as dificuldades da região. Então, o religar foi muito importante, porque este religar congregou pessoas em torno de objetivos comuns, então eu acho que este é o mais forte de todos. Mas também *relegere* no sentido de reinterpretar os fatos do cotidiano, atribuindo um caráter sagrado, de vontade de Deus a momentos difíceis como a morte, as perdas, a doença. Observe como os italianos tinham muito de pedir a benção do padre, ou a maldição do padre para as formigas, para os animais, então o cotidiano da vida do imigrante italiano era determinado pela experiência religiosa que ele trazia. Então para mim esses dois modelos, eles são os mais fortes na concepção de religião para o colonizador da nossa região.”

Carina: *Quais eram, a partir de suas pesquisas, as concepções de religião/religiosidade que os colonos traziam da Itália? Havia diferenças em função de interferências de correntes católicas na Itália?*

Padre Leomar: Acredito que no final do século XIX esses italianos que chegam trazem uma experiência de profundo sofrimento na pátria e chegam aqui carregando poucos sinais de esperança. Um deles era justamente a fé e a fé muito forte na Madona.

E aqui eu fiz alguma pesquisa em relação à Nossa Senhora de Caravaggio e a gente acaba descobrindo que a experiência de Deus que eles trazem é uma experiência matriarcal especificamente em Nossa Senhora de Caravaggio e se a gente observar não é a mãe, é a nona. Teria que trabalhar um pouco mais isso. É aquela nona que coordena toda a família, ela tem uma voz de comando moral, prático. O pai é o chefe da família, mas ele também se... tem uma coisa muito curiosa, mesmo o colono machista, que até oprime a mulher dentro de casa, quando ele chega no Santuário de Caravaggio, ele se ajoelha diante de uma mulher. Então essa relação de gênero poderia mostrar um pouquinho mais o que nós estamos pesquisando. Agora, acredito que eles trazem algumas experiências católicas muito ligadas à devoção de santos. Então veja o pessoal que mais é do Vêneto traz muito Santo Antônio e traz muita Nossa Senhora De Caravaggio que é uma devoção lombarda, mas que cresce aqui entre nós. Traz uma experiência de São Roque que é o protetor das pestes então vai influenciado a concepção de Roque o padroeiro também da vida dos colonos. Isso tudo, aos poucos, vai criando um catolicismo muito devocional, muito ligado sim à questão da igreja, da comunidade, mas ele é eminentemente um cristianismo de pouca leitura, é mais da devoção, de rezar o terço, até porque não se tinha muito padre, não tinha padre o suficiente, então a reza do terço é que cresce.

Carina: *No Brasil, especificamente na região Sul e Nordeste do estado, o imigrante italiano tinha uma relação mais estreita com a fé, em si mesma, com o padre ou com a Igreja?*

Padre Leomar: Sim, aqui existia uma relação principalmente com a igreja, enquanto centro aglutinador da vida social, a vida social ocorria em torno da igreja e a figura do padre era muito respeitada, muito querida, muito até temida, mas não deixava de ser criticada. Aí teria que ver talvez aquele livro da Vânia Herédia, O mito do padre, que trata bem isso.

Se por um lado o padre é alguém muito venerado, estimado, esperado, até porque eles precisavam do padre, fazia-se feriado quando o padre chegava, parava-se tudo porque a vida vivia em torno das visitas que o padre fazia, mas eles não são totalmente alienados em relação

às atitudes que o padre tem, porque o padre, ele tem uma atitude que é humana. Se ele se irrita com alguém, se ele comete uma pequena injustiça, ou uma grande injustiça, não vai passar impune como quem dissesse: Ah, ele sabe o que faz! Noutras regiões do Brasil isso acontece. Veja, por exemplo, algumas regiões de Minas e Nordeste, o padre é o padre, então respeita, tudo...

Existe uma característica muito forte do imigrante italiano, ele respeita muito o padre, mas ele é crítico em relação às atitudes do padre, isso eu percebo, isso como pároco da Catedral de Caxias. Eu acho o caxiense muito católico, muito participante, mais do que em outras regiões do estado, mas muito crítico em relação ao padre, muito crítico.

Eu já trabalhei em Minas Gerais e acho que lá até o respeito humano é maior, é maior em termos de afetividade, de compreensão até da humanidade do padre. Aqui é mais a função social, aqui gostaria de destacar isso, teria que se trabalhar o padre como uma função social, e que o italiano identifica no padre alguém imprescindível, mas... eu lembro do meu nono dizendo assim: Não, o padre quando está no altar é padre, depois é um outro qualquer, nós podemos conversar, debater e discutir.

Caxias é muito isso. Caxias tem uma atitude de profundo respeito à igreja, ao padre, mas é muito crítica, principalmente, porque o clero de Caxias sempre foi muito político e esse envolvimento com a política, infelizmente, até partidária, criou uma certa suspeita de que o clero está a serviço de alguma tendência política.

Carina: *A relação do colono com a fé católica é incontestável, mas teria como distinguir se se tratava de uma relação de amor ou temor a Deus? Em algum momento é possível identificar isso?*

Padre Leomar: Na minha opinião é uma relação não de amor. Um pouco pesado dizer isso; mas eu acho, tanto é que o colono, ele pode ter um ato inconsciente de blasfemar contra Deus, mas às vezes ele sabe que está blasfemando e quer blasfemar, porque às vezes ele se

revolta contra Deus, porque ele acha que existe uma relação fenomenológica. Deus faz tudo, Deus é que controla a minha vida. Se eu recebo os bens é dele, se recebo os males é dele, faz uma relação mecânica do fato da causa e efeito e quando alguma coisa não dá bem, vem um temporal e derruba o parreiral sobra pra Deus e pra Madona. Então aqueles que eles têm como a deusa, a veneração, a mãe, tudo, de uma hora para outra vira exatamente o contrário de tudo que ele está sentindo.

Interessante a relação amor e ódio, aí, é uma relação de respeito, mas quando se revolta... Veja que os antigos capuchinhos que vieram, a grande pregação era: não blasfemar! Não Blasfemar! Porque atrás da blasfêmia... o que será que estava atrás disso? O que essa palavra um *porqui*, um *porco* representava na cabeça. Tem até uma piada muito engraçada que revela exatamente isso, que o colono por mais que não pudesse pronunciar, talvez, a ânsia, o desejo era de atingir a divindade. Então eu acho que essa questão sua eu prefiro dizer que algumas vezes é o temor. É o medo e ao mesmo tempo uma ousadia de dizer, eu tenho medo, mas eu provooco ele. Eu posso provocar Deus, então não existe uma humildade diante de Deus, não existe também uma procura de amor, eu acho que está muito ligada à questão de sobrevivência nessas terras.

Carina: *Existe alguma diferença entre a relação de temor e amor a Deus? Afinal, o que se deve entender por temor a Deus em diferentes correntes católicas ou cristãs de um modo geral?*

Padre Leomar: Quando a gente diz assim: o temor de Deus, que até é um dom do Espírito Santo, nós não entendemos temor como ter medo de Deus, mas é considerar que Deus é Deus, e nós, somos Criatura. É perceber a distinção entre Criador e Criatura, temer significa considerar, significa deixar Deus ser Deus e não querer ocupar o lugar dele. Se Deus é Deus e ele me ama, então eu sou um filho amado, por isso a expressão “temor de Deus” no conceito católico sempre foi colocada, embora houvesse alterações, interpretações enganadas, temor não

significa medo, na essência, significa respeito, consideração e por isso não afasta. Temer alguém significa ponderar que ela é quem é. Nós temos muita dificuldade com essa expressão, porque no Brasil o temor de Deus dá muito a idéia, por causa da nossa língua, é uma questão de semântica, de interpretação, dá idéia de um ato de medo e aí dá exatamente ao contrário.

Carina: *Haveria alguma relação entre o grau de alfabetização que possuíam ou não e a religiosidade?*

Padre Leomar: Eu acho que só se dá pra comparar com o luteranismo do Vale dos Sinos, que ali a escola era o lugar da oração também. Primeiro o alemão fazia a escola e fazia o culto dentro da escola. A nossa cultura italiana não estava tão preocupada em primeiro lugar com a escola e sim com a fé, com a igreja, então construía a capela. Infelizmente isso vale pra hoje, não só para o italiano. A falta de formação cristã leva a uma religiosidade, uma prática religiosa muito fraca, muito epidérmica e por isso hoje uma das grandes preocupações que nós temos na pastoral é dar formação teológica para leigos. Quer dizer, aquilo que é dado para os seminaristas na forma mais profunda é repartido entre os leigos, porque a gente só reparte o poder se repartir o saber. Então não dá para deter o saber bíblico, moral e dogmático só entre o clero. Por que estamos fazendo esse trabalho?

Eu acho que..., eu penso assim, que não depende do grau de conhecimento para ter fé e aprofundar a fé. Eu acho que uma analfabeta pode saber mais que um doutor em teologia sobre Deus, porque não é um discurso sobre Deus, é uma experiência, mas que a falta, às vezes, de conhecimento favorece a criação de mitos, de lendas de folclore e nisso se mistura o elemento religioso, porque ele é elemento invisível, como elemento imaginário e aí sim, aí nós temos uma mistura, temos uma confusão entre o real e o imaginário, o virtual, a hipótese. Depois que chegou a luz elétrica sumiram os fantasmas, o Saci-Pererê, tudo, quer dizer, as sombras que nós tínhamos psicologicamente elas povoavam também o nosso ambiente.

Antigamente era comum ver grupos de imigrantes e também contadores de *causos* falando de alguma experiência com fantasmas, espíritos de mortos. Agora ninguém mais conta, ninguém mais vê, agora chegou a luz elétrica, também porque o ser humano começa a entender que a coisa não é como se pensava e tem realidades mais profundas. Eu acho que nessa linha a relação de religião do imigrante italiano vai justamente trazer elementos novos.

O que eu gostaria que você talvez pudesse fazer uma certa alusão, é que hoje o descendente desses italianos, dessa cultura, tem agido de uma forma estranha, tem migrado muito para o espiritismo. O católico tradicional italiano, a forma que ele tem de reagir às vicissitudes da vida, às dificuldades é migrando para respostas diferentes da original eu diria contraditórias. E o pior de tudo, tem gringo descendente de gente que veio da Itália freqüentando centro espírita e igreja católica e não percebendo que os dois se contradizem um ao outro, que os dois se excluem. As pessoas acham que é normal. Se você observar são principalmente famílias tradicionais, de origem italiana, talvez porque vão atrás de uma solução de problemas e não do amor a Deus.

Talvez a grande questão da religião nem é tanto me aproximar da divindade, quanto estruturar a minha vida aqui na terra e aqui nessa terra vale o que vier, por isso muitos procuram... Eu vou dar um dado bem menor agora. Alguns grupos, não tanto de origem italiana, mas também, estão procurando, eu já vi uns quatro aqui em Caxias, o satanismo, e todos que procuram o satanismo, a busca é sempre a mesma, é dinheiro.

(2)

Entrevista realizada com Mário Gardelin. Caxias do Sul, 31 de outubro de 2005.

Carina: *O imigrante tinha uma relação mais estreita com a fé em si mesma ou com a igreja?*

Mário Gardelin: Tudo a mesma coisa. Era uma estrutura muito..., era um prédio, entendeu, alicerce e telhado, mas tudo completamente uma coisa regulada pela outra e depois o santo da capela ele tinha um sentido muito grande, ele é um homem que foi beatificado, fora os apóstolos, não é, e outro detalhe era a necessidade de manter união com Deus e isso era forçado, também, pela vida religiosa do colono, porque, havia exceções, mas a maioria rezava o terço de noite. E, na casa do meu avô, por exemplo, materno, João Dall' Alba de São Roque de Trento, ele é que recitava, em latim, a Ave Maria e o Pai Nosso, eram em latim. Depois passam para o português e ele, então, recitava a ladainha do Sagrado Coração de Jesus e ao lado disso existia o costume da primeira sexta-feira. Somente que esse Papa aí, esse Papa que Deus deu de presente para a Alemanha depois de oitocentos anos de jejum pontifical, né. Bom é tudo a mesma coisa. O verdadeiro filho da igreja concorda com a igreja, logo ele colabora, respeita o Papa, não aceitará as lutas contra o governo pontífice, nossa gente aqui, entendeu. Quem vai lutar contra o governo pontífice são os carbonários, que aqui existiram, os maçons italianos, não as lojas brasileiras, na maçonaria têm duas facções. (...)

Carina: *A relação do colono com a fé católica é incontestável, mas teria como distinguir se se tratava de uma relação de amor ou temor a Deus? Em algum momento é possível identificar isso?*

Mário Gardelin: Primeiro lugar, o católico praticante, praticante, não comete pecado mortal. Claro que ele comete, pode se arrepender e acerta pela confissão com o padre. Ele pode se converter e reconverter, não é, mas aqueles que são realmente praticantes, estes são autênticos santos, nós só vamos conhecer no outro lado, pois meu avô materno absolutamente..., minha vó a Cândida Raupa, não é, que também ela era simples, entendeu, absolutamente não

existe é a união com Deus. (...) Vamos adiante, então, você sempre distingue logo os de intensa vida religiosa é a união com Deus.

Carina: *O senhor acha que existe essa diferença entre o amor e o temor a Deus, ou uma coisa está ligada à outra?*

Mário Gardelin: Basicamente a religião cristã é amor, amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos, fim. É o básico e fundamental. É amor, não é. Claro que aí, então, aqueles que vivem no amor a Deus e não cometem pecado mortal, não tenha dúvida, eles inclusive são agraciados por dom místicos, visões. Então temor porque existe o sagrado temor de Deus, que é uma coisa, e existe o amor de Deus, quer dizer, aquele temor, ele é meu o chefe, ele é o meu Deus, ele é o meu salvador, ele é o meu redentor, não é. Essa é a visão que eu tenho, digamos assim, não é, então, eu tenho aquele temor que é amor, por ele. Mas aquele que só tem amor não. (...) Adiante. A relação é essa, temor se você erra. O que que é o pecado mortal? É dizer não a Deus, por exemplo, uma hipótese, eu trabalho numa firma, na tesouraria, e furto um milhão de reais, sim porque é coisa grave, eu tenho a plena advertência, não é, e eu faço com o meu consentimento. Aí você diz não há erro, aí você tem que se arrepender você confessa e o pai do céu te perdoa. Posso pegar um assunto mais, mais... Por que a igreja condena veementemente o aborto? Sabe por quê? Quando, em primeiro lugar, tem o negócio da vida, a maternidade. A maternidade é alguma coisa de sublime, mas é fabuloso. Claro que os filhos... marido e mulher têm que usar os métodos, para evitar a concepção, que lhes ditar o seu bom-senso. É o marido e a mulher, não é o vigário. Quando, no ventre da mãe, começa a vidazinha nova, é naquele instante que o espermatozóide se encontra com o óvulo que o pai do céu cria alma. Cada criança é Deus Pai que cria a alma, é Deus. Então, naquele instante é uma vida, essa vida é de Deus, não é nossa, mas essa vida se desenvolvendo, quando ele ficar adulto, quando tiver o uso da razão, ele pode optar por Deus, e nesse caso se ele serve fielmente ele vai viver na eternidade, o céu. Ele vai olhar a Deus. Há muita gente que odeia a Deus, sabia?

E vão pro inferno de propósito, e essas vão direto, porque a vontade Deus respeita. Então, no momento que a criança tem o direito de optar por Deus, a mãe infinita vai... .

Carina: *O senhor acredita que para essas pessoas (colonos italianos) ser religioso, ser católico independia da crença no clero?*

Mário Gardelin: Não, não. A partir do momento que você entrava em divergência manifesta e atuava, você continuava católico, não é, mas você estava se separando. Então imagina só, o cara chegava para mulher e dissesse: - Olha briguei com o vigário hoje e eu não vou mais à Igreja e não quero mais saber de nada. Ela respeitava, sim, continuava tendo filhos, batizando, tudo bem, tá? Mas, entendeu, porque era uma atitude pessoal. Mas se fosse uma atitude mais profunda como vou te contar, desliga.

Carina: *Como era a relação desse imigrante com o padre?*

Mário Gardelin: O imigrante seguia profundamente os conselhos do padre. Porque o padre visitava todos os anos a casa, dava a benção e falava com eles. O padre casava os filhos. Na hora do casamento ele dava uma série de conselhos, entendeu? Então havia o trabalho permanente de reativação da fé. Por exemplo, um dia, lá em Flores da Cunha, um padrezinho novo chegou para o padre velho e perguntou: - Um colono hoje se confessou comigo e disse que ele disse uma blasfêmia: *porco pio*. Que blasfêmia é essa eu nunca ouvi falar, disse o padre. Esta é contra o papa Pio IX ele disse, pela questão política da unidade da conquista de Roma, não é. Então, não é blasfêmia coisa nenhuma, é uma falta de respeito, mas não é blasfêmia. Blasfêmias são outras muito sérias.

Entrevista com Frei Rovílio Costa. Porto Alegre, 13 de janeiro de 2006.
--

Carina: *Quais eram, a partir de suas pesquisas, as concepções de religião/religiosidade que os colonos traziam da Itália? Havia diferenças em função de interferências de correntes católicas na Itália?*

Frei Rovílio: Nós podemos dizer que o colono italiano vinha com duas conotações religiosas: de sujeição, o praticante, e obediência à Igreja. Não significa que não tivesse religiosidade, mas também tem a religiosidade que seria a linha mais carbonária, que seria de oposição à Igreja no sentido também não apenas por serem carbonários, mas também por pertencerem a grupos que não queriam o domínio da Igreja como tal, ou serem encaminhados pela Igreja ou estarem sujeitos à Igreja, daí também você vai descobrir, sobre tudo em Caxias, na época do Padre Rosalino, as questões da disputa do próprio colono, quer dizer, esse grupo mais de linha carbonária rivalizava a Igreja, porque a Igreja era obedecida pela maior parte dos imigrantes que eram os colonos. Então a Igreja sempre tinha esse domínio e isto transpareceu numa determinada reunião do clero sobre a catequese nas colônias, etc., que foi feito em Caxias e depois foi feito em Garibaldi, foi feito em Alfredo Chaves, mas isso mais tarde.

Então, havia essas duas correntes no sentido de relação, a relação de obediência e a relação de não-renúncia à fé, mas de rivalidade à Igreja como administração, como linha política, etc. E quanto à religião em si mesma, então o colono tinha a idéia de que pela religião, tinha idéia da prática religiosa, muito mais do que do conceito de religião, pela prática religiosa mais ou menos de forma material, ele não discutia uma filosofia religiosa, ou até na confissão, quando fala em pensamentos, palavras, obras, omissões, não sei o que um colono entenderia disso tudo, né? Mas ele entendia da prática material, quer dizer, se, quando morria alguém, por exemplo, não sei se você ouviu as pessoas mais idosas falarem: *l'è morto senza confision*, ou *l'è morto senza oio santi*, quer dizer morreu sem a confissão, sem comunhão, sem os santos óleos,

que agora é chamado unção dos enfermos, então aí já ficava uma dúvida. Mas outros já diziam não, mas ele era uma pessoa tão boa, sempre dedicado à família, era trabalhador e todos os anos ele tinha feito sempre a Páscoa, apenas este ano não tinha ..., porque sabe tinha aquele período de carência, por assim dizer, para fazer a Páscoa né, então vinha a tentativa de mostrar que também não teria problemas de salvação por ser uma pessoa boa, correta, etc. então aí, mesmo que não frequentasse, sempre o pessoal tirava uma certa desculpa, mas sempre ficava uma dúvida e uma dificuldade por parte da família, no sentido, uma angústia até, por não ter tido atendimento religioso, então ali se trata mais de uma religiosidade material não de uma religiosidade especulativa de pensamento, autônoma uma religiosidade, portanto, dependente.

Obedecendo à Igreja estava tudo certo, frequentando os sacramentos, em obedecendo à Igreja tem a salvação garantida. Daí então a passagem para hoje, ela é difícil para esse tipo de tradição porque de pai para filho não passa uma idéia do valor, propriamente dito, da religião em si mesma, né, mas passa uma idéia de obrigatoriedade e dentro dessa religião material então ela..., os frutos da religião são vistos como recompensa e castigo. Deus tem o poder de recompensar e castigar. E ali vem a característica religiosa do colono, que é uma religião mais cósmica, quer dizer, Deus age de alguma maneira e ele age da maneira pela qual o homem buscaria a si mesmo e ele busca a si mesmo pelo progresso material, por exemplo, pela produção agrícola, pelo bom e mau tempo, tempos de seca, tempos de enchente, tempos de intempérie, então eles já faziam também uma certa relação dizendo: Pai esse ano tá dando tanta seca, mas também o pessoal não vai mais pra Igreja, o pessoal blasfema muito, aqui na capela também tem feito bailes que não era para fazer, etc. e a maior parte dos padres eram mais mariajacenistas, então baile era coisa proibida, coisa pecaminosa, etc.

Então havia muito esse Deus que puxa os fios do tempo para compensar, recompensar ou castigar. E quando vem uma doença para uma pessoa muito boa, etc., então eles dizem que essa não merecia de fato, mas com isso essa pessoa certamente está se santificando isso vai ser

bem para a família dele. Daí já vem uma análise da família, talvez não pratica muito, tem um irmão dele que tá separado, vem toda uma relação desse gênero, então é uma religiosidade mais material, não pessoal, portanto dependente, não livre de autonomia.

[...] Voltando à questão se havia diferenças entre as correntes católicas na Itália, lá também era domínio da Igreja em tudo, como aqui também como que se formou a Igreja como um partido também político, não só religioso e o social, o político e os que por princípio costumam ser contra autoridade, criticam autoridade, etc. e também a Igreja não era perfeita, então se criou, por assim dizer, a Igreja do poder religioso e do poder político e o mais frágil, o quanto menos culto também, o mais frágil, o mais dependente, então via tanto o poder político como religioso, como poder único, poder de salvação e de condenação. Os outros viam a Igreja sob o prisma do poder político, governo, exploração, etc. e não se negavam também, claro muitos se tornavam anticlericais, não significa anti-religiosos, tanto assim que quando acontece o problema do Tonho Busafrazi em Veranópolis, tentativa de demolir o convento dos capuchinhos, por quê? Porque estavam na bodega, o Tempesk que era um polonês prussiano do grupo de poloneses que estavam em baixo da Prússia, ele que havia elaborado a bomba, diz que era um químico e outro era médico, estavam querendo festejar, mas ninguém sabia dos arredores. Depois é que ligaram uma coisa com outra e que descobriram que foram eles que botaram a bomba, etc., mas a bomba também podia explodir nas próprias mãos e a corda de mina, aquela história toda que esconderam atrás do poço, deram fogo e fugiram. Mas no lado do croqui fizeram o desenho como eles iam botar a bomba, o desenho da bomba, tudo. Até eu coloquei na capa do livro e isso existe no Arquivo Público aqui em Porto Alegre – *Dio mi aiute* – quer dizer, Deus nos ajude a ser bem sucedidos. Era um ato clerical para o qual precisava da ajuda de Deus, portanto acreditavam em Deus e acreditavam que era uma coisa boa e que eles tinham que fazer, por quê? Porque a Igreja, que eram os frades no caso, proibia as festas porque eram danças, etc. na praça que era em frente da Igreja Matriz, que eles faziam festas, danças,

comilanças, etc. Então a Igreja se opunha a esse tipo de festa que era chamada profana daí então oposição para com a Igreja. Ora para se opor nessa linha, tinha que ter uma certa consciência também bastante forte, bastante definida.

Carina: *No Brasil, especificamente na região Sul e Nordeste do estado, o imigrante italiano tinha uma relação mais estreita com a fé, em si mesma, com o padre ou com a Igreja?*

Frei Rovilo: A relação mais forte era com o padre propriamente, né, no sentido de que ser ou não ser condenado pelo padre era ser ou não ser condenado por Deus. Exatamente esse tipo de fé cósmica, dependente, ela atribui, na teoria da atribuição do Fritz Heider, você encontra uma explicação muito clara sobre isto, então atribui o poder divino às pessoas, assim como você atribui um poder de ruim, hoje, também, no fundo, no fundo mesmo alguém não era nada se elegeu vereador, alguém era vereador se elegeu deputado, era deputado se elegeu prefeito da cidade, era prefeito da cidade se elegeu governador do estado, era governador do estado se elegeu presidente do país. Vai sendo atribuído sempre maior poder e o... sempre maior o poder, quanto melhor era o padre, então maior ou menor era a incidência do poder divino sobre a pessoa, se o padre fosse um meia-cana, um padre não muito santo, etc. e discutisse, brigasse, ou condenasse alguém o que que eles iam concluir: *non lé santi nem alu* (não é santo nem ele), quer dizer tá mais ou menos desculpado, mas em princípio, desobedeceu o padre desobedeceu a Igreja, desobedecendo o padre e a Igreja desobedeceu à Deus. Então, sempre ter a aprovação do padre, a visita do padre, assistência do padre, daí então vem também a assistência, o fazer a capela para ter o padre, direito à missa.

Fazer o capitel era coisa pequena porque geralmente o capitel não tinha missa, então como eram grupos que às vezes não tinham capela, não tinham se organizado em sociedade eram menos organizados que outros vizinhos, então procuravam de vez em quando também ter a missa no capitel. Eu, por exemplo, lá onde eu moro até 1944, 1945, que foi feita capela, antes

disso só havia capitel e havia uma missa uma vez por ano, mas os outros tinham cada dois, três meses, ou cada mês, mas a gente se reunia no capitel para as épocas das secas, por exemplo, época da quaresma para rezar o terço, etc. então época das secas, obviamente, era para aplacar a Deus no sentido da natureza.

Época da quaresma era para aplacar a Deus no sentido de pecado e graça, que a quaresma é paixão, vida e morte de Cristo, então acho que ainda a definição do estar bem, ou não estar bem com Deus era feita pelo padre, né, o resto era uma vivência externa que não tinha como também se expressar, alguém dizer eu tenho mais fé que você, eu tenho mais prática que você, menos prática que você. Tanto assim que se não houvesse padre não havia missa, não havendo padre não havia missa, não havia culto por não ter padre e por não assistir à missa.

Carina: *E na falta dos padres, inclusive, tenho lido a respeito dos padres leigos não é? Mas daí só para rezar o terço, para organizar...*

Frei Rovilo: Mas padre leigo era uma figura, praticamente, era para a comunidade, quando tinha um enterro, tem um morto, tem que enterrar. Agora enterrar sem... como é que eu vou dizer, não se enterra como um cachorro, é um cristão. O tipo de encomendação o que que era?

Eram algumas orações que alguém sabia, ou tinha um livro de reza, ou sabia cantar o *De Profundis*, o *Miserere*, rezar o terço, acompanhar, etc. então esses encabeçavam aquilo e ia sendo atribuído a ele um certo poder espiritual, que era próximo do padre, justamente porque faziam o lugar do padre.

É também mais uma idéia que te coloca a relação padre em primeiro lugar no sentido daquele que organiza a comunidade e aquele que cuida dos destinos da comunidade. Por exemplo, têm padres leigos que faziam até as vezes da confissão, não havia mesmo oportunidade de chamar o padre, então eles chamavam o padre leigo que falasse e o que que ele

fazia? Ele sabia a situação da família: Então a senhora sabe, o médico falou que seus dias estão contados, sua doença não tem volta e tá de briga com o vizinho, vocês estão desentendidos por causa daquele caso, daqueles animais, ou daquele roubo, ou aquela coisa, enfim, e daí, então, a senhora estaria disposta que a gente convidasse eles para vir aqui, e vocês se pedissem desculpas? Ah sim imagina!

Então faziam muito esse tipo de coisa, quer dizer, então era o tipo de substitutivo da confissão e que é muito mais até eficiente e coerente, porque a gente pede perdão para as pessoas que se ofendeu e não pra terceiros de quem desculpados por ela. O importante é estar desculpado depois o mais importante ainda é essa vizinha ou esse vizinho aparecerem no velório ou vir no enterro, ao menos na hora da encomendação e no enterro. Não vai também na família, como os mais amigos, mas aos menos foi... daí então eles se entenderam, se reconciliaram cria toda uma idéia dentro da comunidade.

O batizado também, batizar em casa, depois eles ficavam com dúvida, então chamavam o padre leigo porque ele sabe, ele que conhece mais a religião do que nós, ele é *santotio*, eles diziam, quer dizer é uma pessoa dada à leitura de Bíblia, ou tem livro de reza, ou faz outras orações que nós não sabemos.

Orações eles sabiam poucas e, também, por que sabiam poucas orações? Porque as orações tinham que ser aprovadas pela Igreja, então tu pegar e ir numa negra, as benzedeadas, que geralmente eram afro-brasileiras, ou luso-brasileiras, não sabem como é que querem chamar, porque existia um lugar que sempre tinha alguma benção, alguma coisa mais esotérica desconhecida do rito deles como a impostação com a natureza, etc. e sempre diz: Mas é! Ela só fez orações! Não pode estar errado. Se ela tivesse feito alguma coisa meio enigmática que não deu pra entender, mas ela somente fez orações.

Era uma maneira de buscar, ou aplacar a Deus, aplacar a natureza, se por em ordem com Deus. Sempre numa atribuição de poder, porque quando se está doente se procura de tudo. A

gente procura tudo para a doença. Então já ficava mais desculpado porque ela rezou só orações aprovadas pela Igreja. [...].

Você excluir alguém, ou condenar alguém pelo bem que fez é algo que nem Deus pode reverter, porque é a obsessão da liberdade humana. O mártir, em termos, só não tem esse fundamentalismo. Ele não deve se expor porque ele morrendo também falta uma presença religiosa, falta alguém que é luz, sal e fermento, como diz a Bíblia, dentro do mundo.

Se você tem cinqüenta quilos, como cristã é cinqüenta quilos de fermento, então cinqüenta quilos de fermento faz um monte de pão. Dá para alimentar muitas pessoas através do teu testemunho de tua presença. Então não deve se expor e muito menos propor, mas não fugir. Então ali é o fundamentalismo racional, se quiser coerente, religiosamente correto.

O princípio aquele que mais ou menos, este princípio é que iluminava tudo, seja da Igreja para o colono, seja do colono para a Igreja. Fora da Igreja não há salvação. Mas o que significa fora da Igreja não há salvação? Quer dizer, fora da obediência e da prática religiosa não há salvação. Então o cara que morre sem sacramentos pode ter outros motivos dele ser inocente, mas entra sempre uma dúvida. E se ele não for inocente? E se ele estiver em pecado? Só a confissão pode apagar pecados. Então era um conceito muito fechado, muito restrito. E este fora da Igreja, hoje nós estamos numa situação ecumênica.

Você pega Lutero e São Francisco de Assis. São Francisco de Assis buscava uma resposta pessoal. Lutero buscava uma resposta pessoal e paroquial, porque ele era pároco. Pessoal porque ele não se sentia competente e digno como agostiniano, mas ele achava que poderia ser útil trabalhando na sociedade, trabalhando pelo necessitado, pelo pobre, organizando a comunidade, enquanto São Francisco queria caminhos de oração, de contemplação, de fugir, por assim dizer, da estrutura familiar que ele não aceitava porque só...

Francisco Bernardone só buscava lucros, era comerciante na França, dinheiro, exploração, etc. e tanto assim que ele, quando se afastou do pai, até jogou a própria roupa, agora

posso dizer Pai Nosso que estais no céu. Era busca pessoal, um novo relacionamento pessoal com Deus. Lutero já tinha tentado esse relacionamento.

Ele achava que ele se sentia incompetente, portanto culpado no seu relacionamento pessoal como religioso, então ele expiaria essa situação deficiente de resposta pessoal através de uma resposta social. E na resposta social, como ele era conhecedor, etc. não obedeceu os próprios superiores que disse: Tu obedece a Igreja, aceita a palavra do Papa? Mas como se têm tais injustiças? Não posso dizer que estão corretas, entende, então eu não posso calar, não posso deixar de defender.

Aí o poder público também se aproveitou da situação deles para impedir que o dinheiro das esmolas, da Alemanha, fossem para o Vaticano para a construção da Basílica de São Pedro, coisas que tais, foi um passo para a política pegar Lutero para o seu lado.

Nesse meio tempo, o homem que nunca quis se separar da Igreja, mas por caminhos diferentes de São Francisco buscava a mesma coisa, a Igreja o jogou fora, por quê? Por dupla condenação. Fora da Igreja não há salvação, era o princípio vigente na época.

Hoje você vê, ninguém vai dizer isso numa Igreja, nem um Bispo, nem um Padre vai dizer isso, tem um outro tipo de compreensão. E o segundo, há o texto de São Paulo: vocês devem obedecer aos príncipes *esse andiscule*, quer dizer, vocês devem obedecer às autoridades mesmo ímpias. Olha que é uma palavra forte. Não é uma autoridade mais ou menos desonesta que está ligada a mensalão, ou coisas que tais, mas além de tudo isso ímpias, quer dizer, má, má no sentido da fé, no sentido da religião, de perseguir a Igreja, de criar mártires, etc., mesmo essa autoridade tem que ser obedecida, por quê? Não há poder que não venha de Deus. Deus sabe que poder vai tirar de um Nero perseguindo os cristãos. Era uma coisa assim nitidamente de princípios nítidos, claros e totalmente demandando uma obediência. Obedecendo está dentro, desobedecendo está fora. Obedecendo está salvo, desobedecendo está condenado.

Carina: *A relação do colono com a fé católica é incontestada, mas teria como distinguir se se tratava de uma relação de amor ou temor a Deus? Em algum momento é possível identificar isso? Existe diferença nessa relação de temor e amor Deus? O que se deve entender por temor a Deus? A gente acaba não entendendo bem quando se ama e quando se teme a Deus.*

Frei Rovilo: Temor a Deus, como tal, teologicamente, significaria reverência, faria parte da virtude da piedade. Tu tem reverência pelo teu pai, pela tua mãe, por aquilo que eles representam. São as duas pessoas, sejam as piores do mundo, são as duas mais importantes para ti, porque é a origem da tua vida, da tua história. Então você tem certo temor, certa reverência para com eles. E você é adulta, é professora, é autônoma, não depende deles, etc., não tem medo deles, mesmo que você...

Então ter medo e amor é essa a questão. Temor muitas vezes confunde, porque ter temor significaria ter reverência. E todo mundo tem certa reverência, certa reserva, certa não-familiaridade com qualquer autoridade e com Deus também, a não ser... (...) O resto, amor e medo se dirigiam pelo medo, tranquilo.

Amor, ainda hoje é o problema. Quer dizer, é o problema da maior parte ainda do descendente, no sentido, na família mais tradicional, mais agrícola, etc. Por exemplo, expressar amor entre o casal em público, ou num filó, sempre a mulher de um lado, o marido de outro. O que é amor? O amor se definia pelas ações corretas. Ações que eram tidas como corretas pela Igreja, que eram repassadas como corretas, então isso era amor, o resto era medo. Simplesmente medo. Ou alguma coisa que criava dúvida de consciência, então começa o medo.

Eu tenho medo, bah, passou um pensamento de trair a minha mulher. Eu tenho medo de ter consentido. Mas pensamento de trair tua mulher passa sempre, porque faz parte. A partir do fato que tu escolheu uma mulher vão aparecer as outras como possível escolha. Antes não, antes era minha namorada era a paixão de minha vida. Encontrei a mulher dos meus sonhos, dos meus ideais e as outras vão tomar no..., né. Depois de escolhida essa vem o mas.

Mas olha que tratamento, que maneira de ser, que maneira de fazer. E aí começa a deixa. Então, na época, imagina uma coisa dessas na cabeça era o caos. Propriamente o direcionamento para com Deus era de medo, já que ele manda e desmanda. Até quando você faz o bem ele pode te mandar o mal, você imagina se eu vou ter amor a esse tipo de Deus. Eu também não vou hostilizar ele, não vou agredir, não vou fustigar, mas estou com medo. Estou sempre na situação de cuidado, cuidado cachorro brabo. Esse aspecto Deus amor é que tem que ser... e por ali que tu vai no sentido de religião.

Então tu vê como eram sabias essas propostas do padre leigo, que chegava e: Não, vocês têm que se pedirem perdão. Tem que deixar em ordem, por em ordem os bens da família em primeiro lugar, porque tinha um impostozinho de testamento para pagar, mas, sobretudo, para evitar as brigas. Porque era uma definição muito radical, era uma definição do nariz fechado.

A propriedade que nós recebemos é intocável, ela tem que ficar sempre igual, ela é da família. Então quem vai cuidar dos velhos, que são aqueles que receberam, adquiriram isto é que vai ficar. Não é um pedacinho cada um. Aos outros tem que se combinar se vai comprar, como, aonde e o quê. Vinham as brigas por causa disso. Às vezes o mais novo casou antes que os outros. Sobrou um solteirão na família que vai ficar também com ele, vão ficar os pais e ele também. Era todo um problema a ser decidido. Decidindo isso antes não teria briga, porque é o parecer do pai, da mãe, não se discute. Só que depois que eles morreram e deixaram indefinido nós vamos discutir.

Então ali a sabedoria desses era mais do *capo-linea* que fazia isso, quer dizer, é o chefe da linha, geralmente em combinação bem grande como o padre leigo que era do espiritual, de por em ordem sobre tudo as desavenças, era do *capo-linea*, esse problema de terras, divisas, também era o *capo-linea*, em grande parte também a definição do tipo de testamento, então

fazer a escritura. Daí encaminhava, o *capo-linea* sabia, encaminhava essa escritura, trazia para o velho assinar.

Fosse hoje, discute a nulidade, tava doente, ia discutir, etc., mas lá ficava coisa sagrada. Então o bonito da coisa, pra fazer acontecer o quê? Não briga, não revolta, no fundo eram caminhos pra dizer nós temos que chegar ao momento do amor em que as coisas materiais estão em segundo plano, em primeiro lugar a vida das pessoas, o gosto das pessoas.

Depois vem também na parte das orações, das orações sagradas e as orações da bruxa, da *strega*, não sei como é que se traduz em português. Porque as benzedeiras eram consideradas bruxas também. Então elas tinham orações ensinadas, gestos e sinais, ou pegar, por exemplo, benzer a verruga com pedacinhos de toucinho e depois botar debaixo de uma pedra que tinha formigas, ou dentro de um ninho de formigas e depois voltar para casa sem olhar pra lá. Quando as formigas terminaram de comer o pedacinho de toucinho tu tá curado da verruga. Então isso aí é bruxaria. Agora não é bruxaria se ela rezou o Pai-Nosso, Ave Maria, Salve Rainha, etc. Mas para alguns padres também era usado de uma maneira bruxa, então seria a profanação. A profanação que é oficial, usada da maneira da benzedura, então seria uma profanação do sagrado. Os sinais esotéricos então seriam próprios de uma situação bruxa, mas as orações dentro de uma situação de famílias oficiais, também não sempre foram suficientes.

Foram sendo criadas orações, sobre tudo pelas pessoas mais idosas, para ensinarem aos netos de uma maneira praticamente impensada, mas, ao mesmo tempo, com o objetivo de passar valores e passar conhecimentos, por exemplo, *un can coto*, no latim diziam *hunc, hanc, hoc*, então diziam *un can coto*, um cachorro cozido, era o acusativo do *his, haec, hider, do hic, heac, hidero* do pronome este, então faziam todos os trocadilhos assim. Menina bela tão *sorela*, coisas assim para brincar, entreter as crianças com trocadilhos de palavras.

Daí, então, usavam trocadilhos de palavras para entreter as crianças que não tinham bonecas, não tinham brinquedos eletrônicos, não tinham nada, enquanto isso a mãe fazia

polenta, a vó estava ensinando isso aí. Por exemplo, eu pesquei isso no cemitério de Lageadinho, não, de Monte Bérico em Veranópolis em 1975, quando celebraram a Noite da Imigração Italiana. Tinham puxado um fio de luz no cemitério e falhou na hora. Nós ficamos no escuro. Então eu disse, vocês imaginem que bom no cemitério, no escuro, quem tem medo de morto de superar. Eles estão na luz, o bonito da vida deles, sem contar o que recordavam. Quem é desses que estão aqui que mais rezava? Então uma moça, não sei se era da família Massarolo, recordou o avô dela, um monte de orações, tanto assim que eu escrevi um texto sobre a devoção mariana para apresentar num congresso entre luteranos e católicos só com aquelas orações ali. E tinha aquela, por exemplo: (oração em italiano no livro *A presença italiana no Brasil* – vol II, 1990 p. 540) – *Vado in leto, con l'angelo perfeto, con ángelo de Dio, San Francesco e San Matio, San Luca e San Gioani e la Madona m'acompágni. In leto io andró, ma da levare mi non só, Vu Signor che saví, tre frássie me darí, Confession, comunion l'ólio Santo. In nome del Padre, Figlioli e Spírito Santo Amém!*

O objetivo com as orações era a criança fazer o sinal da cruz, mas ao mesmo tempo vai dormir, vai se separar do pai e da mãe e Deus que vai cuidar de ti, *vado in leto, com l'ángelo perfeto*, quem cuida de ti é o anjo da guarda, o anjo de Deus, mas de levantar eu não sei, mas Deus é que sabe. Nem o anjo mais sabe, só Deus é que sabe, então esse Deus que sabe três graças vai me dar. Daí tu vê o subentendido. A criança não ia entender isso ali. O subentendido está se eu morrer, muitos morriam de ataque, era comum isso ali, era das coisas mais corriqueiras. Então confession, comunion, l'ólio Santo in nome del Padre, Figlioli e Spírito Santo.

Então se por ventura tiver chegado a hora de eu morrer que eu tenha condições de ter a confissão, a comunhão e a unção dos enfermos. Tu vê, é toda uma filosofia dentro de uma história, porque como tal é uma historieta e no fim fazia o sinal da cruz e dava todo aquele sentido de sagrado.

Minha vó tinha um monte de anjos, tinha um na cabeceira, tinha um no travesseiro. No travesseiro chamava de *cavassale*, tinha um nos pés da cama, tinha um acima da cama, tinha ao lado, era um jogo de anjos. Mas eu recordo dela..., mas quando fiz o enterro da minha tia, era Severina, eu usei só isso ali como oração.

Rezei um Pai Nosso, fiz eles falar da pessoa, as filhas se referirem a ela, coisa e tal. Era assim: (livro *A presença italiana no Brasil* vol II, 1996 p. 537) *Ave Maria Santa, Gli angeli la canta, Il Signore l'adora, Benedetta quell'anima che passa sú quell'óra!* Eles ficaram todos faceiros, contentes porque morreu, estava tocando o sino da Ave Maria, de tarde. Daí a mãe dela que seria minha avó, minha tia, ensinou... eu me recordei dessa oração. Perguntei se ela sabia uma oração e ela foi me dizendo meio chorando, etc., eu fui repetindo: Ave Maria Santa, os anjos a cantam, o Senhor a Deus ela adora, bendita a alma que passa nesta hora. Então na hora que é cantado, é tocado o sino era a crença de que quem morresse naquela hora ia direto para o céu. Imagina a realização, todo comentário era em torno disso aí, que uma graça que poucos têm.

Aquilo do medo de ir dormir... As comilanças de noite, iam trabalhar, às vezes trabalhar na roça chegava em casa comia carne de porco, polenta bastante, um monte de fome, cansado, nem tomou banho, nem reorganizou, não tinha exame de diabetes, nem colesterol, nada disso, então enfarte era coisa comum. Então é uma prevenção contra fatos que aconteciam assim.

Olha meu avô morreu de ataque. Foi levar o padre quando inaugurou a capela que ele construiu, foi levar o padre de volta até Veranópolis, eram 9 km à cavalo, de capa e toda aquela história, quando voltou foi tirar as botas, morreu. Ficou seco. Mas seguramente estava ligado à festa, talvez emoção, à comida, um complexo de coisas que hoje a gente teria caminhos para reverter.